

MANOEL GOMES DOS SANTOS

**UMA GRAMÁTICA DO WAPIXANA (ARUÁK) – ASPECTOS DA FONOLOGIA,
DA MORFOLOGIA E DA SINTAXE**

Campinas-SP
Instituto de Estudos da Linguagem
2006

MANOEL GOMES DOS SANTOS

**UMA GRAMÁTICA DO WAPIXANA (ARUÁK) – ASPECTOS DA FONOLOGIA,
DA MORFOLOGIA E DA SINTAXE**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística

Orientador: Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori

Campinas-SP
Instituto de Estudos da Linguagem
2006

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL – Unicamp
CRB 8/6934

Sa59g Santos, Manoel Gomes dos.
Uma Gramática do Wapixana (Aruák) : aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe / Manoel Gomes dos Santos . -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientador : Angel Humberto Corbera Mori.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Índios - Línguas. 2. Língua Wapixana - Gramática. 3. Língua Wapixana - Fonologia. 4. Língua Wapixana - Morfologia. 5. Língua Wapixana - Sintaxe. I. Mori, Angel Humberto Corbera. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori (UNICAMP/IEL) – Presidente

Prof. Dr. Aryon Dall’Igna Rodrigues (UnB)

Prof. Dra. Marília Lopes da Costa Facó Soares (Museu Nacional/UFRJ)

Prof. Dra. Lucy Seki (UNICAMP/IEL)

Prof. Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo de Sá (UNICAMP/IEL)

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D’Angelis (UNICAMP/IEL) – Suplente

Prof. Dra. Marymárcia Guedes (UNESP/Araraquara) - Suplente

Prof. Dra. Gláucia Vieira Cândido (UEG) - Suplente

*Aos Wapixana.
A minha família, em particular,
a meu pai, Luiz Gonzaga Gomes (in memoriam),
a minha mãe, Laura Gomes dos Santos,
a minha esposa, Sô.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a minha formação acadêmica e para a elaboração deste trabalho.

Aos Wapixana, especialmente às populações situadas na área da Serra da Lua: Malacacheta, Pium, Canauanim, Jacamim e Taba Lascada, pela hospitalidade com que me receberam e pela paciência e solicitude com que me passaram ensinamentos sobre sua língua e cultura. Agradeço, ainda, aos tuxauas, diretores e professores das escolas situadas nessas localidades pela calorosa acolhida e pelo apoio logístico por ocasião de minha estadia entre eles.

Aos amigos e colaboradores Wapixana: Wilson André da Silva Ribeiro, Odamir de Oliveira, José da Silva Belarmino, Benjamim José Pinto, Simão de Oliveira, Oscar de Oliveira, Aroldo Humberto, Casimiro Cadete, Joaquina da Silva Farias, Leonardo da Silva Alexandre, Rudi Inácio de Queiroz, Nilzimara de Souza Silva, Elias Jaime da Silva, Elizabete da Silva, Júlia da Silva, Paulo Camilo de Souza, Maurício, Bernaldo, Kimi da Silva de Oliveira, Charles João, Atanásio e Daniel da Silva Cruz, que me proporcionaram informações sobre sua língua, tornando-se fundamentais para a realização deste trabalho.

Ao professor Dr. Angel Humberto Corbera Mori, meu orientador, pelas discussões e sugestões valiosas oferecidas ao longo do processo de elaboração deste trabalho, pelo estímulo constante e pela confiança em mim depositada.

Às professoras que constituíram minha banca de qualificação e defesa: Dra. Lucy Seki e Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo de Sá, pela solicitude com que acolheram meu pedido e por suas críticas e sugestões enriquecedoras.

Aos professores Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues, Dra. Marília Lopes da Costa Facó Soares, Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis, Dra. Marymárcia Guedes e Dra. Gláucia Vieira Cândido, membros de minha banca de defesa, pelo incentivo e pelas valiosas sugestões.

Aos meus orientadores das qualificações nas áreas de Gramática e de Fonética/Fonologia, os professores Dr. Jairo Morais Nunes e Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo de Sá, respectivamente, por me permitirem o conhecimento de novas perspectivas teóricas.

Às professoras Dra. Mary Aizawa Kato e Dra. Ana Paula Scher; Dra. Bernadete Marques Abaurre e Dra. Luciana Raccanello Storto, participantes das minhas bancas de qualificação em Gramática e Fonética/Fonologia, respectivamente, por suas críticas e sugestões preciosas.

Às Instituições: Coordenadoria de Aperfeiçoamento ao Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa (FAEP)-UNICMP, pela bolsa PICDT e auxílio à pesquisa (trabalho de campo), respectivamente.

A todos que trabalham na Secretaria da Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem pela presteza com que sempre atenderam minhas solicitações, em especial, agradeço a Rose, Cláudio e Emerson.

Agradeço ao pessoal da biblioteca do IEL, particularmente, a Loide por seu profissionalismo no agenciamento de referências bibliográficas por mim requeridas.

Agradeço a diversas Instituições que, direta ou indiretamente, forneceram-me apoio para a elaboração deste trabalho: Conselho Indígena de Roraima (CIR), Organização dos Professores Indígenas de Roraima (OPIR), Núcleo Insikiran da Universidade Federal de Roraima, Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Divisão de Educação Indígena da Secretaria de Educação, Cultura e Desporto do Estado de Roraima e Centro de Informação da Diocese de Roraima (CIDR).

Sou grato a todos que compõem a Universidade Federal de Roraima: docentes, discentes, e corpo técnico, em particular, aos colegas do Departamento de Língua Vernácula, professores, alunos e funcionários que acreditaram, valorizaram e apoiaram minha proposta deste trabalho.

Agradeço a todos os meus colegas de pós-graduação do IEL, pelo convívio saudável, durante todo o período compartilhado em aulas, seminários, congressos e demais atividades de que se faz a vida acadêmica.

Quero expressar também meus agradecimentos aos amigos Mel, Sônia e Irmã Nilma pelo precioso apoio durante momentos cruciais para a elaboração deste trabalho.

Finalmente, quero agradecer também à minha família pelo apoio e estímulo. Em particular, agradeço à minha esposa, Sô, ao meu irmão, Nonato, e a sua esposa Raimundinha, pela paciência comigo, durante boa parte do tempo em que eu estava elaborando esta tese.

SANTOS, Manoel Gomes dos. **Uma gramática do Wapixana (Aruák) – aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas.

RESUMO

Esta tese objetiva propor uma análise da língua Wapixana (Aruák), falada pelos Wapixana hoje estimados entre 10 e 11 mil pessoas que vivem na extensão que vai do vale do rio Uraricoera, no Brasil, ao vale do rio Rupununi, na República Cooperativa da Guiana. O estudo envolve aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe dessa língua e encontra-se estruturado em quatro capítulos. O capítulo 1. Introdução - apresenta aspectos sócio-culturais do povo Wapixana, informações gerais sobre sua língua e explicita o conjunto de procedimentos de pesquisa. O capítulo 2. Fonologia - apresenta o quadro de fonemas, processos fonológicos, a estrutura da sílaba e o padrão acentual do Wapixana no domínio da palavra fonológica. O capítulo 3. Morfologia - aborda classes de palavras (partes do discurso), visando, especialmente, identificar e caracterizar suas categorias constituintes, do ponto de vista de suas propriedades estruturais e funcionais. Finalmente, o capítulo 4. Sintaxe – destina-se ao estudo da sentença wapixana, com destaque especial para a análise da sentença simples.

Palavras-chave: Língua indígena; Wapixana; fonologia/gramática.

SANTOS, Manoel Gomes dos. **Uma gramática do Wapixana (Aruák) – aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe.** 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas.

ABSTRACT

The present thesis proposes at analysing the Wapixana language (Aruák), spoken by the Wapixana, whose population is believed to be between 10,000 (ten thousand) and 11,000 (eleven thousand) people living in the extension of land that goes from the valley of the Uraricoera river, in Brazil, to the valley of the Rupununi river, in the Cooperative Republic of Guyana. The study involves aspects of the phonology, the morphology and the syntax of the Wapixana language and is divided in four chapters. Chapter 1. Introduction - presents social and cultural aspects of the Wapixana people, general information on its language and explanation about research procedures. Chapter 2. Phonology – presents the grid of phonemes, phonological processes, the structure of the syllable and the stress pattern of the Wapixana language in the domain of the phonological word. Chapter 3. Morphology – deals with classes of words (parts of the speech), especially aiming at identifying and pointing the characteristics of its constituent categories, from the point of view of its structural and functional properties. Finally, chapter 4. Syntax – aims at the study of the Wapixana sentence, with emphasis on the analysis of the simple sentence.

Keywords: Indigenous language; Wapixana; phonology/grammar.

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

ADJR	adjetivizador
ADVR	adverbial
ALL	alativo
ANF	anáfora
AT	atributivo
BEN	benefactivo
C	consoante
CAUS	causativo; causa
CL	classificador
CNJ	conjunção
COM	comitativo
COMP	complementizador
CONN	conectivo
CONT	contínuo
DAT	dativo
DÊIT	dêitico
DES	desiderativo
DIST	distal
EL	elativo
EP	epêntese
EXIST	existencial
F	feminino
FNL	finalidade
GT	Geometria de Traços
IMM	imediato
IMP	imperativo
INDEF	indefinido
INESS	inessivo
INST	instrumental
INTER	interrompido, intermitente
LOC	locativo
M	masculino
MAN	maneira
MI	modo indicativo
NCC	Condição de Não-Cruzamento de Linha de Associação
NDISCR	não discreto
NEG	negação
NPOSS	não-possuído
NPRES	não-presente
NR	nominalizador
O	objeto direto
OBRIG	obrigatório
ONOM	onomatopéia
PASS	passiva

PL	plural
POSS	possuído; posse
PRIV	privativo
PROX	próximo
PTT	partitivo
QU	proforma interrogativa
QUANT	quantificador
RECP	recipiente
REFL	reflexivo
REL	relativo
S	sujeito
TCL	termo de classe
V	vogal
VR	verbalizador
/ /	fonema
[]	fone
.	fronteira de sílaba
+	fronteira de morfema
#	fronteira de palavra
1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	01
1.0. Etnia Wapixana e procedimentos de pesquisa.....	01
1.1. Alguns aspectos socioculturais.....	01
1.1.1. Denominação.....	01
1.1.2. Território e população.....	02
1.1.3. Aspectos históricos e culturais.....	07
1.2. A língua.....	13
1.2.1. Afiliação genética.....	14
1.2.2. Situação sociolingüística.....	19
1.2.3. Prévia literatura e justificativas.....	21
1.3. Procedimentos de pesquisa.....	25
1.3.1. Metodologia.....	25
1.3.1.1. Corpus.....	25
1.3.1.2. Análise dos dados.....	27
1.3.2. Objetivos.....	28
1.3.3. Organização.....	28
II. FONOLOGIA.....	31
2.0. Introdução.....	31
2.1. Inventário fonológico.....	31
2.1.1. Consoantes.....	32
2.1.2. Vogais.....	34
2.2. Processos fonológicos.....	35
2.2.1. Assimilação.....	42
2.2.1.1. Labialização.....	42
2.2.1.2. Palatalização.....	46
2.2.1.3. Harmonia vocálica (assimilação progressiva).....	47
2.2.1.4. Harmonia vocálica (assimilação regressiva).....	51
2.2.1.5. Nasalização.....	58
2.2.2. Devozeamento.....	63
2.2.2.1. Devozeamento de obstruintes.....	63
2.2.2.2. Devozeamento de vogais.....	64
2.3. Sílaba.....	65
2.3.1. Tipos de sílaba.....	67
2.3.1.1. Restrições de coocorrência.....	71
2.3.1.2. Reestruturação dos tipos básicos de sílaba.....	72
2.3.1.2.1. Síncope vocálica.....	72
2.3.1.2.2. Epêntese.....	75
2.4. Acento.....	76
2.4.1. Apócope ou apagamento vocálico final.....	81
2.4.2. Alongamento iâmbico.....	83

III. MORFOLOGIA.....	91
3.0. Introdução.....	91
3.1. Classes pertencentes ao sistema aberto.....	96
3.1.1. Nome.....	97
3.1.1.1. Subclasses de nomes com base na categoria de posse.....	98
3.1.1.1.1. Nomes inalienáveis.....	99
3.1.1.1.1.1. Termos de classe.....	107
3.1.1.1.1.2. Classificadores.....	115
3.1.1.1.1.2.1. Classificadores numerais.....	118
3.1.1.1.1.2.2. Classificadores genitivos.....	121
3.1.1.1.1.2.3. Classificadores verbais.....	125
3.1.1.1.1.2.4. Classificadores de concordância e classificadores demonstrativos?	129
3.1.1.1.2. Nomes alienáveis.....	131
3.1.1.2. Outros processos de formação de nomes.....	136
3.1.1.3. Outras categorias gramaticais.....	139
3.1.1.3.1. Gênero.....	139
3.1.1.3.1.1. Gênero nos nomes inalienáveis.....	139
3.1.1.3.1.2. Gênero nos nomes alienáveis.....	141
3.1.1.3.2. Número.....	142
3.1.1.3.3. Grau.....	146
3.1.1.3.4. Atributivo e privativo.....	147
3.1.2. Verbo.....	148
3.1.2.1. Tipos de verbo.....	149
3.1.2.1.1. Verbos transitivos.....	150
3.1.2.1.2. Verbos intransitivos.....	151
3.1.2.1.3. O existencial <i>kajpa</i> :	154
3.1.2.2. Estrutura do verbo.....	156
3.1.2.2.1. Morfemas verbais.....	158
3.1.2.2.1.1. Morfemas marcadores da categoria de pessoa.....	158
3.1.2.2.1.2. Morfemas marcadores das categorias de modo e tempo.....	161
3.1.2.2.1.2.1. Modo indicativo.....	163
3.1.2.2.1.2.2. Modo imperativo.....	164
3.1.2.2.1.2.3. Tempo presente.....	166
3.1.2.2.1.2.4. Tempos verbais expressos pelo morfema de não-presente.....	167
3.1.2.2.1.2.4.1. Tempo passado.....	167
3.1.2.2.1.2.4.2. Tempo futuro.....	168
3.1.2.2.1.3. Aspecto.....	169
3.1.2.2.1.3.1. Contínuo.....	170
3.1.2.2.1.4. Alteração de valência: acréscimo e redução do número de argumentos..	170
3.1.2.2.1.4.1. Morfema causativo.....	171
3.1.2.2.1.4.2. Voz ou diátese.....	172
3.1.2.2.1.4.2.1. Morfema passivo.....	172
3.1.2.2.1.4.2.2. Morfema reflexivo.....	174
3.1.2.2.1.4.2.3. Morfema recíproco.....	175
3.1.3. Adjetivo.....	176
3.1.4. Advérbio.....	180

3.1.4.1. Subclassificação dos advérbios.....	181
3.1.4.1.1. Advérbio locativo.....	181
3.1.4.1.2. Advérbio temporal.....	182
3.1.4.1.3. Advérbio intensificador.....	182
3.1.4.1.4. Advérbio de modo.....	183
3.2. Classes fechadas.....	184
3.2.1. Pronomes.....	184
3.2.1.1. Pronomes pessoais.....	184
3.2.1.2. Pronomes demonstrativos.....	188
3.2.1.3. Pronomes indefinidos.....	192
3.2.1.4. Pronomes interrogativos.....	193
3.2.2. Quantificadores.....	195
3.2.3. Numerais.....	196
3.2.4. Posposições.....	201
3.2.4.1. Subclassificação nocional das posposições.....	202
3.2.5. Conjunções.....	203
3.2.6. Interjeições.....	204
IV. SINTAXE.....	205
4.0. Introdução.....	205
4.1. Papéis ou funções semânticas.....	206
4.1.1. Papéis ou funções semânticas vs. papéis ou funções gramaticais.....	208
4.2. Sistema de marcação de caso.....	210
4.2.1. Papéis ou funções gramaticais.....	214
4.3. Ordem dos constituintes na sentença simples.....	217
4.4. Tipos de sentença.....	223
4.4.1. Tipos de sentença conforme o predicado envolvido.....	224
4.4.1.1. Sentenças verbais.....	224
4.4.1.1.1. Sentença transitiva.....	224
4.4.1.1.2. Sentença intransitiva.....	226
4.4.1.1.3. Sentença existencial.....	226
4.4.1.1.4. Sentença possessiva.....	228
4.4.1.2. Sentenças não-verbais.....	229
4.4.2. Tipos de sentença segundo o uso.....	230
4.4.2.1. Sentença declarativa.....	230
4.4.2.2. Sentença interrogativa.....	232
4.4.2.2.1. Pergunta polar.....	232
4.4.2.2.2. Pergunta de informação.....	234
4.4.2.2.2.1. Perguntando o sujeito ou o objeto.....	234
4.4.2.2.2.2. Perguntando a quantidade.....	235
4.4.2.2.2.3. Perguntando o tempo.....	235
4.4.2.2.2.4. Perguntando o lugar.....	236
4.4.2.2.2.5. Perguntando a maneira.....	237
4.4.2.2.2.6. Perguntando a causa.....	237
4.4.2.3. Sentença imperativa.....	238
4.4.3. Tipos de sentença com base na sua complexidade estrutural.....	239

4.4.3.1. Sentença simples.....	240
4.4.3.2. Sentença complexa.....	242
4.4.3.2.1. Subordinação.....	242
4.4.3.2.1.1. Oração complemento.....	243
4.4.3.2.1.2. Oração relativa.....	246
4.4.3.2.1.3. Oração adverbial.....	248
4.4.3.2.1.3.1. Temporal.....	249
4.4.3.2.1.3.2. Causal.....	250
4.4.3.2.2. Coordenação.....	251
4.4.3.2.2.1. Oração conjuntiva.....	252
4.4.3.2.2.2. Oração adversativa.....	252
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	255
BIBLIOGRAFIA.....	257
ANEXO: lista de palavras	263

1 INTRODUÇÃO

1.0. A sociedade Wapixana e procedimentos de pesquisa

Este primeiro capítulo tem três objetivos principais. O primeiro deles é apresentar uma breve explanação sobre a realidade sociocultural do povo Wapixana, grupo étnico ao qual pertence a língua analisada. O segundo tem por finalidade expor informações gerais que caracterizem a língua Wapixana, tais como: afiliação genética, situação sociolingüística e informações sobre a literatura prévia de que se dispõe acerca dessa língua. Finalmente, o terceiro destina-se a explicitar o conjunto dos procedimentos de pesquisa, tais como: a metodologia empregada, as metas e razões envolvidas na realização do trabalho.

1.1. Os Wapixana: alguns aspectos socioculturais

As informações que aqui apresento não visam à análise antropológica rigorosa dos Wapixana, mas apenas fornecer ao leitor alguns traços culturais que caracterizam essa sociedade que fala a língua em foco. Esta seção obedecerá à seguinte ordem de exposição. Inicialmente, na seção (1.1.1), teço comentários sobre o próprio nome Wapixana; em seguida, na seção (1.1.2), trato das questões relacionadas à quantidade de habitantes e sua situação geográfica; e, por fim, na secção (1.1.3), examino alguns aspectos históricos e culturais desse povo.

1.1.1. Denominação

O termo Wapixana, segundo Migliazza (1985, p. 60), é usado para designar, no Brasil e na República Cooperativa da Guiana, os falantes de dois dialetos mutuamente inteligíveis: Wapishana e Atoraí. Outros tantos nomes foram citados na literatura com referência a esse povo: Wapityan, Wapitschana, Matisana, Uapixana, Vapidiana, Attaraye, Dauri, Atorayu, Vapidiana Verdadeiro, Aturaiu, Amaripás, Maopitian e Wapichiyana. Os nomes variam de autor para autor, algumas vezes correspondem a meras variações gráficas, outras vezes atendendo a subdivisões dialetais. De minha parte, observo que os membros

dessa etnia se autodenominam Wapichan, em que *ch* corresponde à palatal /tʃ/. Termos tais como: Wapishana, Wapixana, Wapixana, Uapixana, entre outros acima, são formas como não-índios os tratam; enquanto Atoraí (Aturau ou Atoradi), Amaripás (ou Amariba), Maopitian (Mapidiana ou Mapidiana), entre outros, correspondem às etnias que habitavam no passado o atual território dos Wapixana, cujas línguas convergiram (ou estão convergindo) ao longo dos anos para o atual Wapixana.

1.1.2. Território e população

Até a década de setenta do século passado, Migliazza (ibid., p. 60-1) registrou entre 6.500 e 7.000 Wapixana residentes na região de savanas, campos ou lavrado¹ do Território de Roraima, atual Estado de Roraima (Brasil), indo além das fronteiras com o Distrito de Rupununi, na Guiana Inglesa, atual República Cooperativa da Guiana, entre as latitudes 1° e 4° Norte e longitudes 59° e 62° Oeste (ver mapa da figura 1). Migliazza (ibid., p. 61) observa ainda a existência de habitantes Wapixana isolados nas proximidades do rio Tawini e a nascente do rio Mapuera, Estado do Pará.

¹ Conforme Farage (1997, p. 15), o termo *savanas*, que se baseia no tipo de vegetação, é preferido por autores ingleses; enquanto autores brasileiros dão preferência à designação *campos mistos*; mas, regionalmente, a denominação utilizada é *lavrado*, que denota a ampla extensão plana característica dessa área.



figura 1: mapa da localização do povo Wapixana
(entre lat. 1° e 4° N.; long. 59° e 62° O.: nordeste RR adentrando a Guiana)

Dados do Centro de Informação da Diocese de Roraima (CIDR) apontam para um número de 12.500 Wapixana, aproximadamente, que vivem distribuídos em trinta e cinco malocas espalhadas nas proximidades da fronteira entre os dois países. Segundo essa fonte, as malocas do povo Wapixana ocupam três áreas distintas, a saber: Surumu-Cotingo, Taiano-Amajari e Serra da Lua-Rupununi (CIDR, 1989, p. 71). Ainda conforme este relato, as malocas que ficam na área de Sorumu-Cotingo estão situadas no meio dos Makuxí, povo indígena Karíb (RODRIGUES, 1986, p. 58), portanto, são de natureza mista. As que se situam na área do Taiano-Amajari encontram-se espalhadas à beira dos rios Uraricoera, Amajari e Parimé, e seus moradores sofrem uma dupla influência; os do Taiano são mais influenciados pela cultura não-indígena, enquanto aqueles que moram no Amajari são influenciadas pelo povo Makuxí. Por fim, as malocas que estão localizadas na área da Serra da Lua-Rupununi encontram-se entre os rios Branco, Quintauaú e Rupununi. Conforme essa fonte, é nesta última área que encontramos um maior grau de conservação dos hábitos originais do povo Wapixana, embora, do lado brasileiro, esse povo já tenha sofrido boa influência da cultura não-indígena, enquanto nas malocas do Distrito de Rupununi (Guiana) se mantenham mais conservados os traços tradicionais de sua cultura.

No caso específico do Brasil, segundo publicação do CIDR (1990, p. 68), os Wapixana montam a 3.500 índios, aproximadamente, e encontram-se assim distribuídos:

área	maloca	nº de falantes
Surumu-Cotingo	Araçá-Cotingo	110
	Olho D'água	90
	Perdiz-Surumu	65
Serra da Lua-Rupununi	Apun	62
	Canoani	230
	Jacamin	205
	Jaboti	76
	Malacacheta	280
	Moscou	130
	Taba Lascada	170
	Marupá	137
	Pium-Tacutu	151
	Taiano-Amajarí	Pium-Uraricoera
Anta		102
Anzol		85
Araçá-Amajarí		110
Flecha		80
Guariba-Amajari		70
Mangueira		83
Ponta da Serra		73
Barata		286
Livramento		81
Serra da Moça		380
Serra do Truaru		80
Truaru		122
Três Corações	131	

Dados mais recentes acerca da população Wapixana e sua localização geográfica, entretanto, encontram-se em Farage (1997) e, em conformidade com estes, os Wapixana são estimados entre 10.000 e 11.000 pessoas que vivem na extensão que vai do vale do rio Uraricoera, no Brasil, ao vale do rio Rupununi, na Guiana (ver mapa da figura 2)². Neste último país, a população Wapixana é estimada em 6.000 habitantes por Forte (1990), citado por Farage (1997, p. 18), e suas aldeias situam-se entre os rios Tacutu, Rupununi e Kwitaro,

² O mapa foi extraído de Farage (2002, p. 527) e aqui se encontra acrescido de números representativos das malocas para fins de exposição.

limitando-se ao norte, nas montanhas do Kanuku, com o território Makuxi e ao sul, com o território Wai-Wai. Conforme Farage (ibid.), em território especificamente brasileiro, as terras Wapixana estendem-se do rio Uraricoera ao rio Tacutu, e sua população gira em torno de 3.000 a 4.000 indivíduos em aldeias e 1.000 em cidades e fazendas. Segundo essa autora, a maior parte das aldeias dos Wapixana em terras brasileiras situa-se na região Serra da Lua, entre o rio Branco e o rio Tacutu. As aldeias situadas no baixo rio Uraricoera são, em maioria, de população mista envolvendo Wapixana e Macuxi.

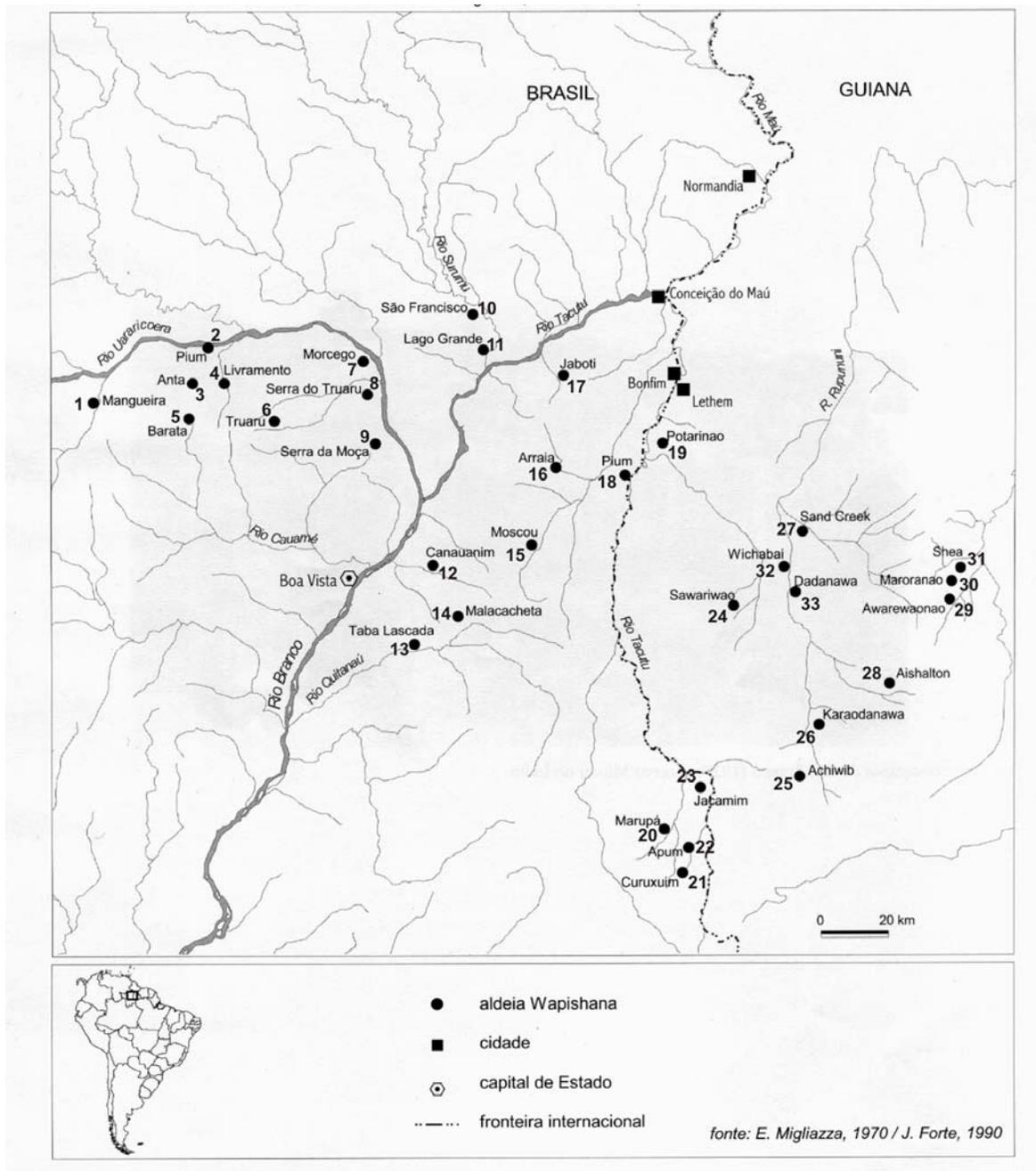


figura 2: mapa da localização das aldeias dos Wapixana (Brasil / Guiana)

Ainda que haja divergência entre os dados oferecidos por cada fonte no que tange ao número, aos nomes e às denominações das malocas, constata-se, como o fez Farage (ibid., p. 18), que o padrão aldeão das malocas dos Wapixana, em oposição à instabilidade predominante na região mais ampla das Guianas cujas malocas duram em média seis ou sete anos (RIVIÈRE, 2001, p. 48), apresenta grande estabilidade, assim, malocas tais como:

Malacacheta (14 no mapa da figura 2) e Canauanim (12 no mapa da figura 2), ainda hoje arroladas, são mencionadas desde a segunda metade do século XIX com a mesma localização. Outra constatação de Farage (ibid.) que, em tese, é confirmada pelo estudo do CIDR, está relacionada à alta densidade demográfica. Como atestam os dados acima, as malocas dos Wapixana apresentam, em média, algo próximo de 150 habitantes por aldeia (ou maloca)³, enquanto o padrão guianense registrado por Rivière (ibid.) aponta valores bem menores, algo entre três ou cinco dezenas.

1.1.3. Aspectos históricos e culturais

O contato com os colonizadores representou um grande golpe para os Wapixana, quer durante o processo de escravização para a obtenção de mão-de-obra que antecedeu o século XVIII, quer durante a segunda metade desse mesmo século, por ocasião dos aldeamentos forçados implementados pelos portugueses para evitar a presença de colonizadores de outras nacionalidades na região do rio Branco (FARAGE, 1991, p. 121; 2002, p. 507-8). Posteriormente, a ocupação colonizadora produziu o retalhamento do território dos Wapixana, intensificando cada vez mais o contato deles com não-índios, seja por meio do recrutamento de sua mão-de-obra para o trabalho em fazendas; seja através de incursões de religiosos, inclusive na escolarização de crianças (FARAGE, 2002, p. 508); seja na relação com órgãos oficiais, tais como o Serviço de Proteção aos Índios, que foi iniciada já no princípio do século XX (SANTILLI, 1994, p. 11).

Essa longa e intensa inter-relação com não-índios⁴, aliada aos contatos interétnicos com outros grupos indígenas – especialmente o povo Makuxi, tem resultado, evidentemente, em mudanças de alguns de seus hábitos; embora certos traços de sua cultura se mantenham até hoje, como demonstram os parágrafos seguintes.

Quanto ao sistema habitacional, os Wapixana moram em malocas, normalmente situadas nas proximidades dos rios e igarapés, compostas de um conglomerado central constituído de edificações de uso coletivo, quais sejam: um ‘malocão’, amplo galpão coberto de palha de buritizeiro ou de inajá onde se realizam eventos sociais diversos, tais

³ Entre os Wapixana, o termo *maloca* é preferido ao termo *aldeia*.

⁴ Conforme Ribeiro (1996, p. 257), os Wapixana encontram-se em contato permanente com a sociedade nacional desde 1900.

como: festas e reuniões; uma casa onde funciona a cantina comunitária; o prédio da igreja e o prédio da escola da rede estadual de educação, além de um campo de futebol. Trilhas mais ou menos estreitas ligam, assimetricamente, essa área nuclear de uso coletivo às casas cobertas de palha situadas em torno dela - as unidades residências familiares que, na atualidade, são constituídas basicamente de famílias nucleares. Conforme Franchetto (1988), essa organização atual parece constituir uma mudança com relação à organização mais antiga, uma vez que as primeiras documentações sobre os grupos indígenas da região falavam da configuração das malocas como sendo espacialmente de forma circular, ou elíptica, composta de vinte a trinta casas, construídas com paredes de barro e teto de folhas de palmeira, sem divisões internas.

Em se tratando de organização política, no âmbito da maloca, os Wapixana preservam a autoridade do "tuxaua", líder que tem como responsabilidade organizar e liderar atividades de interesse coletivo, tais como: reuniões e adjuntas (ou ajuri); zelar os bens e negócios de interesse coletivo, tais como: a criação de gado, a cantina e a comercialização de seus produtos; e representá-los perante outras pessoas e autoridades exteriores ao seu meio. Durante minha estadia entre os Wapixana, tive a oportunidade de assistir à solenidade de posse do tuxaua Adolfo da maloca do Pium. O evento se deu quando eu fazia coleta de dados em 1993; na ocasião, ele recebeu a prestação de contas do antigo tuxaua e escolheu seus capatazes que são pessoas de sua confiança, selecionados por ele para auxiliá-lo na execução das tarefas. Para mim foi um evento de particular interesse, pois foi realizado simultaneamente em português e Wapixana. Também em relação a esse sistema sociopolítico, conforme Franchetto (ibid.), deve ter havido mudanças históricas em três aspectos. Primeiro, no que tange à transmissão do cargo da chefia política, que era hereditária, enquanto, agora, a atribuição do papel de tuxaua é condicionada por outros fatores, inclusive aqueles externos à comunidade, tais como: missionários e políticas oficiais controladas pela FUNAI, pelos partidos políticos, dentre outros. Segundo, no que diz respeito à divisão de atribuições e responsabilidades, que hoje envolve outras figuras auxiliares, tais como secretários, capatazes, pastores, catequistas. Finalmente, com relação à marginalização do importante papel do pajé, autoridade religiosa que antes compunha com o tuxaua uma dualidade de poderes equilibrados diante da comunidade.

Do ponto de vista da organização econômica, os Wapixana obtêm recursos para a sobrevivência essencialmente na agricultura, que é realizada mediante a técnica tradicional, isto é, a coivara. Normalmente, as famílias possuem suas próprias roças, mas isso não impede que umas realizem mutirões coletivos nas roças das outras. O processo se dá da seguinte maneira: a família proprietária da roça solicita o trabalho dos demais membros da maloca nos períodos de necessidade, tais como: nas épocas de limpa, de colheita, etc. e, durante o período em que realizam o trabalho conjunto, a família beneficiada oferece a todos a alimentação necessária e sua bebida típica - o caxiri. Esse processo se repete para todas as famílias que precisem do trabalho do grupo.

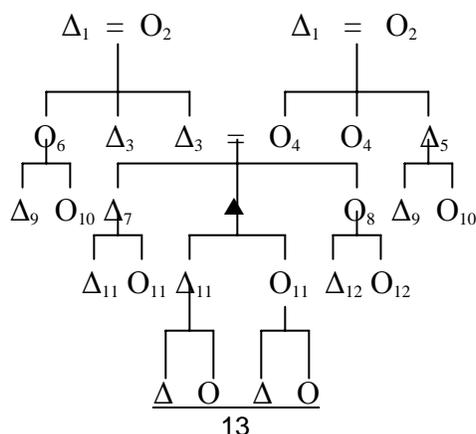
Dentre os produtos cultivados destacam-se o feijão, o milho e, em especial, a mandioca. A utilidade do feijão e do milho assemelham-se ao uso empregado por não-índios; ou seja, o feijão faz parte do prato cotidiano, enquanto o milho tanto é consumido na sua forma natural quanto em seus derivados, tais como, a canjica, a pamonha, etc. A mandioca, entretanto, é o alimento básico e mais tradicional deles, ganhando "status" místico, sagrado para eles. É consumida na forma natural e em alimentos derivados, tais como, o beiju, a farinha e a tapioca, mas, sobretudo, é utilizada na produção de bebidas especiais, como pajuaru, saboruá e caxiri, servidas tanto cotidianamente (muitas vezes como alimentação) como por ocasião de solenidades.

Os Wapixana buscam recursos para a sobrevivência também na caça e na pesca, que cada vez mais são realizadas com instrumentos da cultura não-indígena, como anzóis, redes de pesca, armas de fogo, etc. Todavia, sobretudo nas malocas mais distantes dos centros urbanos como o Pium, por exemplo, ainda fazem uso da flecha e da lança para a realização dessas atividades. Também importantes são as atividades de coleta e extrativismo de produtos vegetais, tais como bacaba, buriti, açaí, dentre outros.

Outra atividade econômica relevante é a pecuária, em que se destaca a criação de gado coletiva, que é administrada pelo tuxaua de cada maloca e visa ao suprimento de recursos para eventuais necessidades de interesse da comunidade. São também comuns as criações, em especial de ovinos e suínos, por famílias nucleares individualmente.

Quanto à terminologia de parentesco, conforme o sistema apresentado por Diniz (1968), os Wapixana classificam todos os parentes em cinco gerações. Na *primeira geração ascendente*, o irmão do pai é classificado como pai (ráre) e a irmã da mãe como mãe (ráru),

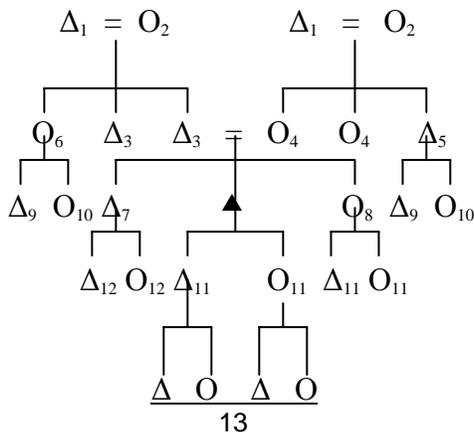
enquanto o irmão da mãe (ta:tai) e a irmã do pai (nan) são classificados como sogro e sogra. Na *geração de Ego*, os primos paralelos (úrre ‘masculino’; darucú ‘feminino’ – de Ego masculino) são incluídos na categoria de irmãos. Os primos cruzados são referidos como cunhados (naône ‘masculino’; na:nêrru ‘feminino – de Ego masculino). Na *segunda geração ascendente* e na *segunda geração descendente*, o pai do pai e a mãe do pai são designados pelos mesmos termos correspondentes ao pai da mãe (dacúrre) e à mãe da mãe (cucúí). Os filhos e as filhas dos filhos recebem idênticos designativos aos filhos e às filhas das filhas (tcáno). Na *primeira geração descendente*, Ego classifica os filhos e as filhas do irmão (dáne) como os seus próprios, enquanto designa os filhos e as filhas da irmã (dane-quearrô) com um termo que pode equivaler a genro ou nora. As figuras 3 e 4 abaixo apresentam os diagramas correspondentes aos esquemas de parentesco consangüíneo de Diniz (ibid.) para Ego masculino e para Ego feminino, respectivamente:



1. dacúrre (dukuzzy) ‘páí do pai, pai da mãe’; 2. cucúí (ku’ukuu) ‘mãe do pai, mãe da mãe’; 3. dáre (dary) ‘pai’; 4. dáru (daru) ‘mãe’; 5. ta:tai (taatai) ‘irmão da mãe, marido da irmã do pai, pai da esposa’; 6. anan (wa’nyy) ‘irmã do pai, esposa do irmão da mãe, mãe da esposa’; 7. úrre (inhawyz) ‘irmão’; 8. darucu (dadukuu) ‘irmã’; 9. naône (naun) ‘filho da irmã do pai, filho do irmão da mãe, marido da irmã, irmão da esposa’; 10. ra:nêrru (zynadi) ‘filha da irmã do pai, filha do irmão da mãe, esposa do irmão, irmã da esposa’; 11. dane (dani) ‘filho, filha, filho do irmão, filha da irmã’; 12. dane-quearrô (danikiazu) ‘filho da irmã, filha da irmã’; 13. takan ‘neto’.

figura 3: terminologia de parentesco dos Wapixana (Ego masculino)⁵

⁵ O nome do termo de parentesco entre parênteses corresponde à forma gráfica empregada pelos Wapixana na atualidade.



1. dacúrre (dukuzzy) ‘pai do pai, pai da mãe’; 2. cucúí (ku’ukuu) ‘mãe do pai, mãe da mãe’; 3. dáre (dary) ‘pai’; 4. dáru (daru) ‘mãe’; 5. ta:tai (taatai) ‘irmão da mãe, marido da irmã do pai, pai do marido’; 6. anan (wa’nyy) ‘irmã do pai, esposa do irmão da mãe, mãe do marido’; 7. árre (aaz) ‘irmão’; 8. árru (inhauz) ‘irmã’; 9. naône (naun) ‘filho da irmã do pai, filho do irmão da mãe, marido da irmã, irmão do marido’; 10. ticarô (sakaru, chakaru) ‘filha da irmã do pai, filha do irmão da mãe, esposa do irmão, irmã do marido’; 11. dane (dani) ‘filho, filha, filho do irmão, filha da irmã’; 12. dane-quearrô (danikezu) ‘filho do irmão, filha do irmão’; 13. tcáno (takan) ‘neto’.

figura 4: terminologia de parentesco dos Wapixana (Ego feminino)

Exceto no que tange às mudanças fonético-ortográficas e certas inclinações para diferenças no emprego de alguns termos, os esquemas acima parecem corresponder ao que se verifica ainda hoje entre os Wapixana. Deixando de lado as alterações fonético-ortográficas, que quase sempre são evidentes, quero me deter nas diferenças de emprego de termos.

Inicialmente, parece haver uma tendência atual para o emprego dos termos *papai* e *mamai*, em qualquer construção não-possessiva, não apenas em vocativo, como descrito pelo autor em nota de rodapé (DINIZ, 1968, p. 6), para fazer referência ao irmão do pai e à irmã da mãe, respectivamente, em vez do emprego dos termos *dáre* (dary) ‘pai’ e *dáru* (daru) ‘mãe’, como sugerem os esquemas acima. Parece evidente que os termos *papai* e *mamai* constituem empréstimos do português e é relevante notar que os termos bastante semelhantes *papaa* e *mamaa*, provavelmente também empréstimos, são empregados atualmente, para referência a ‘pai’ e ‘mãe’, respectivamente. Nesse sentido, os Wapixana parecem compensar a distinção entre o “pai” e “mãe” propriamente ditos e os “tios”, irmão do pai e irmã da mãe, mediante a substituição dos termos *dáre* (dary) ‘pai’ e *dáru* (daru) ‘mãe’ pelos termos *papai* e *mamai*, na classificação de irmão do pai e irmã da mãe.

Outra mudança contemporânea na língua Wapixana refere-se à inclinação para o uso exclusivo dos termos *imedukuz* e *imeyzu*, em detrimento dos termos *ta:tai* (taatai) e

anan (wa'nyy), para fazer referência a sogro e a sogra, respectivamente. Assim, *ta:tai* (taatai) e *anan* (wa'nyy) tendem, na atualidade, a serem empregados com referência apenas a 'irmão da mãe' e a 'irmã do pai'.

Outra tendência atual relaciona-se ao emprego dos termos *naône* (naun) e *ticarô* (sakarú, chakarú) apenas para referir a cunhado e cunhada, respectivamente, enquanto o termo *ra:nêrru* (zynadi) parece reservado para referir apenas a prima. Há também um outro termo, *daunaiuradi*, não arrolado por Diniz (ibid.) para fazer referência a primo. Além disso, o termo *naône* (naun) obedece a uma particularidade: é empregado apenas em construções possessivas, enquanto a forma *jaku* 'cunhado', não arrolada por Diniz (ibid.), é a que aparece em outros contextos, como em vocativos, por exemplo. Tudo isso parece sugerir que os Wapixana tendem a estabelecer uma distinção entre os termos que referem a primos e aqueles que referem a cunhados.

Outra distinção que parece estar em processo diz respeito à inclinação para o emprego do termo *dane-quearrô* (danikezu) apenas em referência a 'filho ou filha da irmã' (Ego masculino) e a 'filho ou filha do irmão' ("Ego" feminino), mas não em referência a genro ou nora, como ocorria na época da pesquisa de Diniz (ibid.). A referência a genro e nora, na atualidade parece ser feita apenas pelos termos *dênêrru* (atualmente *dinizu*) e *dênêrru* (atualmente *dinizu*), respectivamente, que já eram usados, na época da pesquisa desse autor (Diniz, 1968, p. 7), exclusivamente com esse fim. Curiosamente, o termo *tiuanái* (chaunai), que em nota-de-rodapé é citado pelo autor como referindo a 'esposa do filho', é hoje empregada para designar sobrinho. Parece haver, assim, a tendência para cada vez mais tornar clara a diferença entre os termos designativos de sobrinho e sobrinha, de um lado e de genro e nora, de outro.

Rivière (2002, p. 72) observa que a única discrepância da classificação de Diniz, acima apresentada, em relação ao padrão geral das línguas da região das Guianas consiste no fato de os membros do primeiro nível genealógico descendente não se distinguirem pelo sexo. Com efeito, considerando, por exemplo, Ego masculino, há apenas um único termo *dane* (dani) para 'filhos, filhas de Ego e filhos e filhas do irmão'; e, de igual forma, existe também apenas um único termo *dane-quearrô* (danikezu) para filhos e filhas da irmã. Surpreendentemente, mesmo na atualidade, isso é um fato. Assim, o recurso empregado na atualidade para indicar a distinção de sexo, ao menos em relação a 'filhos, filhas de Ego, é

o emprego da palavra zynaba ‘mulher’ em conjunto com a palavra designadora de irmão dani, formando portanto danizynaba ‘filha’.

Considerando ainda as relações de parentesco, Farage (1997, p. 101-2) oferece uma análise calcada na cosmovisão dos Wapixana que reduz sobremaneira o número de consangüíneos. Desse ponto de vista, são consangüíneas apenas pai, mãe, irmãos, e filhos de Ego, portanto, em tese, a segunda geração ascendente, a segunda geração descendente e os parentes colaterais são excluídos do grupo consangüíneo. Tal noção de consangüinidade é fundamentada culturalmente, através de situações que envolvem o cálculo do sangue, isto é, situações tais como o resguardo pela doença, pelo luto, dentre outras, que são compartilhadas apenas pelos membros de um grupo consangüíneo.

1.2. A língua

Um fator importante e singular da cultura dos Wapixana é a preocupação com a preservação de sua língua. Esse fato, como expressou Franchetto na apresentação do dicionário Wapixana-Português, Português-Wapixana, "constitui-se num exemplo de renovação das práticas educacionais voltadas para as comunidades indígenas" (apud CADETE, 1990, p. 9), é o fruto da consciência de um povo que, a cada dia, se sente mais afastado do seu referencial de cultura, por imposição de uma cultura envolvente que, já a partir da aquisição da escrita, numa escola cuja prática educacional dá exclusividade à língua nacional, assiste ao esvaziamento do saber oral e à conseqüente redução do uso de sua língua, acompanhados pela própria perda de identidade por parte das gerações mais jovens que entram na instituição escola. A preocupação com essa distância entre seu referencial cultural e o conhecimento que lhe é oferecido levou um grupo de indígenas a criar, em 1993, o chamado Projeto: “A Língua Wapixana: Formação de Professores Indígenas e Produção de Material Didático” que contava com a assessoria de Franchetto. O Projeto tinha como metas básicas o resgate dos valores da língua indígena e a elaboração de subsídios para o trabalho dos "mestres da língua", que são falantes nativos, cuja tarefa é ministrar o ensino do Wapichana nas escolas das malocas.

Especialmente para os Wapixana que vivem no lado brasileiro nos arredores dos centros urbanos, esse zelo pelo língua materna é bastante significativo, pois, como atesta o

levantamento sociolinguístico elaborado por Franchetto (1988), há duas realidades no que concerne ao uso da língua nativa pelos Wapixana. Aqueles que habitam as proximidades dos centros urbanos convivem com uma situação de bilingüismo envolvendo o português e o Wapixana, com uma crescente predominância da língua da sociedade envolvente, especialmente, nas gerações mais jovens. Diferentemente, para aqueles que vivem em malocas mais distantes das cidades e mantêm contatos constantes com os parentes da Guiana, a língua materna se mantém numa situação quase plena de monolingüismo.

1.2.1. Afiliação Genética

Do ponto de vista da classificação genética, a língua Wapixana é considerada como pertencente à família Aruák ou Arawák (RODRIGUES, 1986, p. 68). Entretanto, o termo Arawakan também é utilizado para designar essa família por convenção da literatura norte-americana, como explica Mattoso Camara: "Em regra, Mason (1950) faz terminar o nome indígena da família pelo sufixo -an (português -ano), que na convenção lingüística norte-americana indica grupo lingüístico em face de uma língua individual (por exemplo, "Arawakano" em face de Arawák, que é uma das línguas do grupo)." (CAMARA Jr., 1989, p. 156). Tal termo (Arawakan) corresponde ao emprego mais geral da denominação da língua Arawak ou Lokono falada na Venezuela, na Guiana, no Suriname, na Guiana Francesa e em algumas ilhas antilhanas, como Trindade (RODRIGUES, 1986, p. 65; PAYNE, 1991, p. 363; AIKHENVALD, 1999, p. 73). Outro termo usado para designar a família Aruák é Maipuran. Esta denominação foi empregada primeiramente por Filippo Salvatore Gilij, em 1782 (NOBLE, 1965, p. 1; PAYNE, *ibid.*; AIKHENVALD, *ibid.*), que reconheceu o parentesco genético entre a língua Maipure do vale do Orinoco e a língua Mojo, falada na Bolívia, e, então, passou a denominar o grupo de Maipure ou Maipuran. Em verdade, o termo Maipuran (ou Maipure) foi o primeiro empregado para designar essa família lingüística que, conforme Aikhenvald (1999, p. 73), foi depois renomeada Arawak por Von den Steinen (1886) e Brinton (1891). Posteriormente, a tendência dos trabalhos comparativos foi usar o termo Maipuran para fazer referência ao grupo de línguas mais estreitamente aparentadas (a família propriamente dita) e empregar o termo Arawakan de forma mais abrangente, denotando um tronco lingüístico que envolveria essas línguas

Maipuran e outras línguas a elas também aparentadas, mas não tão proximamente, como Arauán, Guahíboan, Harakmbet e Puquina. Todavia, o avanço dos estudos provou que não havia fundamento lingüístico para se postular o parentesco entre as línguas do grupo Maipuran e as demais línguas dessa classificação (RODRIGUES, 1986, p. 66; PAYNE, 1991, p. 363-5; AIKHENVALD, 1999, p. 73-5).

Greenberg (1956, p. 384) estabeleceu uma classificação em que a família Maipuran, a que pertence a língua Wapixana, aparece como um subgrupo de um tronco Arawakan que, por sua vez, é subgrupo de uma unidade mais ampla - o macrotronco Arawakan - que, por fim, é filiado a um supermacrotronco lingüístico cujo nome é Equatorial. Essa classificação é bastante questionada pelos estudiosos por tentar reunir sob um mesmo rótulo várias famílias tradicionalmente consideradas como sendo de origens diferentes.

Bem mais aceita foi a classificação de Payne (1991) em que a língua Wapixana encontra-se inserida no grupo Northern da família Maipuran. Esse autor analisou 203 conjuntos de cognatos envolvendo vinte e quatro línguas, que representam as principais ramificações dessa família lingüística, oferecendo uma reconstrução fonológica do Proto-Maipuran para cada um desses conjuntos. Trata-se do primeiro trabalho sobre o tema com base verdadeiramente lingüística, nos moldes do método comparativo, suportada por dados fonológicos, lexical e gramatical. Abaixo, reproduzo a classificação de Payne (1991, p. 489), destacando em **negrito** o Wapixana de forma a explicitar sua posição:

Western
 Amuesha
 Chamicuro
 Central
 Parecis
 Waurá
 Southern
 Bolívia-Parana
 Terena
 Bauré
 Ignaciano
 Purus
 Piro
 Apurinã
 Campa
 Machiguenga
 Ashéninca
 Eastern
 Palicur
 Northern
 Wapixana
 Caribbean
 Garífuna
 TA-Arawakan
 Lokono
 Guajiro
 Inland
 North-Amazon
 Resígaro
 Rio Negro
 Achagua
 Cabiyari
 Curripaco
 Piapoco
 Tariano
 Yucuna
 Yavitero

figura 5: filiação genética da língua Wapixana (Payne)

Como se pode observar na classificação acima, Payne divide as línguas Maipuran em cinco principais grupos: Western, Central, Southern, Eastern e Northern, cabendo ao Wapixana integrar este último em companhia de dois subgrupos: Caribbean e Inland. O primeiro

desses envolve a língua Garífuna e o subgrupo TA-Arawakan⁶, que é composto das línguas Lokono e Guajiro. O segundo é composto do subgrupo North-Amazon, que reúne a língua Resígaro e o subgrupo Rio Negro (formado das línguas Achagua, Cabiari, Curripaco, Piapoco, Tariano, Yucuna) e da língua Yavitero.

Apesar do avanço obtido com trabalho de Payne, como o próprio autor reconhece, especialmente no que tange a subdivisão das línguas no interior da família Maipuran, há a necessidade de trabalhos adicionais.

Aikhenvald (1999, p. 74) afirma que o principal obstáculo para o trabalho comparatista e para a subdivisão interna das línguas no interior da família Arauák advém da carência de dados adequados de muitas línguas. Ela considera que a grande extensão geográfica e a diversidade lingüística dentro da família trazem problemas para a distinção entre fenômeno areal e fenômeno genético, fato crucial para a reconstrução morfológica. Conforme a autora, casos como o da distinção entre North Aruák e não-North Aruák, por exemplo, reclamam por investigações adicionais para decidir se essa divisão é genética, ou decorrente de diferentes padrões de difusão areal e, também, qual é o exato subagrupamento. Ela propõe uma subclassificação das línguas Aruák baseada no princípio areal-geográfico, que reproduzo abaixo de forma simplificada, com o nome Wapixana em negrito para destacar sua posição⁷:

⁶ Conforme Aikhenvald (1999, p. 73), o termo TA-Arawak foi empregado inicialmente por Von den Steinen (1886) para estabelecer a divisão entre as línguas cuja 1sg (primeira pessoa do singular) é registrada com o prefixo *ta-* e aquelas cuja 1sg (primeira pessoa do singular) é sinalizada pelo prefixo *nu-*.

⁷ Conforme registro de 2005 do site do Instituto Socioambiental, a língua Kinikinawa ainda é viva e tem 250 falantes que vivem na Reserva Indígena de Kadiwéu, no Mato Grosso do Sul.

SOUTH AND SOUTH-WESTERN ARAWAK

South Arawak

Terêna, †Kinikinao, †Guané/Layana, †Chané/Izoceño, Bauré, Moxo or Ignaciano, Moxo: Trinitario, †Paiconeca, †Pauna, †Apolista, Salumã

Pareci-Xingu

Xingu

Waurá, Mehinaku, !Yawalapiti, †Kustenaú

Pareci-Saraveca

!Pareci (Haliti), †Saraveca

South-Western Arawak

Piro-Apuriná

Piro (Maniteneri, Maxineri), Chontaquiro, Apurina/Ipurina, Cangiti, †
Iñapari, ?Mashko-Piro

Campa

Ashaninca, Asheninca, !Caquinte, Machiguenga, Nomatsiguenga, Pajonal
Campa

Amuesha

Chamicuro

†Chamicuro

NORTH-ARAWAK

Rio Branco

Wapishana, !Mawayana/Mapidian/?Mawakwa

Palikur

Palikur, †Marawan, †Aruan/Aroã

Caribbean, ou Extreme North

†Island Carib (Iñeri), Garifuna (Black Carib, Cariff)

TA-Arawak subgroup of Caribbean

Locono/Arawak, Guajiro/Wayyu, Añun/Parauhano, †Taino, †Caquetio,
†Shebayo

North-Amazonian

Colombian

†Resigaró, !Yucuna (†Guarú), !Achagua, Piapoco, !Cabiyari, †Maipure

Upper Rio Negro

Baniwa of Içana/Kurripako, !Tariana, !Guarequena

Orinoco

!Bare, !Baniwa of Guainia, †Yavitero (Baniwa of Yavita), †Mandawaka,
†Yabana

Middle Rio Negro

!Kaijána, †Manao, !Bahwana/Chiriana

Notas:

! caracteriza línguas em perigo de extinção e † marca línguas extintas. Nomes entre parênteses são prováveis dialetos.

figura 6: classificação genética da língua Wapixana (Aikhenvald)

Como se pode observar na figura acima, Aikhenvald propõe apenas dois principais grandes grupos (em caixa alta), South and South-Western Arawak e North-Arawak. Embora em acordo com Payne quanto ao fato de que a língua Wapixana situa-se no North (North-Arawak), a autora insere essa língua, em companhia da língua Mawayana, no subgrupo Rio Branco que, por sua vez, em conjunto com outros três subgrupos (Palikur, Caribbean e North-Amazonian) integra o grupo maior North-Arawak.

1.2.2. Situação sociolingüística

Como é possível depreender da discussão acerca da denominação da língua em foco em (1.1.1) acima, o Wapixana que hoje se fala é o resultado da convergência de outros dialetos (ou línguas). Em acordo com Farage (1997, p. 18), no atual território Wapixana, distinguiam-se até os anos trinta e quarenta do século passado, os seguintes povos distintos, mas próximos lingüística e culturalmente: os Vapidiana Verdadeiro, provavelmente correspondentes aos Wapishana propriamente ditos no relato de Migliazza (1985) e do CIDR (1989), que se localizavam entre os rios Parimé e Surumu; os Karapivi, nos rios Surumu, Cotingo e Xumina; os Paravilhana, no rio Amajari; os Tipikeari, entre os rios Uraricoera, Mucajaí e Caunamé; os Atoradi (Aturaiú ou Atorai), na serra da Lua; e, finalmente, os Amariba, Mapidian (Mapidiana, Maopityan) e Taruma situavam-se principalmente no vale do rio Rupununi.

Há duas hipóteses para o predomínio do Wapixana sobre os demais subgrupos dialetais. A primeira, defendida por Farabee (1918), Migliazza (1980), entre outros, sugere uma expansão do Wapixana para o leste e uma conseqüente incorporação por este dos demais grupos, então, fragilizados em função de epidemias provenientes do contato com brancos. A segunda hipótese, sugerida por Forte & Pierre (1990, apud: FARAGE, 1997, p. 19), supõe que, à medida que os outros subgrupos dialetais iam caindo em desuso, o Wapixana ia se fortalecendo, de modo a abranger todos eles. Na atualidade, porém, como constatado por Farage (ibid.), parece haver apenas uma variação dialetal nítida envolvendo, de um lado, os habitantes do vale do rio Uraricoera e, de outro, aqueles do rio Tacutu/Rupununi. Provavelmente, tal distinção corresponde àquela percebida por Migliazza (1985, p. 61) entre os dialetos Wapishana e Atorai, embora uma análise mais acurada, ainda

não realizada, possa no futuro, talvez, revelar traços que remetam aos outros antigos dialetos.

Segundo Migliazza (1980, p. 120), mais de 80% dos Wapixana podem falar a língua nacional com a qual estão em contato, ou português no Brasil ou o inglês na Guiana, e 30% deles podem também falar Makuxí ou Taurepang, ambas línguas pertencentes à família Karíb. Na realidade, considerando a facilidade de se ultrapassar a divisa entre os dois países, é comum se encontrar, no lado brasileiro, Wapixana que fala, além de sua língua materna, as línguas das duas nacionalidades acima referidas, assim como, uns poucos mais velhos, que moram em malocas distantes e de difícil acesso, que falam apenas sua própria língua materna. Nos locais mais próximos aos centros urbanos brasileiros, hoje predomina o monolíngüismo em português, especialmente entre os mais jovens. Na época da pesquisa de Migliazza (1985, p. 61), o número de falantes Wapixana que falavam sua língua girava em torno de 60% da população. Na atualidade, conforme o Núcleo Insikiran de Formação Indígena (2003, p. 23), esse percentual encontra-se reduzido para apenas 40%.

O contato intenso com outras línguas, especialmente o Makuxí e a língua portuguesa, em território brasileiro, não parece ter resultado em influência relevante na língua Wapixana. No estágio atual dos estudos, e são incipientes, os indícios desse tipo de influência restringem-se a alguns poucos itens lexicais e a alguma influência de ordem fonética. Diniz (1968, p. 5-6) aponta dois termos de parentesco que guardam certa semelhança com aqueles empregados em Wapixana. Trata-se do termo referente a ‘mãe do pai; mãe da mãe’, respectivamente *kokô* (Makuxí) e *cucúi* (Wapixana) e do termo usado para designar ‘irmã do pai; esposa do irmão do pai; mãe da esposa (Ego masculino)’ *anan*, que, segundo ele, é idêntico tanto em Makuxí quanto em Wapixana. Em relação ao primeiro termo, considerando que na grafia usada por Diniz, o grafema *c* do Wapixana e o grafema *k* do Makuxí correspondem ambos ao som [k], parece mesmo haver alguma relação entre os dois termos de cada língua. Com relação ao segundo termo, ainda mais evidente parece a relação, pois as formas são idênticas. Todavia, não parece possível no momento afirmar qual das línguas influenciou e qual delas foi influenciada. Diniz (1968) não faz referência a isso.

Não parece haver dúvida de que palavras como *paapai* e *maamai* usadas pelos Wapixana para designar ‘irmão do pai’ e ‘irmã da mãe’, respectivamente, sejam

empréstimos do português. Também, a palavra *kamich* ‘camisa; roupa’ usada pelos Wapixana deve ser um empréstimo da palavra *camisa* do português. Com relação à influência fonética do português sobre o Wapixana, o indício mais evidente parece se dar na perda da aspiração das oclusivas, como na palavra Wapixana [t^hap^hiʔis] ‘gado’ (retirada de TRACY, 1972, p. 79) que é realizada pelos Wapixana que residem no Brasil como [tapiʔis] ‘gado’. Assim, as influências parecem restringir-se ao léxico e à fonética e são de fato irrelevantes diante do longo contato entre as línguas. É possível que estudos futuros apontem outras variações dessa natureza, mas dificilmente, creio, serão encontradas influências que atinjam o nível gramatical.

1.2.3. Prévia literatura e justificativas

São poucos os trabalhos realizados sobre a língua Wapixana até o presente momento. O etnógrafo Farabee, em trabalho publicado pela Universidade da Pensilvânia em 1918, fez um apanhado amplo e vago de certos aspectos da língua, que vai da fonética à sintaxe. Em se tratando de fonética, apresenta um pequeno rol de sons que ocorrem na língua. Quanto à morfologia, o autor restringe-se à tentativa de estabelecer uma classificação para palavras em pronomes, nomes, adjetivos, verbos, apresentando também uma visão precária e parcial da estrutura dessas classes de palavras; no que tange ao verbo, por exemplo, o autor se limita a declinar o verbo *dauin* ‘dormir’ nos tempos presente, passado e futuro, sem que explicita as funções exercidas por cada constituinte do verbo. Quanto aos nomes, faz referência ao sufixo *-nau*, formador do plural, e tece algumas considerações sobre o gênero, sem contanto, explicitar de maneira clara os morfemas marcadores de feminino e masculino; também considera a língua limitada no que tange à categoria de grau, por expressar o tamanho em termos de idade (pérola grande, por exemplo, corresponde à pérola homem velho). Ainda comenta a numeração que, segundo ele, é baseada na combinação dos sistemas quinário e decimal e cujos numerais têm sua formação motivada, por exemplo, *bakaierta* ‘cinco’ tem como raiz *kai* ‘mão’; em *baukuka* ‘dez’, *bau* significa grupo. Com relação à sintaxe, comenta a ordem básica dos elementos do sintagma nominal (o adjetivo precede o substantivo) e a ordem padrão dos constituintes

da frase (sujeito-verbo-objeto). Por fim, o autor apresenta uma lista de nomes próprios de homem e mulher, além de alguns textos traduzidos e um vocabulário.

Em 1936, Braulino de Carvalho publicou, no Boletim do Museu Nacional, o seu "Vocabulário e modo de falar dos Wapixanas". O texto contém uma série de palavras e frases, mas nada de relevante sobre o sistema lingüístico.

Frances V. Tracy, utilizando um *corpus* fornecido exclusivamente por falantes que habitam a Guiana, publicou dois trabalhos sobre a língua Wapixana. "Wapishana phonology" (1972) e "An introduction to Wapishana verb morphology" (1974). Com relação ao primeiro deles, "Wapishana phonology" (1972), trata-se de um artigo publicado pelo Summer Institute of Linguistics, em que a autora faz uma análise linear introdutória da fonologia do Wapixana. Inicialmente, ela apresenta o quadro das consoantes e vogais da língua, tece considerações acerca de suas variantes alofônicas e discorre sobre vogais longas e vogais nasais. Em seguida, faz uma análise da sílaba, apresentando sua estrutura, padrões silábicos e tipos de constituintes do núcleo. Depois descreve a regra de determinação do acento da palavra e trata da entonação frasal. Finalmente, conclui apresentando processos fonológicos, tais como: assimilação, palatalização, harmonia vocálica, nasalização, lenização, apagamento e epêntese.

Quanto ao segundo trabalho de Tracy, "An introduction to wapishana verb morphology" (1974), cujo suporte teórico é a Tagmêmica, trata-se de uma publicação do International Journal of American Linguistics. Nesse trabalho, apesar de o título referir-se apenas à morfologia verbal, a autora fornece também algumas informações acerca da morfologia do nome e do adjetivo além de alguns aspectos da sintaxe da língua. Tais informações adicionais, segundo Tracy, são relevantes, pois muitas vezes o verbo é constituído a partir de raízes não-verbais e alguns afixos verbais estão relacionados aos tipos de oração. Sobre a morfologia verbal propriamente dita, ela apresenta uma complexa descrição que envolve até cinco classes distintas de afixos (prefixos e sufixos) que expressam tanto a flexão quanto a derivação do verbo Wapixana. Cada classe de afixos tem um significado global e ocorre em um nível gramatical especial. Essa classificação dos afixos é direcionada de fora para dentro, isto é, dos afixos mais externos para os mais próximos da raiz, havendo, em três classes, casos de correlação entre prefixos e sufixos. As

seguintes classes são reconhecidas por Tracy⁸: a classe 100 é a mais externa e é composta de prefixo para o sujeito e sufixo para o objeto; a classe 200, também constituída de prefixo (apenas um correlacionado a um dos sufixos) e sufixos que ocupam respectivamente a segunda e a penúltima posições, designa tempo e modo; a classe 300 é composta apenas de sufixos e expressa aspecto; a classe 400 também consta apenas de sufixos e apresenta sufixos derivacionais, temáticos e foco; finalmente, a classe 500 é composta de um prefixo que precede imediatamente a raiz, e sufixos que atuam como modificadores da raiz verbal. Segundo a autora, os afixos dessa última classe têm uma ampla extensão de significados que ainda não foram bem estudados, de forma que ela se vale apenas do termo geral “modificador” para designá-los. No que se refere ao nome e ao adjetivo, a autora fornece seus tipos de raízes, o morfema caracterizador de plural (o sufixo "nau") e a marca de adjetivo (o morfema "o"). Sobre as frases, Tracy apresenta suas estruturas e as classifica em orações com verbo transitivo, orações com verbo intransitivo e orações descritivas.

Evidentemente que esses trabalhos de Tracy, por terem escopo mais delimitado, reuniram mais e melhores informações que seus antecessores. Todavia, a parca quantidade de exemplos apresentados para cada fenômeno exposto, assim como, a técnica metodológica empregada (restrita à análise puramente estrutural), afetam de alguma forma os resultados da pesquisa.

Em 1988, Franchetto (UFRJ, Museu Nacional) realizou um levantamento sócio-lingüístico de duas malocas indígenas de Roraima, uma do povo Makuxi (Napoleão), outra do Povo Wapixana (Taba Lascada). Esse levantamento tinha como objetivo servir de subsídio para o encaminhamento da primeira fase de um Projeto Experimental de Ação Integrada para Educação Pré-Escolar de Crianças Indígenas. Para os Wapixana, num primeiro momento, esse projeto tinha como propósito a uniformização das ortografias por eles utilizadas, mas desenvolveu-se, tendo como objetivo posterior, além da reforma ortográfica, a construção de um dicionário e uma gramática. O projeto resultou no dicionário Wapixana-Português / Português-Wapixana (CADETE, 1990), que foi elaborado por um grupo de professores do Wapixana que ministram aulas nas séries iniciais da rede estadual de ensino, contando com a assessoria de Franchetto. O grupo produziu, também,

⁸ Este procedimento da autora de dividir os morfemas em classes (100, 200, 300, etc) segue a orientação da técnica tagmêmica que se interessa em agrupar os afixos nas chamadas classes posicionais, de acordo com a posição física que cada um deles ocupa em relação à raiz (Élson e Pickett, 1973, p. 25).

uma ortografia adaptada à grafia do português (diferente, portanto, daquela empregada por Tracy na Guiana, mais aproximada do inglês) que lhe permitiu a elaboração da primeira cartilha para o ensino de Wapixana como segunda língua nas malocas situadas no lado brasileiro.

Apesar dos esforços realizados, entretanto, como se pode observar do exposto nos parágrafos anteriores, há lacunas no estudo da língua Wapixana, especialmente no que diz respeito a uma descrição ampla que contemple o conjunto dos fenômenos gramaticais, envolvendo aí, ao menos, fonologia, morfologia e sintaxe. É nesse sentido que o trabalho aqui proposto se insere.

Também é relevante lembrar que esta pesquisa ajuda a minimizar as carências de descrições das línguas indígenas referidas por Rodrigues (1993), contribuindo significativamente para o debate lingüístico ao revelar traços peculiares da língua Wapixana.

Além dessas razões de caráter estritamente lingüísticos, sabe-se que o emprego exclusivo da língua da sociedade envolvente – o português – inclusive nas escolas, tem provocado progressivamente o abandono do próprio idioma por parte dos falantes nativos do Wapixana, especialmente entre os mais jovens. Tal fato poderá resultar, em breve tempo, na perda de relevantes traços dessa língua, tornando-se, portanto, necessária e urgente a elaboração de trabalhos que façam o devido registro de seus fenômenos lingüísticos.

Convém ainda frisar que o presente trabalho constitui um subsídio importante para a produção de uma gramática a ser usada no ensino da língua Wapixana, o que suprirá, em parte, a carência atual de recursos didáticos de primeiro e segundo graus dessa língua, servindo não apenas para o uso em sala de aula por professores e alunos, mas também, por toda a população Wapixana alfabetizada. Sabe-se, como afirma Corbera-Mori (1994, p. 26) que, paralelamente à importância científica, o estudo de línguas indígenas deve reverter-se em contribuições para a solução de problemas enfrentados pelos falantes dessas línguas.

Por tudo o que foi exposto acima, além do próprio papel da instituição Universidade que deve ser voltado para as necessidades da comunidade e o resguardo de valores da cultura do povo, justifica-se a realização desta pesquisa.

1.3. Procedimentos de pesquisa

A finalidade desta seção é explicitar os alicerces da pesquisa: a natureza dos dados analisados, as perspectivas de análise e as metas a que ela se destina. Para isso apresento, inicialmente, na subseção (1.3.1), a metodologia aplicada; e, a seguir, na subseção (1.3.2), os objetivos da pesquisa.

1.3.1. Metodologia

A exposição da metodologia empregada neste trabalho está disposta em duas subdivisões. A primeira (1.3.1.1) esclarece a natureza do "corpus" que serviu de base para análise descritiva da morfologia e da sintaxe; a segunda (1.3.1.2) explicita as perspectivas de análise que orientaram o trabalho.

1.3.1.1. Corpus

O *corpus* que serviu de base à análise dos fenômenos morfológicos e sintáticos da língua foi obtido mediante a transcrição fonética por registro de ouvido e a gravação *in loco* de palavras isoladas, frases e textos obtidos principalmente junto a falantes do Wapixana de duas malocas que se situam na região da Serra da Lua. Embora Farage (1997, p. 20-1) discorde do fato de que a distância geográfica das malocas mais afastadas da capital Boa Vista corresponda a uma equivalente distância sociológica; do ponto de vista lingüístico, há necessidade de se estabelecer uma diferença entre as malocas situadas próximo a Capital, onde predomina o emprego da língua da sociedade envolvente, o português, como meio de comunicação, e aquelas que distam desse centro, cujo uso da língua materna é mais efetivo, constituindo principal instrumento de comunicação entre os membros da comunidade.

Assim, em território brasileiro, as malocas da região da Serra da Lua que se situam mais distante da capital do Estado de Roraima são as que apresentam um maior grau de conservação da língua Wapixana, razão por que a maloca do Pium (correspondente ao número 18 no mapa da figura 2), que fica exatamente nessa localidade e bem próximo à fronteira, foi um dos pontos selecionados para o trabalho de campo que realizei entre os

anos de 1993 e 2003. Outro local escolhido para a coleta de dados foi a maloca de Malacacheta (correspondente ao número 14 no mapa da figura 2) que também se situa nessa região. Todavia, o motivo dessa escolha não foi a localização geográfica da maloca, uma vez que Malacacheta já sofreu bem maior influência da cultura não-indígena, pois se encontra a apenas 36 quilômetros da capital do Estado, Boa Vista, e, como foi mencionado acima, a tradição dos Wapixana é mais preservada nas malocas que ficam mais próximo à fronteira e mais distante dos centros urbanos brasileiros. Assim sendo, minha opção por Malacacheta se deu pelo fato de ser essa maloca o ponto de convergência dos Wapixana das três áreas, local onde mais regularmente se encontram para discussões referentes à sua língua, uma vez que há, por parte dos Wapixana, a consciência da necessidade de preservação da própria língua.

Todavia, embora meu trabalho de campo tenha sido mais intenso nessas duas malocas, Pium e Malacacheta, tive a oportunidade de obter informações sobre a língua Wapixana em outras comunidades. Algumas vezes as coletas eram feitas em visitas específicas para este fim, como em fevereiro de 1997, na maloca do Arraia (correspondente a número 16 no mapa da figura 2); em outubro de 2003, na maloca de Taba Lascada (correspondente ao número 13 no mapa da figura 2); e, em novembro de 2003, na maloca de Canauanim (correspondente ao número 12 no mapa da figura 2). Outras vezes, por ocasião de encontros para o estudo da língua Wapixana, em que prestei assessoria: em Malacacheta (setembro de 1995, agosto de 1996, maio de 1998); na maloca de Canauanim, correspondente ao número 12 no mapa da figura 2, (janeiro de 96, abril de 2000); na maloca do Jabuti, correspondente ao número 17 no mapa da figura 2, (abril de 1997); na maloca do Jacamin, correspondente ao número 23 no mapa da figura 2, (outubro de 1998); na maloca de Moscou, correspondente ao número 15 no mapa da figura 2, (abril de 1999); na maloca de Taba Lascada, correspondente ao número 13 no mapa da figura 2, (outubro de 1999). Assim, em acordo com a prática dos Wapixana, que gostam de discutir entre si antes de fornecer os dados sobre sua língua, o trabalho apresenta em alguma medida a opinião de vários pontos distintos da área da Serra da Lua.

Dentre os muitos Wapixana que contribuíram de alguma forma concedendo informações sobre sua língua, contei em trabalhos de coleta especialmente com os seguintes colaboradores: Wilson André da Silva Ribeiro (Malacacheta, Canauanim),

Odamir de Oliveira (Malacacheta), Elias Jaime da Silva (Malacacheta, Canauanim), José da Silva Belarmino (Pium), Joaquina da Silva Farias (Pium), Leonardo da Silva Alexandre (Pium), Oscar (Arraia), Casimiro Cadete (Canauanim), Maurício e Bernaldo (Canauanim), Simão de Oliveira (Jacamim), Nilzimara de Souza Silva (Malacacheta), Benjamim José Pinto (Pium).

1.3.1.2. Análise dos dados

Embora o estudo da morfologia e da sintaxe seja de natureza predominantemente descritiva e conseqüentemente empregue a análise indutiva do *corpus*, no que tange ao estudo da fonologia, específicas questões são tratadas à luz de modelos teóricos mais abstratos que permitem uma análise satisfatória para alguns fenômenos ainda não devidamente esclarecidos no estudo do Wapixana.

Assim, para o estudo dos processos fonológicos, tais como: assimilação (labialização, palatalização, nasalização, harmonia vocálica), apagamento e enfraquecimento, bastante produtivos na língua; para o estudo da sílaba, seus constituintes e restrições posicionais; e para o estudo do acento, adoto modelos não-lineares, especialmente nos termos de Clements (1985), Clements e Hume, (1993; 1995), Clements e Keyser (1983), Goldsmith (1990), Hayes (1995), dentre outros.

Quanto à análise morfológica, interessa analisar a estrutura interna e o comportamento funcional dos membros de cada classe de palavras. Especial atenção é dada ao estudo do nome e do verbo. A ênfase no estudo do nome justifica-se por serem as unidades dessa classe de palavras dotadas de uma estrutura complexa envolvendo farta quantidade de afixos flexionais (marcadores de posse, gênero, número, atributivo e classificadores) e de afixos derivacionais, incluindo entre estes, uma grande quantidade de termos de classe. A ênfase no estudo do verbo, por sua vez, é motivada pelo fato de ser o Wapixana uma língua polissintética, de forma que muitas de suas informações gramaticais são concentradas no núcleo verbal. No que diz respeito ao estudo da sintaxe, especial atenção é devotada à relação entre o predicado e seus argumentos no interior da frase simples. Considerando o estágio incipiente dos estudos acerca da morfologia e da sintaxe do Wapixana, a abordagem aqui empregada é de natureza descritiva e guia-se pelo modelo

tipológico-funcional, procurando, basicamente, identificar e caracterizar as categorias envolvidas. Dentro do modelo tipológico-funcional, não opto por uma corrente específica, mas a demanda do próprio assunto indica o suporte a ser empregado.

1.3.2. Objetivos

Esta tese tem como meta fundamental apresentar uma descrição de específicos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua indígena Wapixana (Aruák).

O estudo da fonologia visa a compreender como funcionam alguns específicos processos envolvidos no sistema de segmentos dessa língua, de forma a oferecer uma análise mais precisa que preencha certas lacunas deixadas por abordagens anteriores. Assim, procura identificar os processos fonológicos que nela atuam e como esses processos afetam os segmentos sonoros; tenta reconhecer os padrões básicos de sílaba e quais restrições fonotáticas nela atuam; intenta, também, verificar as regras que determinam seu padrão acentual.

O estudo da morfologia visa a identificar e caracterizar as categorias sintáticas (partes do discurso) dessa língua, considerando para isso suas propriedades morfossintáticas (estruturais e funcionais).

O estudo da sintaxe, finalmente, é voltado mais especificamente para a frase simples e objetiva principalmente analisar a valência verbal, quer dizer, identificar o número e tipo dos argumentos requeridos pelo predicado.

1.3.3. Organização

Esta tese é constituída de quatro capítulos, que se encontram ordenados da seguinte maneira:

O Capítulo 1. Introdução - apresenta aspectos socioculturais do povo Wapixana, informações gerais sobre sua língua e explicita o conjunto de procedimentos de pesquisa;

O capítulo 2. Fonologia - apresenta o quadro de fonemas, processos fonológicos, a estrutura da sílaba e o padrão acentual do Wapixana no domínio da palavra fonológica;

O capítulo 3. Morfologia - aborda classes de palavras (partes do discurso), visando, especialmente, identificar e caracterizar suas categorias constituintes, do ponto de vista de suas propriedades estruturais e funcionais;

Finalmente, o capítulo 4. Sintaxe – destina-se ao estudo da sentença wapixana, com destaque especial para a frase simples, particularmente, para o estudo da valência verbal, isto é, a análise do número e tipo de argumentos requeridos pelo predicado.

II FONOLOGIA

2.0. Introdução

O propósito principal deste capítulo é investigar, à luz da fonologia não-linear, certos processos específicos do sistema de segmentos da língua Wapixana, para os quais ainda persistem certas lacunas nas abordagens até agora apresentadas. Isso implica uma análise da estrutura interna dos segmentos que revele seus traços componentes relevantes e, também, como esses traços dos segmentos interagem entre si de forma a gerar variantes por meio dos chamados processos fonológicos. O estudo procura explicitar, ainda, a forma como essas unidades funcionais interagem entre si em unidades tais como a sílaba e a palavra fonológica, com o intuito de obter informações sobre a estrutura silábica e a distribuição acentual nessa língua. O capítulo obedece à seguinte ordem de exposição: na seção seguinte (2.1), apresento o inventário de fonemas da língua, à medida do possível motivado por pares mínimos, e teço comentários sobre suas variações fonéticas, considerando as contribuições anteriores (TRACY, 1972), (CADETE, 1990), (SANTOS, 1995) e (RAMIREZ, 2001). Em seguida, na seção (2.2), tomando como suporte a Fonologia Autossegmental, especialmente a Geometria de Traços nos termos de Clements (1985, 1989, 1990, 1991) e Clements e Hume (1993, 1995), o modelo do licenciamento prosódico (ITÔ, 1986) e (PIGGOTT, 1988), faço uma explanação acerca dos processos fonológicos que afetam a estrutura interna dos segmentos, os quais envolvem a assimilação (labialização, palatalização, harmonia vocálica, nasalização) e o devozeamento. Na seção (2.3), também seguindo modelos autossegmentais, a Teoria CV (CLEMENTS e KEYSER, 1983) e o licenciamento prosódico (ITÔ, 1986), elaboro uma análise da estrutura da sílaba, seus padrões silábicos e restrições de coocorrência de segmentos nessa unidade fonológica, assim como, teço considerações sobre a ressilabação nessa língua. Na seção (2.4), ainda com base na fonologia não-linear, em particular a Teoria Métrica nos termos de Hayes (1995), abordo o padrão acentual do Wapixana no domínio da palavra fonológica.

2.1. Inventário fonológico

Conforme os dados analisados, o inventário fonológico do Wapixana exibe um total de 25 segmentos, dos quais, 17 são consoantes, 4 são vogais breves e 4 são vogais longas.

2.1.1. Consoantes

Considerando a localização dos fonemas em conformidade com suas propriedades fonéticas, o inventário de fonemas consonantais pode ser apresentado como segue:

(1)		labial	alveolar	retroflexo	palatal	velar	glotal
plosivo	sur	p	t			k	ʔ
	son	b		ɖ		g	
africado	sur				tʃ		
fricativo	sur		s		ʃ		
	son			ʒ			
nasal	son	m	n		ɲ		
flepe	son			ɽ			
aprox.	son	w			j		

Em sua análise junto aos Wapixana que habitam a República Cooperativa da Guiana, Tracy (1972, p.78) constatou tão forte aspiração nos fonemas plosivos /p/, /t/, /k/ e no africado /tʃ/, que rotulou o grupo de aspirado. Esse fato não parece corresponder ao que ocorre atualmente no falar dos Wapixana que vivem no lado brasileiro. Em minha análise, esses quatro fonemas são produzidos sem qualquer traço relevante de aspiração, razão por que, no quadro acima, os três primeiros são classificados como plosivos e o último, como africado.

Outro aspecto em que o inventário aqui proposto diverge daquele apresentado por Tracy (ibid.) diz respeito ao grupo de segmentos /b/ /ɖ/, /z/ e /ʔ/, que são classificados por ela como glotalizados. Em conformidade com os dados por mim colhidos, não parece haver dúvida quanto à existência, também no falar dos Wapixana que vivem no território brasileiro, do fonema oclusivo ejetivo propriamente dito /ʔ/. Quanto aos sons [b] e [ɖ], a pronúncia dos falantes Wapixana do lado brasileiro já não parece apresentar, ao menos como propriedade relevante fonologicamente, o traço ejetivo, de forma que, no inventário

acima, eles são classificados, respectivamente, como plosivo bilabial e plosivo retroflexo. O fonema /z̥/, por seu turno, embora em início de palavra possa apresentar algum traço ejetivo, mais evidente aí parece ser a pré-vocalização, mas nenhum desses traços apresenta conseqüências para o sistema fonológico da língua, por isso, no quadro acima, ele é caracterizado como fricativo retroflexo. Esse fonema aparece na literatura também representado como aproximante retroflexo /ɻ/ (RAMIREZ, 2001, p. 525); suas propriedades fonéticas reúnem a retroflexidade do flape /ɾ/ e o ruído sibilante de um som fricativo. Minha opção por representá-lo como /z̥/ é de caráter prático, pois tanto a ortografia empregada na Guiana por Tracy (ibid., p. 84), quanto a empregada no Brasil (CADETE, 1990) utilizam o símbolo /z/ para caracterizar esse segmento e reservam /r/ para caracterizar o flepe. Quando em final de sílaba, /b/, /d/ e /z̥/ perdem o traço [+son], realizando-se como /p/, /t/ e /s̥/, respectivamente.

O plosivo velar sonoro é muito pouco produtivo; a rigor, encontrei-o em apenas três formas pronominais: /ũgaɾi/ ‘eu, me, meu’, /piɾaɾi/ ‘tu, te, teu’ e /paɾaɾi/ ‘ele(a) mesmo(a)(s)’. As palatais /ɲ/, /ʃ/, /tʃ/ e /j/ são aqui consideradas fonemas não por aparecerem em pares mínimos, mas pelo fato de que parecem constituir segmentos opacos para a regra de palatalização que será analisada adiante. Também é um fato fonológico que indica a existência das consoantes nasais, isto é, elas são responsáveis pela propagação do traço [nasal] no processo de nasalização. Abaixo, seguem alguns exemplos de pares mínimos para as consoantes:

(2)	a.	/p/	/paupan/	[paw ¹ pan]	‘plantando’
	b.	/w/	/pauwan/	[paw ¹ wan]	‘plantar’
(3)	a.	/b/	/baɾu/	[¹ baɾu]	‘machado’
	b.	/w/	/waɾu/	[¹ waɾu]	‘papagaio’
(4)	a.	/p/	/supaɾa/	[su ¹ paɾa]	‘facão’
	b.	/m/	/sumaɾa/	[su ¹ maɾa]	‘arco’
(5)	a.	/s/	/pisuman/	[pusū ¹ man]	‘teu tabaco’
	b.	/t/	/pituman/	[putu ¹ man]	‘tu fazes’
(6)	a.	/z̥/	/ʃazutan/	[ʃazu ¹ tã̃n]	‘rir’
	b.	/ʃ/	/ʃaʃutan/	[ʃaʃu ¹ tã̃n]	‘tirar o couro’

(7)	a.	/t/	/watu/	['watu]	‘urubu’
	b.	/ɾ/	/waɾu/	['waɾu]	‘papagaio’
(8)	a.	/s/	/misu/	['mis'u]	‘carapanã’
	b.	/ʃ/	/miʃu/	['miʃu]	‘verdade’
(9)	a.	/t/	/it/	[it]	‘para’
	b.	/d/	/id/	[it]	‘por meio de’
	c.	/k/	/ik/	[ik]	‘de’

2.1.2. Vogais

O sistema vocálico do Wapixana é composto de quatro vogais breves e quatro vogais longas correspondentes. Considerando a localização dos fonemas em conformidade com suas propriedades fonéticas, o inventário de fonemas vocálicos dessa língua pode ser apresentado como segue:

(10)	anterior	central	posterior
alto	i, i:	i, i:	u, u:
baixo		a, a:	

Os exemplos a seguir ilustram pares mínimos para os fonemas vocálicos:

(11)	a.	/a/	/dɨnaj/	[dɨ'naj]	‘carne’
	b.	/i/	/dɨnij/	[dɨ'niɨ]	‘leite’
(12)	a.	/a/	/at/	[at]	‘para, a (dativo)’
	b.	/i/	/it/	[it]	‘para (alativo)’
(13)	a.	/i/	/piɖaɾi/	[pi'ɖaɾi]	‘teu pai’
	b.	/u/	/piɖaɾu/	[pi'ɖaɾu]	‘tua mãe’
(14)	a.	/i:/	/i:/	[i:]	‘em’
	b.	/i:/	/i:/	[i:]	‘nome’
	c.	/u:/	/u:/	[u:]	‘sim’

Sobre o status das vogais quanto o traço nasal, veja-se a secção (2.2.1.5). Quanto às vogais longas, embora não haja registro de par mínimo cuja distinção seja atribuída à quantidade vocálica, elas são aqui consideradas fonemas, uma vez que parecem estar relacionadas à atribuição do acento, conforme investigo na secção (2.4), adiante.

Finalmente, as seguintes seqüências de elementos vocálicos tautossilábicos constituem ditongos⁹: /ai, ai, au, , ii, iu, iu e ui/, como se pode observar nos exemplos em (12-15):

(15)	a.	/ai/	/bai/	[baj]	‘pato’
			/ipai/	[i'p ^j ej]	‘todo; tudo’
	b.	/ai/	/kabain/	[ka'bãin]	‘casa’
	c.	/au/	/auna/	[aw ¹ na:]	‘não’
(16)	a.	/ii/	/kiiii/	[ki'nij]	‘canção’
		b.	/iu/	/djiu/	[djiw]
(17)		/iu/	/idjiu/	[i'djiw]	‘rabo’
			/kaʔiʔjiu/	[kaʔiʔjiw]	‘dedo da mão’
(18)		/ui/	/kuɖui/	[kuɖuj]	‘anta’
			/ɖunui/	[ɖũ ¹ nuj]	‘cidade’

Como demonstram os exemplos (15-18) o Wapixana parece exibir apenas ditongos decrescentes, ou “offglide” (KENSTOWICZ, 1993, p. 46), isto é, ditongos em que um glide, ou elemento vocálico [+ alto], segue o núcleo vocálico. Seqüências tautossilábicas constituídas de glides-vogais (/wV/ e /jV/) não estão sendo analisadas como ditongo, uma vez que nos dados analisados a língua não apresenta seqüências tautossilábicas do tipo CwV , CjV e esses glides comportam-se sempre como consoantes em posição inicial de palavra.

2.2. Processos fonológicos que afetam segmentos¹⁰

⁹ Ladefoged (1993, p. 30) define ditongo como “movements from one vowel to another within a single syllable”.

Feitas essas considerações sobre o quadro de fonemas, passo à abordagem de alguns relevantes processos fonológicos do Wapixana que afetam a constituição interna dos segmentos. Segundo Schane (1975, p. 75), processos fonológicos são modificações que os segmentos componentes dos morfemas sofrem em função da ambiência em que se situam. Tais modificações podem ter causas diversas, tais como: a justaposição de morfemas, a posição acentual ou contextual onde se encontra um segmento. Dentre os vários tipos de processos fonológicos existentes, analiso aqui alguns que se manifestam de forma marcante na língua Wapixana e afetam os valores dos traços constituintes dos segmentos, quais sejam: a *assimilação*, processo pelo qual os segmentos tornam-se mais semelhantes e *devozeamento*, fenômeno pelo qual o som é articulado com menos energia sonora, resultando, normalmente, na perda do traço [+ son] por parte do segmento. Outros processos fonológicos tais como: *síncope*, de que decorre o apagamento vocálico no interior da palavra, e *epêntese*, que é derivada da inserção de um determinado segmento em uma elocução, serão tratados nas subseções (2.3.1.2.1) e (2.3.1.2.2), respectivamente, pois estão vinculados à reestruturação silábica. Os processos de *apócope* (*apagamento vocálico final*), processo que determina a supressão de segmento, e *alongamento iâmbico*, por meio do qual uma vogal breve se torna longa, serão abordados nas subseções (2.4.1.) e (2.4.2), respectivamente, uma vez que tais processos parecem fortemente relacionados à posição do acento em Wapixana.

Considerando que os processos a serem estudados envolvem a organização interna dos sons e a propagação de seus traços, o modelo teórico aqui empregado leva em conta a idéia de geometria de traços e constitui uma vertente da *Fonologia Autossegmental*. A proposta da geometria de traços caracteriza-se, essencialmente, por tratar a fala, não como uma seqüência linear de segmentos constituídos de traços na qual a cada conjunto de traços corresponde apenas um segmento e vice-versa, mas, sobretudo, por considerar que os traços constituintes de cada segmento sonoro obedecem a uma estrutura hierárquica interna.

Dentre os modelos que oferecem uma abordagem calcada na geometria de traços, emprego aqui um que se baseia na constrição, *The Geometry of Phonological Features*

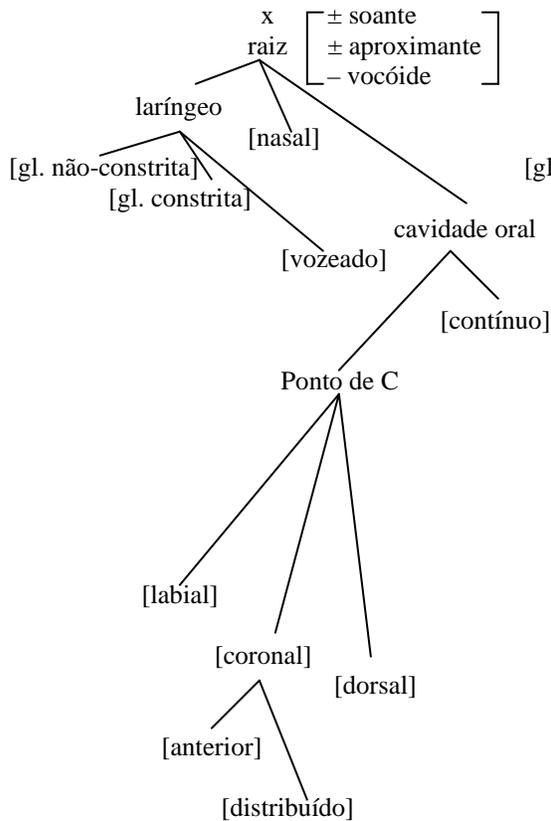
¹⁰ Sou muito grato à professora Filomena Sandalo pela leitura atenta deste capítulo e pelas várias e valiosas sugestões que me deu. É certo, porém, que toda e qualquer falha é de minha inteira responsabilidade.

(GT)¹¹, especialmente nos termos de Clements (1985, 1989, 1990, 1991) e Clements e Hume (1993, 1995). Sem considerações acerca dos postulados teóricos que fundamentam os modelos que lidam com a geometria de traços, minha opção por esse modelo leva em conta a importância de adequação de uma abordagem teórica aos critérios de avaliação. Assim, do ponto de vista do critério de simplicidade, o modelo de Clements e Hume parece adequar-se mais satisfatoriamente às especificidades da língua em análise, embora outros modelos que têm por base o articulador, tais como Revised Articulator Theory (RAT), proposto por Halle, Vaux & Wolfe (2000), Halle (1995), ou The Representation of Features and Relations in Nonlinear Phonology (SAGEY, 1986) também pudessem ser empregados em um trabalho dessa natureza.

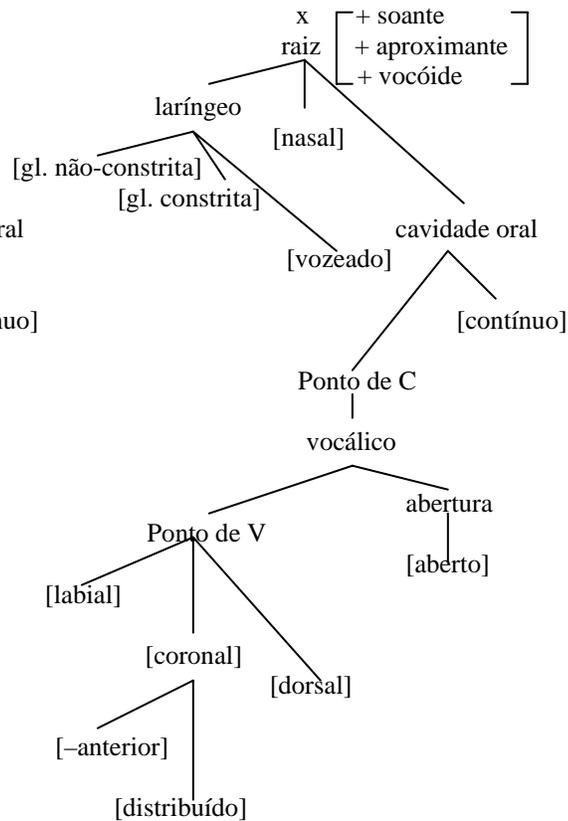
A teoria Geometria de Traços, proposta inicialmente por Clements (1985), representa um som da fala humana como uma estrutura ramificada que, em conformidade com a versão mais atualizada do modelo, pode apresentar as seguintes configurações para consoantes e vogais (CLEMENTS e HUME, 1995, p. 292):

¹¹ De *Geometria de Traços*.

(19) a. Consoantes

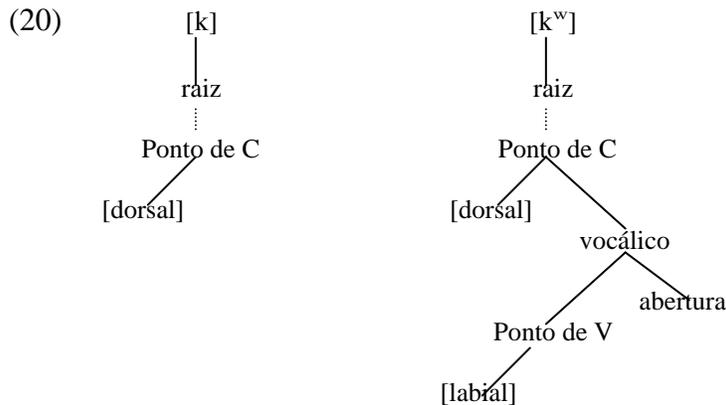


b. Vogais

**estruturas de consoantes e vogais (CLEMETS & HUME)**

Nos diagramas acima, os elementos terminais são *traços constituintes dos segmentos* e aparecem em linhas separadas, sugerindo que pertencem a camadas distintas, como requer um modelo autossegmental. Todos os nós emanam de um nó *raiz*, constituído dos traços [soante], [aproximante] e [vocóide] que, em ação conjunta, definem as classes maiores de sonoridade: obstruente, nasal, líquida e vocóide. Entre esse nó raiz e os traços, encontram-se nós intermediários – *nós de classe* – que representam as *classes naturais*, isto é, conjuntos de traços que funcionam como unidade em processos fonológicos nas línguas naturais. Para explicitar o caráter natural dessas regras fonológicas, o modelo assumiu um princípio, segundo o qual, naturais são as regras que se aplicam a um único traço ou a um nó de classe, de forma que regras fonológicas sejam executadas por apenas uma operação (CLEMETS & HUME, 1995 p. 292). Finalmente, no topo da árvore, *x* representa a camada esquelética ou camada de tempo.

Um aspecto saliente do modelo com base na constrição repousa no fato de ele exibir uma representação que expressa a diferença entre articulação primária e articulação secundária de segmentos consonantais complexos de forma bem explícita, no interior da própria árvore de traços. Assim, nesse modelo, a representação de articulações primárias situa-se sob o nó *ponto de C* (ponto de articulação de consoante), enquanto as articulações secundárias são representadas sob o nó *vocálico* que, por sua vez, encontra-se sob o nó ponto de C, como está ilustrado na representação parcial abaixo:



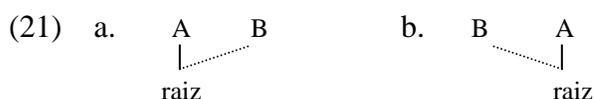
representação das articulações primária e secundária (CLEMETS & HUME)

Como se pode observar em (20), o traço [dorsal] que caracteriza a articulação primária do segmento [k] é associado diretamente ao ponto de C; enquanto o traço [labial] indicador da articulação secundária (labialização) dessa consoante encontra-se sob o ponto de V, o qual está sob o ponto vocálico que, por sua vez, é associado ao ponto de C.

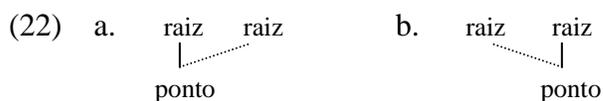
Outro aspecto observável nas representações acima está relacionado ao fato de que, por dar ênfase ao parâmetro constrição dos sons produzidos no trato oral, os autores consideram um mesmo conjunto de traços articulatorios para especificar tanto consoantes como vogais: [labial], [coronal] e [dorsal]. Isso é especialmente relevante para este trabalho no que diz respeito à aproximação de vogais anteriores e consoantes coronais que passam a formar uma classe natural, passível de envolvimento em processos fonológicos (CLEMETS & HUME, 1995, p. 275-7).

Ainda com relação aos processos fonológicos, interessa aqui, especialmente, analisar como o modelo caracteriza o processo de assimilação. Em consonância com a

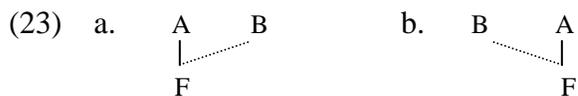
perspectiva autossegmental, conforme Clements e Hume (1995, p. 258), uma regra de assimilação é caracterizada não como uma cópia de traços, como propunha a Fonologia Gerativa Padrão (CHOMSKY & HALLE, 1968), mas como a associação, propagação (ou espalhamento) de um traço ou nó de um segmento engatilhador a um segmento alvo e o conseqüente desligamento do valor de traço original do segmento alvo, se para o traço propagado ele já for especificado. A assimilação pode ser total, quando se espalha o nó da raiz, nesse caso, o segmento alvo adquire todos os traços do segmento engatilhador; parcial, quando se espalha um nó de classe de nível mais baixo, nesse caso, o segmento alvo adquire alguns, mas não todos os traços do segmento engatilhador; por fim, assimilação de um único traço, em que apenas um traço é espalhado do segmento engatilhador para o segmento alvo. Esses três tipos de assimilação são representados abaixo:



assimilação total (CLEMENTS & HUME)



assimilação parcial (CLEMENTS & HUME)



assimilação de traço (CLEMENTS & HUME)

Em (21), a assimilação é total, uma vez que o nó *raiz*, que representa o segmento como um todo, é propagado do segmento A para o segmento B; em (22), a assimilação é parcial, pois apenas o nó de classe *ponto* está sendo propagado do segmento engatilhador ao segmento alvo, logo, este adquire apenas os traços referentes ao ponto de articulação daquele, mas não outros tipos de traço; finalmente, em (23), a assimilação é de um único traço, de forma que o segmento A propaga apenas o traço F para o segmento B. Nessas representações de

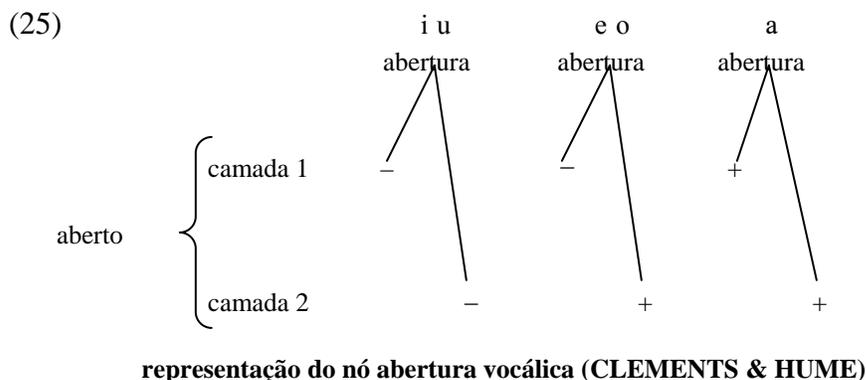
(21-23), as linhas pontilhadas representam a propagação do nó ou traço do segmento engatilhador ao segmento alvo e, como se pode observar, a assimilação pode ser progressiva, quando o espalhamento é para a direita, como em (21a), (22a) e (23a), ou regressiva, quando o espalhamento é para a esquerda, como em (21b), (22b) e (23b). Outro aspecto que se pode notar nessas representações é que, como mencionado acima, em acordo com a GT, a regra de assimilação consiste de apenas uma operação, porquanto não é permitido o espalhamento parcial de dois ou mais traços agrupados sob um mesmo nó.

Também, conforme os autores (*ibid.*, p. 266), as regras de assimilação não podem cruzar segmentos opacos, isto é, segmentos já caracterizados pelo nó ou traço que está sendo espalhado, de forma que esse processo é controlado pela Condição de Não-Cruzamento de Linha de Associação (GOLDSMITH, 1976), que é apresentado em (24) abaixo:

(24) Condição de Não-Cruzamento de Linha de Associação

As linhas de associação não podem cruzar.

Finalmente, outra característica das representações em (19), de particular interesse para este estudo, relaciona-se ao *nó abertura* que expressa os diversos graus de altura das vogais; esse nó, que é dominado pelo *nó vocálico*, é privativo desse tipo de segmento. Clements (1989, p. 21) propôs para caracterizar a altura das vogais um único traço: [aberto], de forma que a distinção de altura básica, nesse sistema, é obtida mediante a especificação das vogais de altura máxima como [-aberto] e das vogais de altura mínima como [+aberto], como está explicitado em (25) abaixo. Assim, a partir dessas duas alturas básicas, são estabelecidas subdivisões, tornando-se possível registrar níveis intermediários de altura (três, quatro ou mais) em acordo com cada sistema lingüístico particular.



Feitas essas observações sobre o modelo teórico a ser empregado no trabalho, passo à aplicação desses construtos teóricos aos processos fonológicos que afetam os traços constituintes dos segmentos em Wapixana. Na subseção (2.2.1), a seguir, investigo os processos de assimilação e, depois, em (2.2.2), analiso o processo devozeamento.

2.2.1. Assimilação

Dos três tipos de assimilação registrados por Clements, *total*, *parcial* e *assimilação de um único traço*, apenas esse último tipo parece estar presente nos cinco processos de assimilação que ocorrem em Wapixana a serem investigados na seguinte ordem de exposição: (2.2.1.1) *labialização*, (2.2.1.2) *palatalização*, (2.2.1.3) *harmonia vocálica (assimilação progressiva)*, (2.2.1.4) *harmonia vocálica (assimilação regressiva)* e (2.2.1.5) *nasalização*.

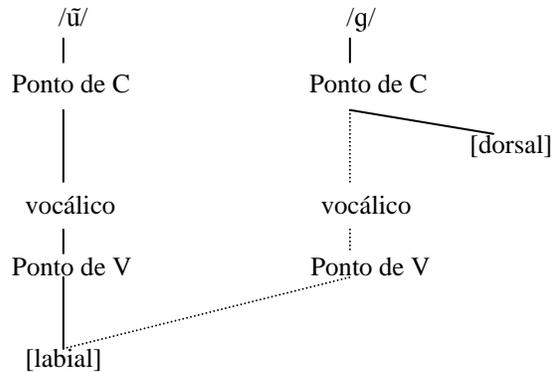
2.2.1.1. Labialização

A consoante /g/, como foi observado por Tracy (1972, p. 79), na pronúncia de alguns falantes, quando imediatamente precedida por /u/, torna-se labializada. Tal fato é verdadeiro, embora pouco produtivo, uma vez que essa consoante foi registrada nesse contexto em apenas uma palavra ilustrada em (26) abaixo:

(26) /ũgaɾi/ [ũ^lg^waɾi] ‘eu, me, mim, meu, minha’

Processos dessa natureza, à luz da Geometria de Traços, podem ser expressos como o espalhamento do traço [labial] do nó do ponto da vogal (doravante *ponto de V*) para o nó do ponto da consoante (doravante *ponto de C*), estabelecendo-se assim uma assimilação parcial, como mostra de forma resumida a representação abaixo:

(27) /g/ → [g^w]



labialização de /g/ em Wapixana

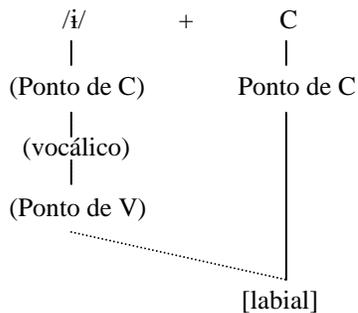
Em acordo com Clements e Hume (1995, p. 294), em representações desse tipo, a linha pontilhada que representa o espalhamento do traço, [labial] em (27), deve partir do ponto de V da vogal e ter como destino o ponto de V da consoante, quer dizer, são interpostos dois novos nós - ponto de V e vocálico - na consoante, como forma de representar que o espalhamento do traço [labial] está dando origem a uma articulação secundária, não a uma articulação primária. Assim, fica representado que o segmento complexo resultante é uma dorsal labializada, já que o traço [dorsal] situa-se sob ponto de C, indicando articulação primária; enquanto o traço [labial] encontra-se sob o ponto de V, caracterizando a articulação secundária.

Outro caso de labialização mencionado por Tracy (1972, p. 82) diz respeito ao prefixo de segunda pessoa do singular *pi* 'tu, te, você, teu' que, quando precede radical iniciado por consoante labial ou cuja primeira vogal seja /u/, realiza-se como [pu-], como está ilustrado em (28) a seguir:

- (28) a. /p̣ɪbajɾi/ [pu'bajɾi] ‘tua flecha’
 b. /p̣ɪmakun/ [p̣ũma'kũn] ‘tu vais, você vai’
 c. /p̣ɪtum/ [pu'tũm] ‘faça’

Exemplos como os de (28) acima ilustram, na realidade, dois casos distintos. Em conformidade com a GT, o primeiro deles, aquele cujo gatilho do processo é a consoante labial que inicia o radical, pode ser representado como um espalhamento, em direção à esquerda, do traço [labial] do nó ponto de C da consoante para o nó ponto de V da vogal, o que determina mais uma situação de assimilação parcial, como em (29) abaixo¹²:

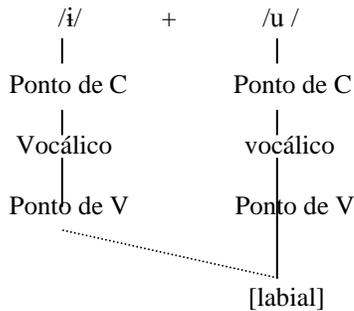
(29) /p̣ɪ-/ → [pu-]



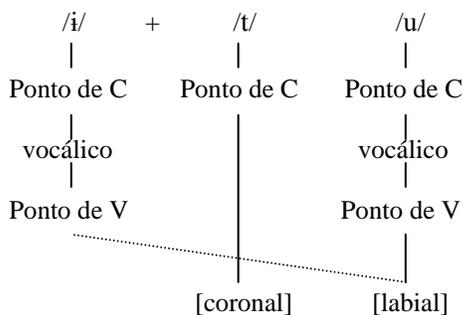
labialização de /i/ de p̣ɪ por C inicial de radical

No segundo caso, aquele cujo gatilho do processo de labialização é a primeira vogal do radical, também temos dois fatos distintos. Se a vogal vier no início do radical, o processo é simples, pode ser tratado como espalhamento do traço [labial] do ponto de V da vogal engatilhadora para o ponto de V da vogal alvo, como está representado resumidamente em (30):

¹² “+” caracteriza fronteira entre o prefixo e o radical.

(30) /pⁱ-/ → [pu-]**labialização de /i/ de pⁱ por /u/ inicial de radical**

Se, entretanto, a primeira vogal do radical vier precedida de uma consoante, é possível que se suponha como mal formada a representação que envolva o espalhamento, isso porque pode-se argumentar que tal construção fere a Condição de Não-Cruzamento de Linha de Associação (NCC), segundo a qual "a associação de dois elementos de uma *camada j* para dois elementos de uma *camada k* não podem cruzar" e, em uma elocução como [pu'tũm] "faça", por exemplo, há a consoante [t] que aparentemente bloqueia o espalhamento entre as vogais, como se pode ver na representação seguinte:

(31) /pⁱ-/ → [pu-]**labialização de /i/ de pⁱ por /u/ primeira vogal de radical**

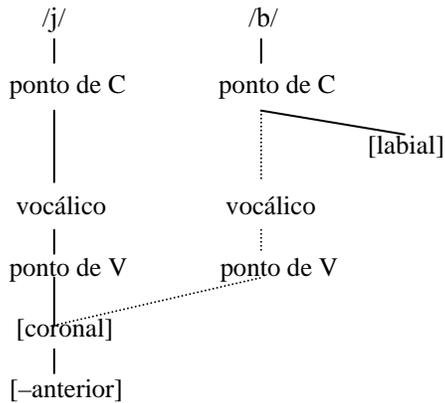
Todavia, como argumentam Clements (1993, p. 57), Clements & Hume (1995, p. 297), não ocorre a violação de NCC, desde que os nós mais altos não são da mesma camada, o nó mais alto de que parte a linha da vogal é o ponto de V e o nó mais alto de que parte a linha da consoante é o ponto de C. Portanto, deve-se dar como bem formada a estrutura de (31).

2.2.1.2 Palatalização

Excetuando-se as palatais, as demais consoantes imediatamente seguintes a /i/, nasalizado ou não, na mesma palavra, são palatalizadas. A exclusão dos segmentos palatais desse processo é explicada pelo fato de serem, esses segmentos, opacos em relação à regra de harmonia vocálica (que propaga o traço [coronal]), a ser analisada na seção (2.2.1.3) adiante. Em (32), a seguir, são fornecidos exemplos do processo de palatalização, nos quais, as consoantes palatalizadas encontram-se em negrito:

(32)	a.	/aibaɾu/	[aj' b ^j ɛɾu]	‘pálido’
	b.	/aipan/	[aj' p ^j ɛ̃n]	‘precisando’
	c.	/aɾimaɾaka/	[aɾi' m ^j ɛɾaka]	‘cachorro’
	d.	/aiwakaʔan/	[aj' w ^j ɛka'ʔã̃n]	‘noite’
	e.	/aitan/	[aj' t ^j ɛ̃n]	‘contar, ler’
	f.	/idiwaʔi/	[iɖ' i ^j wɛʔi]	‘dele’
	g.	/isumaɾan/	[i's ^j ũma'ɾã̃n]	‘arco dele(a)s’
	h.	/izakapan/	[i'z ^j ɛka'pã̃n]	‘roça dele(a)s’
	i.	/ɾiɾan/	[^ʔ ɾi' ɾ ^j ɛ̃n]	‘murchar’
	j.	/ɾinai/	[ɾi' n ^j ɛj]	‘doença’
	k.	/tʃikaɾibai/	[tʃik' k ^j ɛɾi'b ^j ɛj]	‘sabão’

Esse processo consiste em uma assimilação que tem como gatilho a vogal /i/, como alvo a consoante seguinte e resulta em um segmento complexo, a consoante palatalizada. De acordo com a GT, esse fato pode ser representado como a propagação do traço [coronal] da vogal frontal /i/ para a direita sobre a consoante que a segue, como demonstra resumidamente o diagrama arbóreo de (33) a seguir, em relação à palatalização de /b/ do exemplo de (32a) [aj'**b**^jɛɾu] ‘pálido’:

(33) $C \rightarrow C^j$ **palatalização em Wapixana**

Tal como no caso do processo de labialização acima descrito, a linha pontilhada que representa a propagação do traço [coronal] em (33) deve partir do ponto de V da vogal e ter como destino o ponto de V da consoante, quer dizer, são interpolados dois novos nós - ponto de V e vocálico - na consoante, como forma de representar que o espalhamento do traço [coronal] está dando origem a uma articulação secundária, não a uma articulação primária. Assim, fica representado que o segmento complexo resultante é uma labial palatalizada, já que o traço [labial] situa-se sob ponto de C, indicando articulação primária; enquanto que o traço [coronal] encontra-se sob o ponto de V, caracterizando a articulação secundária.

2.2.1.3. Harmonia vocálica (assimilação progressiva)¹³

Tracy (1972, p. 75) observou que, quando o vogal /a/ ocorre imediatamente após uma consoante precedida de /i/ (quer dizer, consoante palatalizada pelo processo anteriormente descrito), realiza-se como [ɛ]. Regularmente isso ocorre de fato, como podemos verificar no exemplo abaixo:

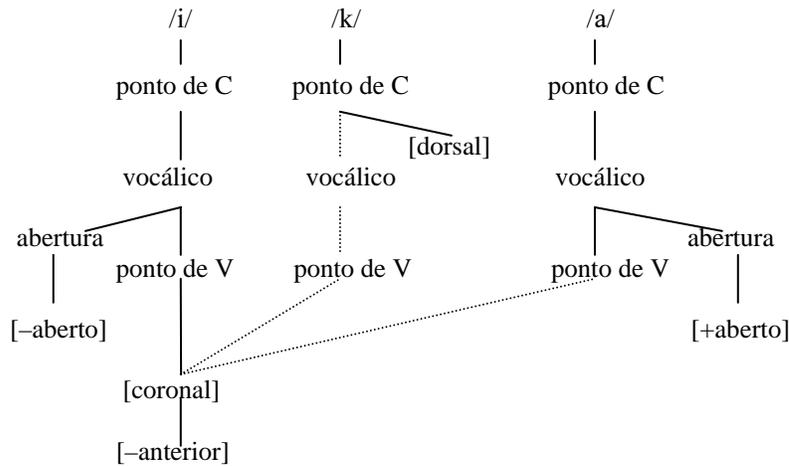
¹³ Os processos de harmonia vocálica aqui descritos podem ser classificados também como assimilação contígua ou de contato, se for considerada a adjacência entre os sons envolvidos (CRYSTAL, 1988, p. 33).

- (34) a. /kanaw/ [kã'naw] 'canoa'
 b. /i/ [ĩ-] 'dele(a)s'
 c. /ikanawan/ [ĩk^jẽna'wã] 'canoa dele(a)s'

Em (34) fica evidente que, na expressão [ĩk^jẽnawã] 'canoa dele(a)s' de (34c), [k^j] corresponde à realização palatalizada da consoante [k] da palavra [kãnaw] 'canoa' de (34a), em acordo com a regra de palatalização descrita acima em (33). Também se pode perceber que o segmento [ẽ] corresponde à realização fonética do fonema /a/ inicial da palavra [kãnaw] 'canoa', portanto, (34) confirma que a vogal /a/ realiza-se como /ɛ/ no ambiente acima descrito. Outros exemplos ilustram esse fato em (35) a seguir:

- (35) a. /ũʃimak/ [ũʃĩ^mɛk] 'minha rede'
 b. /aiwakaʔan/ [ajw^jɛka'ʔã] 'noite'
 c. /aibaɾu/ [aj^bɛɾu] 'pálido'
 d. /aɾadipan/ [aɾadĩ^pɛn] 'esquentar-se'
 e. /izakapan/ [iz^jɛka'pã] 'roça dele(a)s'

Esse processo de assimilação, portanto, constitui um caso de harmonia vocálica progressiva que tem como gatilho a vogal /i/; como alvo, a vogal /a/ que segue a consoante palatalizada; e resulta em uma alternância, com /a/ superficializando-se como [ɛ]. Utilizando a Geometria de Traços, podemos interpretar esse fenômeno da alternância /a/ → [ɛ] como decorrência da propagação do traço terminal [coronal] da vogal /i/, à esquerda, para a vogal /a/, à direita. Tomando o exemplo de (34c) [ĩk^jẽnawã] 'canoa dele(a)s', isso pode ser formalizado resumidamente como em (36) abaixo, onde, em conformidade com a regra de palatalização de (33), o traço [coronal] de /i/ também se propaga sobre a consoante interveniente:

(36) $a \rightarrow \epsilon$ 

harmonia vocálica: assimilação progressiva por /a/

Considerando que a discussão acerca da palatalização da consoante interveniente em (36) já foi realizada por ocasião da representação desse processo em (33), importa agora apreciar o caso da harmonia vocálica que resulta na alternância $/a/ \rightarrow [\epsilon]$. Assim, em (36), o espalhamento do traço [coronal] da vogal /i/ para a vogal /a/ é representado pela linha pontilhada que associa esse traço da primeira ao ponto de V da segunda, resultando na alternância $/a/ \rightarrow [\epsilon]$.

É importante observar que /a/ não contrasta com relação a traços que envolvam anterioridade e, além disso, é a vogal epentética¹⁴ da língua Wapixana, como se tornará mais claro nas seções (2.2.1.4) e (2.3.1.2.2) adiante. Esses dois fatos indicam que a GT prevê satisfatoriamente a razão pela qual apenas essa vogal é envolvida na assimilação do traço [coronal] dessa regra de assimilação progressiva.

Como foi afirmado anteriormente (em 2.2.1.2), as consoantes palatais não são alvo do processo de palatalização representado em (33) e, como consequência, se uma dessas consoantes intervêm entre o gatilho e o alvo da regra de harmonia descrita em (33), o

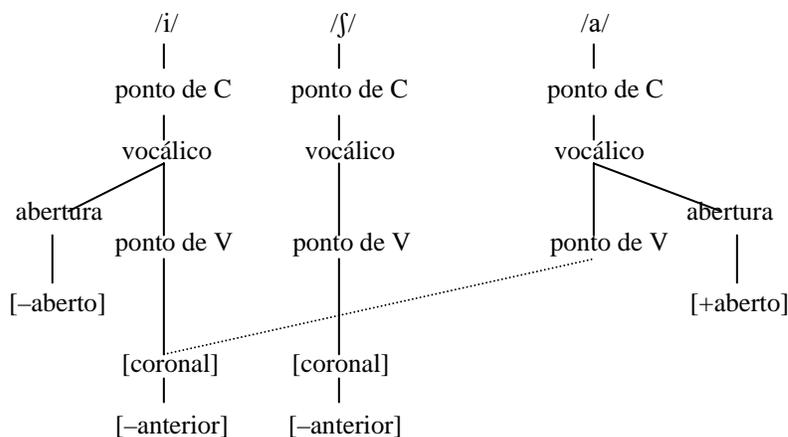
¹⁴ Tradicionalmente as vogais epentéticas são as menos marcadas nas línguas, de forma que, do ponto de vista da teoria da subespecificação (ARCHANGELI, 1984, p. 58) é natural considerá-las como não especificadas em relação ao ponto na estrutura fonológica.

processo assimilatório /a/ → [ɛ] não ocorre, como se pode observar nos exemplos de (37) a seguir:

(37) a.	/iʃaʒaɾi/	[iʃa'ʒaɾi]	‘jararaca’
b.	/kiʃap/	[ki'ʃap]	‘axila’
c.	/aitʃaki/	[aj'tʃaki]	‘lição’
d.	/witʃaɾu/	[wi'tʃaɾu]	‘sagüi’
e.	/imiɲaɾi/	[ĩmĩ'ɲaɾi]	‘caimbé’
f.	/kiɲaɾid/	[kĩɲa'ɾit]	‘algodão’

Esse fato é adequadamente tratado pela GT, se for considerado que essas consoantes são especificadas para o traço [coronal], que é o traço envolvido no espalhamento e, em função disso, o processo de harmonia vocálica progressiva é bloqueado pela proibição de cruzamento de linhas, já que esses segmentos são considerados opacos. Tomando o exemplo de (37a), isso pode ser representado, em conformidade com o modelo, como em (38) abaixo:

(38) *a → ɛ



proibição do cruzamento de linhas em Wapixana

Em (38), a proibição do espalhamento do traço [coronal] da vogal /i/ engatilhadora para a vogal /a/ alvo da regra de harmonia vocálica é representada pelo encontro da linha

pontilhada que caracteriza esse espalhamento com a linha que associa o ponto de V da consoante /ʃ/ ao traço [coronal] por ele dominado.

2.2.1.4. Harmonia vocálica (assimilação regressiva)

Em adição ao processo de harmonia vocálica progressiva que determina a superficialização de /a/ como [ɛ], parece haver, ainda, um outro processo de harmonia vocálica (regressiva) que resulta na realização de /a/ como [e]. Este processo fonológico não foi registrado por Tracy (1972), mas parece evidente em palavras como aquelas relacionadas em (39) abaixo:

(39) a.	/ipai/	[i'p ^j e ^j]	‘todo, tudo’
b.	/ipaian/	[ip ^j e ^j ã ⁿ]	‘acabar’
c.	/saɾibaj/	[saɾi'b ^j e ^j]	‘lápiz’
d.	/kaʔidjɲkizaj/	[kaʔidjɲk ^j i'z ^j e ^j]	‘trabalho’
e.	/ɾinai/	[^ɹ ɾi'n ^j e ^j]	‘doença’
f.	/tʃikaɾibai/	[tʃik ^j ɛɾi'b ^j e ^j]	‘sabão’
g.	/tʃikajnan/	[tʃik ^j e ^j ɲã ⁿ]	‘lavar-se’

Como se pode observar em (39), o segmento [e] ocorre sempre posterior a consoantes precedidas de /i/ nasalizado ou não, portanto são consoantes que requerem o processo de palatalização descrito em (33), porém com a diferença de ser, este [e], sempre seguido por [j] na posição coda. É plausível, então, imaginar que [e] seja uma outra forma de atualização de [a], haja vista que [e] ocorre exclusivamente nesse contexto, entretanto, para isso é necessário procurar alguma constatação empírica.

Um fato que parece apontar para esse caminho advém da expressão de posse em Wapixana. Essa língua, como a maioria das línguas Aruák, estabelece a diferença entre nomes alienáveis e nomes inalienáveis. Os nomes alienáveis, tais como: arco, canoa, etc, caracterizam-se, regularmente, por não apresentar qualquer marca quando não-possuídos e

apresentar um sufixo, na maioria das vezes *-n*, quando figuram em construções de posse, como se pode ver nos exemplos de (40)-(42) abaixo. Os nomes inalienáveis, tais como: braço, nariz, cotovelo, flecha, etc, em sua maioria, especialmente aqueles que designam partes do corpo ou objetos a ele relacionados, caracterizam-se por, normalmente, apresentar um sufixo, quando se encontram em construções não-possessivas, e não apresentar essa marca quando em construções de posse. Conforme Payne (1991, p. 379), a reconstrução do Proto-Maipuran (Arawakan) sugere que a forma *-čĩ* seja a mais plausível para esse sufixo (chamado por ele de absoluto) dos nomes inalienáveis em construções não-possessivas nas línguas Aruák. Na atualidade em Wapixana, entretanto, esse sufixo parece corresponder à aproximante ou glide palatal /j/, como está ilustrado em (43)-(45):

- | | | | | |
|------|----|---|--------------|--------------|
| (40) | a. | /sumaɾa/
arco | [sũ'maɾa] | ‘arco’ |
| | b. | /i-sumaɾ-a-n/
3M-arco-EP- POSS | [isũma'ɾã̃n] | ‘arco dele’ |
| (41) | a. | /kanaw/
canoa | [kã'naw] | ‘canoa’ |
| | b. | /i-kanaw-a-n/
3M-canoa-EP- POSS | [ikãna'wã̃n] | ‘canoa dele’ |
| (42) | a. | /maɾij/
faca | [ma'ɾij] | ‘faca’ |
| | b. | /i-maɾij-a-n/
3M-faca-EP- POSS | [imaɾi'jã̃n] | ‘faca dele’ |
| (43) | a. | /ɖĩnu-j/
barba- NPOSS | [ɖi'nʲuj] | ‘barba’ |
| | b. | /i-ɖĩnu/
3M-barba | [i'ɖĩnʲu] | ‘barba dele’ |
| (44) | a. | /ɖaku-j/
boca- NPOSS | [ɖa'kuj] | ‘boca’ |
| | b. | /i-ɖaku/
3M-boca | [i'ɖaku] | ‘boca dele’ |

- (45) a. /baiɽi-j/ [baj'ɽij] 'flecha'
 flecha-NPOSS
- b. /i-baiɽi/ [i'bajɽi] 'flecha dele'
 3M-flecha

Considerando que uma análise mais detalhada da expressão de posse em Wapixana será oferecida em (3.1.1.1) adiante e que o foco nesta seção é a constatação empírica da variante [e] do fonema /a/, restrinjo minhas considerações aqui aos exemplos dos nomes inalienáveis, que são relevantes para esse tema. Como se pode constatar, os exemplos de (43)-(45) acima envolvem nomes cujos radicais terminam em vogais, de forma que o morfema -j que caracteriza o nome como não-possuído (ou inalienável) é diretamente adicionado à base nominal. No caso de nomes inalienáveis cujo radical termine em consoante, a adjunção direta do morfema de não-possuído à base nominal resultaria no encontro de duas consoantes, já que esse morfema é constituído unicamente da aproximante ou glide palatal /j/. Como isso não é permitido pelo sistema da língua, torna-se necessária a regra de epêntese, através da qual, segundo Tracy (1972, p. 83), para evitar seqüência de consoantes em função da afixação de vários elementos sufixais que são constituídos de uma única consoante, ou se tornam plenas vogais da base anteriormente enfraquecidas por serem finais, ou se insere a vogal /a/ entre base e afixo e entre seqüências de afixos. Neste trabalho, entretanto, vogais da base não estão sendo consideradas como epentéticas, mas a vogal /a/ realmente ocorre com essa função, como demonstram os exemplos, abaixo:

- (46) a. /anub-a-j/ [ãnu'baj] 'braço'
 braço-EP-NPOSS
- b. /ũgaɽi anub/ [ũ'gaɽi # ã'nup] 'meu braço'
 1 braço
- (47) a. /ninub-a-j/ [nĩnu'baj] 'língua'
 língua-EP-NPOSS
- b. /ũgaɽi ninub/ [ũ'gaɽi # nĩ'nup] 'minha língua'
 1 língua

Nas construções acima, portanto, há a inserção da vogal epentética *default -a* entre as bases nominais *anub-* ‘braço’ em (46) e *ninub-* ‘língua’ em (47), para evitar a seqüência formada pelo encontro da consoante do radical nominal e o glide /j/ que corresponde ao morfema que caracteriza a não-possesão.

Assim sendo, a comparação entre exemplos como o de (46), repetido em (48), e aqueles de (49) e (50), abaixo, sugere que a realização fonética [e] nestes constitui superficialização do fonema /a/:

(48)	a.	/anub- a -j/ braço-EP-NPOSS	[ãnu'baɟ]	‘braço’
	b.	/ũgaɾi anub/ 1 braço	[ũ'gaɾi # a'nup]	‘meu braço’
(49)	a.	/idɟib- a -j/ nariz-EP-NPOSS	[idɟi'beɟ]	‘nariz’
	b.	/ũgaɾi idɟib/ 1 nariz	[ũgaɾi # i'dɟip]	‘meu nariz’
(50)	a.	/kiɟib- a -j/ nariz-EP-NPOSS	[kiɟi'beɟ]	‘pé’
	b.	/ũgaɾi kiɟib/ 1 pé	[ũgaɾi # ki'dɟip]	‘meu pé’

Porquanto, tal como no caso de /anub/ ‘braço’ em (48b), nomes inalienáveis, como /idib/ ‘nariz’ em (49b) e /kiɟib/ ‘pé’ em (50b) que não podem ocorrer quando na forma absoluta (ou não possuída) sem a marca de inalienável, o sufixo *-j*, requerem a vogal epentética /a/, que se interpõe entre a consoante do radical e esse sufixo. A razão pela qual essa vogal realizar-se foneticamente como [a] em (48a) [ãnu'baɟ], (braço-EP-NPOSS) ‘braço’, mas, diferentemente, como [e] em (49a) [idɟi'beɟ] (nariz-EP-NPOSS) ‘nariz’ e (50a) [kiɟi'beɟ] (pé-EP-NPOSS) ‘pé’ justifica-se pelo fato de que estes apresentam um contexto típico do processo de palatalização estudado em (2.2.1.2), como demonstrado pela presença nessas formas fonéticas do segmento consonantal [dɟi], que é precedido de [i]; enquanto, a forma

fonética em (48) [ãnu'ba^j] ‘braço’, não apresenta esse contexto e, conseqüentemente, não exhibe palatalização.

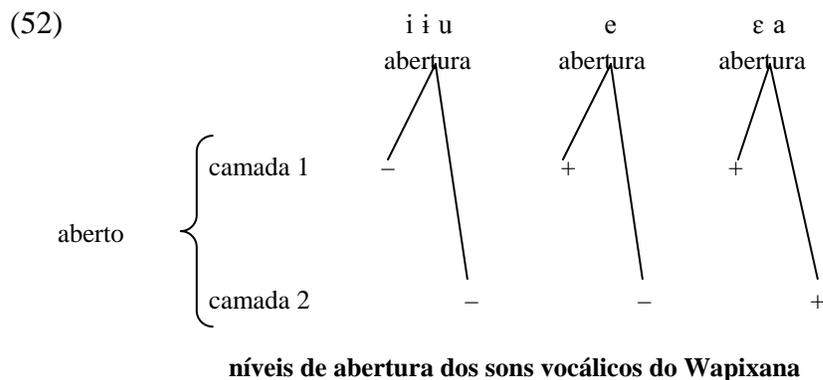
O conjunto dos processos que determinam as realizações de /a/ parece, pois, ocorrer da seguinte forma: uma consoante precedida de /i/ torna-se palatalizada por assimilar deste o traço [coronal], como descrito no processo de palatalização de (33); esse traço é também propagado sobre a vogal /a/ que segue a consoante palatalizada, fazendo com que essa vogal seja anteriorizada, realizando-se como [ɛ], como descrito no processo de harmonia vocálica progressiva de (36); e, finalmente, quando o segmento [j] (vogal ou glide) ocorre em posição coda imediatamente após essa vogal /a/ (realizada [ɛ]), espalha sobre ela um traço de altura, fazendo com que ela se superficialize como [e]. É importante notar que este último processo, harmonia vocálica regressiva, exige como condição para sua ocorrência o segundo processo, harmonia vocálica progressiva. Depõe a favor dessa interpretação o fato de que a simples presença de [j] em posição coda após uma vogal /a/, que não tenha sofrido a harmonia vocálica progressiva cujo *output* seja /ɛ/, não produz a elevação de /a/ para [e], como se pode constatar nos exemplos que seguem:

- (51) a. /aibaɾu/ [aj^hb^hɛɾu] ‘pálido’
 b. /anuba^j/ [ãnu^hba^j] ‘braço’

Esse entrelaçamento entre esses três processos que determinam as realizações de /a/ é que tem forçado a representação formal deles sempre em conjunto.

Para fazer a devida representação do processo de harmonia através do qual /a/ realiza-se como /e/ em Wapixana, à luz da Geometria de Traços, primeiro é preciso verificar as possibilidades de abertura vocálica dessa língua. Sabe-se que, do ponto de vista fonológico, a língua Wapixana apresenta apenas duas alturas: [– aberto] referente a /i/, /i̠/, /u/ e [+ aberto] referente a /a/; entretanto, para dar conta desse processo torna-se necessário considerar mais uma altura correspondente ao segmento [e], que constitui realização

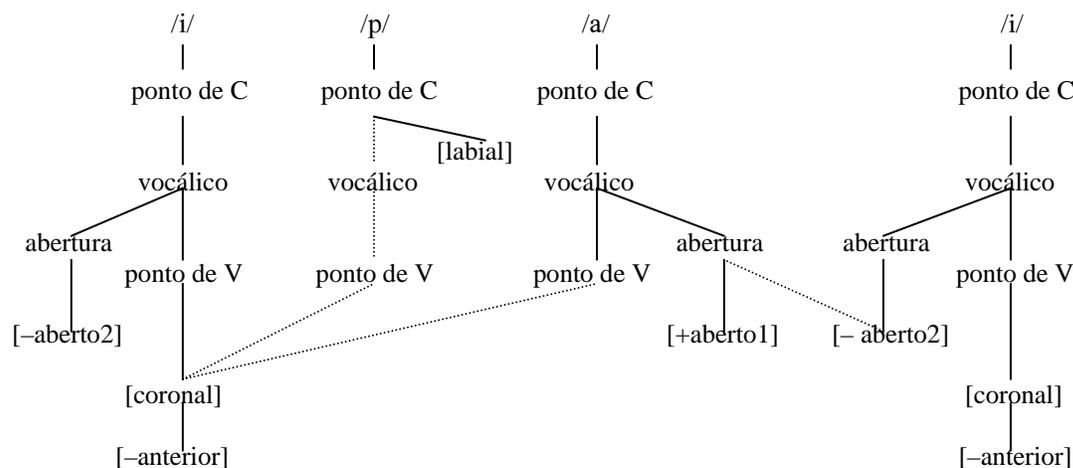
fonética desse fonema¹⁵. Quanto à variante [ɛ] do segmento /a/, assumo que ela apresenta a mesma altura deste fonema, uma vez que o processo de assimilação progressiva diz respeito apenas à anteriorização e não à altura vocálica. Diante disso, obtém-se a seguinte distribuição de traços de abertura:



Em (52), as especificações para /a/ e [ɛ] são idênticas para a camada de abertura 1. Isso vem refletir a ausência de contraste entre elas, uma vez que a última é apenas uma variante da primeira. Assim, dos dois sistemas de agrupamentos de três alturas apresentados por Clements (1989: 22): ((i, e) a) e (i (e, a)), o Wapixana exibe este último. Conforme (52), então, a vogal /a/ e sua variante [ɛ] são especificadas com o valor [+ aberto] na camada 1 (isto é, [+ aberto1]), enquanto as vogais /i/, /í/ e /u/ são classificadas como [- aberto] na camada 2 (i. é. [- aberto 2]); entre estas e aquelas, encontra-se o segmento [e] caracterizado como [+ aberto 1, - aberto 2]. De posse dessas caracterizações dos segmentos vocálicos e tomando o exemplo de (39a) [ip^je^j] ‘todo, tudo’, pode-se oferecer, em consonância com a Geometria de Traços, a seguinte representação abreviada para o processo que resulta em [e]:

¹⁵ Essa posição diverge daquela de Santos (1995, p. 78), na qual são assumidas quatro alturas para as vogais do Wapixana.

(53) a → e



harmonia vocálica: assimilação regressiva por /a/ em Wapixana

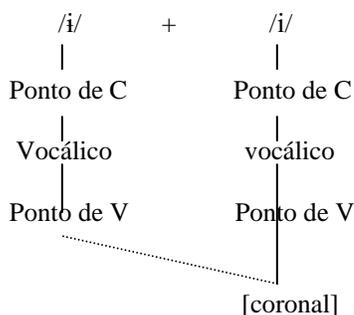
Em (53), a vogal /i/ que precede a consoante /p/ espalha sobre ela e sobre a vogal /a/ que a segue seu traço [coronal]. Isso corresponde, respectivamente, ao processo de palatalização cujo *output* é uma consoante palatalizada, como foi discutido em (33), e ao processo de harmonia vocálica progressiva cujo *output* corresponde à realização [ɛ] do fonema /a/, como analisado em (36). O processo de harmonia vocálica regressiva que transforma /a/ em [e], por seu turno, corresponde ao espalhamento do traço [-aberto 2] da vogal /i/, que se encontra em posição coda, sobre /a/. Em (53), esse processo é representado pela linha pontilhada que associa o traço de altura [-aberto 2] do nó abertura de /i/ ao nó abertura de /a/, fazendo com que este fonema realize-se como [e], isto é, com especificação [+aberto 1, -aberto 2].

Um outro caso de harmonia vocálica regressiva se dá com os prefixos de segunda pessoa do singular *pɨ* ‘tu, teu, tua’ e de terceira pessoa do singular maculino *ɨ* ‘ele, dele’ que, quando se ligam a um radical cuja primeira vogal seja /i/, assimilam o traço [coronal] desta, como se pode observar nos exemplos de (54) abaixo:

- (54) a. /pɨkiɖib/ [pikiɖʲip] ‘teu pé’
 b. /ɨidib/ [iiʲdʲip] ‘nariz dele’

À luz da GT, esse processo pode ser formalizado abreviadamente como um espalhamento à esquerda do traço [coronal] da vogal inicial do radical /i/ para a vogal prefixal /i/. Isso está ilustrado em (55) a seguir:

(55) /pi-/ → [pi-]; /i-/ → [i-]



assimilação regressiva por /i/ (dos prefixos *pi-*, *i-*) de /i/ primeira vogal de radical em Wapixana

2.2.1.5. Nasalização

Em sua análise junto aos Wapixana da Guiana, Tracy (1972, p. 84) descreve o processo de nasalização do Wapixana da seguinte forma: "Nasalization spreads to the right from a nasal vowel, carrying through m, n, e w, but stopping just before any other consonant or before epenthetic a. The spread of nasalization crosses the border between prestem and stem". Portanto, em sua perspectiva, o processo de nasalização é sempre para a direita, partindo de uma vogal nasal e espalhando-se sobre m, n, e w, sendo bloqueado, entretanto pela presença de uma outra consoante ou vogal epentética. Lembra, ainda, que o espalhamento não é impedido pela fronteira prefixo + radical.

A análise do processo de nasalização em que ocorre o espalhamento do traço [+nas] que aqui apresento, calcada no falar dos Wapixana que habitam o Brasil, difere desta proposta por Tracy em, principalmente, dois aspectos. Primeiro, o gatilho do processo é qualquer consoante nasal, mas não vogal nasal. Segundo, a direção é da direita para esquerda e não o inverso. Também difere parcialmente da proposta de Santos (1995, p. 80) que, embora assumindo o espalhamento engatilhado pela consoante, assume também o espalhamento cujo gatilho é a vogal. A regra consiste no espalhamento do traço [+nas] de

uma consoante nasal sobre a(s) vogal(is) e os glides [w] e [j] precedentes, sendo bloqueado pela presença de qualquer outra consoante, como se pode observar na sentença em (56), colhida junto aos Wapixana que moram no lado brasileiro:

- (56) a. /ũ-ipai-ʔ-nii pi-ʃimək minimin/ ‘eu terminei tua rede ontem’
 1-tudo-ʔ-NPRES 2-rede ontem
 b. [ũip^jejʔnii piʃim^jək mĩnĩmĩn]

Em (56b) se verifica que a vogal inicial não espalha seu traço de nasalidade para a direita sobre a vogal inicial do radical; a sequência [ũi] da palavra [ũip^jejʔnii] ‘eu terminei’ comprova esse fato. Já a nasalizações de [ĩ] em [piʃim^jək] ‘tua rede’ e [ĩ] em [mĩnĩmĩn] ‘ontem’ são explicadas pelas presenças das consoantes nasais que seguem esses sons. Nas palavras [ũip^jejʔnii] e [piʃim^jək], as consoantes [ʔ] e [ʃ], respectivamente, bloqueiam o espalhamento nasal. Em (57) a seguir são oferecidos mais exemplos desse processo:

- (57) a. /makun/ [ma^kkũn] ‘ir’
 b. /kabaian/ [ka^bbãĩn] ‘casa’
 c. /atamin/ [atã^mmĩn] ‘árvore’
 d. /ijnau/ [ĩ^jɲaw] ‘ele(a)s, dele(a)s’
 e. /aiwakaʔan/ [ajw^jeka^jʔãĩn] ‘noite’
 f. /waikanʔan/ [wajk^jẽn^jʔãĩn] ‘amanhã’

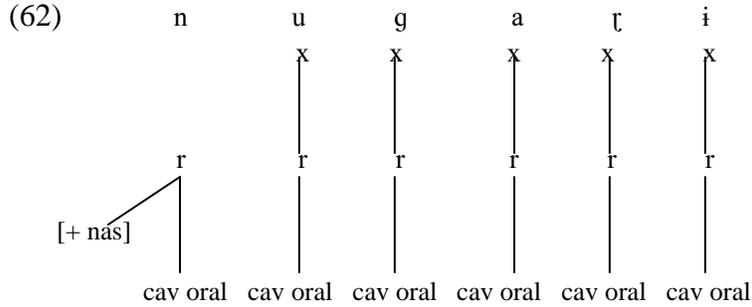
No âmbito da GT, a consoante gatilho do processo é considerada como marcada positivamente para o traço envolvido no espalhamento, portanto as consoantes nasais são [+nas]; os segmentos alvo do processo, vogais e glides ([w, j]) são não marcados para esse traço, enquanto os segmentos opacos, as consoantes que impedem o espalhamento, são marcadas negativamente para nasalidade, portanto, [-nas] (PIGGOTT, 1988, p. 137). Tomando o exemplo de (57a) /makun/ [makũn] ‘ir’, esse processo pode ser representado como em (58) a seguir:

Considerando, porém, que em todos esses exemplos (56, 59-60), a vogal \tilde{u} constitui o prefixo que marca primeira pessoa singular (cuja forma fonética livre correspondente é $[\tilde{u}ga\tau i]$), uma certa precaução é necessária, pois, historicamente, as línguas Arawák dividem-se, com relação a essa marca, em *nu-* e *ta-* Arawák (NOBLE, 1965), devendo, pois, o Wapixana pertencer ao primeiro desses grupos. Portanto, o traço nasal presente na vogal inicial de (60a) poderia advir da consoante nasal que precede a vogal. O problema é que, em termos de Parâmetro de Direcionalidade (PIGGOTT, 1988, p. 138), o Wapixana espalha o traço [+nas] da direita para a esquerda e supor que antes da nasalização houve metátese, como em (61a), não é possível, pois em acordo com a regra de labialização descrita em (2.2.1.1), a consoante [g] da forma livre de primeira pessoa é alvo deste processo exatamente por ser imediatamente precedida de $[\tilde{u}]$, como demonstra (61b):

- (61) a * $[\text{ung}^w a\tau i]$ ‘eu, me, mim, meu, minha’
 b $[\tilde{u}g^w a\tau i]$ ‘eu, me, mim, meu, minha’

Isso demonstra que a regra de espalhamento do traço nasal descrita em (58) não pode oferecer uma explanação adequada de $[\tilde{u}]$ marcador de primeira pessoa do singular, que parece envolver nasalização por uma consoante nasal gatilho que foi apagada. Do ponto de vista da GT, uma alternativa proposta por Prunet (apud PIGGOTT, 1988 p. 141) para casos semelhantes a esse é atribuir o não aparecimento da consoante nasal à ausência de uma posição esquelética (ou de tempo) a que esse segmento poderia ser associado, como demonstra a representação em (62) abaixo¹⁶:

¹⁶ Em Piggott (1988) o nódulo imediatamente abaixo de $r(aiz)$ é S (supralaringal). Emprego *cav oral* apenas para ficar em acordo com a árvore apresentada em (19) acima.

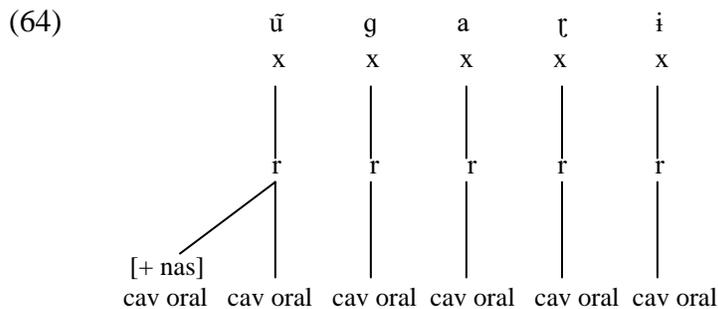


consoante nasal desassociada de posição esquelética (ou de tempo)

Considerando que em (62) o nódulo $r(air)$ da consoante nasal não é associado à posição esquelética (de tempo), ele não atende ao Princípio de Licenciamento Prosódico, que foi proposto por Itô como em (63) a seguir:

(63) “All phonological units must be prosodically licensed, i.e., belong to higher prosodic structure” (ITÔ, 1986, p. 2).

Conforme (63), todas unidades fonológicas devem pertencer a uma estrutura mais alta. Por contrariar esse princípio, então, o nódulo $r(air)$ correspondente à consoante nasal em (62) é apagado, deixando o traço autosegmental [+ nás] flutuante. Tal traço é, então, associado ao nódulo raiz adjacente, resultando na vogal nasalizada, como se pode ver em (64) abaixo:



associação de [+ nás] flutuante à vogal nasalizada

Considerando essas informações, seria possível apresentar uma proposta para o *status* da vogal nasalizada [ũ], marca de primeira pessoa do singular. Para isso, retomo os exemplos de (60), abaixo repetido em (65), acrescido da suposta representação abstrata:

- (65) a. /**nu**-kupai-n/ a'. [ũkupãĩn] 'meu peixe'
 1-peixe-POSS
- b. /**u**-kupai-n/ b'. [ukupãĩn] 'peixe dela'
 3F-peixe-POSS

Em (65), as formas abstratas em (65a-b) referentes às formas superficiais dos exemplos de (65a'-b'), respectivamente, sugerem que a aparente oposição fonológica produzida pela presença do traço [+ nas] em (65a) e sua ausência em (65b) corresponderia, na verdade, à presença, no primeiro, e à ausência, no segundo, da consoante nasal /n/. Isso sugeriria que o traço [+ nas] das vogais em Wapixana não teria valor funcional; sendo apenas uma manifestação fonética superficial. Além disso, demonstraria que a distinção entre a forma de primeira pessoa empregada pelo Wapixana e aquela empregada por outras línguas *nu-Arawák* seria apenas aparente. Tal proposta, entretanto, deve ser vista com reservas, uma vez que seria importante encontrar outros contextos, além desse envolvendo os morfemas referidos, para ter uma comprovação empírica capaz de dar sustentação à hipótese. Em função disso, o *status* do traço de nasalidade vocálica ainda é um desafio para futuras pesquisas.

2.2.2. Devozeamento

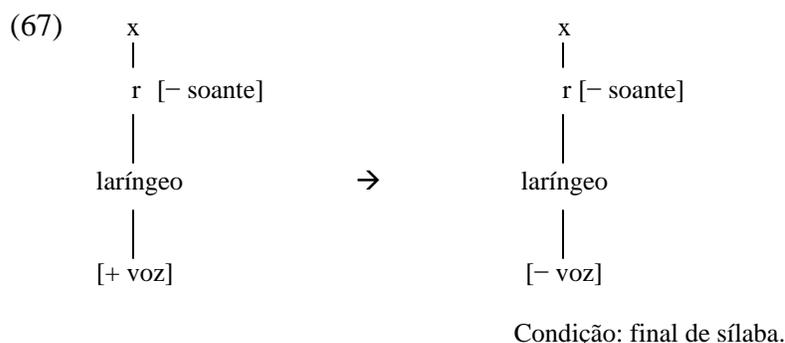
O processo de devozeamento aplica-se tanto a obstruintes quanto a vogais. Na seção seguinte (2.2.2.1), analiso esse processo em relação às obstruintes; enquanto, na seção (2.2.2.2), trato do devozeamento de vogais.

2.2.2.1. Devozeamento das obstruintes

Como mencionei em (2.1.1), as obstruintes /b/, /d/ e /z/ perdem o traço [+ voz] quando ocorrem em final de sílaba. Isso é ilustrado em (66), onde as realizações subjacentes e respectivas formas superficiais desses fonemas são destacadas:

- (66) a. /iṛ**ib**/ [iṛ**ip**] ‘muitos’
 b. /piid**ib**/ [piid**ip**] ‘teu nariz’
 c. /i**d**/ [i**t**] ‘por meio de’
 d. /ũi:**d**/ [ũi:**t**] ‘minha semente’
 e. /uṣkaṛ**u**/ [uṣkaṛ**u**] ‘maduro’
 f. /kaṛ**iz**/ [kaṛ**iṣ**] ‘panela’

À luz da GT, tal processo pode ser representado abreviadamente como em (67) a seguir:



devozeamento de obstruintes em Wapixana

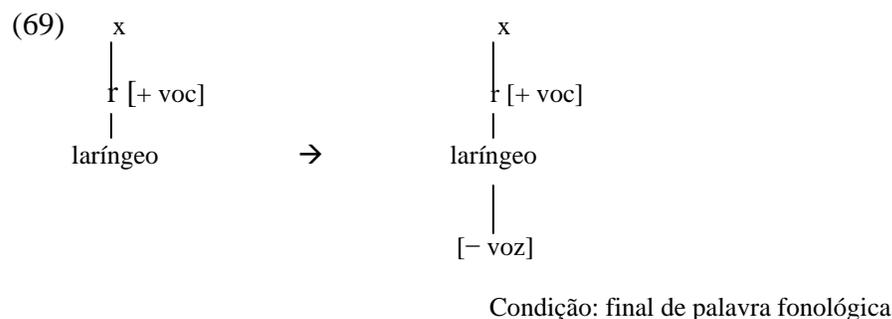
2.2.2.2. Devozeamento de vogais

Em posição final de palavra fonológica, as vogais de sílabas do tipo CV e V podem ser produzidas com bem menos energia sonora. Essa perda de energia sonora resulta, regularmente, na perda do traço [+ voz] dessas vogais, como se pode observar nos exemplos de (68), em que os caracteres em caixa alta representam as realizações fonéticas das vogais correspondentes¹⁷:

¹⁷ Ver também “apagamento vocálico final (apócope)” em (2.4.1).

- (68) a. /atuɾi/ [atuɾɨ] ‘jacaré’
 b. /maziki/ [mazikɨ] ‘milho’
 c. /ũɖaku/ [ũɖakU] ‘minha boca’

Esse processo pode ser representado abreviadamente através da regra apresentada em (69), abaixo:



devozeamento vocálico em Wapixana

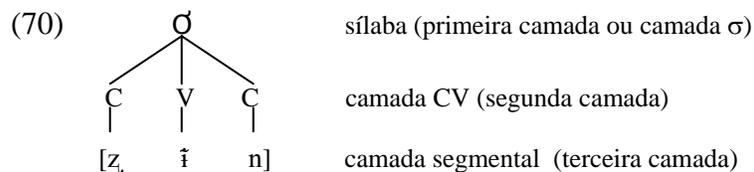
Como mencionei no início da seção (2.2), os processos fonológicos de síncope, e epêntese serão tratados nas subseções (2.3.1.2.1) e (2.3.1.2.2), respectivamente, pois tais processos trazem conseqüências para a análise de reestruturação silábica. Os processos de apócope (apagamento vocálico final) e alongamento iâmbico serão abordados nas subseções (2.4.1) e (2.4.2), respectivamente, uma vez que tais processos parecem relacionados à posição do acento em Wapixana.

2.3. Sílaba

Esta seção tem como meta descrever a sílaba da língua Wapixana. Para tal, apresento os tipos básicos de sílaba, analiso as restrições de coocorrência de seus constituintes e investigo processos que alteram esses tipos silábicos básicos, promovendo mudanças na estrutura de superfície. A abordagem que aqui apresento também segue o padrão autosegmental, em especial, orienta-se pela Teoria CV ou Teoria das Três Camadas (CLEMENTS & KEYSER, 1983) e o modelo do licenciamento prosódico (ITÔ, 1986).

Para Clements e Keyser (1983, p. 24), uma teoria geral da sílaba deve cumprir três tarefas, as quais sejam: especificar expressões bem formadas da teoria; especificar os parâmetros com os quais uma língua particular escolhe seus tipos básicos de sílaba; e caracterizar as classes de regras de uma língua particular que modificam ou ampliam as representações subjacentes da sílaba (regras de ressilabação).

No que tange à primeira tarefa, a teoria CV considera que a árvore silábica deve constar de três camadas, tendo cada uma seu próprio vocabulário (alfabeto). O vocabulário da primeira camada, ou *camada σ* , consiste de um único elemento σ ; o vocabulário da segunda camada, ou *camada CV*¹⁸, consiste de dois elementos C e V (correspondentes às unidades de tempo), e o vocabulário da terceira camada, ou *camada segmental*, consiste de matrizes fonéticas em colunas individuais, caracterizando consoantes e vogais¹⁹. Uma fileira bem formada em cada camada consiste da (adequada) relação entre os membros do alfabeto definido para cada camada. Abaixo em (70) a representação da palavra [zĩn] ‘mulher’ do Wapixana, seguindo esse modelo teórico²⁰:



representação da Teoria das Três Camadas (CV)

Numa representação do tipo apresentado em (70), chama-se de *associação de linhas* a relação entre os elementos de camadas vizinhas, assim, o elemento da *camada σ* , σ , está relacionado aos elementos da *tira CV*, e desta, V, por exemplo, está relacionado ao

¹⁸Nesta perspectiva, C e V não se referem às variáveis pertencentes exclusivamente ao vocabulário da descrição fonológica (como tradicionalmente têm sido tratadas), mas como entidades de representação fonológica formal, por isso são ordenadas em linhas separadas. (CLEMETS & KEYSER, 1983, p. 9)

¹⁹Atualmente, não mais matrizes, mas estruturas arbóreas hierárquicas caracterizam consoantes e vogais.

²⁰ Na literatura, emprega-se o termo *onset* para denominar a(s) consoante(s) que precedem o núcleo (*nucleus*) vocálico e o termo *coda* para denominar a(s) consoante(s) que seguem este constituinte. Além, várias correntes teóricas consideram uma subdivisão interna à sílaba, denominada *rima* (*rhime*), composta de núcleo e coda (GOLDSMITH, 1990, p. 108-9), em que a camada esquelética (ou de tempo) é representada por X; e não por CV. Finalmente, há a teoria moraica que, em vez de posições na tira esquelética (ou de tempo), emprega unidades de peso, *moras*, para expressar o peso silábico (HAYES, 1995, p. 52). Neste trabalho, o emprego de uma ou outra nomenclatura depende da especificidade do assunto abordado.

elemento [i] da *camada segmental*. Observando o exemplo, pode-se notar ainda a noção de constituintes imediatos que não difere da teoria sintática, portanto, [z] e [n] são imediatamente constituintes da categoria C, logo C domina imediatamente [z] e [n], enquanto [ẓṇ] é um membro da categoria sílaba.

2.3.1. Tipos básicos de sílaba

Quanto à segunda tarefa (especificar os parâmetros com os quais uma língua escolhe seus tipos de sílaba), para Clements e Keyser (1983, p. 28) a silabificação se dá no primeiro nível das derivações fonológicas, portanto, as árvores de sílaba não são construídas no curso das derivações fonológicas, mas já estão plenamente formadas nas representações lexicais que constituem o "input" do componente fonológico.

Esses autores propõem que os tipos de sílaba elementares são: CV, V, CVC e VC. Desses, CV é o único que está presente em todas as línguas, enquanto VC é o mais marcado porque, se uma língua o tiver, também terá todos os outros. Em sendo CV universal, deduzem os autores, é possível que dele derivem os outros, da seguinte maneira: através do apagamento de C inicial, gera V; através da inserção do C final, gera CVC; e através do apagamento do C inicial e da inserção do C final, simultaneamente, gera VC. Qualquer língua pode optar pelos processos de apagamento e inserção ou por um deles para ampliar seu inventário de sílabas elementares.

Adicionalmente a esses parâmetros apresentados no parágrafo anterior, as línguas dispõem de certas outras opções. Há línguas que incluem em seu repertório sílabas contendo seqüências de vogais consecutivas. Nessas línguas são formados os tipos CVV, CVVC, CVVV, e assim por diante. Para caracterizar a presença de mais de uma vogal, a teoria emprega o asterisco "*". Assim uma representação desse tipo "V*" determina que ocorrem duas ou mais vogais em tal posição. Normalmente, quando são apenas duas as vogais que formam a seqüência, a teoria costuma empregar o número "2" ao invés do asterisco.

De forma semelhante, há línguas que aceitam mais do que um elemento C em posição inicial ou final de sílaba. Também nesses casos far-se-á uso do asterisco "*" ou do numeral "2" como marca da presença de mais de uma consoante. Os parâmetros de

apagamento e de inserção apresentados anteriormente também podem ser aplicados a línguas cujo padrão silábico incorpore esses dois últimos tipos de sílaba, com uma única diferença, em alguns lugares V^* , V^2 e C^* , C^2 substituem, respectivamente, V e C.

Feitos esses esclarecimentos, torna-se possível definir cada língua em termos de uma *sílaba máxima* estabelecida como uma única expansão de um esquema geral $C(*) V(*) C(*)$. Assim, uma fórmula como $C^*V^2 C$ designa uma língua que permite seqüência de consoantes de qualquer duração na posição inicial, até duas vogais no pico e apenas uma consoante na posição final.

Considerando o fato de que as sílabas básicas são constituídas já no primeiro nível das derivações fonológicas, isto é, no nível lexical, que serve como entrada ("input") ao componente fonológico, Clements e Keyser (1983, p. 29) classificam as línguas em geral nos quatro tipos distintos em (71), conforme o conjunto de sílabas por elas permitidas:

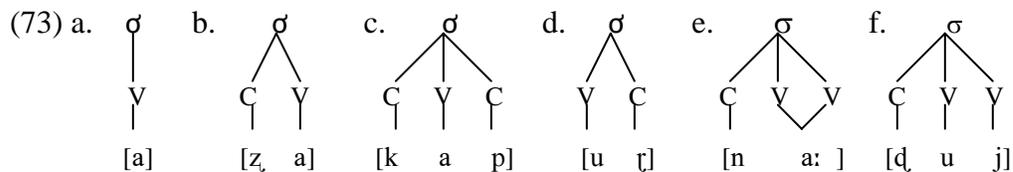
- (71) Tipo 1: CV
 Tipo 2: CV, V
 Tipo 3: CV, CVC
 Tipo 4: CV, V, CVC, VC

Em consonância com esses parâmetros adotados pela Teoria CV e, confirmando a conclusão a que chegou Tracy: "All the possible syllable types occur, with the exception of VVC, a complex nucleus followed by a consonant when there is no preceding consonantal border" (1972, p. 81), é possível afirmar que a língua Wapixana pertence ao tipo quatro, quer dizer, permite todos os tipos básicos de estrutura de sílaba. A única exceção mencionada por Tracy diz respeito a uma opção adicional, que é a proibição do tipo de sílaba pesada cuja posição inicial prescinde de qualquer consoante e possui um núcleo complexo constituído de V^* mais uma consoante. A série de exemplos abaixo ilustra os tipos básicos de sílaba permitidos pelo Wapixana:²¹

²¹O sinal gráfico “.” caracteriza a fronteira de sílaba.

- (72) a. [**a**.¹kaj] 'fruta', [i.¹zaj] 'sangue', [i.¹ɾi:] 'ele, dele';
 b. [**ma**.¹ziki] 'milho', [**dj**.¹naj] 'carne', [**ni.nu**.¹baj] 'língua';
 c. [za.¹**kap**] 'roça', [**tik**.¹pan] 'todos', [ti.¹**kʲeʃ**] 'fogo';
 d. [ɖaw.naj.¹**uɾ**] 'homem', [**at**] 'para', [**uʃ**.¹kaʔu] 'maduro';
 e. [aw.¹**na:**] 'não', [kaɾi¹**fj:**] 'lago', [i.¹**ɾi:**] 'ele, dele', [tu.ɾu.ma.¹**ɾu:**] 'grosso';
 f. [ku.¹**ɖuj**] 'anta', [ka.¹**naw**] 'canoa', [**bai**.ɖu¹ku.ɾi] 'onça'.

Os constituintes em negrito em (72a-b) apresentam exemplos de sílabas leves dos tipos V e CV, respectivamente; enquanto (72c-f) demonstram sílabas pesadas dos tipos CVC, VC, CV: e CVV, respectivamente. Seguindo a teoria CV, esses tipos de sílaba podem ser representados como em (73) abaixo:

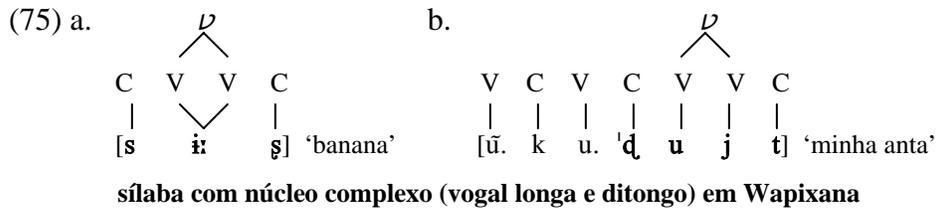


configuração dos tipos básicos de sílaba do Wapixana

Em (73), as representações correspondentes a sílabas pesadas que envolvem, respectivamente, um núcleo complexo formado de vogal longa e um núcleo complexo formado de ditongo apresentam a seqüência CVV. Vogais longas (73e) são representadas através da associação de duas posições V da camada CV (que corresponde à camada de tempo) a um único membro da camada segmental; enquanto ditongos (73f) são representados pela associação de cada um dos segmentos vocálicos a uma posição V da camada CV, portanto, o segundo elemento do ditongo, do ponto de vista fonológico, comporta-se como vogal. Esse comportamento vocálico é justificado pelo fato de que, conforme os dados analisados, tanto núcleos complexos formados por vogais longas, quanto aqueles formados por ditongos admitem uma consoante na posição final de sílaba; enquanto, diferentemente, típicas sílabas CVC não admitem. Portanto, são permitidas sílabas como aquelas de (74a), mas não como aquelas de (74b):

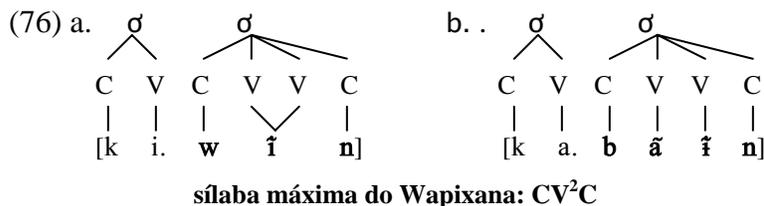
- (74) a. [si:ʂ] (de [si:ʂ] ‘banana’), [wĩn] (de [ki.'wĩn] ‘primeiro’);
[ɖujt] (de [ũ.ku.'ɖujt] ‘minha anta’), [jawt] (de [ũ.ki.ba.jawt] ‘minha
panela de barro’), [bãin] (de [ka.'bãin] ‘casa’), [kaiʂ] (de [kaiʂ] ‘lua’).
- b. *[kaps], *[kapn], *[kapt]; *[tikʂ], *[tikn], *[tik]; *[panʂ], *[pant];
*[kʲeʂn], *[kʲeʂt].

Conforme Clements e Keyser (1983, p. 12), a noção de sílaba pesada e sílaba leve deve ser definida em termos de uma categoria núcleo que é expressa mediante a forma V(X), em que X estende-se a uma única ocorrência de C ou V. Nessa concepção, sílaba leve é aquela que contém um núcleo simples (não ramificado) que é V, enquanto sílaba pesada é aquela que contém como núcleo um complexo (ramificado) que é VV ou VC. Além disso, o núcleo não é um subconstituente da sílaba, mas forma uma unidade prosódica independente em um plano de representação particular (ibid., p. 17). Tomando as palavras [si:ʂ] ‘banana’ e [ũ.ku.'ɖujt] ‘minha anta’ de (74a) acima, núcleos complexos envolvendo vogais longas e ditongos podem ser representados como em (75), a seguir:



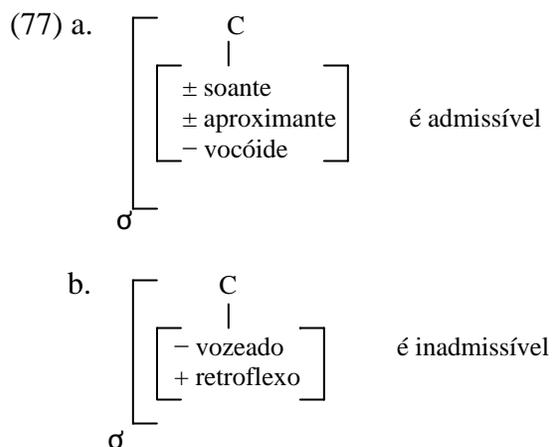
(75a) ilustra núcleo complexo formado de vogal longa; enquanto (75b) exemplifica núcleo complexo constituído de ditongo.

Diante do exposto, pode-se, pois, caracterizar o conjunto das sílabas básicas do Wapixana em termos da sílaba máxima CV²C, realizada plenamente em palavras como [ki.'wĩn] ‘primeiro’ e [ka.'bãin] ‘casa’, cujas representações estão em (76):



2.3.1.1. Restrições de coocorrência

No que se relaciona às restrições de coocorrência dentro da sílaba, a teoria CV as representa pelas “condições de estrutura positiva e negativa da sílaba” que, tomadas em companhia, garantem o conjunto de sílabas básicas bem formadas para cada língua. Com base em minha investigação, as restrições de coocorrência em posição inicial de sílaba da língua Wapixana podem ser representadas através da seguinte configuração²²:

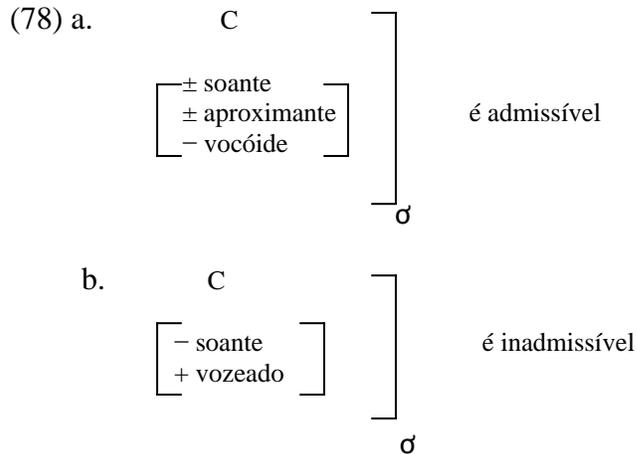


condições de estrutura positiva e negativa da sílaba do Wapixana (posição inicial)

Em (77a), a condição de estrutura positiva da sílaba determina que, na posição inicial de sílaba, a língua Wapixana permite a presença de um único elemento que se associe à posição C da camada CV (ou camada de tempo), incluindo, evidentemente, os glides que integram o elenco de segmentos do Wapixana. Já em (77b), a condição de estrutura negativa da sílaba, que age como um filtro, proíbe a ocorrência, nessa posição, dos segmentos retroflexos, menos sonoros [ʂ] e [t̚].

Quanto às restrições de coocorrência na posição final de sílaba da língua Wapixana, elas podem ser representadas conforme a configuração abaixo:

²² O símbolos “σ[“ e “[j” caracterizam início e fim de sílaba, respectivamente.



condições de estrutura positiva e negativa da sílaba (posição final)

A condição de estrutura de sílaba positiva em (78a) demonstra que na posição final de sílaba, o Wapixana permite a ocorrência de apenas uma consoante. Em (78b), entretanto, a condição de estrutura negativa de sílaba proíbe, nessa posição, a ocorrência de obstruintes sonoras, tais como [b, d, g, z].

2.3.1.2. Reestruturação dos tipos básicos de sílaba

Esta secção não tem por finalidade discutir todos os casos em que haja a necessidade de reestruturação silábica. Justifica essa posição o fato de ser o Wapixana uma língua polissintética, portanto, possuindo uma morfologia extremamente complexa, cuja estrutura verbal, segundo Tracy (1974, p. 122), pode reunir, potencialmente, até quinze afixos em torno da raiz. Dada tal complexidade da morfologia dessa língua e considerando que as regras de ressilabação se dão no nível pós-lexical, acredito que um estudo mais preciso desse assunto deva constituir matéria para um trabalho à parte.

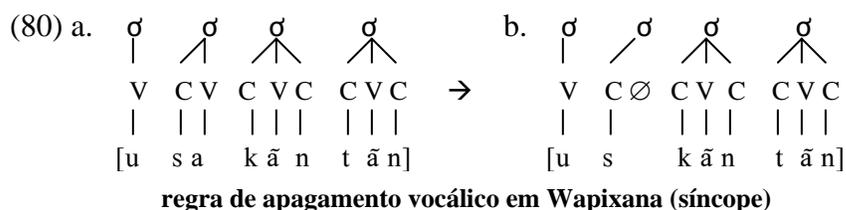
Entretanto, uma vez conhecidas as sílabas básicas permitidas por essa língua, convém esclarecer que, como normalmente ocorre com as línguas em geral, o Wapixana também sofre processos que alteram sua estrutura silábica básica. Aqui me detenho especificamente em dois desses processos: a síncope e a epêntese.

2.3.1.2.1. Síncope vocálica

A síncope é um processo pós-lexical que produz o apagamento de um som vocálico, provocando a ressilabação. Isso é ilustrado em (79) a seguir:

- (79) a. /usakantan/ [us.kãn.'tãn] ‘ela sentou-se’
 b. /sakantan / [sa.kãn.'tãn] ‘sentar’

(79a) apresenta a expressão que, morfológicamente, corresponde à junção do prefixo /u- / de terceira pessoa do feminino ao verbo /sakantan/ ‘sentar’ de (79b). Como se pode observar, a estrutura superficial em (79a) apresenta-se subtraída do som vocálico [a] da primeira sílaba do radical verbal, evidenciando a síncope que, por ser opcional (ocorre mais regularmente em registro rápido), apresenta-se como uma regra fonética, pós-lexical, com atuação em sílabas átonas de palavras com mais de duas sílabas. Tal fato pode ser representado como em (80), abaixo:



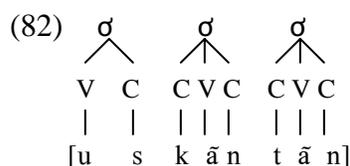
Em (80a), o segmento [a] é apagado, como se pode observar pela marca \emptyset ocupando sua posição na camada de tempo em (80b).

Considerando que o processo de apagamento do som vocálico provoca a perda de uma unidade temporal, torna-se necessária a ressilabação. Antes de operar a ressilabação (que está relacionada à terceira tarefa de uma teoria da sílaba), entretanto, é necessário verificar como se processa a construção das sílabas básicas. Segundo Clements e Kayser (1983:38), as sílabas básicas são constituídas de acordo com o algoritmo a seguir:

- (81) a. Os elementos V são inicialmente ligados aos nós silábicos.
- b. Os elementos C da esquerda são adicionados um por um, desde que a configuração resultante em cada grau satisfaça a todas condições das estruturas silábicas relevantes.
- c. Em seguida, os elementos C da direita são adicionados da mesma forma descrita no item (b).

algoritmo para construção de sílabas básicas (Teoria CV)

Opera-se a ressilabação, então, obedecendo a esse algoritmo que constrói sílabas no sentido de dentro para fora, isto é, determina a ligação dos picos sonoros (segmentos vocálicos) às posições de núcleo e, a começar da esquerda, a adjunção de tantas consoantes quantas forem permitidas pela língua, no caso do Wapixana, apenas uma é permitida. Em seguida aplica-se o mesmo processo em relação às consoantes da direita. Empregando-se esse procedimento à estrutura resultante do processo de síncope (80b), obtém-se como resultado final a seguinte configuração:



processo de ressilabação em Wapixana

Portanto, o processo de ressilabação determina a associação de [s] à sílaba anterior, que torna-se fechada, evitando que a seqüência de consoantes [sk] produza o tipo silábico CCV não pertencente ao elenco de sílabas básicas da língua Wapixana, enquanto introduz o tipo VC, formado dos segmentos [us], peculiar ao conjunto de sílabas básicas dessa língua.

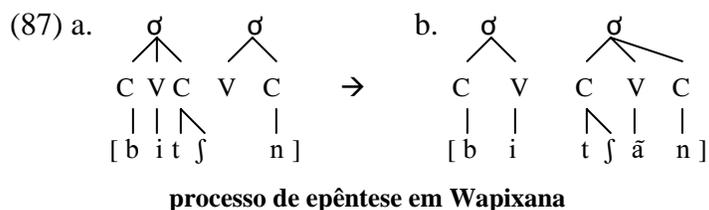
Contudo, nem sempre a ressilabação produz como resultado um tipo de sílaba básico próprio da língua analisada, como ilustrado em (83) abaixo:

- (83) /uʔu usakantapaʔu/ [u.ʔu: us.kãnt.ʔpa.ʔu] ‘ela está sentada’

- (86) a. /bitʃ/ [bitʃ] ‘javali’
 javali
- b. /ũ-bitʃ-a-n/ [ũbitʃãn] ‘meu javali’
 1-javali-EP-POSS

No exemplo de (86), a palavra *bitʃ* ‘javali’, em (86a), que tem radical terminado em consoante, requer a vogal epentética default **-a** para receber o sufixo de possuído, em (86b).

Esse processo de epêntese constitui um mecanismo regulador do padrão silábico, como se pode ver na representação em (87) referente ao exemplo de (86b):



Em (87) a adjunção do sufixo marcador de posse, que corresponde ao segmento [n], ao radical [bitʃ] ‘javali’ produziria uma sílaba do tipo CVCC [bitʃn] que não condiz com o padrão da língua, razão pela qual torna-se necessária a ressilabação e conseqüente criação de uma outra sílaba. Essa sílaba criada é degenerada, daí a necessidade da inserção da vogal epentética [a] sob o domínio de V disponível na camada de tempo (ou esquelética) em (87a), para que a consoante [n] possa ser licenciada prosodicamente. Seguindo o algoritmo de (81), na constituição das sílabas básicas, a adição dos elementos C da esquerda precede à ligação dos elementos C da direita, de forma que o elemento *coda* da sílaba inicial torna-se o *onset* da nova sílaba, como em (87b). Assim, a inserção da vogal epentética regula o padrão silábico, evitando a criação de uma sílaba desviante do padrão do tipo CVCC, enquanto, pelo processo de ressilabação, permite a criação de duas sílabas CV, CVC, que estão em acordo com sistema da língua.

2.4. Acento

Considerando o estágio atual da pesquisa sobre a língua Wapixana e a complexidade que envolve os estudos relacionados ao acento, a abordagem que aqui apresento deve ser vista como preliminar e, naturalmente, muitas questões ficarão em aberto à espera de pesquisas adicionais. Restrinjo-me ao nível da palavra fonológica e busco, com o auxílio da Teoria Métrica, especialmente, nos termos de Hayes (1995), encontrar uma forma mais sistemática de investigar esse tema ainda tão pouco estudado em Wapixana.

Antes de iniciar a apreciação do acento em Wapixana, é importante esclarecer o que aqui é considerado acento. Hayes (1995) assume com Liberman e Prince (1977) que o acento é uma manifestação lingüística da estrutura do ritmo. Duas fundamentais propriedades tipológicas do acento são a culminância (*culminativity*) e a distribuição rítmica. O acento é culminativo no sentido de que cada palavra ou sintagma tem uma única sílaba mais forte que porta o acento principal. O acento é ritmicamente distribuído no sentido de que sílabas que portam níveis iguais de acento tendem a ocorrer, regularmente, em espaços de igual distância (HAYES: 1995, p. 24-5).

Conforme Tracy (1972, p. 81), todo morfema do Wapixana com mais de uma sílaba leva acento em sua última sílaba, exceto se essa sílaba é constituída de V ou CV, caso em que o acento cai sobre a penúltima sílaba. Ainda em acordo com essa autora, o pé²⁴, que consiste de um a oito (ou possivelmente mais) morfemas, incluindo entre estes os não acentuados, também porta um acento principal (mais pronunciado que o dos morfemas) na última sílaba, se ela não for constituída de V ou VC. Acrescenta, ainda, que vogais são adicionadas, quando necessário, para conformar a seqüência de morfemas ao padrão silábico permitido. Tratando de regra de segundo acento, Tracy (*ibid.*, p. 83) afirma que toda sílaba formada por vogal fortalecida, eco vocóide ou adição de /a/ (os três tipos de vogal epentética, em sua concepção) recebe acento e conclui, então, que todo acento no pé é reduzido, exceto o último.

Das informações fornecidas por Tracy, algumas inferências são possíveis. Uma primeira e importante diz respeito ao fato de que o acento nessa língua não tem função distintiva, uma vez que é previsível por regra, logo não se encontrará na língua duas

²⁴ Pé, na concepção da autora, parece corresponder à palavra fonológica.

palavras cuja única distinção seja o acento e essa distinção implique distinção de significado.

Outro fato relevante é o valor atribuído pela língua Wapixana ao peso silábico da última sílaba em termos de atribuição do acento. Com efeito, são exatamente as sílabas V e CV, consideradas leves nessa língua conforme explicitado em (2.3.1), que em sílaba final não têm o poder de atrair o acento. Em acordo com Tracy, então, exemplos como os de (88) apresentam acento na última sílaba, enquanto aqueles de (89) levam acento na penúltima sílaba, como demonstrado a seguir:

- | | | | |
|------|----|------------------------------------|----------------|
| (88) | a. | [³ ʒa.'kap] | ‘roça’ |
| | b. | [i.a.ba.tĩ.'pã̃n] | ‘ele se ouviu’ |
| | c. | [baj.'ɕij] | ‘flecha’ |
| | d. | [i.ti.kap.'ni:] | ‘ele viu’ |
| | e. | [i.'p ^j ej] | ‘tudo, todo’ |
| | f. | [a.ba.ta.ka.ɕi.'w ^j ej] | ‘foi ouvido’ |
| | g. | [i.wa.'ʔuʂ] | ‘rio’ |
| | h. | [i.pej.'ã̃n] | ‘acabar’ |
| (89) | a. | [¹ ba.ɕU] | ‘machado’ |
| | b. | [ta.ɕã̃.mitʃ.'pa.ʔU] | ‘horizontal’ |
| | c. | [ka.'wa.ɕU] | ‘cavalo’ |
| | d. | [ɖa.'ja.ɕɰ] | ‘esposo’ |
| | e. | [₁ pa.ɕa.'ka.ɕI] | ‘caxiri’ |

(88a-h) envolvem exemplos com os diversos tipos básicos de sílaba pesada no final de palavra, respectivamente, consoante-vogal-consoante, consoante-vogal longa, consoante-vogal-glide e vogal-consoante, razão por que nessa sílaba cai o acento principal. (89a-e), ao contrário, envolve apenas sílabas leves no final das palavras, motivo para o acento principal ou culminativo (no nível da palavra) situar-se na penúltima sílaba.

Essa descrição cobre de alguma forma os fatos que se apresentam em superfície nos dados do Wapixana. Todavia, a informação parece perder em simplicidade, pois lança mão de duas regras para dar conta dos fatos; também, parece falhar em precisão, pois não permite saber qual das posições potenciais (última ou penúltima) é a prioritária para a localização do acento pelos falantes da língua. Finalmente, a informação parece isolada, isto é, dissociada de outros fatos do sistema lingüístico.

Uma análise alternativa consiste em não localizar o acento diretamente em uma sílaba particular da palavra, mas estabelecer estruturas para constituintes métricos e construir a localização do acento como uma análise da palavra nesses constituintes, cujas menores unidades são os pés (HAYES, 1995, p. 40). Conforme este autor, há três tipos básicos de pés binários, dentre os quais as línguas optam por um: *troqueu silábico*, *troqueu moraico* e *iambo*. Resumidamente, o primeiro caracteriza-se por não ser sensível ao peso silábico e ter sua cabeça (tempo forte, mais proeminente) à esquerda; o segundo, por ser sensível ao peso silábico e ter sua cabeça também à esquerda; o terceiro, por ser sensível ao peso silábico e ter sua cabeça à direita (HAYES, 1995, p. 71). Esses três tipos de pé podem ser representados como em (90) abaixo²⁵:

- (90) a. Troqueu silábico: $(x \cdot)$
 $\sigma \sigma$
- b. Troqueu moraico: $(x \cdot)$ ou (x)
 $\sim \sim$ $-$
- c. Iambo: $(\cdot x)$ ou (x)
 $\sim \sigma$ $-$

tipos básicos de pés métricos (HAYES, 1995)

Dessa perspectiva, caracterizar a estrutura rítmica de uma língua implica identificar o pé básico por ela empregado e a direcionalidade na construção do pé (da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda), assim como, verificar se há pés degenerados e elementos extramétricos.

²⁵ Os parênteses caracterizam o domínio do pé; x representa o tempo forte (mais proeminente) dessa unidade fonológica e o ponto, seu tempo fraco (menos proeminente); os símbolos \sim , $-$ e σ caracterizam, respectivamente, sílaba leve, sílaba pesada e sílaba sem especificação de quantidade.

Considerando que o Wapixana é sensível ao peso silábico (a sílaba pesada final atrai o acento), seu tipo de pé não pode ser troqueu silábico. Entretanto, a aplicação do modelo de Hayes aos exemplos de (88-89) acima, aparentemente, aponta para as duas alternativas restantes, como revelam as representações em grades parentetizadas de (88) e (89) em (91) e (92), respectivamente:

- (91) a. (x) b. (x) c. (x)
 (. x) (. x)(. x) (x x)
 ~ - ~ ~ - ~ - - -
 [ʔza.'kap] 'roça' [i. a.ba.tí.'jãñ] 'ele se ouviu' [baj.'tʃij] 'flecha'
- d. (x) e. (x) f. (x)
 (. x)(x) (. x) (. x)(. x)(. x)
 ~ ~ - - ~ - ~ ~ ~ ~ ~ -
 [i. ti.kap.'ni:] 'ele viu' [i.'pʲej] 'tudo, todo' [a.ba.ta.ka.tʃi.'wʲej] 'foi ouvido'
- g. (x) h. (x)
 (. x) (. x)(x)
 ~ ~ - ~ - -
 [i.wa.'ʔuʃ] 'rio' [i.pej.'ãñ] 'acabar'
- (92) a. (x) b. (x) c. (x)
 (x .) (x .)(x)(x .) (x .)
 ~ ~ ~ ~ - ~ ~ ~ ~ ~
 [ʔba.tʃU] 'machado' [ta.tʃã.mitʃ.pa.ʔU] 'horizontal' [ka.'wa.tʃU] 'cavalo'
- d. (x) e. (x)
 (x .) (x .)(x .)
 ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~
 [da.'ja.tʃ] 'esposo' pa.tʃa.'ka.tʃI] 'caxiri'

representações em grades parentetizadas (HAYES, 1995)

Em (91) e (92), os *parênteses do nível mais acima* caracterizam o domínio da palavra fonológica e o *x* em seu interior, o acento culminativo (ou principal) da palavra fonológica; os *parênteses imediatamente abaixo* correspondem ao domínio dos pés e, nestes, *x* marca o tempo forte (mais proeminente) e o *ponto* marca o tempo fraco (menos proeminente) desses constituintes; os símbolos \sim e $-$ caracterizam sílaba leve e sílaba pesada, respectivamente. Um fato relevante nas representações é que as sílabas iniciais dos exemplos (91b), (91d), (91g) e (92d), embora integrem a palavra fonológica, não pertencem a nenhum pé, uma vez que a estrutura do pé não permite que uma única sílaba leve constitua um pé, como se pode ver nas representações de (90b) e (90c) referentes aos pés troqueu moraico e iambo, respectivamente.

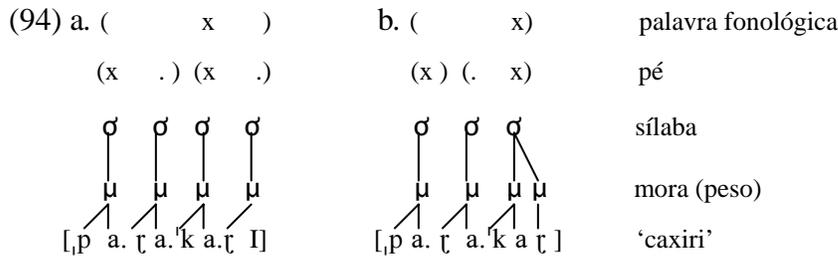
Os exemplos de (91) sugerem o emprego de pé iâmbico, já que a sílaba mais proeminente é a da direita, como atesta o pé de (91a) [ʔza.'kap] ‘roça’ cuja sílaba final é pesada. (92), por seu turno, sugere pé troqueu moraico, como se observa em (92a) ['ba.ɾU] ‘machado’, que parece apresentar a sílaba à esquerda como mais proeminente. O problema é saber qual dos dois tipos de pé é o escolhido pela língua. Do ponto de vista da realização fonética, as vogais finais de exemplos similares aos de (92) são extremamente fracas a ponto de perder o traço [+voz] (como descrito em 2.2.2.2), soando como um ruído final da consoante que as precede. Outra possibilidade é que essas vogais sofram apagamento, como descrito a seguir.

2.4.1. Apócope ou apagamento vocálico final

Alternativamente, as vogais breves em posição final de palavra podem sofrer apagamento em vez de apenas devozamento, como descrito na seção (2.2.2.2) acima. Na verdade, o apagamento é até mais freqüente que o simples devozamento. Portanto, palavras como as de (89) e (92), que sugerem pés troqueus moraicos, são mais regularmente realizadas como em (91), com o apagamento da vogal fraca final:

- (93) a. ['baɾ] 'machado'
 b. [ta.ɾã.mitʃ.'paʔ] 'horizontal'
 c. [ka.'waɾ] 'cavalo'
 d. [ɖa.'jaɾ] 'esposo'
 e. [pa.ɾa.'kaɾ] 'caxiri'

Esse apagamento final parece justificado, pois a vogal, uma vez debilitada, perde sua condição de núcleo silábico e, conseqüentemente, seu licenciamento prosódico (Ito, 1986:2), isto é, não se encontra associada à estrutura prosódica mais alta, assim sofre apagamento. Após a queda da vogal, a consoante órfã da sílaba final, então sem núcleo, busca uma associação que lhe assegure o licenciamento prosódico e, assim, adjuge à posição final (coda) da sílaba anterior, que é opção disponível em conformidade com o padrão silábico da língua. Retomando o exemplo de (93e), esses dois estágios do processo podem ser representados como segue:



apagamento vocálico final em Wapixana

Em (94), os símbolos σ e μ representam, respectivamente, os domínios da sílaba e da(s) unidade(s) de peso (moras) correspondente(s) a cada sílaba. Em (94a), a vogal fraca final [ɪ], desassociada, é apagada, em (94b); como conseqüência, a consoante [ɾ], que em função da queda dessa vogal ficou órfã, junta-se à sílaba anterior na posição coda disponível, resultando na sílaba pesada final [kaɾ], que recebe o acento. Isso demonstra que exemplos como os de (89), (92) e (93), que sugeririam uma opção da língua Wapixana por pé troquei moráico, podem ser analisados como indicando a opção por pé iambo. Todavia, considerando que a estrutura métrica não deve servir apenas para derivar acento, mas como

um princípio geral da fonologia da língua (HAYES, 1995, p. 82), é importante que as hipóteses levantadas sejam suportadas em campos independentes. Nesse sentido parece ir o alongamento iâmbico, descrito a seguir.

2.4.2. Alongamento iâmbico

Um fato fonológico com repercussão na morfologia que parece ratificar a opção do Wapichana pelo pé iambo diz respeito à marca de gênero dos pronomes de terceira pessoa do singular nominativo, dos quais trato no capítulo 3. Para o momento, basta adiantar que essa língua exhibe tanto marcas prefixais quanto formas independentes para fazer referência à categoria de pessoa gramatical. Os prefixos *í* e *u-* marcam, respectivamente, terceira pessoa do singular masculino e terceira pessoa do singular feminino, como demonstram os exemplos em (95):

- (95) a. [í-zakap-ã-n] ‘roça dele’
 3M-roça-EP-POSS
 b. [u-zakap-ã-n] ‘roça dela’
 3F-roça-EP-POSS

As formas independentes de terceira pessoa do singular são constituídas desses prefixos acrescidos das respectivas redundantes marcas de gênero que, tal como para os nomes inalienáveis, correspondem aos sufixos *-ɽí* para o masculino e *-ɽu* para o feminino, como se pode observar em (96) abaixo:

- (96) a. í + ɽí → *íɽí
 3M M
 b. u + ɽu → *uɽu
 3F F

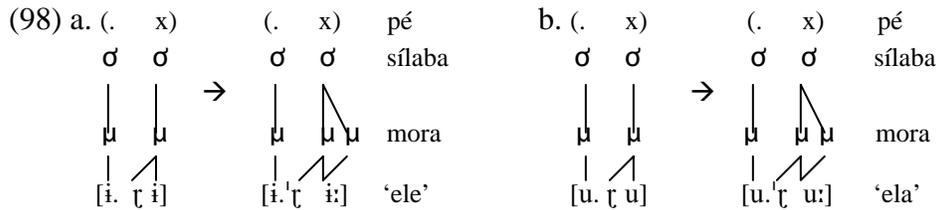
Todavia, ambos os componentes das formas livres pronominais de terceira pessoa, os prefixos *í* e *u-* (de terceira pessoa do singular masculino e feminino, respectivamente) e sufixos redundantes *-ɽí* e *-ɽu* (de gênero masculino e feminino, respectivamente) são

constituídos de sílabas leves (V para o primeiro par; CV para o segundo) que, adicionadas, produzem pé iambo do tipo /- ˘/26, que contraria a lei iâmbico-trocaica, que é descrita por (Hayes, 1995:80), como em (97):

(97) **Iambic/Trochaic Law**

- a. Elements contrasting in intensity naturally form groupings with initial prominence.
- b. Elements contrasting in duration naturally form groupings with final prominence.

Conforme item (97b), elementos que contrastam em duração naturalmente formam grupos com proeminência final, contrapondo-se a isso está o iambo formado pela adjunção dos prefixos pronominais de terceira pessoa do singular e o sufixo de gênero que têm igual duração e proeminência final. Para corrigir esse problema, a língua emprega a regra de alongamento iâmbico que acrescenta uma mora à sílaba final do *output* de (96), de forma a produzir um lícito pé iambo do tipo (˘ ˘) em vez do pé ilícito *(- ˘), o que resulta nas legítimas formas independentes de terceira pessoa: *ɨɨi*: ‘ele, dele’, *uɨu*: ‘ela, dela’, como se pode observar em (98):



alongamento iâmbico em Wapixana (em formas de terceira pessoa singular)

Em (98), portanto, as vogais dos sufixos de gênero de maculino *-ɨi* (em 98a) e de feminino *-ɨu* (em 98b) são alongadas para produzir legítimos iampos, como demonstrado pela associação dessas vogais , nos respectivos *outputs*, a duas posições na camada de moras.

Alongamento iâmbico é o que parece ocorrer também nas formas possuídas de certos nomes inalienáveis, como ilustrado em (99b) e (100b) abaixo:

²⁶ ˘ caracteriza sílaba acentuada.

- (102) a. (x) b. (x) c. (x)
 (. x) (x)(x) (. x)
 ~ - - - ~ ~ -
 [ma'zã̃n] /mazãn/ 'mas' [baj.'ɾij] /bajɾij/ 'flecha' [i.wa.'uʃ] /i.wa.uz/ 'rio'
- d. (x) e. (x)
 (. x)(. x) (. x)(x)
 ~ ~ ~ - ~ ~ - -
 [a.ɾĩ.m'ɛ.'ɾak] /aɾimaɾaka/ 'cachorro' [ta.ɾã.mitʃ.'paʔ] /ta.ɾã.mitʃ.pa.ʔU/ 'horizontal'

Em (102) todos os tipos de pés estão representados. (102a) exhibe o tipo canônico de pé iambo que é constituído de uma sílaba leve à esquerda e uma sílaba pesada à direita (~ -) sobre a qual pousa a marca da grade métrica no nível da palavra fonológica indicando que aí se encontra o acento culminativo, logo, o acento principal da palavra. Esse é o único tipo de pé que pode ocorrer sozinho em dissílabos, haja vista que a língua, mediante o processo de alongamento iâmbico, evita sílabas leves em final de palavra. Esse tipo de iambo encontra-se também nas duas sílabas finais dos exemplos (102c) [i.(wa.'uʃ)] 'rio' e (102d) [a.ɾĩ.(m'ɛ.'ɾak)] 'cachorro' e nas duas sílabas mediais do exemplo (102e) [ta.(ɾã.mitʃ). 'paʔ] 'horizontal'. A palavra do exemplo (102b) apresenta pés constituídos de uma única sílaba pesada (-), tal como ocorre com o pé constituído da última sílaba do exemplo (102e). Finalmente, as duas primeiras sílabas de (102d) constituem um iambo do tipo (~ ~), isto é, de duas sílabas leves com proeminência à direita.

A contagem alternante de sílabas leves é pautada pela estrutura bimoraica do pé e é reiniciada após cada sílaba pesada, desde que sílabas pesadas são necessariamente seguidas por fronteiras de pés. Isso permite identificar a direção da análise em pés. Exemplos como os de (102c) [i.wa.'uʃ] 'rio' e (102d) [a.ɾĩ.m'ɛ.'ɾak] 'cachorro' indicam que, na língua Wapixana, a análise em pés deve partir da esquerda para a direita, pois o sentido inverso produz resultado não satisfatório, como se pode observar em (103):

(103) a.	(. x)	a'. *(. x)	
	(. x)	(. x)(x)	
	˘ ˘ –	˘ ˘ –	
	[i.wa.'uʃ]	[i.wa.'ʔuʃ]	/i.wa.uz/ 'rio'
b.	(. x) (. x)	b'. *(. x)(x)	
	˘ ˘ ˘ –	˘ ˘ ˘ –	
	[a.ʔĩ.m'ɛ.'ʔak]	[a.ʔĩ.m'ɛ.'ʔak]	/aʔimaʔaka/ 'cachorro'

Em (103), as representações mal formadas de (103a') e (103b'), embora mantenham o acento cumulativo na posição correta, tal como em (103a) e (103b); em nível de pé, produzem a distribuição acentual das sílabas leves erroneamente. Isso ocorre porque em (103a') e (103b') a análise é orientada da direita para a esquerda e, como a contagem deve ser reiniciada após a sílaba pesada mais à direita, que encerra fronteira de pé, a distribuição acentual do resto da palavra fica comprometida. Isso sugere, portanto, que a análise da palavra wapixana em pés deve partir da esquerda para a direita e, quando necessário, saltar sílaba leve para derivar *pés próprios*, quer dizer, não degenerados, como ocorre com a primeira sílaba leve da palavra [i.wa.'ʔuʃ] 'rio' em (103a).

Quanto à proibição de pés degenerados, portanto, o Wapixana parece apresentar uma forte proibição, isto é, proíbe absolutamente o pé degenerado (HAYES, 1995, p. 87). Tal proibição é ratificada pelo requerimento de palavra mínima que nessa língua deve constar de no mínimo duas moras, como demonstram os exemplos de (104) a seguir:

(104) a.	/u:/	[u:]	'sim'
b.	/i:/	[i:]	'nome'
c.	/zɨn/	[zɨn]	'mulher, menina'
d.	/man/	[mã̃n]	'mesmo'

Assim, apenas monossílabos como os de (104), que contêm duas moras, podem constituir palavras em Wapixana; nunca monossílabos constituídos de sílabas leves.

Finalmente, retornando aos exemplos de (102), é possível observar que (102b) [baj.ˈɾij] ‘flecha’ e (102e) [ta.ɾã.mitʃ.ˈpaʔ] ‘horizontal’ não se encontram corretamente derivados, desde que tais formas apresentam colisão de acento (stress clash). Tal problema parece requerer a aplicação da regra de desacentuação (destressing rule) apresentada em (105), a seguir:

(105) **Desacentuação** $x \rightarrow \emptyset$ em colisão
regra de desacentuação

Essa regra é uma consequência da Restrição da Coluna Contínua cuja idéia central é que não deve haver lacuna em uma coluna de marcas de uma representação métrica, em outras palavras, uma coluna que tem uma marca de grade x em dada camada também deverá ter marcadas suas camadas mais baixas. Em relação à regra de desacentuação, essa restrição implica tornar fraco o mais fraco, isto é, entre dois acentos adjacentes, deve-se remover aquele que tem menor grau de proeminência, como se pode ver na aplicação dessa regra aos exemplos de (102b) e (102e) nas representações em (106a) e (106b), respectivamente:

(106) a. $\begin{array}{ccc} (& x &) \\ (x)(x) & \rightarrow & (x) \\ - & & - \\ [baj.ˈɾij] & /bajɾi/ & \text{‘flecha’} \end{array}$ $\begin{array}{ccc} (& x &) \\ (x) & & \\ - & & - \\ [baj.ˈɾij] & /bajɾij/ & \text{‘flecha’} \end{array}$

b. $\begin{array}{ccc} (& & x &) \\ (.x)(x) & \rightarrow & (x) \\ \sim & & \sim \\ [ta.ɾã.mitʃ.ˈpaʔ] & /ta.ɾã.mitʃ.paʔ/ & \text{‘horizontal’} \end{array}$ $\begin{array}{ccc} (& & x &) \\ (x) & & \\ \sim & & \sim \\ [ta.ɾã.mitʃ.ˈpaʔ] & /ta.ɾã.mitʃ.paʔ/ & \text{‘horizontal’} \end{array}$

Em (106), as marcas de grades correspondentes às sílabas [baj] em (106a) e [mitʃ] em (106b) que, dos acentos em colisão, eram os mais fracos, porque eram marcados apenas no nível do pé, sofrem o processo de desacentuação, reduzindo ainda mais sua proeminência

em relação às sílabas finais mais fortes [ɾij] (em 106a) e [paʔ] (em 106b) com as quais colidiam.

Embora essa investigação seja de caráter preliminar, apresenta algumas pistas que servirão como ponto de partida para futuras pesquisas sobre a língua. Como a análise dos dados sugere, tudo indica que o Wapixana opta por pés iambos computados da esquerda para a direita e não parece lançar mão do recurso da extrametricalidade. Pés iambos são atestados especialmente pelo processo de alongamento iâmbico, típico desse tipo de língua. Já a presença de sílabas finais leves, que em primeiro momento poderiam supor a extrametricalidade, parecem melhor tratadas mediante o processo de apagamento vocálico final ou apócope, uma vez que tal processo produz sílabas pesadas conformadas ao padrão silábico da língua que, adequadamente podem receber o acento final que caracteriza o pé iambo. Outra inferência que daqui se extrai diz respeito ao fato de que essa língua proíbe de forma absoluta pés degenerados. Depõe em favor dessa conclusão o requerimento de palavra mínima que, exigindo um mínimo de duas moras, proíbe a existência de palavra constituída de única sílaba leve. Como afirmado acima, todavia, considerando o estágio atual do estudo sobre a língua, essas pistas constituem apenas um ponto de partida para trabalhos futuros que poderão confirmá-las ou negá-las.

III MORFOLOGIA

3.0. Introdução

Este capítulo tem por propósito apresentar uma descrição da morfologia do Wapixana, considerando especialmente, para isso, as propriedades estruturais internas e as propriedades sintáticas que caracterizam cada classe de palavra. Embora não sejam bem nítidas as fronteiras entre os domínios gramaticais de *morfologia* (o estudo da composição formal e semântica das palavras) e de *sintaxe* (o estudo das relações entre palavras no interior da sentença), para a obtenção de melhores resultados em termo de exposição, é comum reconhecer o limite entre ambos (ANDERSON, 1985, p. 150). De fato, especialmente em relação ao estudo de línguas polissintéticas²⁷ como o Wapixana, é normal a codificação de uma mesma categoria tanto no âmbito da morfologia, através de *formativos*²⁸, quanto no âmbito da sintaxe, envolvendo sintagmas, frases, etc, além, é claro, de fenômenos mais gerais, como a concordância, que envolvem a interação entre categorias desses dois domínios. Entretanto, seguindo a tradição e por entender que esta é a melhor forma de apresentação dos dados dessa língua, neste trabalho, eu assumo essa distinção.

Tratar de morfologia e classes de palavras em relação a uma língua especialmente pouco conhecida e dotada de complexa teia morfológica como o Wapixana implica a necessidade de expressar o que se entende aqui por *palavra*, termo de complicada definição, de forma que não é fácil um critério que se aplique às línguas universalmente (SPENCER, 1991, p. 41). Na literatura, a definição de palavra leva inevitavelmente a pelo menos duas interpretações, conforme o critério adotado: o fonológico, que resulta na *palavra fonológica* ou *prosódica*; e o gramatical, que resulta na *palavra gramatical*. Do ponto de vista fonológico, consideram-se como critérios para a identificação da palavra fonológica: a pausa, a posição do acento culminativo, certos processos fonológicos e

²⁷ Conforme Comrie (1989, p. 45), polissintética é a língua que combina um amplo número de morfemas, lexicais ou gramaticais em uma única palavra.

²⁸ O termo *formativo* é aqui empregado por ser um termo mais neutro do que o tradicional morfema (ANDERSON, 1985, p. 150), evitando, assim, a obrigatoriedade da relação *um-por-um* entre forma e significado, que, regularmente, não traduz a realidade plena do que se observa nas línguas em geral (ANDERSON, 1985 p. 161; BYBEE, 1985, p. 3).

restrições fonotáticas. O exemplo em (1), que se encontra transcrito fonológica (1a) e foneticamente (1b) para fins de exposição, permite observar a aplicação desses critérios para a identificação de fronteiras de palavras fonológicas em Wapixana:

- (1) a. /## z̥ɪn-aba # naʔa'k-a-n # ipai # kaniz̥ # piɣaɾi # at ##/
mulher-F levar-EP-MI todo mandioca 2 DAT
- b. [## z̥ɪ'nabA # naʔa'kãn # i'p̥ej # kã'niʂ # pi'ɣaɾɪ # at ##]
‘a mulher levou toda a mandioca para você’

Em (1), seguindo o *critério de pausa*, são identificadas seis palavras fonológicas, cujas fronteiras estão aí demarcadas pelo símbolo #.

Se o critério adotado for a *localização do acento culminativo*, obtém-se igual resultado, uma vez que nessa língua o acento é fixo, caindo sobre a última sílaba pesada, como discutido em (2.4) acima. Assim, as palavras [naʔa'**kan**] ‘levou’, [i'**pej**] ‘todo’, [kã'**niʂ**] ‘mandioca’, em (1b), todas recebem acento na última sílaba (aqui em negrito) que é pesada; as palavras [z̥ɪ'**nabA**] ‘mulher’ e [pi'**ɣaɾɪ**] aparentemente levariam acento na penúltima sílaba, mas, como descrito em (2.4.1), a vogal enfraquecida final normalmente sofre apócope, resultando nas realizações [z̥ɪ'**nap**] ‘mulher’ e [pi'**ɣaɾ**] ‘você’ e, dessa forma, em conformidade com o padrão iâmbico que caracteriza a língua, também levam acento na última sílaba pesada; finalmente, a palavra monossilábica [at] ‘para’ é constituída de duas moras e, assim, obedece ao *requerimento de palavra mínima* exigido pelo padrão da língua, como discutido em (2.4).

No que tange ao uso de *processos fonológicos* para a identificação de fronteira entre palavras, em (1), observa-se que os processos de assimilação: nasalização, descrito em (2.2.1.5), palatalização, descrito em (2.2.1.2) e harmonia vocálica progressiva, descrito em (2.2.1.3), que atuam no interior de palavra não atuam na fronteira de palavras. Assim, o processo de nasalização aplica-se da consoante nasal para a vogal precedente no interior das palavras: [z̥ɪ'**nabA**] ‘mulher’, [naʔa'**kãn**] ‘levou’ e [kã'**niʂ**] ‘mandioca’, mas não se aplica na fronteira [z̥ɪ'nabA # naʔa'kãn] ‘a mulher levou’, como demonstram aqui os destaques em negrito (cf. 1a-b). O processo de palatalização aplica-se de [i] para [p] no

interior da palavra [i'p^jej] 'todo', mas não se aplica de [j] para [k] na fronteira [i'p^jej # kã'niʂ] 'toda a mandioca' (cf. 1a-b). Finalmente, o processo de harmonia vocálica progressiva aplica-se de [i] para [a] no interior da palavra [i'p^jej] 'todo', mas não se aplica de [j] para [a] na fronteira [i'p^jej # kã'niʂ] 'toda a mandioca', como demonstram os destaques em negrito (cf. 1a-b).

No que tange à utilização das *restrições fonotáticas* como pista para a identificação de fronteiras entre palavras, o fato de o Wapixana permitir apenas uma consoante quer em posição *onset*, quer em posição *coda* indica potencial fronteira entre as palavras da seqüência [kaniʂ # pⁱgaɾi] 'mandioca você', pois os segmentos em fronteira de palavra (em negrito) não poderiam pertencer a uma única posição silábica. Também, a presença de vogal enfraquecida indica fronteira entre palavras, de forma que, na seqüência [zɪ' nabA # naʔa'kã] 'a mulher levou', a vogal em negrito indica o final da primeira palavra e, conseqüentemente, que a consoante seguinte inicia a palavra final.

O critério gramatical pode ter base morfológica ou sintática. Bastante empregado é o critério gramatical de base morfológica relacionado ao fato de que classes de palavra diferentes exibem categorias diferentes (ANDERSON, 1985, p. 153). Os exemplos do Wapixana, a seguir, exemplificam a aplicação desse suporte²⁹:

- (2) a. daunaiuɾ-a-**na-u** kaʔi-d-**ɨn-a-n** 'os homens estão trabalhando'
 homem-EP-DÊIT-PL mão-VR-REFL-EP-MI
- b. *daunaiuɾ-**ɨn-a-n** kaʔi-d-**na-u** 'os homens estão trabalhando'
 homem-REFL-EP-MI mão-VR-DÊIT-PL

Em (2a), a marca de plural *-na-u* (DÊIT-PL) e as marcas de reflexivo *-ɨn* e de modo indicativo *-n* encontram-se afixadas às bases específicas de suas classes de palavra, respectivamente, nome, para a primeira, e verbo, para as duas últimas; enquanto, em (2b), encontram-se invertidas, isto é, flexões do verbo afixadas à base nominal e flexão do nome afixada à base verbal. Essa é a razão da impossibilidade da segunda construção. O fato de

²⁹ Doravante, os exemplos são apresentados, regularmente, em transcrição fonêmica, ficando a transcrição fonética restrita a casos específicos, quando necessário, para maior clareza dos assuntos a serem expostos.

cada categoria ter emprego restrito a uma classe, constitui um suporte para a definição da palavra, de forma que em (2a) a junção do marcador de plural *-na-u* (DÊIT-PL) à base *daunaiur* ‘homem’ identifica essa palavra como um nome; enquanto a anexação dos sufixos marcadores de reflexividade *-ijn* e de modo indicativo *-n* à base *ka?iɔ* identifica-a como pertencente à classe dos verbos.

Um critério gramatical de base sintática para a delimitação de palavra é aquele relacionado à *forma livre mínima*: “a word is the smallest unit that can exist on its own” (SPENCER, 1991, p. 43). Portanto, desse ponto de vista, constitui palavra a menor unidade sintática que pode ocorrer isoladamente no discurso, como ilustrado em (3) abaixo:

- (3) a. kan dji: i-ɽi ʃaʔap-a-p-a-n? ‘O que ele está fazendo?’
 QU DÊIT 3M-M fazer-EP-CONT-EP-MI
 b. sumaɽa. ‘Um arco.’

Em (3), a resposta em (3b) à pergunta em (3a) constitui uma forma livre mínima capaz de ocorrer isoladamente no discurso; logo, essa unidade deve ser considerada uma palavra.

Do ponto de vista sintático, a noção de palavra também pode ser obtida mediante à possibilidade de essa unidade ser permutada por outra palavra ou à possibilidade de inserção de uma palavra entre duas outras (ANDERSON, 1985, p. 153). Os exemplos em (4) a seguir ilustram a primeira dessas duas bases de identificação da palavra³⁰:

- (4) a. ũ-ɖap-na-u dji-ki-ka?i-ɖa-ʔi ‘minhas três casas’
 1-CL:habitação-DÊIT-PL dois-antes-mão-gênese-CL:PTT
 b. dji-ki-ka?i-ɖa-ʔi ũ-ɖap-na-u ‘minhastrês casas’
 dois-antes-mão-gênese-CL:PTT 1-CL:habitação-DÊIT-PL
 c. *ũ-ɖap-na dji-ki-ka?i-ɖa-ʔi-u ‘minhas três casas’
 1-CL:habitação-DÊIT dois-antes-mão-gênese-CL:PTT-PL
 d. *ũ dji-ki-ka?i-ɖa-ʔi ɖap-na-u ‘minhas três casas’
 1. dois-antes-mão-gênese-PTT CL:habitação-DÊIT-PL

³⁰ A palavra /dji-ki-ka?i-ɖa-ʔi/ (dois-antes-mão-gênese-CL:PTT) ‘três’ realiza-se concretamente como [dji-kʲi-ɲaʔi-ɖa-ʔi]. Sobre possíveis processos fonológicos aí envolvidos, ver o estudo dos numerais na seção (3.2.2) adiante.

Em (4), fica evidente a liberdade de ordem, a mobilidade que as palavras, formas mínimas livres da sintaxe, exibem em oposição ao maior rigor da seqüência de morfemas no interior da palavra sintática (ANDERSON, 1985, p. 152). Assim, tanto a seqüência possessivo-numeral /*ũdapnau dikika?ida?i*/ (lit. ‘minhas casas três’) na construção de (4a), quanto a seqüência numeral-possessivo /*dikika?ida?i ũdapnau*/ (lit. ‘três minhas casas’) na construção de (4b) são possíveis, já que os conteúdos significativos designados por cada uma dessas unidades corresponde a uma palavra sintática. (4c-d) não são possíveis, por outro lado, uma vez que, tanto os elementos movidos: o marcador de plural -*u* em (4c) e o bloco *dap-na-u* (CL:habitação-DÊIT-PL), em (4d), quanto os elementos que permanecem em suas posições originais: *ũdap-na* (1-CL:habitação-DÊIT), em (4c), e o marcador de primeira pessoa *ĩ*, em (4d) não constituem palavras - formas mínimas livres, mas morfemas – formas presas (BLOOMFIELD, 1933), logo necessitariam de uma base a que se agregar de que não dispõem. Portanto, o critério de substituição, ou mobilidade, entre palavras constitui base para a identificação da palavra sintática.

Quanto ao critério de inseparabilidade, ou emprego da inserção de palavra para separar palavras, ele pode ser ilustrado como em (5) abaixo:

- (5) a. *kajna: ka-zju-kaři* ‘existem doenças’
EXIST AT-estado-NR
- b. *kajna: ti:ki: ka-zju-kaři* ‘existem muitas doenças’
EXIST QUANT AT-estado-NR

Em (5b), a inserção do quantificador *ti:ki:* ‘muito’ entre o existencial *kajna:* ‘existe’ e o nome abstrato *kazjukaři* ‘doença’ demonstra que estes constituem palavras. Portanto, se duas seqüências suspeitas de constituírem palavras distintas aceitam a interposição de uma palavra entre elas, o critério de inseparabilidade determina que tais seqüências constituem realmente palavras.

Há, além dos critérios fonológico e gramatical, o critério semântico para a identificação de palavras. Tal critério, por ser de base puramente nocional, não se apresenta como uma ferramenta operacional adequada (SCHACHTER, 1985, p. 3), mas pode ser útil

como um suporte a mais na identificação de uma classe de palavras já estabelecida pelo critério formal (ou gramatical), conforme Lyons (1968, p. 318).

De acordo com suas propriedades estruturais e funcionais, costuma-se dividir as palavras em *classes*; essas classes, por sua vez, são divididas em dois sistemas – o *sistema aberto* e o *sistema fechado* (SCHACHTER, 1985, p. 4). O *sistema aberto* é ilimitado no sentido de que envolve classes de palavras que, do ponto de vista da produção, permitem a criação de novas palavras e, do ponto de vista do significado, expressam conceitos lexicais, isto é, não restritos à gramática. O *sistema fechado*, por seu turno, constitui-se de classes de palavras que, do ponto de vista da produtividade, são estéreis, isto é, regularmente, não permitem a geração de novas unidades, formando assim um conjunto limitado, e, do ponto de vista do significado ou função, expressam conceitos gramaticais, quer dizer, específicos da gramática. Conceitos como os de classe e de sistema aberto e fechado acima não devem ser tomados com extremo rigor, antes de limites absolutos entre classes de um mesmo sistema e entre sistemas, há imprecisão entre as margens, de forma que a noção de um contínuo onde tais categorias se distribuem é hoje mais aceita (GIVÓN, 2001b, p. 34).

De qualquer forma, considerando suas propriedades estruturais e funcionais, pode-se dizer que o Wapixana exibe as seguintes classes de palavras que constituem um sistema aberto: nome, verbo, adjetivo e advérbio. De uma forma geral, se pode dizer que a primeira caracteriza-se por permitir, em sua maioria, a adjunção dos formativos flexionais típicos, tais como plural ou gênero e por exercer a função nuclear em sintagmas nominais que constituem argumentos verbais; a segunda, por permitir a adjunção de típicos morfemas verbais, tais como: tempo, modo, aspecto e constituir núcleo de predicado na oração; a terceira, por receber o afixo específico dessa classe e atuar como modificador nominal; a última, por não sofrer variação flexional e atuar como modificador de elemento verbal. No que tange ao sistema fechado, pode-se dizer que o Wapixana exibe as seguintes classes: pronomes, numerais, posposições, conjunções e interjeições. Cada uma dessas classes de palavras, pertencente ao sistema aberto ou ao sistema fechado, será abordada a seguir, iniciando com as classes de palavras pertencente ao sistema aberto, em (3.1); e, em seguida, as classes de palavras pertencentes ao sistema fechado, em (3.2).

3.1. Classes pertencentes ao sistema aberto

O estudo das classes de palavras pertencentes ao sistema aberto é aqui realizado com base, especialmente, em suas propriedades estruturais, isto é, visa à identificação dos formativos e à maneira como eles se combinam para formar palavras; e, embora, como recurso para estabelecer distinções entre classes de palavras, eu empregue como critério também o comportamento sintático, um estudo mais detalhado das propriedades sintáticas das classes de palavra do Wapixana é oferecido no capítulo 4, em que procederei à análise sintática. A abordagem das palavras pertencentes ao sistema aberto obedece à seguinte ordem de exposição: em (3.1.1) trato do nome; em (3.1.2) analiso o verbo; em (3.1.3), investigo o adjetivo e, finalmente, em (3.1.4) abordo o advérbio.

3.1.1. Nome

Considerando o critério morfológico, pode-se dizer que o nome na língua Wapixana é o radical simples ou complexo que aceita a afixação do formativo complexo *-na-u* (DÊIT-PL) para acrescentar-lhe a idéia de pluralidade. Isso é ilustrado em (6) e (7) abaixo:

- | | | | |
|-----|----|--|----------------|
| (6) | a. | <i>baɽu</i>
machado | ‘machado’ |
| | b. | <i>baɽu-na-u</i>
machado-DÊIT-PL | ‘machados’ |
| (7) | a. | <i>kaʔi-fiu</i>
mão-TCL:duro | ‘dedo da mão’ |
| | b. | <i>kaʔi-fiu-na-u</i>
mão-TCL:duro-DÊIT-PL | ‘dedos da mão’ |

Em (6a), o radical simples *baɽu* ‘machado’ é acrescido do formativo complexo marcador de plural *-na-u* (DÊIT-PL), resultando na palavra *baɽu-na-u* (machado-DÊIT-PL) ‘machados’ em (6b), que engloba, além do significado do radical, a idéia de ‘mais de um’ codificada pelo formativo marcador de plural *-na-u* (DÊIT-PL). De igual forma, em (7), o radical complexo *kaʔi-fiu* (mão-TCL:duro) ‘dedo’ de (7a) recebe o marcador de plural –

na-u (DÊIT-PL), em (7b), produzindo *kaʔi-fiu-na-u* (mão-TCL:duro-DÊIT-PL) ‘dedos da mão’, que envolve, além do sentido prolongamento duro da mão, a idéia de pluralidade.

Embora a análise sintática mais detalhada seja oferecida apenas no seguinte capítulo, pode se dizer, a título de definição que, do ponto de vista funcional, nome é o constituinte que funciona como núcleo de sintagmas nominais argumentos do verbo, ou como núcleo de construção possessiva. Isto é ilustrado em (8) abaixo:

- (8) **zɨn** t-a-n **baɽu** pa-i-**ɖa-ni** at
mulher dar-EP-MI machado ANF-?-gênese-? RECEP
‘a mulher deu o machado ao filho’

Em (8), as formas em negrito *zɨn* ‘mulher’, *baɽu* ‘machado’ e *ɖani* ‘gênese’ são, portanto, nomes; uma vez que são núcleos de sintagmas nominais argumentos. Esta última forma (*ɖani* ‘filho’), especialmente, caracteriza-se como nome também pelo fato de constituir núcleo da construção possessiva *pa-i-ɖa-ni* (ANF-?-gênese-?) ‘seu filho’.

Tendo definido de forma bastante ampla a noção da unidade nominal em Wapixana do ponto de vista morfológico e funcional, torna-se necessário fazer uma investigação mais detalhada da natureza dos constituintes do nome; isso é o que segue nas próximas seções deste capítulo.

3.1.1.1. Subclasses de nomes com base na categoria de posse

Considerando que as partes do discurso podem ser classificadas com base em suas propriedades gramaticais (SCHACHTER, 1985, p. 3) e tomando em conta especialmente as categorias para que os nomes podem ser especificados inerentemente, experimento, a partir desta seção, reconhecer subdivisões da classe dos nomes do Wapixana.

Uma primeira e ampla divisão que se pode fazer entre os nomes do Wapichana, calcada na categoria de posse, resulta em dois subgrupos: *inalienáveis* e *alienáveis*. Essa divisão não é fortuita e tem conseqüências no que tange ao tipo de marca que codifica outras categorias, tais como a categoria de gênero, que analiso posteriormente. Assim, como ocorre com as línguas Aruák em geral (PAYNE, 1991; AYKHENVALD, 1999), o

Wapixana também exhibe a distinção entre nomes *inalienavelmente possuídos* e nomes *alienavelmente possuídos*. Tal distinção é estabelecida no próprio léxico, como se pode observar na descrição de cada uma dessas subclasses, a seguir.

3.1.1.1.1. Nomes inalienáveis

Os nomes inalienáveis são obrigatoriamente possuídos. Regularmente, tal propriedade dessa classe de nomes é codificada na língua lexicalmente, isto é, por meio do sufixo *-j* adicionado à raiz do nome inalienável, quando ele não apresenta um possuidor especificado, e pela ausência desse sufixo quando o nome inalienável apresenta, em uma construção de posse, um possuidor especificado. Morfemas, como o sufixo *-j*, que marcam a ausência de um possuidor especificado para nomes inalienáveis, são chamados por alguns autores de *absoluto* (PAYNE, 1981, p.379); neste trabalho, entretanto, glosso tal sufixo como NPOSS ‘não possuído’. Os exemplos de (9) abaixo ilustram o emprego do nome inalienável *baiɽij* ‘flecha’ em Wapixana:

- (9) a. **baiɽi-j** ‘flecha’
flecha-NPOSS
- b. zɽn kizɽi?-a-n **baiɽi-j** ‘a mulher furou a flecha’
mulher furar-EP-MI flecha-NPOSS
- c. *ɽɽi* baiɽi ‘flecha dele’
3M-M flecha

(9a-b) exemplificam o emprego do morfema marcador de nome não-possuído *-j* que, em ambos os exemplos, encontra-se em negrito. (9a) apresenta o nome inalienável *baiɽij* ‘flecha’ isolado, como um item lexical; (9b) ilustra o mesmo nome no interior de uma sentença. Nesses exemplos, não há construção possessiva e, conseqüentemente, não há possuidor especificado, motivo por que em ambos ocorre o sufixo não-possuído. (9c), em contrapartida, ilustra o emprego dessa mesma palavra em construção possessiva que, portanto, traz um possuidor explícito *ɽɽi* (3M-M) ‘ele’ (em itálico), razão pela qual o morfema marcador de não-possuído está ausente.

O exemplo de (9c) também esclarece a distribuição sintática do nome inalienável na construção possessiva, quer dizer, ele deve ocorrer em justaposição ao nome que designa seu possuidor e que o precede no sintagma nominal, o que se torna mais claro em exemplos como o de (10), a seguir:

- (10) a. *ɖi-aʔi-ta-m* *ɖaunaiuʔ baiʔi* ‘as duas flechas do homem’
 dois-mão-gênese-? homem flecha
- b. *ɖaunaiuʔ baiʔi* *ɖi-aʔi-ta-m* ‘as duas flechas do homem’
 homem flecha dois-mão-gênese-?
- c. **ɖaunaiuʔ* *ɖi-aʔi-ta-m* *baiʔi* ‘as duas flechas do homem’
 homem dois-mão-gênese-? flecha

Em (10), a constituição do sintagma nominal correspondente à tradução ‘as duas flechas do homem’ permite o deslocamento dos constituintes, desde que se mantenha a imediata precedência do nome referente ao possuidor *ɖaunaiuʔ* ‘homem’ em relação ao nome inalienável possuído *baiʔi* ‘flecha’: em (10a) a seqüência possuidor-possuído vem após o numeral *ɖiaʔitam* ‘dois’ e, em (10b) essa seqüência precede esse numeral; nunca, entretanto, é permitida a interposição desse numeral entre esses dois constituintes da seqüência possuidor-possuído, razão da impossibilidade de (10c).

Esse fato sugere que esse tipo de estrutura pode ser descrito com base apenas na estrutura interna do sintagma, isto é, na distribuição de seus elementos constituintes. Facundes (2000, p. 156), entretanto, em sua análise da língua Apurinã (Aruák), faz ver que, embora a regra de precedência do possuidor seja relevante como parte da gramática de línguas que exibem esse tipo de construção, ela negligencia dois aspectos da descrição: não refere à propriedade lexical dos nomes inalienáveis de tomar o sufixo *não-possuído*; nem, também, refere à propriedade lexical de esses nomes não tomarem os *sufixos possuídos* dos nomes alienáveis. Isto parece real também para o Wapixana, o que se tornará mais claro após a descrição dos nomes alienáveis em (3.1.1.1.2) adiante.

Nas construções possessivas de (9c) e de (10a-b) o possuidor é representado por formas livres, um pronome em (9c) e um sintagma nominal pleno em (10a-b). Todavia, o possuidor pode vir expresso por um marcador de pessoa afixado ao nome possuído. Em

(11), apresento o quadro dos marcadores de pessoa que podem ocorrer nesse tipo de construção como possuidor e, em (12), exemplos de emprego desses marcadores:

(11) Marcadores de pessoa em construções possessivas

pessoa	formas pronominais	
	singular	plural
1	ũ-	wa-
2	pi-	i-
3M	i-, -iz _z	i-
3F	u-, -izu	
ANF	pa-	

- (12) a. **ũ**-zəkap-a-n ‘minha roça’
1-roça-EP-POSS
- b. **pi**-zəkap-a-n ‘tua roça’
2-roça-EP-POSS
- c. **i**-zəkap-a-n ‘roça dele’
3M-roça-EP-POSS
- d. **u**-zəkap-a-n ‘roça dela’
3F-roça-EP-POSS
- e. **wa**-zəkap-a-n ‘nossa roça’
1PL-roça-EP-POSS
- f. **i**-zəkap-a-n ‘roça de vocês’
2PL-roça-EP-POSS
- g. **i**-zəkap-a-n ‘roça del(e)(a)s’
3PL-roça-EP-POSS
- h. ũ-tikap-ni: zəkap-a-n-**iz_z** ‘eu vi a roça dele’
1-ver-NPRES roça-EP-POSS-3M
- i. ũ-tikap-ni: zəkap-a-n-**izu** ‘eu vi a roça dela’
1-ver-NPRES roça-EP-POSS-3F
- j. zɨn tikap-ni: **pa**-dɨkin ‘a mulher viu uma foto de si própria’
mulher ver-EP-NPRES ANF-foto

(12a-g) exemplificam o elenco de prefixos pronominais marcadores de posse. (12h-i) ilustram o emprego dos sufixos pronominais marcadores de posse, cujo emprego restringe-

se a orações encaixadas. (12j) ilustra o emprego do prefixo *pa-*, que constitui um possessivo-reflexivo, isto é, uma estrutura reflexiva cujo sujeito é o possuidor do objeto (GIVÓN, 2001b, p. 105).

Do ponto de vista semântico, os nomes inalienáveis do Wapixana fazem referência a partes do corpo ou algo a ele relacionado, a plantas ou partes delas, a termos de parentesco dentre outros. Os exemplos de (13-16) abaixo apresentam listas de nomes inalienáveis em que a coluna mais à esquerda corresponde à forma que figura em construções que não envolvem posse; a coluna do centro diz respeito à forma empregada em construções possessivas e a coluna mais à direita exibe a glosa de cada nome:

(13)	a.	ninubaj	ninub	‘língua’
	b.	id̥ibaj	id̥ib	‘nariz’
	c.	d̥inuj	d̥inu	‘barba’
	d.	anubaj	anub	‘braço’
	e.	ukubaj	ukub	‘coxa’
	f.	kid̥ibaj	kid̥ib	‘pé’
	g.	maɖaj	maɖ	‘pele’
	h.	d̥inaj	d̥ina:	‘carne’
	i.	d̥inij	d̥ini:	‘leite, seio’
	j.	tʃibizaj	tʃibiz	‘pulga’
(14)	a.	akaj	ak	‘fruta’
	b.	i:ɖaj	i:ɖ	‘semente’
	c.	maɖaj	maɖ	‘casca’
	d.	anabaj	anab	‘palha’
	e.	pauɽibaj	pauɽib	‘planta’
(15)	a.	ɖaɽij	ɖaɽi	‘pai’
	b.	ɖaɽuj	ɖaɽu	‘mãe’
	c.	z̥inaɖij	z̥inaɖi	‘prima’
	d.	ɖajaɽi	ɖajaɽi	‘esposo’
	e.	ɖajaɽu	ɖajaɽu	‘esposa’
(16)	a.	baiɽij	baiɽi	‘flecha’
	b.	d̥id̥imaj	d̥id̥im	‘tipóia’
	c.	wi:zaj	wi:z	‘aldeia’

d.	saɾibaj	saɾib	‘lápiz’
e.	taiɾibaj	taiɾib	‘peça do tear’
f.	ʃibaɾɪnaj	ʃibaɾɪna:	‘cobertor’
g.	zɪmaj	zɪm	‘fósforo’
h.	wi:zɪbaj	wi:zɪb	‘acampamento’
i.	ɖɪntimkizaj	ɖɪntimkiz	‘corrida’
j.	kaʔiɖɪnkizaj	kaʔiɖɪnkiz	‘trabalho’

Os nomes inalienáveis de (13) fazem referência a partes do corpo ou a algo ao corpo relacionado. (13a-i) ilustram palavras, tais como *ninubaj* ‘língua’, *idɪbaj* ‘nariz’, *ɖɪnuj* ‘barba’, que fazem referência a partes do corpo; (13i-j) exemplificam palavras que fazem referência àquilo que está relacionado ao corpo, tais como *ɖɪnij* ‘leite’, líquido segregado pelas mamas, e *tfɪbizaj* ‘pulga’, inseto que suga o sangue do corpo dos animais. Embora esse grupo semântico constitua a maioria dos nomes inalienavelmente possuídos, nem todos os nomes referentes a partes do corpo seguem a codificação regular, como comprovam os exemplos de (17-18) a seguir:

- (17) a. *zuai* ‘cabeça’
cabeça
- b. *ũgaɾi zuai* ‘minha cabeça’
1 cabeça
- (18) a. *baɾai* ‘costas’
costas
- b. *piɾaɾi baɾai* ‘tuas costas’
2 costas

Em (17a), a palavra *zuai* ‘cabeça’ não apresenta o morfema *-j* caracterizador de nome não-possuído que era esperado, já que a palavra não se encontra em uma construção possessiva e, portanto, não tem um possuidor explícito; havendo, assim, igualdade entre as formas referentes a ‘cabeça’ quer na construção sem possuidor explícito de (17a) *zuai*, quer na construção possessiva, com possuidor explícito de (17b). O exemplo de (18a), por exibir a vogal /i/ (cuja realização fonética é [j]) no final da palavra *baɾai* ‘costas’ em construção

que não envolve posse, faz supor que traz a marca de não-possuído, como esperado, mas a comparação com (18b) *pigaři baři* ‘tuas costas’, construção possessiva que também apresenta essa vogal, permite verificar que ela não constitui marca de não-possuído em (18a). Embora os exemplos de (17-18) não obedçam ao padrão regular da marca de posse dos nomes inalienáveis, é possível ao falante do Wapixana identificar os nomes aí envolvidos *zuaí* ‘cabeça’ e *baři* ‘costas’ como pertencendo a essa subclasse de nomes, uma vez que tais palavras, além de referirem a partes do corpo, não recebem, quando em construção possessiva, os afixos de nomes alienáveis, que descrevo em (3.1.1.1.2).

Os nomes de (14) acima, tais como *akaj* ‘fruta’, *i:daj* ‘semente’ e *madaj* ‘casca’ ilustram o grupo dos *inalienáveis* que fazem referência a plantas ou partes delas. Tal como no caso dos nomes que fazem referência a partes do corpo, também entre esses que referem a partes de planta é possível encontrar casos que fogem ao padrão de marcação regular, como se pode observar em (19) e (20) a seguir:

- | | | | |
|------|----|-----------------|----------------------|
| (19) | a. | aib | ‘seiva’ |
| | | seiva | |
| | b. | makaři-iib | ‘seiva de macaxeira’ |
| | | macaxeira seiva | |
| (20) | a. | kaniz | ‘mandioca’ |
| | | mandioca | |
| | b. | ũ-kaniz | ‘minha mandioca’ |
| | | 1-mandioca | |

Como ilustrado em (19) e (20), os nomes inalienáveis *aib* ‘seiva’ e *kaniz* ‘mandioca’ apresentam formas idênticas quer em construção que não envolva posse, como em (19a) e (20a), quer em construção possessiva, como em (19b) e (20b). Um aspecto curioso relacionado a esse grupo semântico é que nem todo nome a ele pertencente é tratado como inalienável; isso ficará claro em (3.1.1.1.2), quando abordarei os nomes alienáveis.

Os exemplos em (15) apresentam nomes tais como *daři* ‘pai’, *dařuj* ‘mãe’ e *zĩnadij* ‘prima’ que fazem referência a termos de parentesco. Esse é o grupo semântico dos

nomes inalienáveis que mais apresenta desvios em relação ao padrão de marcação dessa subclasse de nomes. Exemplos como os de (21-24) abaixo revelam isso:

- (21) a. *imaɖukuz* ‘sogro’
 b. *pi-imaɖukuz* ‘teu sogro’
 2-sogro
- (22) a. *imaizu* ‘sogra’
 b. *ũ-imaizu* ‘minha sogra’
 1-sogra
- (23) a. *ɖaɖuku:* ‘irmã’
 b. *i-ɖaɖuku:* ‘irmã dele’
 3M-irmã
- (24) a. *takan* ‘neto’
 b. *u-takan* ‘neto dela’
 3F-neto

Em (21-24), os nomes referentes a termos de parentesco *imaɖukuz* ‘sogro’, *imaizu* ‘sogra’, *ɖaɖuku:* ‘irmã’ e *takan* ‘neto’ apresentam formas idênticas tanto para construções que não envolvem posse em (21a-24a), quanto para as construções possessivas em (21b-24b), portanto, as primeiras não recebem a esperada afixação do morfema *-j* não-possuído. Em relação a esse grupo semântico há, na verdade, uma certa indecisão no emprego desse morfema até para nomes que parecem obedecer ao padrão regular de marcação de inalienabilidade, de forma que palavras como *ɖaɖij* ‘pai’ e *ɖaɖuj* ‘mãe’ são muitas vezes empregadas sem o morfema não-possuído como *ɖaɖi* e *ɖaɖu* mesmo quanto figuram em construções sem possuidores explícitos. Tal indecisão, antes de ser ocasional, parece sugerir informações sobre a ordem dos morfemas no interior da palavra, como se observa em um exame mais detalhado de nomes apresentados em (15), como segue em (25-26):

- (25) a. *ɖa-ti-j* ‘pai’
 gênese-M-NPOSS

- | | | | |
|------|----|--------------------------------|----------|
| | b. | ɖa-ɽu-j
gênese-F-NPOSS | ‘mãe’ |
| (26) | a. | ɖa-j-a-ɽi
gênese-NPOSS-EP-M | ‘esposo’ |
| | b. | ɖa-j-a-ɽu
gênese-NPOSS-EP-F | ‘esposa’ |

(25) e (26) envolvem dois pares de cognatos cuja raiz *ɖa-* (traduzida experimentalmente como ‘gênese’) que expressa origem, geração de seres vivos, é a mesma que figura em *ɖa-i-ja-u* (gênese-NPOSS-DÊIT-PL) ‘filhos’ e *ɖa-ni-j* (gênese-?-NPOSS) ‘filho, ovo’. Além dessa raiz, tais exemplos compartilham ainda a marca de gênero masculino *-ɽi*, em (25a-26a), e de gênero feminino *-ɽu*, em (25b-26b). Os falantes do Wapixana não apresentam qualquer indecisão quanto ao emprego dos nomes de (26a-b) *ɖajaɽi* ‘esposo’ e *ɖajaɽu* ‘esposa’, envolvendo o sufixo não-possuído (em negrito); enquanto, como afirmei acima, tendem a suprimir o morfema marcador de não-possuído dos nomes de (25a-b), empregando *ɖaɽi* (em vez de *ɖaɽij* ‘pai’) e *ɖaɽu* (em vez de *ɖaɽuj* ‘mãe’). A razão para a oscilação entre as duas possíveis formas de cada membro deste último par parece advir, então, da indecisão entre o emprego da forma regular do nome inalienável (com o morfema de não-possuído *-j* marcado no léxico na última posição) e o emprego regular da ordem dos morfemas na palavra (*morfema não-possuído-morfema de gênero*), atestada pela plena aceitação de (26a-b) *ɖa-j-a-ɽi* (Rz-NPOSS-EP-M) ‘esposo’ e *ɖa-j-a-ɽu* (Rz-NPOSS-EP-F) ‘esposa’. De um lado, o emprego das formas *ɖaɽij* ‘pai’ e *ɖaɽuj* ‘mãe’ obedece à marcação padrão dos nomes inalienáveis, mas contraria a ordem dos morfemas; de outro lado, o emprego das formas *ɖaɽi* ‘pai’ e *ɖaɽu* ‘mãe’ obedece à ordem regular dos morfemas (a ausência do marcador não-possuído evita a ordem *morfema de gênero-morfema não-possuído*), mas contraria a marcação padrão dos nomes inalienáveis. Portanto, considerando que a posição do morfema de gênero deve ser mais exterior (não é apenas um fato empírico, mas também teórico: gênero é categoria pós-lexical ligada ao fenômeno da concordância), muitos falantes excluem o marcador de não-possuído de nomes como os de (25), em que esse marcador figura em última posição, embora essas

palavras sejam às vezes empregadas com a presença desse marcador, mesmo contrariando a ordem regular. Essa subtração do morfema não-possuído, como afirmado acima em relação aos desvios da forma padrão de marcação de inalienáveis dos grupos semânticos de partes do corpo e de partes de planta, não compromete a compreensão de que esses nomes pertencem à subclasse dos inalienáveis, porque tais nomes não recebem os morfemas típicos de nomes alienáveis, que serão estudados em (3.1.1.1.2) adiante.

Finalmente, os nomes inalienáveis exemplificados em (16) não pertencem a grupos semânticos tão bem definidos quanto aqueles de (13-15) analisados acima. Em verdade, somente um estudo antropológico mais detalhado sobre os Wapixana poderá oferecer pistas sobre a visão de mundo que fundamenta essa subclassificação dos nomes nessa cultura, o que foge ao escopo deste trabalho. Nos exemplos de (16a-h), palavras tais como *baiɽij* ‘flecha’, *diɽimaj* ‘tipóia’, *wi:zaj* ‘aldeia’, *wi:zibaj* ‘acampamento’ fazem referência a alguns objetos culturais e lugares. Exemplos como aqueles de (16i-j) *ɽintimkizaj* ‘corrida’ e *kaɽidjɽnkizaj* ‘trabalho’ referem a nomes abstratos.

Dentre os nomes inalienáveis, há um grupo especial que se caracteriza por apresentar uma função classificatória. Na próxima seção, trato da caracterização funcional e formal desse tipo de nome que é tratado na literatura por *termo de classe*.

3.1.1.1.1. Termos de classe

Parte dos nomes inalienáveis possui uma função classificadora, como se pode observar nos exemplos ilustrativos que seguem:

- | | | | |
|------|----|--------------------------------------|---------------------------|
| (27) | a. | atamin-ak
árvore-TCL:fruta | ‘fruta da árvore’ |
| | b. | wabu-ak
açai-TCL:fruta | ‘fruta do açazeiro’ |
| | c. | taɽij-ak
murici-do-mato-TCL:fruta | ‘fruta do murici-do-mato’ |
| (28) | a. | kufi-ɽap
porco-TCL:habitação | ‘chiqueiro’ |

- b. maba-*dap* ‘casa de abelhas’
 abelha-TCL:habitação

Os nomes *ak* ‘fruta’ em (27) e *dap* ‘casa’ em (28) são usados recorrente e sistematicamente para produzir nomes compostos. (27a) ilustra o emprego do nome *ak* ‘fruta’ com o termo *atamin* ‘árvore’, que refere genericamente a qualquer espécie de árvore, resultando em *atamin-ak* ‘fruta da árvore’; (27b-c) ilustram o emprego desse nome com formas designadoras de específicos tipos de árvore, resultando, respectivamente, em *wabu-ak* ‘fruta do açazeiro’ e *tarij-ak* ‘fruta do murici-do-mato’. (28a-b) ilustram o emprego do nome *dap* ‘casa’ com nomes de significados específicos *kufi* ‘porco’ e *maba* ‘abelha’, resultando, respectivamente, em ‘chiqueiro’ e ‘casa de abelhas’. Portanto, o nome *ak* ‘fruta’ em (27) e o nome *dap* ‘casa’ em (28) exibem *funções classificatórias*, isto é, indicam categorias de objetos que são especificadas pelas outras partes dos compostos que integram, constituindo, assim, núcleos semânticos desses compostos. Relevante notar que a forma do nome com função classificatória que ocorre como constituinte de compostos é sempre a forma presa, a mesma que ocorre em construções possessivas, e nunca a forma livre que caracteriza as construções não-possessivas, como se pode notar pela impossibilidade das construções de (29) e (30) abaixo:

- (29) a. **atamin-akaj* ‘fruta da árvore’
 árvore-fruta
 b. **tarij-akaj* ‘fruta do murici-do-mato’
 murici-do-mato-fruta
 c. **wabu-akaj* ‘fruta do açazeiro’
 açáí-fruta
- (30) a. **kuf-kabain* ‘chiqueiro’
 porco-casa
 b. **maba-kabain* ‘casa de abelhas’
 abelha-casa

A única diferença entre as construções de (27) e de (28), de um lado, e de (29) e (30), de outro lado, reside nas formas dos nomes que apresentam funções classificatórias que, nestes últimos, correspondem àquelas empregadas em construções não possessivas, portanto *ak-aj* (fruta-EP-NPOSS) ‘fruta’ em vez de *ak* ‘fruta’, em (29), e a forma supletiva *kabain* ‘casa’, em (30). Isso significa que, mesmo quando o nome com função classificatória, como em (29), tem uma forma regular (com o morfema *-j* ‘NPOSS’) para as construções que não envolvem posse, quer dizer, em que nome inalienável com função classificatória não apresenta um possuidor explícito, a forma empregada no composto deve ser a forma presa (sem o morfema *não-possuído -j*), típica de construções possessivas.

Nomes que exibem essa função classificatória, ocorrendo como núcleo semântico de nomes compostos, como *ak* ‘fruta’ em (27) e *dap* ‘casa’ em (28) são tratados pela literatura como *termos de classe* (Delancey, 1986:438; Grinevald, 2000:59). Termos de classe são, pois, *morfemas classificadores de origem transparentemente lexical que operam na geração do léxico de uma língua, de forma semelhante aos processos de derivação e composição, no nível da palavra*.

Além de necessariamente constituir-se de forma presa, como foi demonstrado a partir dos exemplos de (29) e (30), o termo de classe em Wapixana, do ponto de vista de sua distribuição sintática, não pode ocupar a primeira posição do composto que integra, como ilustrado em (31) a seguir:

- (31) a. **atamin-nati* ‘jatobá’
 árvore-TCL:jatobá
- b. **atamin-fiu* ‘pau-d’arco’
 árvore-TCL:duro

Em (31), o nome *atamin*, que refere de forma genérica a ‘árvore’, é empregado com os termos que designam árvores específicas, resultando em **atamin-nati* ‘jatobá’ em (31a) e **atamin-fiu* ‘pau-d’arco’ em (31b). Todavia, embora em tais construções, do ponto de vista do significado, o emprego da palavra *atamin* ‘árvore’ se assemelhe aos casos envolvendo termos de classe analisados em (27) e (28), tal palavra não constitui um termo

de classe, haja vista que essa palavra não constitui uma forma presa, requisito necessário para um termo de classe, como ilustrado pelos exemplos de (29) e (30); além disso, *atamin* ‘árvore’ ocorre na primeira posição do conjeturado composto, o que não é permitido ao termo de classe. Esse segundo obstáculo (a distribuição sintática) para a análise de *atamin* ‘árvore’ como um termo de classe nas construções de (31) torna-se mais evidente mediante os critérios de inseparabilidade e de mobilidade, como ilustrado nos exemplos que seguem:

(32) *paʔank ʃaʔakada-ʔu atamin*
cedro leve-ADJR árvore
‘madeira leve de cedro’

(33) *wiʔi: takib atamin dadaʔa-ʔu*
PROX piritó árvore duro-ADJR
‘esta árvore de piritó é dura’

Em (32), além da inserção do adjetivo *ʃaʔakada-ʔu* ‘leve’ entre *atamin* ‘árvore’ e *paʔank* ‘cedro’, há a mobilidade do nome *atamin* ‘árvore’ para depois do nome que especifica o tipo de árvore *paʔank* ‘cedro’; em (33), ocorre a mobilidade do nome *atamin* ‘árvore’ para depois do nome especificador do tipo de árvore *takib* ‘piritó’. Portanto, em (32-33), os critérios de inseparabilidade e de mobilidade demonstram que, de fato, a palavra *atamin* ‘árvore’, que refere de forma geral a qualquer tipo de árvore, não constitui uma unidade lexical com os nomes de específicos tipos de árvore com os quais poderia constituir um nome composto. Disso se conclui que esse nome opera no nível sintático, não no nível lexical, e, assim não constitui um termo de classe.

Esses critérios, portanto, explicam a razão por que termos de classe correspondem a apenas uma parte dos nomes inalienáveis, isto é, nem todos os nomes inalienáveis constituem termos de classe, ainda que, do ponto de vista semântico, possam ser considerados exercendo uma função classificadora. Usando o critério de inseparabilidade pode-se, por exemplo, explicar por que *ninub* ‘língua’ em (34) não constitui um termo de classe e *ak* ‘fruta’ em (35) constitui:

- (34) a. *atuṛi-ninu-b ‘língua do jacaré’
 jacaré-TCLlíngua-TCL:parte de
- b. atuṛi ninu-b ‘língua do jacaré’
 jacaré língua-TCL:parte de
- (35) a. atamin-ak ‘fruta (da árvore)’
 árvore-TCL:fruta
- b. *atamin ak ‘fruta (da árvore)’
 árvore fruta

Em (34) e (35), os nomes *ninub* ‘língua’ e *ak* ‘fruta’, do ponto de vista semântico, apresentam-se com uma função classificatória, pois, como núcleos dessas construções, trazem sentidos mais amplos que são especificados pelos nomes que os antecedem, respectivamente, *atuṛi* ‘jacaré’ e *atamin* ‘árvore’. Do ponto de vista morfológico, exibem suas forma presas: *ninub* ‘língua’ em vez de *ninu-b-a-j* (língua-parte de-EP-NPOSS) ‘língua’ para o primeiro; e *ak-a-j* (fruta-EP-NPOSS) ‘fruta’, para o segundo. Também, do ponto de vista de sua distribuição, encontram-se nas posições mais à direita – aquelas típicas dos termos de classe. Entretanto, como demonstram os exemplos de (34), *ninub* ‘língua’ não deve ser considerado como integrando um nome composto, isto é, como morfema que contribui para a gênese do léxico e que, conseqüentemente, constitui termo de classe (34a), mas deve ser interpretado como unidade que opera no nível da sintaxe, fazendo parte de um sintagma nominal (34b). Os exemplos de (35), inversamente, sugerem que *ak* ‘fruta’ deve ser entendido como um termo de classe (35a) e não como um constituinte de sintagma que opera no nível da sintaxe (35b). A aplicação do teste de inseparabilidade pode ser feita tomando exemplos como os de (36) abaixo:

- (36) a. ũgaṛi ninu-b ‘minha língua’
 1 língua-TCL:parte de
- b. *ũgaṛi atuṛi-ninu-b ‘língua do jacaré’
 1 jacaré-TCL:língua-TCL:parte de
- (37) a. *ũgaṛi ak ‘minha fruta’
 1 fruta

(língua-TCL:parte de) ‘língua’ para o mesmo conteúdo significativo, isto é, ‘língua do jacaré’. (38b), por outro lado, indica que tal inserção em compostos envolvendo termos de classe, como *ak* ‘fruta (da árvore)’, não é possível. As razões pelas quais, na atualidade, regularmente não se emprega o marcador de concordância ainda não são claras, possivelmente, em função do contato lingüístico com o português e o inglês, o que pode ser ou não confirmado com o avanço dos estudos acerca do Wapixana. De qualquer forma, eis aí uma trilha a ser seguida na procura de uma melhor compreensão desse problema, especialmente, porque é comum a ausência do marcador de concordância, também, em construções envolvendo sujeito e predicado, como se verá por ocasião do estudo do verbo em (3.1.2) adiante.

Uma outra característica dos termos de classe em Wapixana está relacionada ao fato de que é permitida a seqüência deles em um mesmo composto, como ilustrado em (39):

- (39) *atamin-ak-i:d* ‘semente da fruta da árvore’
 árvore-TCL:fruta-TCL:semente

Em (39), o termo de classe *i:d* ‘semente’ ocorre na seqüência do termo de classe *ak* ‘fruta’ que, por sua vez, sucede o nome *atamin* ‘árvore’, com o qual constituem o composto. Ambos, *ak* ‘fruta’ e *i:d* ‘semente’ exibem todas as propriedades típicas de termo de classe, quanto ao aspecto semântico, morfológico e sintático. Do ponto de vista semântico, apresentam-se nos compostos como núcleos de um significado genérico que é especificado pelo constituinte com que se articulam imediatamente: *ak* ‘fruta’ é especificado concretamente por *atamin* ‘árvore’ (dentre outras possibilidades, como aquelas de (27) acima: *wabu-ak* ‘fruta do açaizeiro’, *taɽi-ak* ‘fruta do murici-do-mato’); *i:d* ‘semente’ é especificado pelo constituinte com que imediatamente se articula, isto é, a unidade formada por *atamin* ‘árvore’ e *ak* ‘fruta’, portanto, *atamin-ak* ‘fruta (da árvore)’ (dentre outras possibilidades, tais como: *waɽi-i:d* ‘semente do tucumã’, *pauɽibaj-i:d* (semente da planta’). Do ponto de vista morfológico, ambos os termos de classe apresentam-se em suas formas presas *ak* ‘fruta’ e *i:d* ‘semente’, em vez de suas respectivas formas livres: *ak-a-j* (fruta-EP-NPOSS) ‘fruta’ e *i:d-a-j* (semente-EP-NPOSS) ‘semente’. Finalmente, do ponto

de vista de sua distribuição sintática, ocorrem ambos à direita dos constituintes com que se articulam para formar o composto, como representado em (40) abaixo:

(40) [[atamin]-ak]-i:d] ‘semente da fruta da árvore’

Na representação de (40), o termo de classe de sentido genérico *ak* ‘fruta’ sucede o termo que especifica seu conteúdo e com o qual se articula imediatamente: *atamin* ‘árvore’; e, de igual forma, o termo de classe *i:d* ‘semente’ localiza-se também à direita do constituinte com o qual se articula: *atamin-aka* ‘fruta da árvore’, como demonstram os colchetes.

Abaixo, apresento uma amostra representativa de termos de classe identificados no Wapixana com seus respectivos significados:

(41) Termos de classe em Wapixana

termo de classe	significado
(a)ba	‘feminino’
aib	‘seiva’
ak	‘fruta’
(ana)b	‘folha, palha’
(a)p	‘extensão’
b(a)	‘parte de’
ba	‘coletivo’
baɾ	‘superfície plana’
bi, b(i?)	‘massa, pasta, partículas’
ɖa	‘redondo’
ɖakuɾi	‘semelhante a galho, afluente (de rio)’
ɖaku	‘boca, bico, extremidade’
ɖani	‘filho, pequeno’
ɖap	‘habitação’
ɖaɾi	‘pai, semelhante a pai, grande’
ɖin	‘onça’
ɖikiu	‘montanha’
ɖi, ?i	‘fino, flexível, linear’
id	‘pena’

iʃ(i)	‘pêlo’
(i)z, (i)z	‘líquido, em quantidade, cacho, não discreto’
kin	‘continente’
kijna:	‘instrumento’
kizj	‘lugar’
maɖ	‘couro, pele, casca’
suɖj	‘pequeno’
t	‘longo’
tabai	‘perna, semelhante a perna, cabo’
uɾuɖ	‘tronco, base’
wauɖ	‘ombro, semelhante a ombro, galho’
ʃa	‘fumaça, leve, esparso’
ʃiu	‘duro, flor’
i:ɖ	‘semente, caroça’
za	‘úmido’
zu	‘oco’
zuai	‘cabeça, topo’

Certos termos de classe, além de participar na constituição sistemática de compostos, são dotados de comportamentos morfossintáticos especiais que os particularizam, sendo, por essa razão denominados *classificadores*. Classificadores envolvem, porém, não apenas parte dos termos de classe, mas ainda outras formas que destacam certas propriedades semânticas dos referentes a que remetem. É de classificadores que trato na próxima seção.

3.1.1.1.2. Classificadores

Temas como “termos de classe”, analisado na seção anterior, e “classificadores”, assunto desta seção, situam-se na nebulosa fronteira entre o léxico e a gramática, oferecendo grande dificuldade, especialmente, quando se trata de uma língua, como o Wapixana sobre a qual quase nada foi escrito e cujo sistema morfológico oferece uma complexidade apreciável. Em função disso, a abordagem que aqui apresento destina-se à tentativa de identificar e caracterizar as categorias mais recorrentes relacionadas a esses temas, ficando uma investigação mais pormenorizada para futuros trabalhos.

A comparação entre os exemplos de (42) e de (43) permite verificar, de forma breve, que propriedades compartilham e em que diferem o termo de classe e o classificador:

(42) maba-*ɖap* ‘casa de abelhas’
 abelha-TCL:habitação

(43) ũgaɽi *ɖap* ‘minha casa’
 1 CL:habitação

Em (42), *ɖap* caracteriza-se essencialmente por, do ponto de vista do significado, expressar uma categoria semântica, isto é, um significado mais geral que é especificado pela outra metade do composto, de forma que outras alternativas de especificação sistemática poderiam substituir a presente, tais como: *kufi-ɖap* ‘chiqueiro’, *ɖazau-ɖap* ‘toca do tracajá’, dentre outras, com as quais preserva-se uma característica saliente, a função de habitação, mas obtêm-se compostos com referentes distintos: “casa de abelha” é o abrigo construído de resíduos vegetais pelas abelhas, onde vivem e produzem mel; “chiqueiro” é o cercado construído pelo homem para prender os porcos; toca do tracajá é, provavelmente, o buraco onde toma abrigo esse réptil. No que concerne ao aspecto morfológico, constitui forma presa; e, no que tange a sua distribuição, não ocupa primeira posição do composto que integra. Em resumo, em (42), *ɖap* constitui um “termo de classe” (TCL), quer dizer, é um morfema de origem lexical empregado para gerar palavras. Em (43), por outro lado, ainda que se admitisse que *ɖap* realiza-se como forma presa e ocupa a posição mais à direita, traços compatíveis com a definição de “termo de classe”, ainda assim, não se poderia dizer que ele constituísse um exemplo desse tipo de morfema, uma vez que, nesta construção, não serve de instrumento para a gênese do léxico, traço indispensável para o reconhecimento de um termo de classe. A troca da forma pronominal que se articula com *ɖap* não gera novas palavras, apenas indica novos possuidores para o mesmo referente (*piɽaɽi ɖap* ‘tua casa’, *uɽu ɖap* ‘casa dela’, dentre outras) a que *ɖap* remete. Portanto, em (43), o ambiente morfossintático em que *ɖap* se insere constitui uma construção possessiva ou genitiva, o que faz com que essa forma assumira uma função diferente daquela de termo de classe. Como se pode daí depreender, “termo de classe” e “classificador” compartilham

propriedades: são ambos de origem lexical, podem exibir uma mesma distribuição e até realizarem-se concretamente por forma idêntica. Diferem, entretanto, em relação ao tipo de ambiente morfossintático que ocupam: especificamente, “classificadores” ocorrem em certos tipos de construções envolvendo quantificação, posse, dentre outras; enquanto “termos de classe” constituem processos de formação de palavras.

Conforme Allan (1977, p. 285), classificadores são morfemas em estrutura de superfície que ocorrem sob específicas condições e denotam alguma característica semântica saliente da entidade referida pelo nome ao qual estão associados. Ele identifica sete tipos de categorias semânticas básicas: (i) material (animado, inanimado, nomes verbais e abstratos), (ii) forma (longo, achatado, redondo), (iii) consistência (flexível, duro ou rígido), (iv) tamanho (grande, pequeno), (v) locativo (terreiro, campo, povoado), (vi) arranjo (configuração não inerente de objeto(s): dobrado, pregueado, etc; posição específica de objeto(s): perpendicular estendido, estendido horizontal; em fila, etc; distribuição específica não inerente de objeto(s): monte, pilha, cacho, etc), (vii) quantidades (formas usadas para uma única entidade, duas entidades ou para mais entidades, coletivo, substâncias não-discretas, etc).

Na tentativa de obter uma tipologia mais acessível, Grinevald (2000, p. 61) propõe uma tipologia de base morfossintática. Conforme ela, classificadores constituem um sistema aberto de categorização nominal de clara origem lexical usado em específicas construções morfossintáticas. Do ponto de vista do comportamento morfossintático, identificam-se vários tipos de classificadores: *numeral* (morfemas livres ou presos que ocorrem em contexto de quantificação), *de nome* (morfemas livres que se situam nos limites de um sintagma nominal), *genitivo* (morfema que ocorre normalmente preso à marca de possuidor enquanto classifica semanticamente o objeto possuído), *verbal* (morfema localizado no interior da forma verbal, enquanto classifica um dos argumentos do verbo). Além desses classificadores, vistos por essa autora como principais, porque são amplamente descritos na literatura, outros são citados por Allan (1977, p. 285): *intra-locativo* (que se encontra encaixado em expressões locativas), *de concordância* (afixado em nomes, modificadores de nomes, predicados e proformas); e por Aikhenvald (2000, p. 2-3): *relacional* (morfema que caracteriza o tipo de relação possessiva de certos nomes possuídos

alienavelmente em uma expressão genitiva), *dêiticos* ou *demonstrativos* (associados a dêiticos ou artigos).

Com base nos dados por mim analisados até o presente, é possível comprovar a existência em Wapixana de três dos tipos de classificadores acima arrolados: numeral, genitivo e verbal. Como se pode notar, dos quatro tipos principais de classificadores considerados por Ginevald (2000, p. 62), apenas o classificador nominal não ocorre atualmente nessa língua. Isso parece decorrer do fato de que, normalmente, o emprego de classificadores nominais ou é apenas discursivo-pragmático, isto é, o próprio classificador substitui o nome ausente; ou esses classificadores hoje integram o corpo do nome, o que os leva a serem tratados como termos de classe, portanto, morfemas que participam nos processos de formação de palavras. Nas seções que seguem procuro mostrar evidências que confirmem a existência das três espécies de classificadores identificados nessa língua.

3.1.1.1.2.1. Classificadores numerais

Santos (2003, p. 2), observando a semelhança entre o exemplo de (44) da língua Nomatsiguenga, que como o Wapixana pertence à família Aruák (Derbyshire e Payne, 1990, p. 262), e o exemplo de (45) da língua Wapixana, reconhece nesta o classificador numeral que se encontra naquela:

(44) pa-tso-ro ‘uma palavra’
1-CL:falado-F

(45) pa-(a)ɽa-ɖ-kaɽi ‘uma palavra’
1-CL:falado-VR-NR

Em (44), o morfema classificador numeral *tso* ‘falado’ figura com o numeral *pa* ‘um’, formando o vocábulo *patsoro* cuja tradução plena ‘uma palavra’ constitui uma expressão de quantidade. Em (45), a presença do numeral *pa* ‘um’ é evidente; o classificador numeral *(a)ɽa* ‘falado’ corresponde ao radical da palavra *aɽa-n* ‘fala-POSS’, extraído de frases como:

- (46) pi-aitʃ puat aʃa-n 'imite a fala do macaco'
2-imitar macaco fala-POSS

O verbalizador *ɔ*, segundo Tracy (1974, p. 124)³¹, transforma um adjetivo em um verbo transitivo ou pode ser simplesmente um temático; e, finalmente, o nominalizador *kaʃi* cuja aparição constante na construção de nomes a partir de verbos (por exemplo, *abatan* 'ouvir' / *abatkaʃi* 'algo ouvido'; *aitʃan* 'ler' / *aitʃakaʃi* 'lição') sugere a função de nominalização. Com efeito, parece consistente a conclusão a que chega Santos, embora, na atualidade, pareça ocorrer um forte processo de lexicalização para estruturas dessa natureza, de forma que, poucos, se algum falante delas tem consciência.

Santos (ibid.) sugere, com base em Payne (1991, p. 383) que a própria forma correspondente ao numeral "um" em Wapixana contenha classificador. Isso está, naturalmente, relacionado ao estudo da estrutura dos numerais, que será oferecido com mais detalhes na seção (3.2.2) referente a essa classe de palavras. Aqui, restrinjo-me aos pontos relevantes para a identificação dos possíveis classificadores envolvidos. Segue em (56) a forma referente ao numeral "um", cujos morfemas constituintes têm sofrido grande erosão fônica, como se pode notar a partir da análise:

- (47) ba-i-da-ʔ-ap 'um'
um-mão-gênese-CL:PTT-CL:extensão

Em (47), a forma *ba* remete ao numeral 'um' em si. *i* constitui forma reduzida do nome *kaʃi* 'mão' e *ɔa* 'gênese', como analisado em (3.1.1.1.1), é a raiz de cognatos como *ɔa-j-a-tʃi* (gênese-NPOSS-EP-M) 'esposo', *ɔa-j-a-tʃu* (gênese-NPOSS-EP-F) 'esposa' e *da-ni-j* (gênese-?-NPOSS) 'filho, ovo'; essas duas formas, portanto, constituem o composto *i-da* (mão-gênese), literalmente, 'filho da mão'. *ʔ* é forma abreviada do complexo partitivo *iɔ-wa-ʃi* (posse-DÊIT-PTT), literalmente, 'dele', que apresenta, ao menos, mais três variáveis: *ɔ-a-ʃi* (posse-DÊIT-PTT), *ɔ-a-ʔ* (posse-DÊIT-PTT) e *ʃi* (PTT). Tanto *ʔ* quanto

³¹ Tracy uso o termo transitivizador em vez de verbalizador.

ap constituem, neste contexto, classificadores que denotam, respectivamente, as características semânticas salientes “parte de um todo” e “extensão” da entidade referida pelo nome ao qual estão associados, o composto *i-ḍa* (mão-gênese), literalmente, ‘filho da mão’, ou, em outras palavras, ‘dedo’. O classificador de extensão *ap* é oriundo do termo de classe que ocorre em nomes compostos como: *ḍin-ap* (caminho-TCL:extensão) ‘caminho’, *ḍik-ap* (fezes-TCL:extensão) ‘nádegas’.

Também as formas referentes aos números “três”, “quatro” e “cinco” parecem envolver o classificador partitivo, como ilustrado pelos morfemas em negrito nos exemplos de (48) a seguir:

- | | | | |
|---------|-----------------------------------|------------------|----------|
| (48) a. | /ḍi-ki-kaʔi-ḍa-ʔi/ | [ḍikɪnaʔiḍaʔi] | ‘três’ |
| | dois-antes-mão-gênese-CL:PTT | | |
| b. | /pa-mi-kaʔi-ta-m-ki-ʔ/ | [pamiɲaʔitamkiʔ] | ‘quatro’ |
| | um-antes-mão-gênese-?-cada-CL:PTT | | |
| c. | /ba-kaʔi-ai-ḍa-ʔi/ | [bakaʔiaiḍaʔi] | ‘cinco’ |
| | um-mão-?-gênese-CL:PTT | | |

Em (48), o morfema classificador partitivo realiza-se como [ʔi] em (48a) e (48c), mas como [ʔ] em (48b). Informações adicionais sobre a composição das formas de cada um desses numerais serão dadas no estudo dos numerais em (3.2.2) adiante.

Finalmente, além das formas referentes aos numerais em si, formas envolvendo expressões de quantificação também parecem apresentar classificadores, como ilustrado no exemplo de (49) abaixo:

- | | | | |
|------|--|---------|--------|
| (49) | na-ʔ- ap -aʔi-ḍa-ʔi-n | baɾu | kaiɲa: |
| | DÊIT-CL:PTT-CL:extensão-mão-gênese-CL:PTT-QU | machado | EXIST |
| | ‘quantos machados tem?’ | | |

Em resumo, os classificadores numerais caracterizam-se por constituírem-se de formas presas e, do ponto de vista de sua distribuição, todos seguirem a forma referente ao numeral envolvido na expressão de quantificação em que estão inseridos. O classificador

numeral *(a)ɽa* ‘falado’ parece apresentar emprego apenas discursivo-pragmático, isto é, ocorrer apenas quando os nomes que referem às noções por ele caracterizadas não se encontram explicitados em uma forma, portanto, substitui o nome ausente. O classificador partitivo *ɽ(ɨ)* e o classificador de extensão *ap*, quando integram a forma do numeral, ocorrem sempre após o nome composto *kaɽi-ɽan* (mão-gênese) ‘dedo’, literalmente ‘filho da mão’, cujo referente caracterizam e, quando ambos estão presentes, aquele precede este. Do ponto de vista semântico, o classificador *(a)ɽa* ‘falado’ integra o primeiro grupo, ou grupo dos classificadores *materiais* de Allan (1977, p. 299), mais especificamente, o subgrupo de nomes abstratos e verbais; o classificador partitivo *ɽ(ɨ)* insere-se no sétimo grupo da classificação de Allan (ibid., p. 305), ou classificadores de *quantidade*; e, finalmente, o classificador de extensão *ap* faz parte da segunda categoria de classificadores de Allan (ibid., p. 300), ou classificadores de forma.

3.1.1.1.2.2. Classificadores genitivos

A similaridade entre construções como a de (50) da língua Tariana (AIKHENVALD, 1994, p. 428) e a de (51) da língua Wapixana levou Santos (2003, p. 2) a inferir que a forma em (51) *-puna:* (em negrito) desta última língua deve ser analisada como um classificador genitivo, à semelhança do que fez Aikhenvald para a forma em (50) *-puna* (em negrito) da primeira língua, já que essas formas similares ocorrem em construções possessivas e as duas línguas pertencem a uma mesma família:

(50) *ya-puna-se* *ñama-puɽikuda* *di-yeku-hna*
 POSS-CL:extensão-LOC dois-CL:montanha P3-correr-PROB
 ‘ele passou duas montanhas em seu caminho’

(51) *suzaz* *await-a-n* *wa-puna:*
 soldado impedir-EP-MI 1PL-CL:extensão
 ‘o soldado impediu nosso caminho’

Assim, as respectivas formas: *-puna* da língua Tariana em (50) e *-puna:* da língua Wapixana em (51) representariam o *classificador extensão* que caracterizaria

semanticamente o objeto possuído (*d̥inap* ‘caminho’) em Wapixana, que não se encontra explicitado em uma forma, portanto tratar-se-ia de um emprego discursivo-pragmático em que o próprio classificador substitui o nome ausente. Além dessa apreciação de ordem comparativa, observe-se que *puna:* apresenta um comportamento morfossintático compatível com os requisitos de um classificador, isto é, não apenas põe em relevo uma característica semântica saliente do referente do nome ao qual se associa, mas ocorre exclusivamente em construções possessivas.

A ausência do nome referente ao objeto classificado em prol da presença apenas do classificador para designar o referente em Wapixana fez com que Santos (ibid.) concluísse que essas duas línguas diferem quanto ao emprego do classificador genitivo: Tariana faria uso desse classificador, quer na presença, quer na ausência do nome possuído, o Wapixana faria uso do classificador apenas na ausência do nome, o que foi demonstrado com os exemplos (52) do Tariana (AIKHENVALD, 1994, p. 426) e (53) do Wapixana:

- (52) kanapada-**dapana**-pe *panisi* d̥i-d̥e-hna yawarete
 quanto-CL:habitação-PL casa 3PL-haver-PROB
 ‘quantas casas há em Iaurete?’
- (53) ũ-**d̥ap** sabi-a-n ipei
 1-CL:habitação gotejar-EP-MI todo
 ‘goteja em toda a minha casa.’

Dessa forma, no exemplo do Tariana em (52), *panisi* ‘casa’ (em negrito) que é o nome caracterizado pelo classificador “habitação” *dapana* (em negrito) encontra-se presente; enquanto no exemplo do Wapixana em (53), a palavra *kabain* ‘casa’, que seria o nome designador do objeto possuído, está ausente e apenas o classificador (em negrito) provê seu significado.

Considerando a semelhança das formas referentes aos classificadores apreciados no mesmo tipo de construção (possessiva) nas duas línguas (ambas da família Aruák), a análise de Santos (ibid.) parece consistente e é possível que o avanço de estudos de natureza diacrônica e comparativa revelem muito mais sobre a natureza dessas e de outras formas que apresentam função classificatória. Em acordo com a abordagem aqui

apresentada, entretanto, há de se acrescentar que alguns classificadores genitivos parecem estar relacionados formal e semanticamente a certos termos de classe correspondentes. Assim, tomando um classificador como *dap* ‘habitação’ (em 53) e o nome que refere ao objeto por ele caracterizado *kabain* ‘casa’, que parece constituir uma forma supletiva (provavelmente um empréstimo³²), não encontramos qualquer relação formal entre ambos; por outro lado, um classificador como *puna:* ‘extensão’ (em 51) apresenta evidente relação formal com o nome *dinap* ‘caminho’, que refere ao objeto por ele caracterizado, razão pela qual, aqui, essa palavra é analisada como complexa, diferentemente do que ocorre em Santos (2003), como se pode observar em (54) abaixo:

- (54) *djin-ap* ‘caminho’
 caminho-TCL:extensão

Em (54), a forma que corresponde a caminho é complexa; constituída do nome *djin* ‘caminho’ e do termo de classe *ap* ‘extensão’. Longe de ser um aspecto trivial, isso revela diferenças entre o termo de classe *ap*, forma presa, impossibilitada de emprego discursivo-pragmático; e o classificador *puna:*, forma livre, que se presta a esse tipo de emprego, embora ambas, do ponto de vista semântico, apresentem efeitos similares.

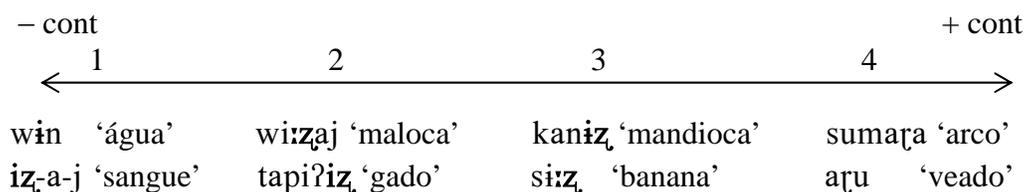
Outros exemplos de classificadores genitivos são dados em (55-56), a seguir:

- (55) a. *tikaz* ‘fogo’
 b. *ũgaɾi zjm* ‘meu fogo’
 1 CL:fogo
- (56) a. *zamaka* ‘rede’
 b. *ũ-jimak* ‘minha rede’
 1-CL:flexível

³² Agradeço tal sugestão ao professor Arion Dall’igna Rodrigues, por ocasião do GELCO/2003.

discreto-EP-MI-NPRES) ‘eu vou beber’, em (60b), caracteriza semanticamente os respectivos argumentos verbais *wɪn waqɨdɨ-ʔu* (água frio-ADJR) ‘água fria’ e *tapiʔ-iz-aba dɨn-i*: (gado-TCL:não discreto-F seio-TCL:não discreto) ‘leite de vaca’. Note-se que o mesmo conteúdo semântico desse classificador é expresso por suas variantes, como termo de classe, nos nomes que integram os argumentos do verbo: pela variante *ɨ*, nas formas correspondentes a *w-ɨ-n* (água-TCL:não discreto-?) ‘água’ em (60a) e *dɨn-i*: (seio-TCL:não discreto) ‘leite’ (em 60b); e pela variante *iz*, na forma referente a *tapiʔ-iz-aba* (gado-TCL:não discreto-F) ‘vaca’, também em (60b). Outros tantos nomes que exibem esse conteúdo semântico quantitativo, de alguma forma similar, trazem o termo de classe correspondente como marca mórfica: *sɨ:iz* (banana-TCL:não discreto) ‘banana’, *w-iz* (estrela-TCL:não discreto) ‘estrela’, *wi:iz-a-j* (maloca-TCL:não discreto-EP-NPOSS) ‘maloca’, entre outros. Tal forma parece extraída da raiz da palavra *iz-a-j* (sangue-EP-NPOSS) ‘sangue’ e constitui um daqueles casos de múltiplo emprego: como classificador, como termo de classe e como nome (DELANCEY, 1986, p. 439). O termo não discreto, entretanto, não parece o mais adequado para essa forma, sendo usado aqui como uma maneira de reunir, sob um mesmo rótulo, conteúdos semânticos que, embora apresentando distinções nas línguas ocidentais mais conhecidas (água, sangue poderiam ser entendidos como líquidos; banana, mandioca como pencas ou grupos; estrela, gado (uma cabeça de) como elementos individuais), são marcados pelo mesmo morfema em Wapixana. Isso evidencia o antigo problema da determinação de contáveis e não-contáveis, através do sistema lexical (LYONS, 1968, p. 282), que se mostra mais forte em Wapixana. Uma possível forma de se observar essa distinção de comportamento entre o Wapixana e as línguas ocidentais mais conhecidas pode lidar com a noção de protótipos (GIVÓN, 1986; 2001), concebendo as categorias que expressam quantificação não como categorias discretas, mas como um contínuo em que o pertencimento de um membro a uma categoria dependa do maior ou menor número de traços ou propriedades que esse membro reúna daquela categoria. Tal perspectiva pode resultar em uma escala bipolar que vai de menos para mais contável, como se pode observar em (61), onde aquelas palavras com conteúdo semântico identificado com unidades discretas encontram-se mais à direita e aquelas cujo conteúdo semântico identifica-se com unidades não discretas situam-se mais à esquerda:

(61) Escala de percepção: quantidade lexicalizada (da categoria não discreta à discreta)



Em (61), os pontos extremos imaginários (1 e 4), tanto do ponto de vista dos Wapichana, quanto do ponto de vista ocidental em regra coincidem: ambos consideram palavras localizadas em 1 como não-contáveis e aquelas localizadas em 4 como contáveis. Nos pontos (2-3), por outro lado, há divergência de interpretação: enquanto o Wapixana considera ambos denotando a pluralidade, como demonstra a presença do termo de classe em negrito; as línguas ocidentais mais conhecidas tendem a categorizar as palavras de 3 como contáveis e 2, talvez, como coletivos. Essa maneira de interpretar do Wapixana traz conseqüências em termos de alteração de suas formas lexicais e gramaticais, como ilustrado em (62):

- (62) a. kuʔaiɖjauna: ‘criança’
 b. kuʔai**z**ian(na-u) ‘crianças’
 criança (DÊIT-PL)

Em (62a), a forma singular referente a ‘criança’ é *kuʔaiɖjauna:*; logo, seguindo o plural regular se obteria *kuʔaiɖjauna:-na-u* (criança-DÊIT-PL) ‘crianças’, isto é, bastaria acrescentar o complexo de plural (DÊIT+PL), como em *aʔu* ‘veado’/ *aʔu-na-u* (veado-DÊIT-PL) ‘veados’. O que se observa, entretanto, é a dupla possibilidade de (62b), com acentuada prioridade para a ausência do complexo de plural, portanto: *kuʔai**z**ian* ‘crianças’. Isso destaca a importância da noção de pluralidade lexical, quer dizer, uma vez que tal noção já está presente no léxico, não há necessidade de expressá-la por meio do complexo morfêmico de plural *na-u* (DÊIT-PL), além de provocar profundas mudanças no material fônico da palavra.

3.1.1.1.2.4. Classificadores de concordância e classificadores demonstrativos?

Santos (2003, p. 3), apoiando-se em similaridades entre a língua Apurinã, analisada por Derbyshire e Payne (1990, p. 249), e a língua Wapixana, refere à existência de classificadores de concordância nesta última em exemplos como:

- (63) a. *zɨn u-ipai-a-n zɨmaka*
mulher 3F-acabar-EP-MI rede
'a mulher acabou a rede'
- b. *i-tikp-a-n wiɨada naʔik i-bajʔi-a-n-iɨ*
3M-ver-EP-MI jabuti e 3MS-flechar-EP-MI-3MO
'ele viu o jaboti e atirou nele'

A idéia é que, em (63a), o prefixo *u-* '3F' que marca o gênero do sujeito *zɨn* 'mulher' na forma verbal *u-ipai-a-n* (3F-acabar-EP-MI) 'ela acabou' e o sufixo *-iɨ* em (63b), que assinala o gênero do objeto *wiɨada* 'jabuti' na forma verbal *i-bajʔi-a-n-iɨ* (3M-flechar-EP-MI-3MO) 'ele o flechou' sejam considerados como constituindo um sistema de classificadores de concordância.

Finalmente, Santos (ibid.) também considera um sistema de classificadores as oposições humano vs. não-humano e animado vs. inanimado que seriam estabelecidas pelos demonstrativos, como em (64) abaixo, em que as formas de (64a-b) seriam exclusivas de humano masculino e humano feminino, respectivamente, e a forma de (65) que seria empregada para inanimados:

- (64) a. **tawɨɨi:** ɬaunaiuɨ 'aquele homem'
- b. **tawuɨu:** zɨn 'aquela mulher'
- (65) a. **ɬiwɨɨa:** akaj 'esta fruta'
- b. **ɬiwɨɨa:** sumaɨa 'este arco'

Em acordo com a abordagem aqui apresentada, entretanto, tais sistemas de concordância, em (63-65) não são considerados como classificadores, mas simples elementos de

concordância, uma vez que seu emprego parece bastante sistemático. Em (66), segue uma amostra concisa dos classificadores discutidos acima:

(66) Classificadores em Wapixana

classificador	significado	categoria
ap	‘extensão’	forma
(a)ɾa	‘falado’	material
b(i)?	‘massa’	consistência
ɖa	‘redondo’	forma
ɖap	‘habitação’	funcional
iz, i(z)	‘não discreto’	consistência
puna:	‘extensão’	forma
ʃimak	‘flexível’	consistência
zɨm	‘fogo’	funcional
?(i)	‘partitivo, parte de’	quantidade

Encerro a análise sobre classificadores e termos de classe, observando, como Delancey (1986, p. 439), que é possível, do ponto de vista do significado e do comportamento sintático, tratar as formas nominais como um contínuo que vai de puro nome a classificador, conforme tais formas apresentem ou não uma função classificatória:

(67) Distribuição dos morfemas conforme comportamento classificatório

	Morfemas	N	TCL	CL
a.	<i>atamin</i> ‘árvore’, <i>idib</i> (aj) ‘nariz’	+	-	-
b.	<i>ak</i> (aj) ‘fruta’, <i>atamin-ak</i> ‘árvore’; <i>ɖani</i> (j) ‘filho’; <i>ka?i-ɖani</i> ‘mindinho’	+	+	-
c.	<i>iz</i> (aj) ‘sangue’, <i>wiz</i> , ‘estrela’, <i>tiz</i> an ‘beber’; <i>zɨm</i> (aj) ‘palito de fósforo’; <i>mami-zɨm</i> ‘luz do inambu’; <i>uzɨm</i> ‘meu fogo’	+	+	+
d.	<i>maba-ɖap</i> ‘casa de abelha’, <i>ũɖap</i> ‘minha casa’; <i>su:a-ʃimak</i> ‘teia de aranha’, <i>ũʃimak</i> ‘minha rede’	-	+	+
e.	<i>baiɖa?ap</i> ‘um’, <i>ɖikika?iɖa?ɨ</i> ‘três’	-	-	+

Em (67), as formas destacadas em (67a) são empregadas apenas como nomes; aquelas em (67b) são empregadas como nomes e como termos de classe; as em (67c) têm um triplo emprego, isto é, funcionam como nomes, termos de classe e classificadores; (67d) representa formas que ocorrem como termo de classe e classificador; finalmente, (67e) exemplifica forma que tem uso exclusivo como classificador. Os dados de (67) vêm confirmar aquilo que já está registrado na literatura, quer dizer, classificadores provêm de nomes, como se pode notar pelo fato de que, dos três tipos de morfemas que apresentam um comportamento funcional de classificador aí expressos (c-e), apenas um, (e), não apresenta hoje forma nominal paralela³⁴.

3.1.1.1.2. Nomes alienáveis

Os nomes alienáveis não são obrigatoriamente possuídos. Normalmente, essa propriedade é reconhecida pelo fato de que tais nomes, quando não possuídos, não apresentam qualquer marca e, quando possuídos, exibem um sufixo caracterizador de posse. Fato semelhante foi observado por Patte (2000, p. 27) em relação a construções de posse na língua Lokono (ou Arawak das Guianas). Nessa língua, entretanto, há um único sufixo *-n* que marca a posse, conforme essa autora. Em Wapixana há três marcas distintas para essa função, à semelhança do que constatou Facundes (2000, p. 202) em relação ao Apurinã, língua também Aruák. Os exemplos do Wapixana em (68-70) ilustram o emprego das três marcas de posse de alienáveis:

- (68) a. *baɾu* ‘machado’
 b. *ɕaunaiuɾ naʔak-p-a-n* *baɾu* *ɕakap it*
 homem levar-CONT-EP-MI machado roça ALL
 ‘o homem está levando o machado para a roça’
 c. *ɕaunaiuɾ baɾu-n*
 homem machado-POSS
 ‘o machado do homem’

³⁴ A análise aqui apresentada acerca de termos de classe e classificadores demonstra a existência dessas duas categorias em Wapixana. Todavia, um estudo mais detalhado faz-se necessário especialmente no que diz respeito à distribuição de domínios semânticos em cada tipo de classificador identificado. Ainda não foi possível realizar essa investigação que deve, portanto, constituir tarefa para futuros trabalhos sobre essa língua.

- (69) a. kubaw ‘anzol’
 b. ũ-aiap wiṛi: kubaw
 1-precisar PROX anzol
 ‘preciso deste anzol’
 c. *ũgaṛi* kubaw-a-**z**
 1 anzol-EP-POSS
 ‘meu anzol’
- (70) a. baiḍukuṛi ‘onça’
 b. baiḍukuṛi t-iz-p-a-n win
 onça beber-CL:não discreto-CONT-EP-MI água
 ‘a onça está bebendo água’
 c. *iṛi* baiḍukuṛi-t
 3M-M onça-POSS
 ‘onça dele’

Nos exemplos de (68-70a) e de (68-70b), os respectivos nomes alienáveis referentes a *baṛu* ‘machado’, *kubaw* ‘anzol’ e *baiḍukuṛi* ‘onça’, apresentam-se em sua forma lexical pura, isto é, sem qualquer morfema adicional. (68-70a) apresentam tais nomes isolados, como itens lexicais; (68-70b) ilustram os mesmos nomes no interior de sentença. Nesses exemplos, não há construção possessiva e, conseqüentemente, não há possuidor especificado, motivo por que em todos eles não ocorre o sufixo de *possuído*. (68-70c), em contrapartida, ilustram o emprego dessas mesmas palavras em construções possessivas que, portanto, trazem possuidores explícitos: *ḍaunaiur* ‘homem’ em (68c), *ũgaṛi* ‘eu’ em (69c) e *iṛi* ‘ele’ em (70c) (todos em itálico), razão pela qual os morfemas marcadores de possuído estão presentes: -**n** em (68c), -**z** em (69c) e -**t** em (70c), (todos em negrito). Observe-se que tais marcadores de posse são anexados aos nomes designadores dos objetos possuídos (não àqueles designadores dos possuidores) que constituem núcleos das construção possessivas, logo, considerando o lugar em que ocorre a marca de posse (NICHOLS, 1986; 1988), o Wapixana deve ser considerado como língua do tipo *núcleo-marcado*, como constatado por Santos (2005).

As construções de (68-70c) também esclarecem a distribuição sintática do nome alienável na construção possessiva, quer dizer, ele deve ocorrer em justaposição ao nome que designa seu possuidor e que o precede no sintagma nominal, portanto, ocupa a mesma posição que o nome inalienável (estudado em 3.1.1.1.1). A forma mais simples do nome alienável em Wapixana pode ser representada como em (71), a seguir:

(71) $N_{\text{ALIEN}} \rightarrow RZ_{\text{ALIEN}_n} + n$ ou $RZ_{\text{ALIEN}_z} + z$ ou $RZ_{\text{ALIEN}_t} + t$

O fato de a representação em (71) prever que uma raiz seja especificada para cada tipo de marcador de possuído não deve ser tomado como absoluto, pois há nomes que podem tomar, alternativamente, mais de uma das formas marcadoras de posse, como se pode observar em (72) abaixo:

(72) a. *kazj* ‘batata’
 b. *pi-kazj-n* ‘tua batata’
 2-batata-POSS
 c. *pi-kazj-t* ‘tua batata’
 2-batata-POSS

(72a) ilustra o nome alienável *kazj* ‘batata’ em sua forma pura, como item lexical isolado. Os exemplos de (72b) e (72c), por outro lado, apresentam esse mesmo nome em construções possessivas, com possuidores explícitos representados pelo prefixo marcador de segunda pessoa *pi-*. Por serem construções possessivas que envolvem nomes alienáveis, tais construções requerem o morfema marcador de nomes possuídos que, em (72b), é representado pelo sufixo *-n*, e, em (72c), pelo sufixo *-t*, portanto, o mesmo nome pode receber, alternativamente, dois marcadores distintos para expressar a idéia de possuído. Além disso, um mesmo nome pode receber, simultaneamente, dois marcadores de posse, como se pode observar em (73):

- (73) a. *kanaw* ‘canoa’
 b. *ũ-kanaw-a-n* ‘minha canoa’
 1-canoa-EP-POSS
 c. *ũ-kanaw-a-n-a-ẓ* ‘minha canoa’
 1-canoa-EP-POSS-EP-POSS

(73a) ilustra o nome *kanaw* ‘canoa’ como item lexical isolado; (73b-c) ilustram essa mesma palavra em construções possessivas com o possuidor explícito *ũ* ‘minha’. Em (73b), a construção possessiva apresenta-se com o marcador de posse mais comum *-n*, enquanto, em (73c), a construção possessiva aparece com dupla marca representada por esse morfema *-n* e, também, pelo morfema *-ẓ*.

Esses dois fatos ilustrados em (72-73) sugerem que a marca de posse de nomes alienáveis é de natureza lexical, isto é, não há como prever qual(is) da(s) marca(s) disponíveis pode(m) ser empregada(s) para cada nome específico, devendo, pois, tais marcas serem registradas em cada item lexical. Em (74), segue uma amostra de nomes alienáveis em suas formas não possuídas, suas formas possuídas e suas alternativas em termos de qual(is) marca(s) de posse empregam:

(74) Marcadores de posse dos nomes alienáveis

forma não-possuída	forma possuída	Glosa	-n	-ẓ	-t
<i>amazaḍa</i>	<i>amazaḍat</i>	terra (território, planeta)	-	-	+
<i>atuṛi</i>	<i>atuṛin</i>	jacaré	+	-	-
<i>auwaṛi</i>	<i>auwaṛin</i>	vento	+	-	-
<i>aṛu</i>	<i>aṛun</i>	veado	+	-	-
<i>baṛu</i>	<i>baṛun</i>	machado	+	-	-
<i>baiḍukuṛi</i>	<i>baiḍukuṛit</i>	onça	-	-	+
<i>bitʃ</i>	<i>bitʃan</i>	porco-do-mato	+	-	-
<i>imiʔi</i>	<i>imiʔiẓ</i>	terra (matéria)	-	+	-
<i>kiṛiki</i>	<i>kiṛikin</i>	galinha	+	-	-
<i>kaẓi</i>	<i>kaẓin</i>	batata	+	-	-
	<i>kaẓit</i>		-	-	+
<i>kazaṛa</i>	<i>kazaṛan</i>	arara	+	-	-
<i>kaʃu</i>	<i>kaʃun</i>	capivara	+	-	-

kamu:	kamu:n	dia	+	-	-
kanaw	kanawan	canoa	+	-	-
	kanawanaz _z		+	+	-
kapaʃi	kapaʃin	tatu	+	-	-
kaʃiʃi:	kaʃiʃi:t	lago	-	-	+
kijaʃiʃi	kijaʃiʃiz _z	algodão	-	+	-
kuatʃi	kuatʃin	quati	+	-	-
kubaw	kubawaz _z	anzol	-	+	-
kudui	kuduit	anta	-	-	+
kupai	kupain	peixe	+	-	-
kiba	kiban	pedra	+	-	-
kibajau	kibajaut	panela de barro	-	-	+
maziki	mazikin	milho	+	-	-
masuiki	masuikin	coruja	+	-	-
maʃata	maʃatan	jacu	+	-	-
maʃij	maʃijan	facã	+	-	-
mutu	mutun	cabaça	+	-	-
nai	nain	piolho	+	-	-
pani:numi	pani:numiz _z	porta	-	+	-
paʃitiʃi	paʃitiʃitiz _z	cinza	-	+	+
piʃani	piʃanin	gato	+	-	-
pimiɖa	pimiɖataz _z	beija-flor	-	+	+
puʃu	puʃun	remo	+	-	-
saiʃu	saiʃun	rede de pesca	+	-	-
suma	suman	fumo, tabaco	+	-	-
sumaʃa	sumaʃan	arco	+	-	-
supaʃa	supaʃan	facão	+	-	-
tʃakui	tʃakuin	tucano	+	-	-
tʃiziki	tʃizikin	periquito	+	-	-
taʃumiʃu	taʃumiʃun	viga	+	-	-
uʃan	uʃanan	paca	+	-	-
watu	watun	urubu	+	-	-
waʃu	waʃun	papagaio	+	-	-
wini	winin	água	+	-	-
wiʃaɖa	wiʃaɖataz _z	jabuti	-	+	+
zuakaʃi	zuan	lenha	+	-	-

Como se observa em (74), o sufixo marcador de posse *-n* aparece na grande maioria de construções possessivas envolvendo nomes alienáveis, enquanto há um equilíbrio entre os

sufixos *-z* e *-t* que são bem menos freqüentes. Do ponto de vista do significado, parece não haver como identificar cada um desses marcadores com domínios semânticos específicos. Todos esses três marcadores afixam-se a nomes que referem a elementos relacionados a planta / floresta: *auwaʒan* ‘vento’, *imiʒiz* ‘terra (matéria)’, *kijaʒidjiz* ‘algodão’, *amaʒaʒat* ‘terra (planeta, território); alguns até em alternância: *kazin* / *kazit* ‘batata’. Todos os três afixam-se a nomes de animais: *bitʒan* ‘porco-do-mato’; às vezes até simultaneamente: *wiʒaʒataz* ‘jabuti’. Todos eles afixam-se, também, a nomes referentes a objetos manufaturados: *baʒun* ‘machado’, *pani:numiz* ‘porta’, às vezes, até simultaneamente: *kanawamaz* ‘canoa’. Portanto, o fato de os marcadores de posse ocorrerem com todos os domínios semânticos e até se alternarem ou coocorrerem com um mesmo nome demonstra que, ao menos no estágio atual dos estudos, não parece possível vinculá-los a domínios semânticos específicos, embora uma análise futura mais pormenorizada da cultura dos Wapixana, talvez, possa vir a indicar aí alguma regularidade.

3.1.1.2. Outros processos de formação de nomes

Além da principal fonte de produção de nomes, aquela que envolve termos de classe, como estudado em (3.1.1.1.1), outros processos de derivação e de composição parecem atuar na gênese do léxico da língua Wapixana. Dois tipos de derivação identificados envolvem os sufixos *-kaʒi* e *-paizu* que são bastante recorrentes. O sufixo *-kaʒi* transforma um verbo em um nome abstrato de ação, como se pode ver nos exemplos:

- (75) a. *i-ʒi: ma-kaup-a-kaʒi*
 3M-M PRIV-banhar-EP-NR
 ‘ele não (gosta de) banho’
- b. *ũ-kaup-a-n-ni: iwaʒu-z it*
 1-banhar-EP-MI-NPRES rio-CL:não discreto ALL
 ‘eu vou tomar banho no rio’
- (76) a. *pi-saʒaʒ pa-(a)ʒa-d-kaʒi*
 2-escrever=IMP um-falado-VR-NR
 ‘escreva uma palavra’

- b. tuʃau *pa-(a)ʃa-d-a-n*-ni: piqian-na-u at
 tuxaua um-falado-VR-EP-MI-NPRES pessoa-DÊIT-PL DAT
 ‘o tuxaua falará ao pessoal’

Em (75-76a), as formas em itálico *kaup-kaʃi* (banhar-NR) ‘banho’ e *pa-(a)ʃa-d-kaʃi* (um-falado-VR-NR) ‘palavra’, respectivamente, constituem os nomes correspondente aos verbos expresso pelas formas em itálico em (75-76b) *kaup-a-n* (banhar-EP-MI) ‘banhar’ e *pa-(a)ʃa-d-a-n* (um-falado-VR-EP-MI) ‘falar’. Portanto, mediante a supressão das terminações verbais e o acréscimo do sufixo nominalizador *kaʃi*, em negrito, obtém-se um nome deverbal.

Também um nome deverbal é o resultado da adjunção do sufixo *paizu*, como se pode observar nos exemplos que seguem:

- (77) a. *kuad-a-paizu* pa-(a)ʃa-d-a-n kiwai d-a-ʔi
 contar-EP-NR um-falado-VR-EP-MI notícia assunto-DÊIT-CL:PTT
 ‘o comentarista falou sobre a notícia’
- b. ũ-*kuad-a-n*-ni: kiwai wa-iʃib-a-na-u at
 1-contar-EP-MI-NPRES notícia 1PL-QUANT-DÊIT-PL DAT
 ‘eu vou contar uma notícia aos parentes’
- (78) a. aizʃi: wa-:bat *aitʃ-a-paizu* kiwai
 agora 1PL-ouvir=IMP ler-EP-NR notícia
 ‘agora vamos ouvir o leitor (da notícia)’
- b. aizʃi: wa-*ait* naʔik wa-saʔaɖ
 hoje 1PL-ler=IMP CNJ PL-escrever=IMP
 ‘hoje vamos ler e escrever’

Em (77-78a), *kuad-paizu* (contar-EP-NR) ‘comentarista’ e *ait-a-paizu* (ler-EP-NR) ‘leitor’, em itálico, respectivamente, correspondem às formas nominais relacionadas às formas verbais *kuad-a-n* (contar-EP-MI) ‘contar’ e *ait* ‘ler=IMP’ (de *aitan* ‘ler’), em itálico em (77-78b). Portanto, a acréscimo do sufixo nominalizador *paizu* em negrito, a uma base verbal produz um nome deverbal que, do ponto de vista semântico, refere ao produtor da ação, logo, trata-se de um agentivo.

3.1.1.3. Outras categorias gramaticais

Feita a análise da grande divisão dos nomes do Wapixana com base na categoria de posse (3.1.1.1) em alienáveis e inalienáveis, descritos respectivamente em (3.1.1.1.1) e (3.1.1.1.2), passo a analisar agora outras categorias gramaticais presentes nos nomes dessa língua.

3.1.1.3.1. Gênero

A categoria de gênero em Wapixana apresenta marcas distintas conforme seja o nome em apreço pertencente à classe dos nomes inalienáveis ou à classe dos nomes alienáveis. Para os nomes inalienáveis, empregam-se as mesmas marcas usadas para a distinção de gênero nos pronomes. Os nomes alienáveis, por outro lado, possuem marca própria. Do ponto de vista semântico, a distinção estabelecida, tanto em nomes inalienáveis quanto em nomes alienáveis, diz respeito à oposição entre masculino e feminino. Na seguinte seção (3.1.1.3.1.1), abordo o gênero nos nomes inalienáveis; na seção (3.1.1.3.1.2), analiso o gênero nos nomes alienáveis.

3.1.1.3.1.1. Gênero nos nomes inalienáveis

Certos nomes inalienáveis, à semelhança dos pronomes pessoais, quando referindo a entidades com o traço [+humano], fazem a distinção de gênero mediante a presença do sufixo **-ɽi**, para nomes que referem a indivíduos do sexo masculino, e a presença do sufixo **-ɽu**, para nomes que referem a indivíduos do sexo feminino, como demonstram os exemplos a seguir:

- | | | | |
|------|----|--------------------------------|----------|
| (80) | a. | ɽa-j-a-ɽi
gênese-NPOSS-EP-M | ‘esposo’ |
| | b. | ɽa-j-a-ɽu
gênese-NPOSS-EP-F | ‘esposa’ |

- (81) a. ɖa-ɽĩ-j ‘pai’
gênese-M-NPOSS
- b. ɖa-ɽu-j ‘mãe’
gênese-F-NPOSS

(80a) e (81a) ilustram nomes cujos referentes são entidades humanas de sexo masculino, logo, são marcados pelo sufixo $-\text{ɽĩ}$. ɖa-j-a-ɽĩ (gênese-NPOSS-EP-M) ‘esposo’, ɖa-ɽĩ-j (gênese-M-NPOSS) ‘pai’; (80b) e (81b) apresentam nomes cujos referentes são entidades humanas do sexo feminino e, então, são marcados pelo sufixo $-\text{ɽu}$. ɖa-j-a-ɽu (gênese-NPOSS-EP-F) ‘esposa’ e ɖa-ɽu-j (gênese-F-NPOSS) ‘mãe’.

Embora alguns termos apresentem, na ortografia empregada atualmente pelos Wapixana, os sufixos $-\text{zĩ}$ e $-\text{zu}$ em substituição, respectivamente, aos sufixos de masculino $-\text{ɽĩ}$ e de feminino $-\text{ɽu}$: $\text{ɖini-}[\text{zĩ}]$ (?-M) ‘genro’, $\text{ɖini-}[\text{zu}]$ (?-F) ‘nora’, tais variações devem ser consideradas como meramente fonéticas, provenientes dos traços constituintes do segmento consonantal aí presente que envolve a retroflexividade do flepe e o sibilo da fricativa. Portanto, em acordo com a abordagem aqui apresentada, palavras tais como essas são aqui grafadas com as formas básicas da categoria de gênero: ɖiniɽĩ ‘genro’ e ɖiniɽu ‘nora’, respectivamente.

Há, também, nomes inalienáveis com referentes humanos que expressam a distinção masculino / feminino lexicalmente, como no par ɖukuz ‘avô’ / ku?uku ‘avó’. Para a primeira dessas palavras, poderia se supor que o z final constitua marca de masculino; eu, entretanto, não considero essa possibilidade, uma vez que não se configura aí uma oposição distintiva. Um estudo diacrônico futuro, provavelmente, poderá confirmar ou não tal hipótese.

Finalmente, retomo a reflexão de Rivière (2002, p. 72), mencionada em (1.1.3), acerca de os nomes do Wapixana não estabelecerem uma distinção de sexo para os membros do primeiro nível genealógico, havendo apenas um nome para designar “filho”, no sentido ali apresentado. Como, então, mencionei, a distinção de gênero nesse caso é estabelecida mediante o emprego da palavra zin-a-ba (mulher-EP-TCL:F) ‘mulher’ em

conjunto com a palavra designadora de “filho” *ḡani*, formando, portanto, *ḡa-ni-zḡin-aba* (gênese-?-mulher-TCL:F) ‘filha’.

3.1.1.3.1.2 Gênero nos nomes alienáveis

Os nomes alienáveis, quando referindo a entidades com o traço [+ animado], estabelecem a distinção de gênero mediante a presença do termo de classe *-aba*, para indivíduos do sexo feminino, em oposição a ausência de qualquer marca, para indivíduos do sexo masculino, como demonstram os exemplos:

- | | | | |
|------|----|--------------------|---------------|
| (82) | a. | kuḡi | ‘porco’ |
| | b. | kuḡi- aba | ‘porca’ |
| | | porco-TCL:F | |
| (83) | a. | kuḡui | ‘anta-macho’ |
| | b. | kuḡui- aba | ‘anta-fêmea’ |
| | | anta-TCL:F | |
| (84) | a. | sukuḡi | ‘cutia-macho’ |
| | b. | sukuḡi- aba | ‘cutia-fêmea’ |
| | | cutia-TCL:F | |

(82-84a) ilustram nomes alienáveis que referem a entidades animadas de sexo masculino, assim, nenhuma marca trazem que designe o gênero gramatical; (82-84b), por seu turno, ilustram nomes que referem a entidades animadas de sexo feminino e, então, exibem o termo de classe *-aba* indicador do gênero gramatical.

Embora, do ponto de vista semântico, o sufixo *-aba* presente para os nomes alienáveis o mesmo conteúdo que o sufixo *-ḡu* apresenta para os nomes inalienáveis, isto é, marcar como feminino o nome ao qual se agrega, ele deve ser considerado um termo de classe e não uma típica desinência de gênero. A razão para isso está no fato de que seu emprego não é sistemático, podendo, por vezes, ser omitido, enquanto o emprego de *-ḡu*

para os nomes inalienáveis que o requerem é obrigatório, como demonstram os exemplos a seguir:

- | | | | |
|------|----|---|----------------|
| (85) | a. | <i>kiʔiki-aba</i>
galo/galinha-TCL:F | ‘galinha’ |
| | b. | <i>kiʔiki</i>
galo/galinha | ‘galo/galinha’ |
| (86) | a. | <i>ɖa-j-a-ʔu</i>
gênese-NPOSS-EP-F | ‘esposa’ |
| | b. | * <i>ɖa-j</i>
gênese-NPOSS | ‘esposa’ |

(85) evidencia que, para nomes alienáveis, tanto a construção que exhibe abertamente a marca de gênero feminino, o termo de classe *-aba* em (85a), quanto a construção em que tal marca está ausente, como em (85b), são empregadas regularmente. (86), por outro lado, ilustra o fato de que, para os nomes inalienáveis, apenas a construção com marca aberta de gênero, a desinência *-ʔu* em (86a), é permitida; sendo, portanto, a construção sem essa marca inadmissível, como representado em (86b). Isso faz com que um nome alienável como aquele que designa “mulher” em Wapixana, inerentemente feminino, apresente duas formas diferentes: *zɨn* e *zɨn-aba* (mulher-TCL:F) ‘mulher, menina’. Note-se que *zɨn(-aba)* ‘mulher, menina’ difere de nomes como *kiʔiki(-aba)* ‘galinha, galo’ de (85b), uma vez que sua forma simples, despida do termo de classe, isto é, *zɨn* significa apenas “feminino” (o masculino correspondente é *ɖaunaiʔ* ‘homem’, forma supletiva); enquanto esta forma de (85b), em seu estado puro (*kiʔiki*) significa tanto o masculino (galo) quanto feminino (galinha).

3.1.1.3.2. Número

Conforme Tracy (1974, p. 120-1), o Wapixana apresenta como marca característica de plural o sufixo *-nau*. Ela ilustra isso com os exemplos que seguem³⁵:

- (87) a. *tapiʔiz* ‘boi’
 b. *tapiʔiz-nau* ‘bois’
 boi-PL
- (88) a. *zɨn* ‘menina’
 b. *zɨn-nau* ‘meninas’
 menina-PL

Portanto, em (87-88a), as bases nominais do singular *tapiʔiz* ‘boi’ e *zɨn* ‘menina’, respectivamente, recebem o afixo *-nau* em (87-88b) de forma a acrescentar-lhes a idéia de pluralidade, resultando em *tapiʔiz-nau* (boi-PL) ‘bois’ e *zɨn-nau* (menina-PL) ‘meninas’.

Como os exemplos mostram, não resta dúvida de que *-nau*, de fato, expressa pluralidade, a noção de mais de um. A questão é saber se *-nau* constitui um morfema único ou uma unidade complexa de morfemas. A hipótese do complexo ganha sentido quando se põe em confronto essa marca de plural *-nau* com a marca de coletivo *-bau*. Ambas contêm o elemento *u* final, o que leva a crer que a marca de pluralidade em si circunscreva-se a ele. Porém, considerar que apenas o elemento final *u* caracteriza a idéia de pluralidade implica verificar se suas contrapartes *-na* e *-ba* possuem *status* de morfema. Quanto a *-ba*, isso não parece difícil, uma vez que, translingüísticamente, as línguas Aruák apresentam esse morfema com referência ao numeral “um”. Além disso, sua recorrência regular na produção de nomes o caracteriza como um termo de classe relacionado à quantidade. O caso de *-na* não parece tão simples, mas exemplos como os que seguem sugerem seu *status* de morfema:

³⁵ Há pequenas mudanças na transcrição dos exemplos de Tracy, porque ela empregou a ortografia utilizada na Guiana; enquanto, aqui, emprego a transcrição fonológica.

- (89) a. *i-na-u* *kuʃi-na-u*
 3-DÊIT-PL porco-DÊIT-PL
 ‘uns porcos’
- b. *atamin ka-na-zu:* *kajna: maba i-ʃiwi-n* *i-na-zu-ʔ-i:*
 árvore AT-DÊIT-TCL:oco EXIST abelha 3-mel-POSS 3-DÊIT-TCL:oco-?-LOC
 ‘a árvore oca tem mel dentro’

Em (89a), inicialmente *na* apresenta-se na constituição do quantificador *i-na-u* (3- DÊIT-PL) ‘uns’ que funciona como um adjunto de nome; depois, na própria formação do complexo de plural da palavra *kuʃi-na-u* (porco-DÊIT-PL) ‘porcos’. Em (89b), *na* tem dois registros³⁶ e ambos apresentam função anafórica que é típica de dêitico (ANDERSON & KEENAN, 1985, p. 261), remetendo ao referente da palavra *atamin* ‘árvore’. Como os exemplos sugerem, portanto, *na* pode, então, ser considerado um dêitico. Considerando, pois, que as marcas de plural *-nau* e de coletivo *-bau* não são monomorfêmicas, mas constituem complexos morfológicos, pode-se observar como se comportam essas categorias em Wapixana, tomando os exemplos imediatamente abaixo:

- (90) a. *aʃimaʃaka* ‘cachorro’
 b. *aʃimaʃaka-na-u* ‘cachorros’
 cachorro-EP-DÊIT-PL
- (91) a. *waini:* ‘maniva’
 b. *waini:-ba-u* ‘manival’
 maniva-TCL:um-PL

Em (90), a forma singular do nome *aʃimaʃaka* ‘cachorro’, em (90a), recebe o complexo morfêmico de plural *-na-u* (DÊIT-PL), em (90b), resultando na forma do plural *aʃimaʃaka-na-u* (cachorro-DÊIT-PL) ‘cachorros’. Em (91a), a forma do singular do nome *waini:* ‘maniva’ recebe, em (91b), o complexo morfêmico coletivo *-ba-u* (um-PL),

³⁶ Note-se que o próprio existencial *kajna:* talvez possa ser analisado como uma forma composta: *ka-i(n)-na:* (AT-REFL-DÊIT), envolvendo o dêitico *na* (com alongamento iâmbico em função da posição final que ocupa).

produzindo a forma coletiva *waini:-ba-u* ‘manival’. Relevante nessas maneiras de representar tais noções em Wapixana é o fato de explicitar concretamente as definições das categorias de plural e de coletivo: *plural* é a existência de mais de uma unidade retomada pelo dêitico; *coletivo* é a natureza vária do “todo” retomado pelo termo de classe *ba* ‘um’.

Uma outra característica acerca do plural diz respeito ao fato de que, em construções envolvendo numeral, a marca de plural é dispensável, como ilustrado em (92), a seguir:

- (92) a. *ɖi-ki-kaʔi-ɖa-ʔi* *kupai-na-u* ‘três peixes’
dois-antes-mão-gênese-CL:PTT peixe- DÊIT -PL
- b. *ɖi-ki-kaʔi-ɖa-ʔi* *kupai* ‘três peixes’
dois-antes-mão-gênese-CL:PTT peixe

Assim, em (92), tanto a construção que exhibe a marca de plural em (92a), quanto a construção com a ausência dessa marca são perfeitamente aceitáveis no Wapixana.

Finalmente, um especial emprego da noção de pluralidade que parece fortemente vinculado à cultura wapixana diz respeito às palavras referentes a “velho” e aos “antigos”. Tal vínculo cultural repousa na valorização que essa cultura mantém em relação aos idosos que, conforme Farage (1997), constituem o depositário do saber do povo. Essa valorização é, pois, expressa pela marca de plural, como se pode observar nos exemplos a seguir:

- (93) a. *tinaʔi-na-u* ‘velho’
velho-DÊIT-PL
- b. *masku-na-u* ‘velha’
velha-DÊIT -PL
- c. *kutiʔai-ɲa-u* ‘antigos’
antigo-DÊIT-PL

Se o emprego do complexo de plural se limitasse ao exemplo de (93c) *kutiʔai-ɲa-u* (antigo-DÊIT-PL) ‘antigos’, não se poderia falar em vínculo cultural, afinal, a própria tradução para o português revela a noção de pluralidade. Todavia, os exemplos de (93a) *tinaʔi-na-u* (antigo-DÊIT-PL) ‘velho’ e de (93b) *masku-na-u* (velha-DÊIT-PL) ‘velha’

revelam a marca de plural para nomes cujas traduções em português correspondem ao singular. O vínculo cultural fica mais evidente observando um exemplo como o de (94) a seguir:

- (94) *kajna: dʒi-aʔi-ta-m masku-na-u ka-daku-t-ijn-a-n*
 EXIST dois-mão-gênese-? velha-DÊIT-PL AT-boca-VR-REFL-EP-MI
 ‘há duas velhas conversando’

Em (94), a palavra *masku-na-u* (velha-DÊIT-PL) ‘velhas’ envolve a noção de pluralidade e, ainda assim, é representada pela mesma forma (que refere ao singular) empregada em (93b). Exemplos como este, portanto, demonstram que o emprego de plural em relação a palavras como aquelas de (93) apresenta um significado com reflexos culturais, portanto, diferente de seu sentido denotativo comum, que é traduzir a noção simples de “mais de um”.

3.1.1.3.3. Grau

As noções de diminutivo e aumentativo podem ser expressas sintaticamente, através da justaposição de um adjetivo ao substantivo, como se pode observar nos exemplos que seguem:

- (95) a. *bun tɪbaʔi-ʔu* ‘cua grande’
 cuia grande-ADJR
- b. *kiɖi-b-a-j tɪbaʔi-ʔu* ‘pé grande’
 pé-TCL:parte de-EP-NPOSS grande-ADJR
- c. *ɖaunaiuʔ tɪbaʔi-ʔu* ‘homem grande’
 homem grande-ADJR
- d. *tɪbaʔi-ʔu imiʔi-ɖikiu* ‘serra grande’
 grande-ADJR barro-TCL:montanha
- (96) a. *saʔib-a-j iɖaʔi-ʔu* ‘lápiz grande’
 lápis-EP-NPOSS grande-ADJR

sudji (mulher-EP-TCL:pequeno) ‘menina’ e *karíjĩ-sudji* (lago-TCL:pequeno) ‘lago pequeno’.

3.1.1.3.4. Atributivo e privativo

Em consonância com o que constataram Matteson e Taylor em relação a outras línguas Aruák (apud PAYNE, 1991, p. 377), as idéias de atribuição e de privação também podem ser expressas morfologicamente em nomes do Wapixana, mediante o emprego dos prefixos *ka-* e *ma-*, respectivamente, como ilustrado a seguir:

- (99) a. **ka-**?-iz_r-kin ‘panela’
 AT-?-TCL:não.discreto-TCL:continente
- b. **ma-**diz_u-j ‘careca’
 PRIV-cabelo-NPOSS

Em (99a), o prefixo *ka-* marca o referente do nome *ka-?-iz_r-kin* (AT-?-TCL:não.discreto-TCL:continente) ‘panela’ como tendo a função de servir de recipiente para entidades não-discretas, logo, tem a função de atributivo. Em (99b), o prefixo *ma-* caracteriza o referente do nome *ma-diz_u-j* (PRIV-cabelo-NPOSS) ‘careca’ como desprovido de cabelo, portanto, constitui um privativo.

3.1.2. Verbo

A proposta dessa seção é descrever a estrutura do verbo do Wapixana, analisando as categorias que o compõem a partir de suas propriedades morfológicas e sintáticas. Mas, como no caso do estudo dos nomes na seção (3.1.1), as características sintáticas aqui analisadas destinam-se antes à procura de identificação dos constituintes do verbo, que à sua análise como elemento componente de uma construção superior, o que será tratado no capítulo 4, que aborda a sintaxe.

Conforme Tracy (1974, p. 121), “Verb root occurs inflected only. There must be either a pronoun prefix, as in the imperative form, or verbal suffixes”. De fato, em relação

Considerando suas propriedades gramaticais, os verbos do Wapixana apresentam dois tipos principais, *transitivo* e *intransitivo*, e o existencial *kajpa*: Passo, então, a analisar esses três tipos de verbo nas próximas seções, obedecendo a seguinte ordem de exposição: em (3.1.2.1.1) abordo verbo transitivo; em (3.1.2.1.2), trato do verbo intransitivo; e, finalmente, em (3.1.2.1.3), investigo o existencial.

3.1.2.1.1. Verbos transitivos

Os verbos transitivos são aqueles que admitem mais de um argumento. Dividem-se em *divalentes*, que requerem dois argumentos (sujeito e objeto direto ou indireto), e *trivalentes*, que requerem três argumentos (sujeito, objeto direto e objeto indireto), como exemplificado por (103), em que os argumentos são destacados em negrito:

- (103) a. **kamu:** aṭaṭaṭ-ni: **pinid**
 sol secar-NPRES capim
 ‘o sol secou o capim’
- b. **u-ṭu** pa-(a)ṭa-d-a-n **i-ṭi** at
 3F-F falar-CL:fala-VR-EP-MI 3M-M DAT
 ‘ela falou para ele’
- (104) c. **ũgaṭi** t-a-n-ni: **si-:z-na-u** **i-na-u** at
 1 dar-EP-MI-NPRES banana-CL:não discreto-DÊIT-PL 3-DÊIT-PL RECP
 ‘vou dar bananas para eles’

(103) ilustra verbos transitivos com dois argumentos (divalentes): o verbo em (103a) exhibe complemento objeto direto, razão por que é chamado tradicionalmente de transitivo direto; o verbo em (103b) traz um complemento objeto indireto e, portanto, é tratado na literatura como transitivo indireto. (104) ilustra verbo transitivo com três argumentos (trivalente) que, tradicionalmente, é reconhecido como transitivo direto e indireto, uma vez que admite um complemento direto e um complemento indireto simultaneamente. Dos argumentos que constituem complementos verbais, objeto direto e objeto indireto, este último não apresenta marca mórfica, mas uma posposição que o caracteriza, como se pode observar em (103b) *i-ṭi at* (3M-M DAT) ‘para ele’ e em (104) *i-na-u at* (3-DÊIT-PL RECP) ‘para eles’, razão

pela qual será abordado mais detalhadamente no capítulo 4, que trata da sintaxe. O objeto direto, por outro lado, constitui, do ponto de vista morfológico, uma típica distinção do verbo transitivo em relação a outros tipos de verbos, uma vez que pode apresentar uma marca de concordância em forma de sufixo verbal, como ilustrado em (105) a seguir:

- (105) aizi: wapitʃan-na-u kaiw-a-n-iz pa-uku-n
 hoje wapixana- DÊIT -PL usar-EP-MI-3O ANF-timbó-POSS
 ‘hoje os wapixanas usam o seu timbó’

Em (105), o sufixo de terceira pessoa objeto *-iz* na forma verbal marca a concordância com o objeto direto *pa-uku-n* (ANF-timbó-POSS) ‘seu timbó’.

3.1.2.1.2. Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos são monovalentes, isto é, admitem apenas um argumento (sujeito), como se pode observar no exemplo em (106), em que o argumento sujeito encontra-se em negrito:

- (106) **atuʃi** mauk-a-n
 jacaré morrer-EP-MI
 ‘o jacaré morreu’

Porquanto, em (106), o verbo mauk-a-n (morrer-EP-MI) ‘morrer’ não requer qualquer complemento, mas admite o argumento sujeito *atuʃi* ‘jacaré’.

Embora não haja uniformidade nas categorizações semânticas estabelecidas translingüisticamente (MITHUN, 1991, p. 511), muitas línguas marcam a diferença entre *verbos intransitivos ativos*, que são caracterizados por, em geral, expressarem eventos, e *verbos intransitivos descritivos* que são considerados como expressando, preferencialmente, propriedades tais como estados ou qualidades das entidades a que se referem. Não parece possível para o Wapixana falar na distinção entre esses dois tipos de *verbos*, uma vez que, nessa língua, é evidente a categoria verbo para a expressão de eventos, mas não parece clara para a expressão de estativos. Veja-se, pois, a diferença, em

Wapixana, entre construções que expressam eventos por meio de verbos, como aquelas em (107), e construções estativas como aquelas de (108), que em muitas línguas são expressas também por verbos:

- (107) a. ũ-ɖa-ni-zɨnaba ka:w-a-n minimin
1-gênese-?-mulher chegar-EP-MI ontem
'minha filha chegou ontem'
- b. ũ-tʃiʔik-p-a-n ũ-ɖa-ɾu tim
1-andar-CONT-EP-MI 1-gênesis-F COM
'eu estou andando com minha mãe'
- c. i-waʔati-n ɖaʔa:-ʔ-ati: taɾaɾa iɖi-a-ʔ-an
3M-vir-MI aqui-?-ALL carro INST-DÊIT-?-MAN
'ele veio aqui de carro'
- d. ũ-ɖaʔawi-n-ni: ũ-ʃimak uwiʔ
1-dormir-MI-NPRES 1-CL:flexível INESS
'vou dormir na minha rede'
- e. ũ-ɖukuz kaʔy-ɖ-iɲ zi:
1-avô mão-VR-REFL ainda
'meu avô ainda trabalha'
- (108) a. i-ɾi ɖikintap-a-ʔu pa-kaʔi-ɖ-iɲ-kiz i:
3M-M teimoso-EP-ADJR ANF-mão-VR-REFL-TCL:lugar LOC
'ele é teimoso no seu trabalho'
- b. amazaɖa tiɓaɾi-ʔu
mundo grande-ADJR
o mundo é grande
- c. bun tiɓaɾi-ʔu paiɖa-ʔu paɾakaɾi iɖ
cua grande-ADJR cheio-ADJR caxiri conteúdo
'a cuia grande está cheia de caxiri'
- d. pi-baiz-i-n paʔiɲa-ʔu ?
2-chicote-EP-POSS novo-ADJR
'teu chicote é novo?'
- e. imiʔi ɶakap ii kaiman-a-ʔu
barro roça local bem-EP-ADJR
'o barro na roça é bom'

Todos os exemplos de (107), que expressam eventos, caracterizam-se especialmente por apresentar morfemas verbais comuns a verbos transitivos, como se pode observar nos exemplos a seguir:

- (109) a. *i-tʃi kizit-ni: zamaka*
 3M-M rasgar-NPRES rede
 ‘ele rasgou a rede’
- b. *i-baizi-t-ni: aɾimaɾaka*
 3M-chicote-VR-NPRES cachorro
 ‘ele bateu no cachorro’
- c. *ũ-bazubat-a-n-ni: maɾ-ij dʒimana-ʔu*
 1-embrulhar-EP-MI-NPRES faca-NPOSS afiado-ADJR
 ‘eu vou embrulhar a faca afiada’

Os exemplos de (108), por seu turno, que, em geral, expressam estados, caracterizam-se por trazer o morfema *-ʔu* que é caracterizador de adjetivos, como se pode observar nos exemplos que seguem, em que adjetivos ocorrem no interior de sintagmas nominais:

- (110) a. *ũ-ai-p-a-n maɾ-ij dʒimana-ʔu*
 1-precisar-CON-EP-MI faca-NPOSS afiado-ADJR
 ‘estou precisando de uma faca afiada’
- b. *u-kaukiɖ-ni: aka-j kaimen-a-ʔu*
 3F-trazer-NPRES fruta-POSS bem-EP-ADJR
 ‘ela trouxe fruta boa’
- c. *kamitʃ maɖiɖika-ʔu kadiman i-ɖaɖuwaka-n*
 roupa fino-ADJR rápido 3-rasgar-MI
 ‘roupa fina rasga logo’

Portanto, o fato de as construções intransitivas em (107) que expressam eventos receberem a marca morfológica comum a verbos transitivos denuncia sua natureza verbal. Quanto às construções estativas em (108), o fato de receberem um sufixo comum a adjetivos ainda não constitui fundamento para serem consideradas como adjetivos, mas os seguintes exemplos parecem confirmar sua natureza adjetival:

- (111) a. wiɾi: aka-j uzka-ʔu
PROX fruta-NPOSS madura-ADJR
'esta fruta está madura'
- b. wiɾi: aka-j au-na i-uzka-n
PROX fruta-NPOSS NEG-DÊIT 3M-maduro-MI
'esta fruta não está madura'
- c. *wiɾi: aka-j au-na uzka-ʔu
PROX fruta-NPOSS NEG-DÊIT madura-ADJR
'esta fruta não está madura'
- (112) a. u-ɾu taɾia-ʔu kuazaɶa ai
3F-F assustar-ADJR cobra CAUS
'ela tem medo de cobra'
- b. u-ɾu *au-na*: taɾia-n kuazaɶa ai
3F-F não assustar-MI cobra CAUS
'ela não tem medo de cobra'
- c. *u-ɾu *au-na* taɾia-ʔu kuazaɶa ai
3F-F NEG-DÊIT assustar-ADJR cobra CAUS
'ela não tem medo de cobra'

(111a) e (112a) ilustram construções afirmativas estativas que, portanto, são devidamente marcados pelo sufixo adjetival *ʔu*, a exemplo do que ocorre com as construções de (108) acima. (111b) e (112b) ilustram o fato de que construções estativas quando têm seu conteúdo proposicional negado pela partícula negativa (em itálico), devem assumir a marca típica de verbos transitivos; finalmente, (111c) e (112c) revelam que não é permitida a construção negativa envolvendo marca de adjetivo. Portanto, se a negação com *au-na*: 'não' requer a obrigatoriedade de sufixos verbais em construções estativas como as de (108), (111a) e (112a), deduz-se que tais construções são, em origem, de natureza não verbal. Isso sugere, pois, que verbos intransitivos propriamente ditos restringem-se a construções que expressam eventos; enquanto, construções que expressam estados ou qualidades - as construções com verbos descritivos em outras línguas - são expressas em Wapixana por meio de adjetivos.

3.1.2.1.3. O existencial *kajna*:

Possivelmente, o termo *existencial* não é o mais adequado para designar uma forma que parece expressar outros conteúdos semânticos e funcionais além da *existência* de entidades. Tal termo, entretanto, é aqui escolhido em função de ser a “expressão de existência” o sentido mais comumente empregado pelos falantes do Wapixana. Dois são os sentidos mais recorrentes em que se emprega *kaiɲa:* - o existencial propriamente dito e o possessivo. Os exemplos a seguir ilustram o emprego dessa forma no sentido existencial:

- (113) a. **kaiɲa:** iɾib w-iz aukaz i:
 EXIST muito estrela-não discreto céu LOC
 ‘tem muitas estrelas no céu’
- b. **kaiɲa:** dɪ:djaɖa? u:, kaiɲa: dɪɾi:
 EXIST pimenta? sim, EXIST muito
 ‘tem pimenta? sim tem muita’
- c. waikan?an **kaiɲa:-ni:** winipai
 amanhã EXIST-NPRES pagamento
 ‘amanhã vai ter pagamento’

Do ponto de vista morfológico, o emprego mais comum desse existencial é aquele de (113a-b) sem qualquer flexão e em sentido atemporal; o emprego flexionado, embora muito raro, também pode ocorrer, como em (113c). Do ponto de vista sintático, o existencial admite um argumento, como ilustrado em (113a-c).

O emprego possessivo de *kaiɲa:* é exemplificado em (114), a seguir:

- (114) a. kuazaza **kaiɲa:** i-uɾaɾi-n
 cobra EXIST 3M-veneno-POSS
 ‘a cobra tem veneno’
- b. atamin ka-na-zu: **kaina:** maba i-ɾiwi-n i-na-zu-ʔi:
 árvore AT-DÊIT-TCL:oco EXISTabelha 3-mel-POSS3-DÊIT-TCL:oco-LOC
 ‘a árvore oca tem mel dentro’
- c. ũ-ɖa-j-a-ɾu **kaina:** ka-zɪu-p-a-n
 1-gênese-NPOSS-EP-F EXIST AT-estado-CONT-EP-POSS
 ‘minha esposa ainda tem dores’

Tal como no caso do emprego existencial, do ponto de vista morfológico, *kaina:* possessivo regularmente tem forma não flexionada e sentido atemporal, entretanto uma análise mais detalhada para saber se tal forma pode ser flexionada e em quais condições se faz necessária. Do ponto de vista sintático, *kaina:* possessivo é divalente, isto é, admite dois argumentos, um sujeito e outro objeto direto. Semanticamente, não parece haver restrições acerca das propriedades dos argumentos que tanto podem ser animados, como em (114a-c), quanto inanimados, como em (114b).

Embora marginalmente, *kaina:* parece apresentar mais dois empregos: um, como auxiliar; outro, como modal, indicando obrigatoriedade, como ilustrado a seguir:

- (115) a. i-ɽi **kajna:** saʔaba-p-a-n tabai
 3M-M EXIST consertar-CONT-EP-MI banco
 ‘ele está consertando o banco’
- b. **kajna:** i-ka-buʔu-t-a-n wiɽi: i-ɟam-a-ʔu
 EXIST 3M-AT-laço-VR-EP-MI PROX 3M-velho-EP-ADJR
 ‘tem de jogar este (objeto) velho’

(115a) ilustra um possível emprego de *kajna:* como auxiliar; tal emprego parece estranho, pois auxiliar deve portar as marcas flexionais do verbo principal, entretanto, aqui, *kajna:* não apresenta qualquer flexão e o verbo principal *saʔaba-p-a-n* (consertar-CONT-EP-MI) ‘consertando’ é que aparece flexionado. (115b), por seu turno, ilustra um possível emprego de *kajna:* como modal, indicando obrigatoriedade, nesse caso, o fato dessa forma verbal apresentar-se não flexionada não representa problema, mas tal construção parece raramente usada. Em síntese, o emprego de *kajna:* como auxiliar ou como modal requer uma análise mais detalhada que futuros trabalhos poderão explorar.

3.1.2.2. Estrutura do verbo

A estrutura do verbo em Wapixana constitui-se, em termos gerais, de uma das duas possibilidades seguintes:

- (116) a. Raiz verbal + afixo flexional
 b. Base não-verbal + VR ou CL + afixo flexional

Portanto, um verbo é constituído de uma raiz de natureza verbal e seus morfemas flexionais, ou de uma base não-verbal, isto é, base simples ou complexa pertencente a uma outra classe de palavra, ou mesmo de uma forma presa constituída de termos de classe mais um verbalizador ou um morfema classificador. Os exemplos em (117) e (118) ilustram essas duas possibilidades de construção verbal:

- (117) a. ũ-maku-n
 1-ir-MI
 ‘eu vou; eu fui’
- b. wa-aɽuap baɽi ɽ-a-ʔi ?
 1PL-comer=IMP beiju posse- DÊIT -PTT
 ‘vamos comer beiju?’
- (118) a. i-buʔuti-tʃ-a-n
 3M-laço-VR-EP-MI
 ‘ele laçou’
- b. u-biʃua-ɽ-a-n win
 3F-doce-VR-EP-MI água
 ‘ela adoçou a água’
- c. wa-baukup-t-a-n-ni: piɽian-na-u aizi:
 1PL-todos-VR-EP-MI-NPRES pessoa-DÊIT-PL hoje
 ‘vamos reunir o pessoal hoje’
- d. i-ʃa-zu-biʔ-ni: kaʔiz-kin
 3M-TCL:esparso-TCL:oco-CL:massa-NPRES panela-TCL:continente
 kiba-ja-ʔu
 pedra-?-ADJR
 ‘ele despedaçou a panela de barro’
- e. ũ-ka-zim-t-a-n-ni: bakiɽ ɽina:
 1-AT-TCL:fogo-VR-EP-MI-NPRES caititu carne
 ‘assarei carne de queixada’

(117) ilustra o tipo de nome representado em (116a), quer dizer, verbos constituídos unicamente de uma raiz de natureza verbal acrescida de afixos flexionais. Em (117a), a raiz

verbal *maku* ‘ir’ é acrescida do prefixo marcador de pessoa *ũ-* ‘eu’ e do sufixo de modo indicativo *-n*; em (117b), a raiz verbal *aɟuap* ‘comer’ é acrescida apenas do prefixo marcador de primeira pessoa *wa-* ‘nós’, já que a forma se encontra no modo imperativo. (118) ilustra o tipo de verbo representado em (116b), isto é, verbos constituídos de bases não verbais. Em (118a), a raiz nominal *buʔuti*, que é extraída do nome inalienável *buʔti-j* (laço-NPOSS) ‘laço’, recebe o verbalizador *-tʃ-* para constituir o radical correspondente ao verbo ‘laçar’; a tal radical ou base verbal são acrescidos o prefixo *í-* ‘ele’ marcador de pessoa e o sufixo de modo indicativo *-n* (eu não tenho considerado a inclusão de elementos epentéticos, uma vez que sua aparição na estrutura verbal diz respeito a questões de ordem fonético-fonológica discutidas no capítulo 2. Em (118b), a raiz adjetival *bifua-*, que é extraída do adjetivo *bifua-ʔu* (doce-ADJR) ‘doce’, recebe o sufixo verbalizador *-ɖ-* para produzir a base do verbo ‘adoçar’ a que se acrescentam os sufixos verbais típicos, como no caso do exemplo anterior. Em (118c), a base verbal é composta a partir da raiz do indefinido *baukup* ‘todos’ que recebe o verbalizador *-t-*, produzindo a base do verbo ‘reunir’ que, então, recebe os afixos verbais. Em (118d), a base não-verbal é composta dos termos de classe *-ʃa-* (TCL:esparso) e *-zu-* (TCL:oco) e do classificador *-biʔ-* (CL: massa), resultando no radical verbal ‘despedaçar’, a que se agregam o prefixo marcador de pessoa *í-* ‘ele’ e o sufixo de tempo não-presente *-ni:* (NPRES). Finalmente, em (118e), a base verbal é produzida a partir do termo de classe *-zim-* ao qual se adicionam, além do verbalizador *-t-*, o atributivo *-ka-*, para, então crescerem-se os afixos verbais.

3.1.2.2.1. Morfemas verbais

Portanto, constituída uma base verbal, outros afixos verbais, além do próprio verbalizador, são a ela adicionados. Na seção que segue passo a tratar dos morfemas afixais que são acrescidos aos dois tipos de bases ou radicais verbais acima descritos.

3.1.2.2.1.1. Morfemas marcadores da categoria de pessoa

O sistema de morfemas marcadores de pessoa em Wapixana compreende um série de prefixos que cruzam referência com o argumento sujeito, se este estiver presente, e uma série de sufixos que cruzam referência com o argumento objeto direto, se este estiver presente. Na verdade, em Wapixana, o emprego de um sintagma nominal pleno, o emprego de uma forma pronominal independente ou o emprego de um morfema marcador de pessoa para desempenhar a função de sujeito ou de objeto constituem alternativas a disposição do falante que podem ser usados conforme seu intento de comunicação. Caso opte pelo emprego de morfemas marcadores de pessoa, o falante poderá utilizar o elenco de morfemas prefixais e sufixais em (119) que são ilustrados em (120):

(119) Marcadores de pessoa em Wapixana

glosa	sujeito	objeto
1	ũ-	-in
2	pi-	-ip
3M	i-	-(i)z(i)
3F	u-	-(i)z(u)
1PL	wa-	
2PL	i-	
3PL	i-	
ANF	pa-	

- (120) a. tʃapiʔik **ũ**-pukud-a-n
cedo 1-acordar-EP-MI
'eu acordei cedo'
- b. tʃapiʔik **pi**-pukud-a-n
cedo 2-acordar-EP-MI
'você acordou cedo'
- c. tʃapiʔik **i**-pukud-a-n
cedo 3M-acordar-EP-MI
'ele acordou cedo'
- d. tʃapiʔik **u**-pukud-a-n
cedo 3F-acordar-EP-MI
'ela acordou cedo'

- e. tʃapiʔik **wa**-pukud-a-n
cedo 1PL-acordar-EP-MI
'nós acordamos cedo'
- f. tʃapiʔik **i**-pukud-a-n
cedo 2PL-acordar-EP-MI
'vocês acordaram cedo'
- g. tʃapiʔik **i**-pukud-a-n
cedo 3PL-acordar-EP-MI
'eles / elas acordaram cedo'
- h. i-/u-/i-aip-a-n **pa**-maku-n
3M/3F/3PL-querer-EP-MI ANF-ir-MI
'ele(a)(s) quer(em) ir'
- i. i-baʔiz-t-a-n-**in**
3M-chicote-VR-EP-MI-1O
'ele bateu em mim'
- j. i-baʔiz-t-a-n-**ip**
3M-chicote-VR-EP-MI-2O
'ele bateu em você'
- k. ũ-baʔiz-t-a-n-**iz**
1-chicote-VR-EP-MI-3MO
'eu bati nele'
- l. ũ-baʔiz-t-a-n-**izu**
1-chicote-VR-EP-MI-3FO
'eu bati nela'

Como demonstrado pelo quadro em (119) e pelos exemplos em (120c-d) e (120k-l), a distinção de gênero ocorre apenas em relação à terceira pessoa do singular, em que *í* é a forma não marcada para sujeito, referindo ao masculino de animados e a inanimados, e a forma *u-* é exclusiva para animados feminino na função de sujeito; paralelamente, na função de objeto, há a forma não marcada *-iz*, para o masculino de animados e para inanimados e a forma *-izu* exclusiva para o feminino de animados. Em (120g), o prefixo referente à terceira pessoa do plural não faz distinção de gênero, referindo tanto ao feminino quanto ao masculino. Acerca dessa forma de terceira pessoa do plural, cabe informar que ela realiza-se como [ĩ]; esse e outros fatos referentes a formas pronominais serão tratados com mais detalhes na seção referente aos pronomes, adiante. Finalmente,

- b. pi-tiz-a-n paṛakaṛi ‘tu bebes caxiri’
 2-beber-MI caxiri
- c. pi-tiz-ni: paṛakaṛi ‘tu bebeste caxiri’
 2-beber-NPRES caxiri
- d. b. pi-tiz-a-n-ni: paṛakaṛi ‘tu beberás caxiri’
 2-beber-MI-NPRES caxiri

(122a) ilustra o emprego do imperativo, portanto nessa construção estão ausentes tanto o morfema de modo indicativo quanto o morfema de tempo não-presente; (122b) ilustra o emprego do tempo presente, de forma que apenas o morfema de modo indicativo faz parte da construção, mas não o morfema de não-presente; (122c) ilustra o emprego do tempo passado e, assim, apenas o morfema de não-presente integra a construção, mas não o morfema de modo indicativo; finalmente, (122d) ilustra o emprego do tempo futuro e, portanto, ambos os morfemas, de modo indicativo e de tempo não-presente, tomam parte na construção. Subdivisões dessa categorização fundamental em (121) parecem ocorrer transversalmente mediante a combinação com o morfema *-na:*, indicador de que o evento expresso pelo verbo realizou-se, realizar-se-á imediatamente, ou já está se realizando, como ilustrado em (123) abaixo:

- (123) a. au-na pi-tiʔiḍ-a-na:
 NEG- DÊIT 2-esticar-EP-IMM
 ‘não estica’
- b. i-tiz-p-a-n-na:
 3M-beber-CONT-EP-MI-IMM
 ‘ele já está bebendo’
- c. i-tiz-ni:-na:
 3M-beber-NPRES-IMM
 ‘ele já bebeu’
- d. i-tiz-a-n-ni:-na:
 3M-beber-EP-MI-NPRES-IMM
 ‘ele já vai beber’

(123a-d) ilustram, respectivamente, o emprego do imediato com a forma do imperativo, do presente, do passado e do futuro. Similar ao que faz Corbera Mori (1994, p. 254) em

relação à análise do passado imediato do Aguaruna, o teste para identificar esse morfema consiste em recorrer a palavras temporais, como no trecho seguinte, em que um dos mestres da língua Wapixana relata atividades por ele realizadas:

- (124) “*ĩĩ-na:* ũ-minziw-a-n ũ-maku-**na:** zəkap it naʔjam maku-n-kan
 logo-IMM 1-preparar-EP-MI 1-ir-IMM roça ALL onde ir-MI-?
 ũ--kaʔauɖ-p-a-n maziki (...) ati: *ɖainaʔan* ũ-kiw-a-n-**na:** ...”
 1-apanhar-CONT-EP-MI milho até depois 1-voltar-EP-MI-IMM
 ‘logo eu me preparei para ir à roça onde eu tinha ido apanhando milho (...) até,
 depois, eu voltar...’

Em (124), os indicadores seqüenciais temporais do texto (em itálico e negrito) expressam a rapidez da seqüência de eventos, denunciando o porquê da presença do marcador de imediato (em negrito). Outros aspectos adicionais complementares a esse sistema geral apresentado em (121), envolvendo modo, tempo e aspecto, serão fornecidos, abaixo, por ocasião da descrição dessas respectivas categorias.

3.1.2.2.1.2.1. Modo indicativo

Do ponto de vista semântico, o modo indicativo faz referência a um evento ou estado, dado como concreto, que precedeu, é simultâneo ou sucederá o momento do ato de fala, como demonstram os exemplos a seguir:

- (125) a. ɖaunaiuʔ maku-**n** zəkap it
 homem ir-MI roça ALL
 ‘o homem vai (foi) para a roça’
- b. ũ-ɖa-ni-zɨn-aba ka:w-a-**n** minimin
 1-gênese-?-mulher-TCL:F chegar-EP-MI ontem
 ‘minha filha chegou ontem’
- c. ũ-maku-**n-ni:** zəkap it
 1-ir-MI-NPRES roça ALL
 ‘eu irei para a roça’
- d. u-ka:w-a-**n-ni:** man ɖa-ʔ-at-i: aizji:
 3F-chegar-EP-MI-NPRES talvez DÊIT-?-LOC hoje
 ‘talvez ela chegue aqui hoje’

(125a-c) ilustram o emprego do modo indicativo em exemplos típicos do correspondente modo indicativo em línguas como o português. (125d), por outro lado, demonstra que, em Wapixana, o modo indicativo é também empregado para o que corresponde ao modo subjuntivo em outras línguas. Construções como a de (125d) apontam para o fato de que em Wapixana o modo indicativo deve ser considerado como declarativo, pois, do ponto de vista do comprometimento com valor de verdade da asserção, não estabelece distinção entre o modo indicativo e o modo subjuntivo (BYBEE, 1985, p. 170), ou, nos termos de Chung & Timberlake (1885, p. 241), não faz distinção entre o real (indicativo) e o irreal (subjuntivo).

3.1.2.2.1.2.2. Modo imperativo

O modo imperativo é a forma do verbo usada em ordens ou pedidos diretos (BYBEE, 1985, p. 171). Em Wapixana, reconhece-se que a forma verbal encontra-se no imperativo em função de ela não apresentar qualquer marca além do sinalizador de pessoa, portanto, não exibindo abertamente marca de modo nem de tempo, como analisado acima. Isso se aplica não apenas para segunda pessoa, mas também para a primeira pessoa do plural, como ilustrado a seguir:

- (126) a. **pi-nik** !
2-comer
'come!'
- b. u-ki:-ʔ-ni: **pi-makaɖ** tikaz !
3F-dizer-ʔ-NPRES 2-apagar fogo
'ela disse: apaga o fogo!'
- c. **wa-sawat** kaʔiz-kin !
1PL-levantar panela-TCL:continente
'levantemos a panela!'

Em (126a-b), a presença apenas das puras raízes dos verbos *nik-a-n* (comer-EP-MI) e *makaɖ-a-n* (2-apagar-EP-MI) 'apagar', respectivamente, além do marcador de segunda pessoa, denunciam que tais formas encontram-se no imperativo. Em (126c), ocorre também a raiz pura do verbo *sawat-a-n* (levantar-EP-MI), denunciando a forma imperativa, mas

com marcador de primeira pessoa do plural. Se, entretanto, a ordem ou pedido ocorre em expressão negativa, a forma empregada envolve também a marca de tempo imediato, como demonstrado em (127):

- (127) a. pi-tiʔit sumaʁa
2-esticar arco
'estica o arco'
- b. au-na pi-tiʔid-a-na: !
NEG-DÊIT 2-esticar-EP-IMM
'não estica o arco!'

(127a) ilustra o emprego do imperativo em construção não-negativa, portanto, obedecendo ao que foi afirmado acerca dos exemplos de (126); em (127b), por seu turno, que envolve construção negativa, há o acréscimo do marcador de tempo imediato.

Outras duas modalidades, orientadas para o agente, são expressas morfologicamente em Wapixana. A primeira expressa desejo de realizar o evento expresso pelo verbo; a segunda expressa propósito ou finalidade. Os exemplos a seguir ilustram esses dois tipos de modalidade:

- (128) a. ũ-aitʃap-aʔa-**zu**-n pi-pa-(a)ʁa-ɖ-a-n wapitʃan
1-compreender-?-DES-MI 2-um-CL:falado-VR-EP-POSS wapixana
'eu quero compreender tua palavra wapixana'
- b. ũ-pizuɖ-aʔa-**zu**-n wiʁi: ʁiwini-j
1-provar-?-DES-MI PROX bebida-NPOSS
'eu quero provar esta bebida'
- (129) a. i-ʁi tiʒ-a-ʔ**n**-a-n ũ-paunaʁi ɖi-ʔ-iti
3M-M beber-EP-FNL-EP-MI 1-amigo DÊIT -?-ALL
'ele foi beber no (na casa do) meu amigo'
- b. waɖaupanaa ũ-daʁu ũ-ɖawi-ʔ**n**-a-n-na:
boa noite 1-mãe 1-dormir-FNL-EP-MI-IMM
'boa noite, mãe, eu vou dormir'

(128) ilustra o emprego do morfema desiderativo *-zu* (em negrito), que indica o desejo do agente em realizar os eventos expressos pelos verbos em que estão inseridos; (129) ilustra

o emprego do morfema de finalidade *-ʔn*, que indica propósito do agente em relação ao evento expresso pelo verbo em que está inserido.

3.1.2.2.1.2.3. Tempo presente

Do ponto de vista semântico, o presente se caracteriza por assinalar a simultaneidade entre o tempo do evento expresso pelo verbo e o tempo do enunciado. Do ponto de vista morfológico, como assinalado acima, em Wapixana o presente exibe a forma referente ao modo indicativo, mas não a forma referente ao tempo não-presente. Isso é ilustrado em (137), a seguir:

- (130) a. *i-ʔi pauw-a-n kanakaɖ ʒakap i:*
 3M-M plantar-EP-MI maniva roça LOC
 ‘ele planta maniva na roça’
- b. *kujaʒa nik-a-n ʃiʃiwak-ak*
 arara-vermelha comer-EP-MI jutaí-TCL:fruta
 ‘a arara-vermelha come jutaí’
- c. *kanum au-na i-tʃik-a-n pa-zuai kaiʒa: iʔib nai*
 QU NEG-DÊIT 3-lavar-EP-MI ANF-cabeça EXIST muito piolho
 ‘quem não lava a cabeça tem muitos piolhos’

Em (130), todas as formas verbais exibem o morfema de modo indicativo (em negrito), mas não apresentam concretamente marca de tempo, em consonância com o paradigma de oposições em (121) acima. Por vezes, o tempo presente aparece sem o morfema marcador de modo indicativo, como demonstram os exemplos que seguem:

- (131) a. *auwaʔi mabuzka-ʔu ka-buʔu-t kabain ʃibaiʔiʒa:*
 vento forte-ADJR AT-laço-VR casa cobertor
 ‘vento forte derruba telhado de casa’
- b. *kaiz kamain ɖun, wapitʃan-na-u i-piʃa: kakip-kaʔi*
 lua eclipse tempo wapixana-DÊIT-PL 3PL-pedir viver-NR
 ‘durante o eclipse da lua, os wapichana pedem saúde’

Em (131), as formas verbais em negrito, embora referindo ao presente, não apresentam o morfema característico do modo indicativo. Embora não se tenha ainda um estudo mais detalhado de construções dessa natureza, elas, regularmente, parecem denotar realidades gerais, de cunho atemporal. Finalmente, é a forma correspondente ao presente que regularmente ocorre como infinitivo, como demonstram os exemplos:

- (132) a. *zɨn tikp-a-n kuazaza **kuzuʔut-a-n** kibaɕu*
mulher ver-EP-MI cobra arrastar-EP-MI sapo
‘a mulher viu a cobra arrastar o sapo’
- b. **wa-maɕa-iŋ-a-p** wa-iɕib-a-n kaiman-a-ʔu
1PL-amar-REFL-EP-CONT 1PL-QUANT-EP-POSS bem-EP-ADJR
‘amar nossos parentes é bom’

(132a) ilustra o emprego do verbo *kuzuʔut-a-n* (arrastar-EP-MI) que segue o padrão do presente, recebendo o afixo de modo indicativo *-n*; (132b) ilustra o emprego do verbo *maɕaiŋap* (amar-REFL-EP-CONT) ‘amar’, que foge ao padrão regular do presente, isto é, não traz o morfema designador do modo indicativo.

3.1.2.2.1.2.4. Tempos verbais expressos pelo morfema de não-presente

Como descrito em (121), o morfema de não-presente constitui traço categorial distintivo tanto do tempo passado, quanto do tempo futuro, em oposição ao tempo presente. Nas duas seções que seguem, passo a descrever esses dois tempos.

3.1.2.2.1.2.4.1. Tempo passado

Do ponto de vista semântico, o passado se caracteriza por assinalar o evento expresso pelo verbo como anterior ao momento do enunciado. Pode parecer curioso que o tempo passado, sendo o tipo de evento mais concreto, possa não exibir o morfema de modo indicativo (ou real), como descrito em (121). Convém notar, entretanto, que, embora o tempo passado seja quase sempre representado apenas pelo morfema de não-presente, ele não recusa, em certos casos ainda não claramente definidos, o morfema de modo

indicativo, desde que o morfema de não-presente esteja ausente. Nesse sentido, ele contrasta com o modo imperativo que, em nenhuma circunstância, aceita o morfema de modo indicativo, como demonstram os exemplos a seguir:

- | | | | |
|-------|----|---------------------------------|------------------|
| (133) | a. | ũ-maku-n
1-ir-MI | ‘eu fui, eu vou’ |
| | b. | ũ-maku-ni:
1-ir-NPRES | ‘eu fui’ |
| | c. | *ũ-maku-n-ni:
1-ir-MI-NPRES | ‘eu fui’ |
| (134) | a. | pi-maku
2-ir | ‘vá!’ |
| | b. | *pi-maku-n
2-ir-MI | ‘vá!’ |
| | c. | *pi-maku-n-ni:
2-ir-MI-NPRES | ‘vá!’ |

(133) ilustra o fato de que o tempo passado pode, em alguns casos, aceitar o morfema de modo indicativo, como em (133a), em paralelo com o emprego típico, que é aquele com a presença exclusiva do morfema de não-presente em (133b), mas nunca os dois morfemas, de modo indicativo e de não-presente juntos, como atestado pela impossibilidade de (133c). (134) ilustra o fato de que o modo imperativo é adverso ao morfema de modo indicativo em qualquer circunstância, quer esse morfema apresente-se sozinho, quer esse morfema apresente-se em companhia do morfema de não-presente. Isso sugere que o falante wapixana é consciente da necessidade de estabelecer as devidas oposições registradas em (121) e, assim, até emprega o morfema de modo indicativo em referência à categoria de passado, uma vez que o passado retrata um fato concreto, mas dá prioridade ao emprego do morfema de não-presente para essa categoria, de forma a resguardar o paradigma de oposições.

3.1.2.2.1.2.4.2. Tempo futuro

aspectos relacionados à extensão do evento ou estado são marcados morfologicamente em Wapixana.

3.1.2.2.1.3.1. Contínuo

O aspecto contínuo expressa continuidade, duração do evento ou estado. Em Wapixana, ele é marcado pelo morfema *-p*, como ilustrado a seguir:

- (136) a. pi-tiz-**p**-a-n
2-beber-CONT-EP-MI
'tu estás bebendo'
- b. zɨn-na-u sakant-a-**p**-a-n
mulher-DÊIT-PL sentar-EP-CONT-EP-MI
'as mulheres estão sentadas'

(136) ilustra o emprego do morfema de aspecto contínuo. (136a) ilustra o emprego desse morfema em um evento e (136b) ilustra continuidade de estado.

De forma inversa o morfema *-a:n* expressa ação interrompida ou intermitente, como se pode observar nos exemplos que seguem:

- (137) a. au-na au-ni: ã-kubawap-**a:n**-a-n
NEG-DÊIT NEG-NPRES 1-pescar-INTER-EP-MI
win ka-waut-ɨn-a-n **id**
água AT-cair-REFL-EP-MI CAUS
'eu não vou pescar porque está chovendo'
- b. ã-nizu-b-a:n-a-n kan-iz-bi?i
1-tipiti-CL:massa-INTER-EP-MI mandioca-TCL:NDISCR-TCL:massa
'vou espremer a massa da mandioca no tipiti'

Em (137a), o morfema de aspecto *-a:n* expressa ação interrompida; enquanto, em (137b), ele expressa ação intermitente.

3.1.2.2.1.4. Alteração de valência: acréscimo e redução do número de argumentos

Certos processos podem produzir o aumento ou a redução dos argumentos de um verbo. Em Wapixana, quatro distintos processos marcados morfologicamente no verbo provocam a alteração da valência verbal: a causativização, a passivação, reflexivização e reciprocidade. O primeiro deles produz acréscimo de valência, enquanto os três últimos produzem redução de valência. Nas quatro próximas subseções, abordo cada um dos quatro morfemas que expressam esses processos, produzindo alteração de valência verbal. Em (3.1.2.2.1.4.1), discuto o morfema causativo; enquanto em (3.1.2.2.1.4.2.1), analiso o morfema passivo, em (3.1.2.2.1.4.2.2), o morfema reflexivo e, em (3.1.2.2.1.4.2.3), o morfema recíproco; estes, sob o rótulo de voz ou diátese, previamente discutida em (3.1.2.2.1.4.2).

3.1.2.2.1.4.1. Morfema causativo

O processo de causativização realiza-se mediante a adição do morfema causativo a uma base verbal, produzindo aumento do número de argumentos no verbo resultante, como se pode observar nos exemplos a seguir em que o causativo se encontra em negrito e os argumentos em itálico:

- (138) a. *u-ka:w-a-n* *tʃaʔapiʔik*
 3F-chegar-EP-MI cedo
 ‘ela chegou cedo’
- b. *u-kau-**kiq**-ni:* *ak-a-j* *kaiman-a-ʔu*
 3F-chegar-CAUS-NPRES fruta-EP-NPOSS bem-EP-ADJR
 ‘ela trouxe fruta boa’
- (139) a. *ĩ-tum-a-n-ni:* *awaʔi-b-a-j* *wazi-j*
 1-fazer-EP-MI-NPRES vento-TCL:palha-NPOSS tucumã-NPOSS
iqi-b *iq*
 pena-TCL:parte de matéria
 ‘vou fazer um abano de palha de tucumã’
- b. *ĩ-tum-iŋ-a-p-**kiq**-a-n-ni:* *pi-tizit-p-a-n*
 1-fazer-REFL-EP-CONT-CAUS-EP-MI-NPRES 2-trançar-CONT-EP-MI
 ‘vou ensinar você a trançar’

(138) ilustra o fato de que o morfema causativo *kiq* adicionado ao verbo *ka:w-a-n* (chegar-EP-MI) ‘chegar’ que é monovalente, já que admite apenas um argumento, o sujeito

u- ‘ela’ em (138a), resulta no verbo *kau-kid-a-n* (chegar-CAUS-EP-MI) ‘trazer’ que é divalente, uma vez que admite dois argumentos: o sujeito *u-* ‘ela’ e o objeto direto *ak-a-j kaiman-a-?u* (fruta-EP-NPOSS bem-EP-ADJR) ‘fruta boa’ em (138b). Fato idêntico ocorre em (139), em que a partir da raiz do verbo divalente *tum-a-n* (fazer-EP-MI) ‘fazer’, cujos argumentos são o sujeito *ũ-* ‘eu’ e o objeto direto *awaʔi-ba-j wazi-j idi-b id* (vento-TCL:palha-NPOSS tucumã-NPOSS pena-TCL:parte de matéria) ‘um abano de palha’ em (139a), em função do acréscimo de morfemas sufixais, resulta no verbo *tum-ij-a-p-kid-a-n* (fazer-REFL-EP-CONT-CAUS-EP-MI), em que o morfema causativo *kid* provoca o aumento de valência, como atestado pela admissão, não de dois, mais dos três argumentos: o sujeito *ũ-* ‘eu’ e os dois complementos verbais, o prefixo pronominal *pi-* ‘você’ e o verbo *tizit-p-a-n* (trançar-CONT-EP-MI) ‘trançar’. Portanto, como demonstram (138) e (139), o processo de causativização produz aumento de valência.

3.1.2.2.1.4.2. Voz ou diátese

A categoria de voz está relacionada à alteração dos papéis semânticos dos argumentos. Dentre os tipos de voz, em Wapixana distinguem-se a *voz ativa*, aquela em que o sujeito é o agente ou experimentador do evento expresso pelo verbo; a *voz passiva*, aquela em que o sujeito é o paciente ou afetado pelo evento expresso pelo verbo; e a *voz reflexiva (e recíproca)*, em que o sujeito é simultaneamente o agente ou experimentador e o paciente ou afetado pelo evento expresso pelo verbo, portanto há identidade ou co-referência entre os argumentos verbais. Desses tipos de voz, os dois últimos, voz passiva e voz reflexiva (e recíproca), podem ser marcados morfologicamente no verbo. Ao contrário do que ocorre com o morfema causativo, que aumenta a valência do verbo, o morfema passivo e o morfema reflexivo reduzem o número de argumentos verbais.

3.1.2.2.1.4.2.1. Morfema passivo

A afixação do morfema passivo a uma base verbal objetiva direta em construção ativa produz uma construção passiva com significação similar em que o objeto original (paciente) passa à função de sujeito, como demonstram os exemplos que seguem:

- (140) a. *zɨn waɾak-a-n kupai kan-iz-i: tim*
mulher cozinhar-EP-MI peixe mandioca-TCL:não discreto-? COM
‘a mulher cozinhou o peixe com tucupi’
- b. *kupai waɾak-ka-ʔu kan-iz-i: tim*
peixe cozinhar-PASS-ADJR mandioca-CL:não discreto-? COM
‘o peixe foi cozido com tucupi’
- (141) a. *pakizu buʔuti-tʃ-a-n tapiʔiz*
vaqueiro laço-VR-EP-MI boi
‘o vaqueiro laçou o boi’
- b. *tapiʔiz buʔuti-tʃ-ka-ʔu*
boi laço-EP-VR-PASS-ADJR
‘o boi foi laçado’

(140a) e (141a) exemplificam construção na voz ativa com verbos transitivos típicos, envolvendo sujeito que também tem papel semântico de agente e, portanto, exibem em suas formas verbais o modalizador verbal típico (em negrito). (140b) e (141b), por outro lado, ilustram construção com os mesmos respectivos verbos, mas na voz passiva e, em consequência, apresentam sujeitos pacientes, correspondentes aos objetos diretos das construções ativas correspondentes de (140a) e (141a), logo, são marcadas pelos morfema passivo *-ka*. Nessas construções fica evidente a redução de valência, uma vez que as construções ativas de (140a) e de (141a) exibem os dois argumentos verbais, o sujeito (agente) *zɨn* ‘mulher’ e o objeto (paciente) *kupai* ‘peixe’, na primeira, e o sujeito (agente) *pakizu* ‘vaqueiro’ e o objeto (paciente) *tapiʔiz* ‘boi’, na segunda; enquanto, nas construções passivas de (140b) e (141b), apenas os argumentos sujeitos *kupai* ‘peixe’ na primeira e *tapiʔiz* ‘boi’ na segunda, que correspondem aos argumentos objetos, portanto, pacientes das construções ativas de (140a) e (141a), estão presentes. Logo, a afixação do morfema passivo *-ka* em (140b) e (141b) às formas verbais ativas de (140a) e (141a)

produzem redução de valência, fazendo com que verbos divalentes tornem-se monovalentes.

3.1.2.2.1.4.2.2. Morfema reflexivo

Em Wapixana, a construção reflexiva pode ser marcada morfologicamente, mediante a adição do sufixo reflexivo *-in* ao núcleo verbal de uma sentença simples, como demonstram os exemplos que seguem:

- (142) a. *í-tʃi abat-a-n u-tʃu*
 3M-M ouviu-EP-MI 3-F
 ‘ele a ouviu’
- b. *í-tʃi: abat-**in**-a-n*
 3-M ouviu-REFL-EP-MI
 ‘ele se ouviu’
- (143) a. *zʃin tʃika-p-a-n pa-kamitʃ-a-n*
 mulher lavar-EP-CONT-EP-MI ANF-roupa-EP-POSS
 ‘a mulher está lavando sua roupa’
- b. *zʃin tʃika-**in**-a-n*
 mulher lavar-REFL-EP-MI
 ‘a mulher está se lavando’

(142a) e (143a) exemplificam construção não-reflexiva e, assim, não há identidade ou correferência entre os argumentos verbais; *í-tʃi* (3M-M) ‘ele’ é o experimentador, enquanto *u-tʃu* (3F-F) ‘ela’ é o constituinte afetado, em (142a); *zʃin* ‘mulher’ constitui agente, enquanto *pa-kamitʃ-a-n* (3-roupa-EP-POSS) ‘sua roupa’ constitui o paciente ou afetado, em (143a). As construções de (142b) e (143b), por sua vez, são marcadas como reflexivas pelo morfema *-in*, de forma que, aí, se dá a identidade ou correferência entre os argumentos do verbo; em (142b), *í-tʃi* (3M-M) ‘ele’ é, ao mesmo tempo, o experimentador e o afetado e, em (143b), *zʃin* ‘mulher’ constitui, simultaneamente, o agente e o paciente do evento expresso pelo verbo. Como no caso da construção passiva, nessas construções fica evidente a redução de valência, uma vez que as construções não-reflexivas de (142a) e de (143a)

exibem os dois argumentos verbais, enquanto, nas construções reflexivas (142b) e (143b), apenas os argumentos sujeitos estão presentes. Logo, a afixação do morfema reflexivo *-in* neste último par às respectivas formas verbais não reflexivas produz redução de valência, fazendo com que verbos divalentes tornem-se monovalentes.

3.1.2.2.1.4.2.3. Morfema recíproco

De forma semelhante à reflexividade, a reciprocidade, que envolve relações mútuas entre os participantes, também produz a redução de valência, como se pode observar nos exemplos a seguir:

- (144) a. *i-saʔik-a-n* *i-ɲa-u*
 3PL-cortar-EP-MI 3-DÊIT-PL
 ‘eles os cortaram’
- b. *i-saʔi-**a:k**-a-n*
 3PL-REC-EP-MI
 ‘eles se cortaram’
- (145) a. *i-tikap-ni:* *i-ɲa-u*
 3PL-viram-NPRES 3- DÊIT -PL
 ‘eles os viram’
- b. *i-tikap-**a:k**-a-n* *i-ɲa-u*
 3PL-viram-REC-NPRES 3-DÊIT-PL
 ‘eles se viram’

Em (144a) e (145a), as formas verbais *saʔik-a-n* (cortar-EP-MI) ‘cortaram’ e *tikap-ni:* (ver-NPRES) ‘viram’ encontram-se na voz ativa, como se deduz da presença apenas dos morfemas de indicativo e de tempo não-presente, e o sujeito (agente e experimentador) *i-* ‘eles’ e o objeto (paciente e afetado) *i-ɲa-u* (3- DÊIT -PL) ‘os’ não são correferentes. Em (144b) e (145b), por outro lado, as formas verbais encontram-se na voz recíproca, o que é indicado pela presença do morfema recíproco (em negrito) e, assim, há correferência entre o sujeito (agente e experimentador) *i-* ‘eles’ e o objeto (paciente e afetado) *-a:k* que, aqui, integra a forma verbal. O fato de haver correferência entre os argumentos verbais neste

último par, portanto, indica que a reciprocidade, tal como a reflexividade, envolve a redução de valência, transformando verbos divalentes em monovalentes³⁷.

3.1.3. Adjetivo

Semanticamente, os adjetivos envolvem, não apenas as propriedades físicas duráveis essenciais do protótipo de nomes (tamanho, forma, cor, consistência, textura, peso, olfato, paladar) sugeridas por Dixon (1982 apud GIVÓN, 2001, p. 53) para a caracterização da presença dessa classe de palavras em uma determinada língua, mas também outros estados não-físicos menores ou traços característicos (bom, mau, entre outros), como demonstram os exemplos que seguem:

(146) a.	id̩aʔi-ʔu grande-ADJR 'grande'	a'.	ɖ̩isuɖ̩i-ʔu pequeno-ADJR 'pequeno'	(tamanho)
b.	kaɖazɖai-ʔu redondo-ADJR 'redondo'	b'.	mazua-ʔu largo-ADJR 'estreito'	(forma)
c.	kuʔuʔi-ʔu verde-ADJR 'verde'	c'.	baʔaka-ʔu branco-ADJR 'branco'	(cor)
d.	ʃikitʃa-ʔu áspero-ADJR 'áspero'	d'.	kiza-ʔu liso-ADJR 'liso'	(textura)
e.	ɖaɖaʔa-ʔu duro-ADJR 'duro'	e'.	ʃumaɖa-ʔu mole-ADJR 'mole'	(consistência)
f.	kimiʃa-ʔu pesado-ADJR 'pesado'	f'.	ʃakaɖa-ʔu leve-ADJR 'leve'	(peso)
g.	katiz̩i-ʔu mal-cheiroso-ADJR 'mal-cheiroso'	g'.		(olfato)

³⁷ Alguns morfemas verbais citados por Tracy (1974) não foram aqui registrados, uma vez que a análise dos dados não permitiu identificar de forma clara sua função.

	h.	biʃua-ʔu doce-ADJR 'doce'		h'.	katama-ʔu azedo-ADJR 'azedo'	(paladar)
(147)	a.	kunainima-ʔu bonito-ADJR 'bonito'		a'.	uia-ʔu mau-ADJR 'mau'	
	b.	maniʔiba-ʔu sujo-ADJR 'limpo'		b'.	kaniʔiba-ʔu sujo-ADJR 'sujo'	
	c.	zama-ʔu velho-ADJR 'velho'		c'.	paʔiʔa-ʔu novo-ADJR 'novo'	

(146a-h) ilustram as propriedades físicas duráveis propostas por Dixon (1982). (147) ilustra adjetivos menos prototípicos que se caracterizam por exibirem propriedades semânticas menos concretas (GIVÓN, 2001, p. 83). Em (147a), encontram-se adjetivos avaliativos; em (147b), apresentam-se adjetivos que exprimem estados transitórios; e, em (147c), estão adjetivos que exprimem estados de vida.

Do ponto de vista morfológico, os adjetivos em Wapixana caracterizam-se essencialmente por receberem sufixos especiais, dentre os quais, o mais produtivo é *-ʔu* que, inclusive, pode gerar um adjetivo a partir de uma base cuja fonte é outra classe gramatical, como demonstram os exemplos seguintes:

(148)	a.	kaiman-a-ʔu bem-EP-ADJR	'bom'
	b.	ka-ɖini-ʔu AT-leite-ADJR	'gostoso'
	c.	ɖiman-a-ʔu correr-EP-ADJR	'afiado'

Em (148a), o adjetivo *kaiman-a-ʔu* (bem-EP-ADJR) 'bom' é formado a partir da forma *kaiman* 'bem' que é de natureza adverbial; em (148b), o adjetivo *ka-ɖini-ʔu* (AT-leite-ADJR) 'gostoso' é formado a partir da base *ka-ɖini* (AT-leite), cuja raiz *ɖini* 'leite' é de

origem nominal ; finalmente, o adjetivo *qiman-a-ʔu* (correr-EP-ADJR) ‘afiado’, em (148c), é constituído a partir da base *qiman-* que corresponde ao verbo ‘correr’ que, portanto, é de origem verbal.

Além do sufixo *-ʔu*, ainda que menos produtivamente, a formação de adjetivo pode ser realizada por meio de outros sufixos, como demonstram os exemplos que seguem envolvendo o sufixo *tʃ*:

- (149) a. *kufi ma-i-ɖa-ni-tʃ*
 porco PRIV-?-gênese-?-ADJR
 ‘porco sem filho’
- b. *zɪn-aba ma-i-ɖa-j-a-tʃi-tʃ*
 mulher-TCL:F PRIV-?-gênese-NPOSS-EP-M-ADJR
 ‘mulher que nunca teve esposo’
- c. *ɖaunaiɹ ma-i-ɖa-j-a-tʃu-tʃ*
 homem PRIV-?-gênese-NPOSS-EP-F-ADJR
 ‘homem que nunca teve esposa’

Todos os exemplos de (149) ilustram casos em que o adjetivo é formado mediante a afixação do formativo *-tʃ* a uma base de cunho nominal que expressa privação (através do prefixo privativo *ma-*), por parte da entidade referida pelo nome ao qual se encontra justaposto o adjetivo, do referente a que remete a raiz. Em (149a), por exemplo, a entidade a que remete *kufi* ‘porco’ é tida como privada de *ɖa-ni* (gênese-?) ‘filho’; em (149b), a entidade a que remete *zɪn-aba* (mulher-F) ‘mulher’ é tida como privada por completo de *ɖa-j-a-tʃi* (gênesis-NPOSS-EP-M) ‘esposo’ e, assim por diante. Mediante os dados de que disponho, ainda não me foi possível verificar se esse sufixo aplica-se somente a construções com esse teor semântico, ou se há outro(s) tipo(s) de emprego. Também não está clara a razão do emprego desse sufixo, uma vez que construções com teor semântico similar são expressas mediante o emprego do mais produtivo sufixo *-ʔu*, como demonstram os exemplos:

- (150) a. *zɨn-aba ma-i-ɖa-j-a-tʃi-ʔu*
mulher-TCL:F PRIV-?-gênese-NPOSS-EP-M-ADJR
‘mulher solteira’
- b. *ɖaunaiuɾ ma-i-ɖa-j-a-tʃu-ʔu*
homem PRIV-?-gênese-NPOSS-EP-F-ADJR
‘homem solteiro’

A única aparente diferença entre (149b-c) e (150a-b) parece referir-se ao grau superior de intensidade das primeiras “que nunca teve esposo(a)” em relação às segundas “solteiro(a)”. Se assim for, isso revela talvez uma espécie de grau superlativo; infelizmente, os dados disponíveis ainda não permitem uma análise mais precisa desse tópico que, então, fica em aberto para futuras pesquisas.

Sintaticamente, os adjetivos podem ocorrer como modificadores de nomes, conforme se pode observar nos exemplos que seguem:

- (151) a. *kanai-tana ɖawia-ʔu au-na i-tiɾi-a-n*
pesçoço-lado de cá comprido-ADJR NEG-DÊIT 3-servir-EP-MI
‘gravata comprida não serve’
- b. *ũ-tuɾi-ni: paʔiɲa-ʔu kamitʃ*
1-comprar-NPRES novo-ADJR camisa
‘comprei uma camisa nova’

(151) ilustra o emprego do adjetivo na função de modificador de nome. Em (151a), o adjetivo *ɖawia-ʔu* (comprido-ADJR) ‘comprido’, prototípico, vem justaposto ao nome *kanai-tana* (pesçoço:lado de cá) ‘gravata’, modificando-o, no interior do argumento sujeito; em (151b), no interior do argumento objeto, o adjetivo *paʔiɲa-ʔu* (novo-ADJR) ‘novo’, que expressa estado transitório, portanto, é menos prototípico, justapõe-se ao nome *kamitʃ* ‘camisa’ para modificá-lo.

Finalmente, embora não seja uma condição obrigatória, o adjetivo pode concordar em gênero com o sujeito ao qual se relaciona, como demonstram os exemplos:

- (152) a. \tilde{u} - ɖa-j-a-ɽi kaʔiɖijnaba-ʔu
 1-gênese-NPOSS-EP-M trabalhador-ADJR
 zək-ap ɖ-a-ʔi
 roça-TCL:extensão posse- DÊIT -CL:PTT
 ‘meu esposo é trabalhador de roça’
- b. \tilde{u} - ɖa-j-a-ɽu kaʔiɖijnaba-ʔi-ba
 1-gênese-NPOSS-EP-F trabalhador-?-TCL:F
 ‘minha esposa é trabalhadora’

O exemplo de (152a) demonstra que, quando em concordância com o sujeito masculino \tilde{u} - ɖa-j-a-ɽi (1-gênese-NPOSS-EP-M) ‘esposo’, o adjetivo kaʔiɖijnaba-ʔu (trabalhador-ADJR) ‘trabalhador’ encerra com o morfema especial de adjetivo - ʔu ; enquanto (152b) ilustra que, quando em concordância com sujeito feminino \tilde{u} - ɖa-j-a-ɽu (1-gênese-NPOSS-EP-TCL:F) ‘esposa’, esse mesmo adjetivo tem afixado em seu final o TCL: F -(a)ba, caracterizando a concordância no feminino.

3.1.4. Advérbio

Dada a diversidade nocional e gramatical do conjunto de palavras rotuladas como advérbio, essa classe é de difícil definição. A definição mais comumente empregada é de cunho funcional, caracterizando o advérbio como modificador de verbos, adjetivos, outros advérbios ou sintagma adverbial (LYONS, 1979, p. 342). Tal definição é, às vezes, ampliada para caracterizar essa classe de palavras como modificadora também de orações e sintagmas verbais. Schachter (1985, p. 20) resume tudo afirmando: “we can say that adverbs function as modifiers of constituents other than nouns”. Os exemplos do Wapixana, abaixo, ilustram empregos do advérbio (em negrito) modificando diferentes constituintes:

- (153) a. \tilde{u} -uku-b-a-na-u kazju tiki
 1-coxa-TCL:parte de-EP-DÊIT-PL doer muito
 ‘minha coxas doem muito’

- b. maba i-ʔiwi-n **manawin** biʃua-u
abelha 3M-mel-POSS muito doce-ADJR
‘o mel de abelha é muito doce’
- c. ũ-aiap ti:ki: manawin wiʔi: baʔu
1-precisar muito **mesmo** PROX machado
‘preciso muito mesmo deste machado’
- d. pisakanat **maunap** tikaz idjaʔan
2-sente perto fogo ALL
‘sente perto do fogo’

Em (153) o advérbio modifica, respectivamente, um verbo em (153a), um adjetivo, em (153b), um advérbio em (153c) e uma oração em (153d). Do ponto de vista mórfico, o advérbio não se flexiona, mas pode servir de base para a formação de adjetivos, como analisado em (3.1.3), acima.

3.1.4.1. Subclassificação dos Advérbios

Do ponto de vista de sua significação, os advérbios podem ser classificados em locativos, temporais, intensificadores e modais (de modo).

3.1.4.1.1. Advérbio locativo

Advérbios locativos indicam o lugar em que se dá o evento expresso pelo verbo. Regularmente ocorrem em posição pós-verbal, como demonstram os exemplos a seguir:

- (154) a. u-ʔu: ɖubat-p-a-n **minap**
3-F passar-CONT-EP-MI longe
‘ela está passando longe’
- b. kaiʒa: wapitʃan-na-u maʃaʔap-a-n **maunap** imiʔi-dikiu idjaʔan
EXIST wapixana-DÊIT-PL morar-EP-MI perto barro-TCL:montanha LOC
‘tem wapixana morando perto da serra’
- c. aʔu aitʃap ɖaunaiuʔ ka:w-a-n **maunap**
veado perceber homem chegar-EP-MI perto
‘o veado percebeu o homem chegar perto’

Em todos os exemplos de (154), os advérbios (em negrito) ocorrem sempre em posição pós-verbal; logo, seu escopo restringe-se ao sintagma verbal, de forma que, mesmo em construções complexas, como a de (154c), sua posição permanece final, já que é ao último verbo que modifica.

3.1.4.1.2. Advérbio temporal

Esse tipo de advérbio faz referência ao tempo em que o evento transcorre. Para esse tipo de advérbio há flexibilidade em termos da posição que ocupa, de forma que ele pode ocorrer tanto no início quanto no final da oração em que está inserido, o que sugere que seu escopo estende-se sobre a oração como um todo, como demonstram os exemplos:

- (155) a. ũ-ka:w-a-n zəkap ḍi-ik **tʃaʔapiʔik**
 1-chegar-EP-MI roça DÊIT -EL cedo
 ‘eu cheguei de lá cedo’
- b. **tʃaʔapiʔik** ũ-pukuḍ-a-n
 cedo 1-acordar-EP-MI
 ‘eu acordei cedo’
- c. ũ-ḍaku-ʔu-t-i-n-ni: **waikanʔan**
 1-boca-?-VR-MI-NPRES amanhã
 ‘eu vou responder amanhã’
- d. **aiʒi:** kaiʒa: manuʃin zəkap ḍ-a-ʔi
 hoje tem adjunta roça POSS- DÊIT -PTT
 ‘hoje tem adjunta na roça’

3.1.4.1.3. Advérbio intensificador

Advérbios intensificadores aumentam ou reduzem o conteúdo semântico do elemento da sentença ao qual modificam. Essa classe de advérbios é aquela que cumpre mais completamente a definição funcional em geral apresentada para os advérbios, uma vez que ela modifica verbos (ou sintagmas verbais), adjetivos ou outros advérbios:

Em (157), percebe-se que o elemento modificado pelos advérbios de modo (em negrito) constitui-se de uma oração, como em (157a-c), ou de um sintagma ou verbo, como em (157d). Também, parece haver flexibilidade quanto à sua distribuição, podendo ocorrer em posição pré-verbal ou pós-verbal.

3.2. Classes fechadas

Além de nomes, verbos, adjetivos e advérbios, o Wapichana exhibe ainda as seguintes classes de palavras que pertencem ao sistema fechado: pronomes, demonstrativos, numerais, posposições, conjunções e interjeições. Seguindo a linha de abordagem apresentada até aqui, tais classes são aqui analisadas, principalmente, com base em sua estrutura e função.

3.2.1. Pronomes

O pronome integra o grupo das proformas, isto é, palavras pertencentes ao sistema fechado que, sob certas circunstâncias, são usadas como substitutas de palavras pertencentes ao sistema aberto (SCHACHTER, 1985, p. 25). Dentre as proformas, o pronome é aquela que substitui um nome ou um sintagma nominal. Schachter (ibid.) refere às seguintes subtipos de pronomes: pessoal, demonstrativo, indefinido, interrogativo, reflexivo, recíproco e relativo.

Embora o estágio atual do estudo do Wapixana não permita uma análise mais precisa da classe dos pronomes, nessa língua podem ser identificados os pronomes pessoal, demonstrativo, indefinido e interrogativo. Há também a possibilidade de proformas especiais que, neste momento lanço mais como especulação. Nas subseções seguintes, passo à análise dessas proformas.

3.2.1.1. Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais codificam as categorias de pessoa, número, gênero (este último apenas para terceira pessoa do singular) e, em casos específicos, a função

gramatical, que depende da classe a que estão relacionados: se a nomes, possuidor; se a verbos, sujeito ou objeto. Além dos pronomes em si, há ainda uma anáfora. Em (158), apresento o quadro dos pronomes pessoais, envolvendo a forma relativa à anáfora:

(158) Pronomes pessoais do Wapixana

pessoa	formas pronominais	
	singular	plural
1	ũgaɽi	wainau
2	piɽaɽi	inau
3M	iɽi	inau
3F	uɽu	
ANF	paigaɽi	

Do ponto de vista morfológico, como descrito em (2.4.2), as formas pronominais de terceira pessoa do singular masculino e feminino *iɽi* ‘ele, o, dele’ e *uɽu* ‘ela, a, dela’ são constituídas dos prefixos marcadores de terceira pessoa *í* e *u-* acrescidos dos sufixos marcadores de gênero masculino e feminino que também são empregados para os nomes inalienáveis *-ɽi* e *-ɽu*, respectivamente, havendo ainda o alongamento das vogais finais desses sufixos em atendimento ao padrão iâmbico da língua, de forma a produzir as seguintes realizações fonéticas respectivas: [iɽi:] e [uɽu:]. As três formas pronominais correspondentes ao plural *wa-í-na-u* (1-?- DÊIT -PL) ‘nós, nos, nosso’ *í-na-u* (2- DÊIT -PL) ‘vocês’ e *í-na-u* (3- DÊIT -PL) ‘eles ou elas, os, as, deles, delas’ são constituídas dos prefixos marcadores das pessoas correspondentes *wa-*, *í* e *-í*, respectivamente, acrescidos do complexo sufixal caracterizador de plural *-na-u* (DÊIT-PL), ocorrendo na última dessas três formas, *í-na-u* (3-DÊIT-PL) ‘eles ou elas, deles, delas’, a palatalização da nasal inicial do complexo de plural que, suponho, inicialmente tendo a realização fonética [in^jau], promoveu-se para a atual [ijnau]. Ainda com relação à estrutura interna das formas pronominais do plural, há a necessidade de mais investigação acerca da presença da vogal *í* entre o prefixo de primeira pessoa do plural *wa-* e o complexo marcador de plural *-na-u*. No que tange às formas de primeira *ũgaɽi* ‘eu, me’ e segunda *piɽaɽi* pessoas do singular e

à forma anafórica de terceira pessoa *paigaɽi* 'se', suas estruturas também ainda não se deixam compreender completamente. Em tais formas, parece evidente a presença dos prefixos marcadores de pessoa *ũ-*, *pi-* e *pa-* e é possível pensar no sufixo marcador de gênero masculino de nomes inalienáveis *-ɽi* no final de cada uma delas, considerando esse gênero como o não-marcado. Todavia, a função do segmento *-ga-* medial ainda é desconhecida e, tal como ocorre com a forma de primeira pessoa do plural *wa-i-na-u* 'nós, nos, nosso(a)' a presença da vogal *i* após o prefixo marcador de reflexividade em *paigaɽi* 'se' ainda não foi esclarecida.

Como observei anteriormente, nome e verbo podem trazer uma forma pronominal que expresse para aquele, em construção possessiva, o possuidor; para este, as funções sintáticas básicas: sujeito e objeto. Os paradigmas a seguir exemplificam isso:

- | | | | | |
|-------|----|-----------------------------------|---|---------------------|
| (159) | a. | ũgaɽi
1 | zəkap-a-n
roça-EP-POSS | 'minha roça' |
| | b. | piğaɽi
2 | zəkap-a-n
roça-EP-POSS | 'tua roça' |
| | c. | i-ɽi
3M-M | zəkap-a-n
roça-EP-POSS | 'roça dele' |
| | d. | u-ɽu
3F-F | zəkap-a-n
roça-EP-POSS | 'roça dela' |
| | e. | wa-i-na-u
1-?- DÊIT -PL | zəkap-a-n
roça-EP-POSS | 'nossa roça' |
| | f. | i-na-u
2- DÊIT -PL | zəkap-a-n
roça-EP-POSS | 'roça de vocês' |
| | g. | i-na-u
3- DÊIT -PL | zəkap-a-n
roça-EP-POSS | 'roça del(e)(a)s' |
| | h. | ũ-tikap-ni:
1-ver-NPRES | zəkap-a-n- izɽ
roça-EP-POSS-3M | 'eu vi a roça dele' |
| | i. | ũ-tikap-ni:
1-ver-NPRES | zəkap-a-n- izu
roça-EP-POSS-3F | 'eu vi a roça dela' |
| (160) | a. | tʃaʔapiʔik
cedo | ũgaɽi pukud-a-n
1 acordar-EP-MI | 'eu acordei cedo' |

b.	tʃaʔapiʔik	pigaʔi	pukud-a-n	‘você acordou cedo’
	cedo	2	acordar-EP-MI	
c.	tʃapiʔik	i-ʔi	pukud-a-n	‘ele acordou cedo’
	cedo	3M-M	acordar-EP-MI	
d.	tʃapiʔik	u-ʔu	pukud-a-n	‘ela acordou cedo’
	cedo	3F-F	acordar-EP-MI	
e.	tʃapiʔik	wa-i-na-u	pukud-a-n	‘nós acordamos cedo’
	cedo	1-?-DÊIT-PL	acordar-EP-MI	
f.	tʃapiʔik	i-na-u	pukud-a-n	‘vocês acordaram cedo’
	cedo	2-DÊIT-PL	acordar-EP-MI	
g.	tʃaʔapiʔik	i-na-u	pukud-a-n	‘eles / elas acordaram cedo’
	cedo	3-DÊIT-PL	acordar-EP-MI	
h.	i-baʔiz-t-a-n	ũgaʔi		‘ele bateu em mim’
	3M-chicote-VR-EP-MI	1		
i.	i-baʔiz-t-a-n	p i gaʔi		‘ele bateu em você’
	3M-chicote-VR-EP-MI	2		
j.	ũ-baʔiz-t-a-n	i-ʔi		‘eu bati nele’
	1-chicote-VR-EP-MI	3M-M		
k.	ũ-baʔiz-t-a-n	u-ʔu		‘eu bati nela’
	1-chicote-VR-EP-MI	3F-F		
l.	i-baʔiz-t-a-n	wa-i-na-u		‘ele bateu em nós’
	1-chicote-VR-EP-MI	1-?-DÊIT-PL		
m.	i-baʔiz-t-a-n	i-na-u		‘ele bateu em vocês’
	1-chicote-VR-EP-MI	2-DÊIT-PL		
n.	i-baʔiz-t-a-n	i-na-u		‘ele bateu nele(a)s’
	1-chicote-VR-EP-MI	3-DÊIT-PL		

(159) ilustra o emprego das formas pronominais em (158) junto ao nome, portanto, aí, essas formas pronominais funcionam como marcadores de posse; (160), por outro lado, ilustra o emprego das formas pronominais de (158) em combinação com verbos e, assim, com a função de sujeito em (160a-g) e com a função de objeto em (160h-n). Nota-se que a anáfora não foi exemplificada em nenhum desses dois paradigmas. Isso se deve ao fato de que essa anáfora é hoje de raro uso; seu emprego cada vez mais é substituído pelo emprego do prefixo correspondente, que foi analisado em (3.1.1.1.1) e (3.1.2.2.1.1). A rigor, quase

somente em textos ela é empregada, como no exemplo seguinte colhido de uma história contada por um dos mestres do Wapixana:

- (161) puata aitʃap wiʔi: i-zamt-a-zu-n-iz **paigaʔi**
 macaco perceber COMP 3PL-pegar-EP-DES-MI-3O ANF
 ‘o macaco percebeu que eles queriam pegá-lo’

Em (161), a anáfora (em negrito) ocorre na função de objeto de oração encaixada, em concordância com o marcador de objeto verbal (em itálico).

3.2.1.2. Pronomes demonstrativos

Pronomes demonstrativos são categorias dêiticas no sentido de que indicam a situação espaço-temporal em relação aos participantes do discurso. O Wapichana apresenta um sistema em que se distinguem graus de distância (próximo / distal) e gênero para seres animado (masculino / feminino). As oposições de gênero se revelam nas formas referentes ao distal, como ilustrado a seguir:

- (162) a. **tawu-ʔu** zɨn maku-n zəkəp it
 DIST-F mulher ir-MI roça ALL
 ‘aquela mulher vai para a roça’
- b. **tawi-ʔi** ɖaunaiuʔ maku-n zəkəp it
 DIST-M homem ir-MI roça ALL
 ‘aquele homem vai para a roça’
- c. **tawiʔi** kutiʔiz zɨʔit-p-a-n
 DIST pássaro voar-CONT-EP-MI
 ‘aquele pássaro está voando’
- d. ũ-aiap **tawiʔi** baʔu
 1-precisar DIST machado
 ‘eu preciso daquele machado’
- (163) a. **wiʔi:** zɨn maku-n zəkəp it
 PROX mulher ir-MI roça ALL
 ‘esta (essa) mulher vai para a roça’

- b. **wĩĩĩ:** ɖaunaiuɾ maku-n zəkəp it
 PROX homem ir-MI roça ALL
 ‘este (esse) homem vai para a roça’
- c. ũ-aiap **wĩĩĩ:** baɾu
 1-precisar PROX machado
 ‘eu preciso deste (ou desse) machado’
- (164) a. **ɖiwĩĩa:** daunaiuɾa kini-i-t-iŋ-a-n
 PROX menino canção-NPOSS-VR-REFL-EP-MI
 ‘este (ou esse) menino está cantando’
- b. **ɖiwĩĩa:** maɾij ɖimana-ŋu
 PROX faca afiado-ADJR
 ‘esta faca está afiada’
- c. **ɖiwĩĩa:** aka-j au-na i-uzka-n
 PROX fruta-NPOSS NEG-DÊIT 3-maduro-MI
 ‘esta fruta não está madura’

(162) ilustra o emprego das formas *tawĩĩĩ* ‘aquele’ em (162a) e *tawuɾu* ‘aquela’ em (162b) correspondentes ao distal. Apenas nesse par se encontra formalmente registrada a distinção de gênero envolvendo formas exclusivas para masculino e feminino, observando-se, entretanto, que a forma do masculino é a não-marcada, uma vez que se aplica também para seres animados não-humanos, como em (162c) e inanimados, como em (162d). (163) e (164) ilustram o emprego do aproximativo. No primeiro, uma mesma forma *wĩĩĩ:* ‘este(a), esse(a)’ é empregada independentemente do estado animado ou não-animado e do sexo da entidade referida. No segundo, também uma única forma *ɖiwĩĩa:* ‘este(a), esse(a)’ é empregada para designar tanto seres animados, como em (164a), quanto seres inanimados, como (164b-c). Portanto, em oposição a Santos (2003), os dados agora colhidos não revelam oposição em termos de animado vs. inanimado. Sobre esta última forma *ɖiwĩĩa:* ‘este(a), esse(a)’, convém lembrar que nenhum exemplo envolvendo entidade de sexo feminino foi encontrado.

Do ponto de vista morfológico, parece evidente para as formas do distal *tawĩĩĩ* (distal-M) ‘aquele’ e *tawu-ɾu* (distal-F) ‘aquela’ em (162a-b), a oposição formal de gênero, como demonstrado pela desinência final que corresponde aquela mesma empregada na oposição de gênero entre nomes inalienáveis.

Do ponto de vista funcional, os demonstrativos tanto atuam como núcleo de um sintagma nominal quanto como modificador de um nome. Isso está ilustrado a seguir:

- (165) a. tawi-ɽi: midiai-ʔu
DIST-M magro-ADJR
'aquele é magro'
- b. wiɽi: itukun ũ-pa-(a)ɽa-d-a-n
isto (isso) fim 1-um-fala-VR-EP-MI
'isto (ou isso) é o fim do meu falar'
- c. kanum djiwiɽa: ?
QU PROX
'que é isto (ou isso)?'
- (166) a. tawiɽi piɽjan ka-waini-ʔu
DIST pessoa AT-maniva-ADJR
'aquela pessoa que tem manival'
- b. wiɽi: buʔuti-j
PROX laço-NPOSS
'este (ou esse) laço'
- c. djiwiɽa: kaʔi-j zabi-ʔu
PROX mão-NPOSS molhado
'esta (ou essa) mão está molhada'

(165) exemplifica demonstrativos com função de núcleo de sintagma nominal; (166) ilustra demonstrativos com função de modificador do nome.

Há, além dessas formas analisadas, outras que funcionam como advérbios, como demonstram os exemplos abaixo:

- (167) a. paʔiɽa-ʔu ɽazuan kaiɽa: **ɽaʔa:**
novo-ADJR cesta EXIST PROX
'a cesta nova está aqui'
- b. paʔiɽa-ʔu ɽazuan kaiɽa: **naʔi:**
novo-ADJR cesta EXIST DIST
'a cesta nova está ali (ou lá)'

(167a) ilustra o emprego do demonstrativo aproximativo *ɖaʔa:* ‘aqui’; enquanto (167b) exemplifica o demonstrativo distal *naʔi:* ‘ali (ou lá)’. Esse tipo de demonstrativo, em função de sua natureza adverbial, é muitas vezes classificado como advérbio locativo (SEKI, 2000, p. 77). Observando-se a forma correspondente ao distal *naʔi:* ‘alí, lá’, verifica-se que ela é uma forma complexa, formada de um fraco dêítico (ANDERSON & KEENAN, 1985, p. 261) *na* e a posposição *i:* que indica lugar, com a interposição do elemento *ʔ*, portanto *na-ʔ-i:* (DEIT-?-LOC)³⁸ ‘lá, alí’. Outros exemplos mostram a presença de elementos dêíticos, a seguir:

- (168) a. u-ɽu ɖubat-p-a-n mi-**na**-p
 3F-F passar-CONT-EP-MI longe-DÊIT-TCL:extensão
 ‘ela está passando longe’
- b. aɽu aitʃap ɖaunaiuɽ ka:w-a-n mau-**na**-p
 veado perceber homem chegar-EP-MI perto-DÊIT-TCL:extensão
 ‘o veado percebeu o homem chegar perto’

O reconhecimento do dêítico em negrito nesses exemplos torna-se mais compreensível observando a composição de uma palavra como *mau-ɖi:* (perto-TCL:fino) ‘pente’, que permite identificar o primeiro elemento da palavra em (68) em que ocorre o dêítico; quanto ao termo de classe, já foi observado que ele é o mesmo que ocorre em palavras como *ɖi-na-p* (caminho-DÊIT-TCL:extensão) ‘caminho’. Outros exemplos exibem, não apenas esse, mas outras formas dêíticas:

- (169) a. aɽimaɽaka ũ-id-**wa**-ʔi
 cachorro 1-POSS-DÊIT-PTT
 ‘o cachorro é meu’
- b. i-ɽi tiz-a-ʔn-a-n ũ-paunaɽi **ɖi**-ʔ-it
 3M-M beber-EP-FNL-EP-MI 1-amigo DÊIT-?-ALL
 ‘ele foi beber no (na casa do) meu amigo’

³⁸ Exemplos como esse sugerem que o -ʔ- interposto seja um elemento epentético. Uma análise mais detalhada para verificar se isso é real e em que condições ocorre, entretanto, ainda está por ser feita.

semânticos; tal como no caso anterior, não foram encontradas formas variantes desse indefinido.

Do ponto de vista funcional, os indefinidos de (170.a-b) constituem núcleos de sintagma nominal; enquanto, aquele de (170c), embora nesse exemplo exiba função nuclear, também pode ocorrer como modificador de núcleo nominal, como ilustrado abaixo:

- (171) a. **b(a)-aʔuʔa-n** iwaʔuz ɖakuʔi
 um-INDEF-? rio afluente
 ‘afluente de outro rio’

3.2.1.4. Pronomes interrogativos

Interrogativos são proformas que, em regra, são empregadas em início de construções interrogativas. Abaixo, em (172), apresento uma lista básica de pronomes empregados pelos Wapixana nas interrogações, em conformidade com o foco da pergunta a ser feita, e, em (173), apresento exemplos envolvendo tais pronomes:

(172) Pronomes interrogativos

Interrogativo	tradução	pergunta
kanum (ɖi:), kan ɖi: naʔapaʔuʔam, ʃaʔpaʔuʔam	‘quem?’ ‘que?’ ‘qual?’	sujeito/objeto
naʔapaʔiɖaʔin naʔapainim	‘quanto?’ ‘quando?’	quantidade tempo
naʔiam (ɖi:), naʔiaʔuʔam, naʔi: ɖi: naʔapam, naʔap ɖi:	‘onde?’ ‘como?’	lugar maneira
kanum ni:, kan ɖi: ni:	‘por quê?’	causa

- (173) a. kanum (ɖi:) waʔati-n ?
 QU DÊIT vir-MI
 ‘quem vem?’
- b. kan ɖi: kanuw-a-n piɖaʔi kamitʃ-a-n ?
 QU DÊIT costurar-EP-MI 2 vestido-EP-POSS
 ‘quem costurou teu vestido?’

- c. na-ʔ-ap-aʔuʔa-m kadʒiz ?
DÊIT-CL:PTT-CL:extensão-INDEF-QU jeito?
'qual é o jeito?'
- d. na-ʔ-ap-aʔi-ɖa-ʔi-n baʔu kaiɲa: ?
DÊIT-CL:PTT-CL:extensão-mão-gênese-CL:PTT-QU machado EXIST
'quantos machados tem?'
- e. na-ʔ-ap-ai-ni-m (ni:) i-kunaip-a-n ?
DÊIT-CL:PTT-CL:extensão-?-NPRES-QU (NPRES) 2PL-dançar-EP-MI
'quando vocês vão dançar?'
- f. na-ʔ-i-a-m (ɖi:) i-ʔi ?
DÊIT-CL:PTT-LOC-?-QU DÊIT 3M-M
'onde está ele?'
- g. na-ʔ-i-aʔuʔa-m pi-maʃaʔap-a-n ?
DÊIT-CL:PTT-LOC-INDEF-QU 2-morar-EP-MI
'onde você está morando?'
- h. na-ʔ-i: ɖi: pi-sa:b-a-n sumaʔa ?
DÊIT-CL:PTT-LOC DÊIT 2-guardar-EP-MI arco
'onde você guardou o arco?'
- i. na-ʔ-ap-a-m pi-paw-a-n kaniz ?
DÊIT-CL:PTT-CL:extensão-EP-QU 2-plantar-EP-MI mandioca
'como você planta mandioca?'
- j. kanum ni: i-ʔi wazʔi-n-p-a-n ?
QU NPRES 3M-M deitar-MI-CONT-EP-MI
'por que ele está deitado?'
- k. kan ɖi: nii au-na pi-maku-n ʒakap it ?
QU DÊIT NPRES NEG-DÊIT 2-ir-MI roça ALL
'por que você não foi para a roça?'

(173a-c) exemplificam perguntas sobre os argumentos verbais, (173d) ilustra pergunta sobre quantidade, (173e) ilustra pergunta sobre tempo, (173f-h) apresentam perguntas sobre lugar; (173i) exhibe pergunta acerca da maneira e, finalmente, (173j-k) exemplificam perguntas sobre causa.

Embora, no estado atual dos estudos, não seja possível fazer uma descrição detalhada das proformas existentes em Wapixana, importa observar, ainda, que as palavras *u:* 'sim' e *auna* [auna:] 'não' que são empregadas em respostas a indagações polares e equivalem às respostas afirmativas e negativas, respectivamente, constituem pro-sentenças. Isso é ilustrado em (174), a seguir:

- (174) a. kaiman piḡaṭi? ‘você está bem?’
 b. **u.** ‘sim.’
- (175) a. piṭamitʃan pitabaʔi ? ‘você quebrou a perna?’
 b. **au-na** ‘não.’
 NEG-DÊIT

(174a) e (175a) exemplificam as perguntas polares, cujas respostas, em (174b) e (175b) correspondem às pro-sentenças *afirmativa* e *negativa*, respectivamente. Como se observa, esta última é uma forma complexa, constituída do morfema negativo propriamente *au* e do dêítico *na* que realiza-se [na:], em função do alongamento iâmbico.

3.2.2. Quantificadores

Conforme Schachter (1985, p. 38), quantificadores são modificadores de nome que indicam quantidade ou escopo. Assim, palavras com significados tais como: todo, muito, pouco, alguns e cada constituem quantificadores. Os exemplos em (176) ilustram os quantificadores mais comuns em Wapixana:

- (176) a. ipai kuṭaiṣian-na-u kĩni-t-iṅ-a-n
 QUANT criança-DÊIT-PL canção-VR-REFL-EP-MI
 ‘todas as crianças estão cantando’
- b. ipai wĩn iwaʔuz di-ʔ-iki i-kaniṭib-a-ʔu
 QUANT água rio DÊIT-ʔ-EL 3M-sujo-EP-ADJR
 ‘toda a água do rio está suja’
- c. kaiṅa: iṭib(a-ʔu) kupai-na-u
 EXIST QUANT(EP-ADJR) peixe-DÊIT-PL
 ‘tem muitos peixes’
- d. iwaʔuz kaiṅa: **tibaṭi-ʔu** wĩn
 rio EXIST muito-ADJR(QUANT) água
 ‘o rio tem muita água’
- e. kaiṅa: **maskaiḡaʔi** kupai-na-u
 EXIST QUANT peixe-DÊIT-PL
 ‘tem poucos peixes’

- f. ũgaʔi aip-a-n **maskaiɖaʔi** paʔakaʔi
 1 querer-EP-MI QUANT caxiri
 ‘eu quero um pouco de caxiri’
- g. **i-na-u** kuʃi-na-u
 3-DÊIT-PL(QUANT) porco-DÊIT-PL
 ‘uns porcos’
- h. ba-i-ɖa-ʔ-ap **kiʔ** aʔuap ti:ki:
 um-mão-gênese-CL:PTT-TCL:extensão QUANT comer muito
 ‘cada um come mais’

Observa-se que o quantificador *ipai* ‘todo’ em (176a-b) aplica-se a contáveis e a não-contáveis, respectivamente, semelhantemente, ao que ocorre com o quantificador *maskaiɖaʔi* ‘pouco’ nos respectivos exemplos de (176e-f). Diferentemente, a idéia de “muitos” é representada por duas formas distintas: *iʔib(aʔu)* para contáveis, em (176c), e *tibaʔiʔu* para não-contáveis, em (176d). Os exemplos de (176g-h), respectivamente, *ipau* ‘uns’ e *kiʔ* ‘cada’ restringem-se a contáveis.

Do ponto de vista morfológico, embora seja difícil uma descrição pormenorizada no estágio atual dos estudos dessa língua, parece evidente que os exemplos de (176c-d), respectivamente, *iʔib(aʔu)* (muito-ADJR) ‘muitos’ e *tibaʔiʔu* (muito-ADJR) ‘muita’, constituem formas complexas envolvendo, ao menos, o marcador adjetival. Também, o quantificador de (176g) *i-na-u* (3-DÊIT-PL) ‘uns’, como se vê, exibe forma complexa cuja constituição é idêntica ao pronome de terceira pessoa do plural. Quantos aos demais, ainda não foi possível estabelecer uma análise.

Do ponto de vista funcional, o fato relevante observado é que o quantificador *ipai*, semelhantemente ao que ocorre com demonstrativos³⁹, pode comportar-se como núcleo de um sintagma nominal e, nesse sentido, já não constitui um quantificador nos termos de Shachter (1985), como ilustrado a seguir:

³⁹ Fato inverso é o que ocorre com *b(a)aʔuʔan* ‘outro’ que, sendo uma proforma, apresenta também comportamento de modificador, como descrito em (3.2.1.3) acima.

- (177) a. ipai ipai-a-n
QUANT acabar-MI
'tudo acabou'
- b. ipai i-aɽuap-a-n
QUANT 3PL-comer-EP-MI
'todos comeram'

3.2.3. Numerais

Conforme Farabee (1918, p. 192), a numeração entre os Wapixana é baseada na combinação dos sistemas quinário e decimal. Ele apresenta o seguinte inventário de numerais que seguem na ortografia por ele empregada:

(178) Sistema de numerais do Wapixana (Farabee)

1	baiadap	13	dikĩniěrdawakedib
2	yaitam	14	pamiadatonkinwakedib
3	dĩkĩněrda	15	baiadapkedib
4	pamiadatonkín	16	baiadapbaulauwakedib
5	bakaiěrda	17	yaitambaulauwakedib
6	baiadapbakĩnět	18	dĩkĩniěrdabaulauwakedib
7	yaitambakĩnět	19	pamiadatonkĩnbaulauwakedib
8	dikĩniěrdabakĩnět	20	baiadapidĩan
9	pamiadatonkĩnbakĩnět	21	baiadapbaulaupĩdĩanipě
10	baukuka	30	baiadapĩdĩanbaukuka
11	baiadapwakedib	40	yaitampĩdĩan
12	yaitamwakedib		

Conforme Farabee (ibid.), os numerais que precedem cinco perderam sua significação original. O numeral cinco, *bakaiierda*, constitui-se dos formativos *ba*, por si, *kai* 'mão' e *erda*, partícula usada na formação de comparativo. *Seis* é constituído da forma correspondente a *um* e a forma correspondente a *cinco*; *sete* da forma correspondente a *dois* em conjunto com a forma que designa *cinco* e assim por diante até o numeral *nove*. A primeira sílaba de *dez*, *bau*, designa grupo quando aplicada a árvore, mas o significado da seqüência *kuka* não é conhecido. *Onze* envolve a forma correspondente a *um* e a forma

wakedīb ‘meus pés’; esse mesmo padrão segue até o numeral *quatorze*. *Quinze* compreende a forma designadora de *um* mais *kedīb* ‘pé’ (esta compreendendo *dez*). *Dezesseis* é a combinação da forma relativa a *um* combinada com a palavra *baulau* ‘outro’ e a *wakedīb* ‘meus pés’; esse padrão se estende até *dezenove*. *Vinte* é a combinação da forma *baiadap* ‘um’ e *pidian* ‘pessoa’, com elisão de um dos dois pp. *Vinte e um* corresponde a *baiadap* ‘um’, *baulau* ‘outro’, *pidian* ‘pessoa’ e *ipe* ‘todo’. *Trinta* corresponde à combinação das formas relativas a *vinte* e *dez*; e finalmente, *quarenta* corresponde à forma *yaitam* ‘dois’ em conjunto com a palavra *pīdžan* ‘pessoa’. Ainda conforme Farabee (ibid.), para números acima de quarenta, emprega-se *ilib* ‘muitos’, embora se pudesse, empregando o sistema descrito, estabelecer contagem indefinidamente; tal sistema, porém não é usado para números mais altos. Farabee (1918:193) informa ainda que os Wapixana não possuem formas correspondentes a ordinais e que a única forma correspondendo à fração do todo por eles empregada é *badaii* ‘metade’ ou ‘meio’. Finalmente, o autor observa que os Wapixana contam o tempo com base nos sóis passados: dois dias são dois sóis, três dias são três sóis e assim por diante.

A seguir teço considerações acerca da descrição dos numerais feita por Farabee, que acima foi apresentada, com o intuito de, partindo de suas informações, acrescentar algumas sugestões acerca da constituição dos numerais de um a quatro, que constituem o ponto mais fraco da análise desse autor. Parece-me, inicialmente, que é possível avançar alguns passos a mais na tentativa de identificar os significados de boa parte dos formativos desses numerais, embora Farabee tenha considerado tais significados perdidos. Em (179), apresento os termos referentes aos numerais de *um* a *cinco* com propostas de glosas, que envolvem a maioria dos formativos, para fins de análise:

- (179) a. [ba-i-ɖa-ʔ-ap] ‘um’
 um-mão-gênese-CL:PTT-CL:extensão
 (lit. um filho da mão)
- b. [ɖi-aʔi-tã-m] ‘dois’
 dois-mão-gênese-?
 (lit. dois filhos da mão)

- c. [d̥i-kĩ-ŋaʔi-ɖa-ʔi] ‘três’
dois-antes (abrev. kiwiin)-mão-gênese-CL:PTT
(lit. dois filhos antes da mão completa)
- d. [pã-mĩ-ŋaʔi-tã-m-kiʔ] ‘quatro’
um-antes-mão-gênese-?-QUANT
(lit. cada um filho antes da mão completa)
- e. [ba-kai-ai-ɖa-ʔi] ‘cinco’
um-mão-?-gênese-PTT
(lit. uma mão completa)

Considerando a afirmação de Farabee (ibid.), o numeral “cinco” em (179e) é constituído de *ba-*, por si, *kai* ‘mão’ e da partícula comparativa *aidaʔi*. Uma primeira observação a ser feita está relacionada ao fato de que tanto *ba-* quanto sua variante *pa-* são hoje glosados na literatura como correspondendo ao numeral “um” (PAYNE, 1991, p.383), razão desse registro na glosa acima. Quanto aos outros dois componentes da forma desse numeral *kai* é ‘mão’, como fica claro da apreciação de Farabee, e a seqüência *ɖaʔi* é a mesma que ocorre no numeral “três” e, quase completamente, também ocorre no numeral “um”. Na verdade, -*ɖa* (parte da seqüência) ocorre em todas as formas, ainda que por meio de variante. *ʔi* deve ser um classificador partitivo, como visto durante a análise dos classificadores numerais em (3.1.1.1.1.2.1) acima. Portanto, apenas a seqüência *ai* parece não corresponder a um significado. Uma possibilidade é que essa seqüência corresponda à palavra *ipai* ‘todo, tudo’, o que estaria em acordo com a idéia de plenitude da mão que o numeral cinco encerra.

O fato de Farabee (ibid.) não considerar a possibilidade de interpretação dos significados originais correspondentes aos numerais abaixo de cinco deve ser motivado pelas fortes variações fonéticas a que foram submetidas tais formas. O numeral “um”, por exemplo, além da forma *ba-* ‘um’, apresenta na seqüência a vogal -*i* que, em consonância com o sistema, deve corresponder à forma abreviada de *kaʔi* ‘mão’ e a forma -*ɖa* parece corresponder ao formativo ‘gênese’ que ocorre em *da-ni* (gênese-?) ‘filho; ovo’, *ɖa-tʔi* (gênese-M) ‘pai’, *ɖa-tʔu* (gênese-F) ‘mãe’, *ɖa-j-a-tʔu* (gênese-NPOSS-F) ‘esposa’, etc.; finalmente, há os morfemas -*ʔ* e -*ap* que devem constituir classificadores, como lembrado

por Payne (1991) e analisado acima. Assim, como sugere a análise feita por ocasião do estudo dos classificadores numerais, o primeiro constitui um classificador partitivo e o segundo um classificador de extensão. Isso tudo resulta na forma complexa *baidaʔap* empregada hoje para referir ao numeral “um”. Quanto ao numeral “dois”, além do formativo *dʔi-*, que deve corresponder a ‘dois’ no sistema, a seqüência *aʔi-* compreende possivelmente à redução, em menor intensidade que na forma referente ao numeral “um”, analisado anteriormente, da palavra *kaʔi* ‘mão’; na seqüência *tām*, a forma *-tã* deve constituir variante do morfema *da-* ‘gênese’ e, embora atualmente não se possa determinar com clareza o significado de *-m*, ele parece integrar a forma arcaica de ‘filho’ (PAYNE, 1991, p. 419). A combinação desses formativos resulta, então, na forma complexa *diaʔitām* que corresponde ao numeral “dois” na atualidade. No que diz respeito ao numeral “três”, além do formativo *dʔi-* ‘dois’ empregada na forma complexa deste numeral analisado anteriormente, há, na seqüência, a forma *-kĩ* que deve corresponder à forma reduzida da palavra *kiwi:n* ‘antes’; o formativo *-nai* aparece aqui talvez como forma variante da palavra *kaʔi* ‘mão’, em que a mudança da oclusiva pela nasal provavelmente, e um estudo diacrônico futuro poderá revelar, tem alguma influência da vogal precedente /i/ e também da nasal final da palavra *kiwi:n* ‘antes’. A análise do formativo *-da* ‘gênese’ segue a apreciação feita anteriormente em relação ao numeral *um*; finalmente, o formativo *-ʔi* parece funcionar como um partitivo, demonstrando que o constituinte *-da* ‘gênese’ é parte do constituinte *-nai* ‘mão’. Disso obtém-se a forma complexa *dikĩnaʔidaʔi* correspondente ao numeral “três”, cuja tradução literal seria “dois filhos (dedos) antes da mão (completa)”. Já o numeral “quatro” parece apresentar, além de *pã-* ‘um’, também presente no numeral “um” anteriormente analisado, a forma *-mĩ* que deve constituir uma variação do formativo *ki* (redução de *kiwiin* ‘antes’) mediante a mudança da oclusiva /k/ na nasal /m/ por influência da labial /p/ do formativo *pa-* ‘um’ precedente; o formativo *-naʔi* segue a análise feita por ocasião da apreciação do numeral “três” imediatamente acima; o formativo *-tã* deve corresponder a uma variação do formativo *-da* ‘gênese’ semelhantemente à forma

desvozeada desse formativo que ocorre na forma referente ao numeral “dois”, enquanto *-m*, como visto acima deve ser resquício da forma arcaica da palavra “filho”; o formativo *-kiʔ* corresponde ao quantificador ‘cada (um)’. A forma complexa resultante, então, é *pamijnaʔitamkiʔ* ‘quatro’, cujo sentido literal pode ser traduzido como ‘cada um filho antes da mão (completa)’.

Este sistema de numerais envolvendo formas relacionadas a parentesco e partes do corpo torna-se mais aceitável quando são observados exemplos como os a seguir:

- | | | | |
|-------|----|--------------------|-----------|
| (180) | a. | kaʔi-da-ni-j | ‘dedinho’ |
| | | mão-gênese-?-NPOSS | |
| | b. | kaʔi-da-tʃi-daʔi | ‘polegar’ |
| | | mão-gênese-M-PTT | |

Em (180a), a forma designadora do dedo mindinho - o menor dedo da mão - é interpretada metaforicamente pela cultura wapixana, literalmente, como sendo esse dedo “filho da mão”; em (180b), por outro lado, a forma correspondente ao polegar – maior dedo da mão - é metaforicamente interpretado como sendo “o pai que é parte da mão”. Isso demonstra quão forte é o vínculo para essa cultura entre essas duas categorias de nomes. Aqui, na verdade, parentes e partes do corpo constituem uma mesma espécie – pedaços de um todo unidos literalmente por uma mesma raiz cuja forma é explícita: *da* “gênese”.

3.2.4. Posposições

As posposições sucedem um elemento de natureza nominal e, formando com este uma unidade, relacionam-no a unidades sintáticas mais amplas (SCHACHTER, 1985, p. 36). Com isso constituem um mecanismo marcador de funções gramaticais e locativas, nos termos de Lyons (1979, p. 318). Em Wapixana, posposições podem também se articular com marcadores de pessoas, como demonstra o exemplo a seguir:

- | | | |
|-------|-----------------------------|----------------|
| (181) | ũgaʃi t-a-n-ni: | sumaʃa pi-ʔ-at |
| | 1 dar-EP-MI-NPRES | arco 2-ʔ-RECP |
| | ‘eu vou dar um arco a você’ | |

3.2.4.1. Classificação nocional das posposições

Conforme o significado que exprimem, as posposições distribuem-se em várias subclasses, das quais exemplifico as mais recorrentes:

- (182) a. \tilde{u} -tum-a-n-ni: sumaṛa **pi-ʔ-at**
1-fazer-EP-MI-NPRES arco 2-ʔ-**BEN**
'vou fazer um arco para ti'
- b. \tilde{u} gaṛi t-a-n-ni: sumaṛa **pi-ʔ-at**
1 dar-EP-MI-NPRES arco 2-ʔ-**RECP**
'vou dar um arco a ti'
- c. u-ṛu pa-(a)ṛa-d-a-n i-ṛi **at**
3F-F falar-CL:fala-VR-EP-MI 3M-M **DAT**
'ela falou para ele'
- d. \tilde{u} -baʔi-ni: baiṛi-j **idi**
1-atirar-NPRES flecha-NPOSS **INST**
'eu atirei de flecha'
- e. kaziu \tilde{u} -uruda ḍazkiḍ-i: paʔiṇa-ʔu **idi**
doer 1-calcanhar sapato NPOSS novo-**ADJR CAUS**
'meu calcanhar dói por causa do sapato novo'
- f. kuṛaiḍjauna: biʔitʃ-a-n kazaṛa **idi**
menino arrancar-EP-MI arara **POSS**
'o menino arrancou a pena da arara'
- g. ḍaunaiuṛ maku-n zakaṇ **iti**
homem ir-MI roça **ALL**
'o homem foi para a roça'
- h. aizji: \tilde{u} -ka:w-a-n zakaṇ **iki**
hoje 1-chegar-EP-MI roça **EL**
'cheguei hoje da roça'
- i. kaiṇa: iʃaiṛ aukaz **i:**
EXIST nuvem céu **LOC**
'no céu há nuvens'
- j. \tilde{u} -tʃiʔik-p-a-n \tilde{u} -ḍa-ṛu **tim**
1-andar-CONT-EP-MI 1-AN-F **COM**
'eu estou andando com minha mãe'
- k. i-waʔati-n ḍaʔa:-ʔ-ati: taṛaṛa **idi-a-ʔ-an**
3M-vir-MI aqui-ʔ-**ALL** carro **INST-DÊIT-ʔ-MAN**
'ele veio aqui de carro'

Em (182a-c) uma única forma, *at*, apresenta-se com três empregos distintos: benefactivo, recipiente e dativo, respectivamente; em (182d-f), também uma mesma forma, *idj*, exhibe três empregos distintos: como instrumento, como causa e como posse, respectivamente; em (182g-i) as posições *iti*, *iki* e *i*: referem a lugar: as duas primeiras expressam locativos dinâmicos, respectivamente, o alativo e o elativo; a terceira expressa o locativo estático. Finalmente, em (182j), a posição *tím* marca o comitativo; enquanto, em (182k), a posição *an* sinaliza a maneira como se realiza o processo verbal.

3.2.5. Conjunções

Conjunções são palavras empregadas para conectar palavras, sintagmas ou orações. Tradicionalmente se reconhecem dois tipos de conjunção: a conjunção coordenativa e a conjunção subordinativa. A primeira une constituintes de um mesmo valor gramatical; enquanto a segunda torna um dos elementos ligados subordinado gramaticalmente ao outro. (183) e (184) ilustram esses dois tipos de conjunção (em negrito):

- (183) a. pi-tʃimaʃi-n atamin **naʔik** kiba idi-ʔu
2-ralo-POSS madeira CNJ pedra matéria-ADJR
'teu ralo é (feito) de madeira e pedra'
- b. pi-dʒinizu paʔiʃa-i-ba **naʔik** kaiman-ai-ba
2-nora novo-?-TCL:F CNJ bem-?-TCL:F
'tua nora é jovem e generosa'
- c. zʃn zamt-a-n kupai, u-ka-zʃm-t-a-n **naʔik**
mulher pegar-EP-MI peixe 3F-AT-TCL:fogo-VR-EP-MI CNJ
u-nik-n-iz
3F-comer-MI-3O
'a mulher pegou o peixe, assou e comeu'
- d. puata au-na i-zʃʔit-a-n, **mazan** i-zakait-a-n
macaco NEG-DÊIT 3M-voar-EP-MI ADVERS 3M-pular-EP-MI
'macaco não voa, mas pula'
- (184) a. puata aitʃap **wiʔi:** i-zamt-a-zu-n-iz paigaʃi
macaco perceber COMP 3PL-pegar-EP-DES-MI-3O ANF
'o macaco percebeu que eles queriam pegá-lo'

- b. pi-naʔak-a-n **ɖun** kaniz, ũ-tum paʔakaʔi
 2-levar-EP-MI ADVR mandioca 1-fazer caxiri
 ‘quando você levar mandioca, eu faço caxiri’
- c. i-ʔi ɖikuʔai-p-a-n kasaʔai **ʃaʔapanum** i-kaʔij-a-n **iɖi**
 3M-M tomar-CONT-EP-MI remédio ADVR 3M-adoecer-EP-MI ADVR
 ‘ele está tomando remédio porque está doente’

(183) ilustra conjunções coordenadas. (183a-b) exibem coordenação envolvendo constituintes não-oracionais: na primeira, a conjunção aditiva *naʔik* ‘e’ liga dois núcleos nominais e, na segunda, dois modificadores; em (183c), por seu turno, essa mesma conjunção liga constituintes oracionais; finalmente, em (183d), a conjunção adversativa *mazan* ‘mas’, que do ponto de vista semântico expressa oposição de idéias, faz a conexão entre dois elementos oracionais. Os exemplos de (184) ilustram conjunções subordinadas. (184a) ilustra subordinação por meio da conjunção *wiʔi*: ‘que’ de função complementizadora; (184b-c) apresentam exemplos de subordinação por meio dos adverbializadores: *ɖun* e *ʃaʔapanum iɖi* que denotam tempo e causa, respectivamente.

3.2.6. Interjeições

Tradicionalmente, interjeições são consideradas como uma unidade frasal em si. Do ponto de vista semântico, interjeições apresentam um caráter exclamativo; do ponto de vista gramatical, não apresentam flexões, nem articulações com outras palavras com que ocorrem e, até, nem atendem ao padrão fonológico da língua (SCHACHTER, 1985, p. 58). Seguem exemplos de interjeições do Wapixana:

- (185) a. akaʔaitʃi! ‘puxa!’
 b. aka! ‘cuidado!’

A interjeição de (185a) pode expressar surpresa, decepção, espanto; enquanto aquela de (185b) expressa alerta, atenção.

IV SINTAXE

4.0. Introdução

Neste capítulo, lido com a sintaxe da língua Wapixana. A sintaxe, como mencionado na introdução do capítulo anterior, envolve a combinação de palavras (gramaticais), estudadas anteriormente, em unidades mais amplas no interior da sentença. Especial atenção é dada à sentença simples ou oração, particularmente, ao estudo da valência, isto é, análise do número e tipo dos sintagmas que constituem os argumentos requeridos pelo predicado.

Tomo como ponto de partida para a descrição gramatical a sentença simples (ou oração), declarativa, afirmativa e ativa que, tradicionalmente, é considerada como a unidade mais básica e representativa, da qual todos os outros tipos de sentenças são variantes.

Uma vez que a sentença simples ou oração tem como núcleo um verbo ou predicado; com base neste, aquela é especificada. Semanticamente, cada verbo é caracterizado por requerer obrigatoriamente os papéis semânticos (ou funções semânticas) específicos dos participantes do evento ou estado que codifica. Paralelamente, do ponto de vista sintático, os participantes também assumem papéis (ou funções) gramaticais na sentença simples ou oração que integram (GIVÓN, 2001, p. 105). Isto é ilustrado com exemplos do Wapixana em (1) a seguir:

- (1) u-ɽu t-a-n paɽakaɽi i-ʔ-at
 3F-F dar-EP-MI caxiri 3M-?-RECP
 ‘ela deu caxiri a ele’

Do ponto de vista da estrutura semântica, em (1) o verbo *t-a-n* (dar-EP-MI) ‘dar’ solicita três papéis (ou funções) semânticos: o *agente*, aí representado por *u-ɽu* (3F-F) ‘ela’, o participante que “dá”; o *paciente*, aí representado por *paɽakaɽi* ‘caxiri’, participante que refere ao que foi dado e o *recipiente*, aí representado por *i* ‘ele’, que é codificado pelo

verbo como receptor do evento expresso. Sintaticamente, por outro lado, o verbo *t-a-n* (dar-EP-MI) ‘dar’ exibe três argumentos: o *sujeito*, aí representado por *u-ɽu* (3F-F) ‘ela’, o *objeto direto*, aí representado por *paɽakaɽi* ‘caxiri’ e, finalmente, o *objeto indireto*, aí representado por *i-ʔ-at* (3M-?-RECP) ‘a ele’.

A seguir, em (4.1), apresento brevemente alguns dos principais papéis semânticos e, em (4.2), faço a análise dos papéis ou funções gramaticais.

4.1. Papéis (ou funções) semânticos

Embora o estágio atual dos estudos sobre a língua Wapixana não permita um estudo mais detalhado dos papéis (ou funções) semânticos expressos nas sentenças, algumas considerações sobre eles, entretanto, são desejáveis, já que a investigação de outros temas, como voz passiva em (3.1.2.2.1.4.2.1), por exemplo, exige sua menção; além disso, tais considerações podem servir como pistas para futuras pesquisas. Antes, porém, convém registrar o que se entende aqui por estados e eventos. Para efeito deste trabalho, é suficiente dizer que *estado* é a proposição que não envolve mudança do decorrer do tempo; *evento*, por outro lado, é a proposição que envolve mudança de um estado para outro no decorrer do tempo e pode constituir uma *ação*, se deliberadamente iniciada por um agente ativo⁴⁰. Os exemplos em (2) e (3) ilustram, respectivamente, evento e estado:

- (2) a. *atuɽi mauk-a-n*
jacaré morrer-EP-MI
‘o jacaré morreu’
- b. *ũ-tʃiʔik-p-a-n* *ũ-ɽa-ɽu* *tim*
1-andar-CONT-EP-MI 1-gênese-F COM
‘eu estou andando com minha mãe’
- (3) *i-ɽi zamaɽ-in*
3M-M fome-REFL
‘ele sente fome’

⁴⁰ Givón (ibid., p. 106) faz adicionais subdivisões de estados e eventos aqui não mencionadas.

Em (2a), o verbo *mauk-a-n* (morrer-EP-MI) ‘morrer’ ilustra um típico evento, uma vez que envolve uma mudança de estado; enquanto, em (2b), o verbo *tʃiʔik-p-a-n* (andar-CONT-EP-MI) ‘andar’ ilustra um evento que constitui uma ação, porque “andar” implica, normalmente, um ato voluntário que exige um agente iniciador. Embora, do ponto de vista formal, não haja uma subdivisão entre verbos intransitivos ativos e verbos estativos ou descritivos, como analisado em (3.1.2.1.2), do ponto de vista semântico, entretanto, o verbo em (3) *zamaz-in* (fome-REFL) ‘sentir fome’ constitui um estado, uma vez que não encerra uma mudança no decorrer do tempo.

Retomando o assunto tema desta seção, como acima mencionado, sentenças simples (ou orações) são classificadas conforme os papéis semânticos assumidos pelos participantes do evento que codificam. Ainda que não seja possível definir a totalidade dos papéis semânticos translingüisticamente, há, conforme Givón (ibid., p. 107), um conjunto mais prototípico deles que regularmente ocorre nas línguas em geral e apresenta mais conseqüências gramaticais. Os constituintes em negrito nos exemplos do Wapixana em (4) ilustram alguns dos principais papéis semânticos:

- (4) a. **zɨn** tiz-ni: paʔakaʔi
mulher beber-NPRES caxiri
‘a mulher bebeu caxiri’
- b. **i-ʔi** zamaz-in
3M-M fome-REFL
‘ele sente fome’
- c. aʔimaʔaka aʔu-t-ni: **kuazaʔa**
cachorro veado-VR-MI cobra
‘o cachorro mordeu a cobra’
- d. u-ʔu t-a-n paʔakaʔi **i-ʔ-at**
3F-F dar-MI caxiri 3M-?-RECP
‘ela deu caxiri a ele’
- e. ũ-tum-a-n-ni: sumaʔa **pi-ʔ-at**
1-fazer-EP-MI-NPRES arco 2-?-BEN
‘vou fazer um arco para ti’
- f. i-ʔi tʃiut-ni: ɖin-a-j **maʔij idi**
3M-M cortar-NPRES carne-EP-NPOSS faca INST
‘ele cortou a carne com a faca’

- g. *i-ɽi zamt-a-n kupai iwaʔiz i:*
 3M-M pegar-EP-MI peixe rio LOC
 ‘ele pegou peixe no rio’
- h. *i-ɽi maku-n-ni: zəkapa iti*
 3M-M ir-MI-NPRES roça ALL
 ‘ele irá para a roça’
- i. *kuɽaiɽiauna: tʃiʔik-p-a-n pa-ɽaɽu tim*
 criança andar-CONT-EP-MI AN-mãe COM
 ‘a criança esta andando com a mãe’

(4a) ilustra o papel semântico de *agente*, isto é, o participante que deliberadamente inicia o evento, ou, nos termos de Comrie (1989, p. 59), tem controle sobre a ação. (4b) ilustra o papel semântico de *experimentador*, nesse caso, não é facultado ao participante iniciar ou controlar o estado, mas apenas vivenciá-lo. Parte desses verbos em Wapixana é marcada lexicalmente pelo morfema reflexivo, revelando que o estado descrito é inerente ao experimentador, como se pode observar em construções como: *i-ɽi ka-ɽ-ɽi-ɽi-a-n* (3M-M AT-estado-REFL-EP-MI) ‘ele adoeceu’ e *wa-maɽa-ɽi-ɽi-a-p wa-iɽib-a-n kaiman-a-ɽu* (1PL-amar-REFL-EP-CL:parte de 1PL-parente-EP-POSS bem-EP-ADJR) ‘amar nossos parentes é bom’. (4c) ilustra o papel semântico de *paciente*, isto é, o participante que sofre uma mudança de estado ou é afetado pelo evento expresso pelo verbo. (4d) exemplifica o papel semântico de *recipiente*, isto é, o participante em destaque é codificado pelo verbo como o receptor do evento expresso. Em (4e), o participante destacado é codificado como desempenhando o papel semântico de *beneficiário* do evento expresso pelo verbo. (4f) exemplifica o papel semântico de *instrumento*, quer dizer, o participante em destaque é usado pelo agente para executar a ação. Em (4g-h), ambos os participantes destacados correspondem ao papel semântico *locativo*: o primeiro diz respeito ao lugar onde o evento expresso pelo verbo ocorre; o segundo ao lugar destino do participante agente. Finalmente, (4i) ilustra o papel semântico de *comitativo* (ou *associativo*, nos termos de Givón), isto é, o participante em destaque associa-se ou acompanha outro participante, mas não é tão relevante quanto este.

4.1.1. Papéis (funções) semânticos vs. papéis (funções ou relações) gramaticais

Exemplos como aquele em (1), abaixo repetido em (5), sugerem uma estrita correlação entre papéis ou funções semânticos e papéis, funções ou relações gramaticais:

- (5) *u-ɽu t-a-n paɽakaɽi i-ʔ-at*
 3F-F dar-MI caxiri 3M-?-RECP
 ‘ela deu caxiri a ele’

Porquanto, em (5), o participante agente (iniciador voluntário da ação) *u-ɽu* (3F-F) ‘ela’ corresponde à função gramatical de sujeito; o participante paciente (afetado pela ação) *paɽakaɽi* ‘caxiri’ corresponde ao objeto direto da ação expressa pelo verbo; e o participante recipiente *i-ʔ-at* (3M-EP-RECP) ‘a ele’ constitui o objeto indireto. Do ponto de vista da estrutura do Wapixana, entretanto, tais correlações “estritas” são apenas aparentes. Exemplos como os que seguem demonstram dissociação entre papéis semânticos e papéis gramaticais:

- (6) a. **i-ɽi** *kizɽit-a-n ɽamaka*
 3M-M rasgar-EP-MI rede
 ‘ele rasgou a rede’
 b. **ɽamaka** *kizɽit-a-n*
 rede rasgar-EP-MI
 ‘a rede rasgou’
- (7) a. *aɽimaɽaka aɽu-t-ni: kuazaza*
 cachorro veado-VR-MI cobra
 ‘o cachorro mordeu a cobra’
 b. *i-ɽi tikap-ni: u-ɽu*
 3M-M ver-NPRES 3F-F
 ‘ele a viu’
- (8) a. *u-ɽu t-a-n paɽakaɽi i-ʔ-at*
 3F-F dar-MI caxiri 3M-?-RECP
 ‘ela deu caxiri a ele’
 b. *u-ɽu pa-(a)ɽa-d-a-n pi-ʔ-at*
 3F-F um-fala-VR-EP-MI 2-?-DAT
 ‘ela falou a você’

(6) exemplifica o fato de que o papel gramatical de sujeito pode corresponder a mais do que um papel semântico. Assim, em (6a) o constituinte com a função gramatical sujeito *í-ʔí* (3M-M) ‘ele’ corresponde ao papel semântico de agente, uma vez que refere ao iniciador consciente da ação *kizít-a-n* (rasgar-EP-MI) ‘rasgar’; enquanto, em (6b), nessa mesma função gramatical, o constituinte *zámaka* ‘rede’ desempenha o papel semântico de paciente, uma vez que é o elemento afetado, que sofre mudança de estado, pelo evento expresso pelo predicado. Do ponto de vista sintático, sabe-se que este constituinte é o sujeito em (6b) por causa de sua posição pré-verbal, o que se tornará claro por ocasião do estudo da ordem dos constituintes, que será realizada em (4.3) abaixo. (7) exemplifica o fato de que o papel gramatical de objeto direto pode corresponder a mais do que um papel semântico. Assim, em (7a) o constituinte com a função gramatical objeto direto *kuazaza* ‘cobra’ corresponde ao papel semântico de paciente do evento ou ação expressa pelo *aʔu-t-a-n* (veado-VR-EP-MI) ‘morder’, portanto é o elemento afetado; enquanto, em (7b), nessa mesma função gramatical, o constituinte *u-ʔu* ‘(3F-F) ‘ela’ desempenha o papel semântico de paciente de estado (não de evento ou ação). (8) exemplifica o fato de que o papel gramatical de objeto indireto pode corresponder a mais do que um papel semântico. Assim, em (8a) o constituinte com a função gramatical objeto indireto *í-ʔ-at* (3M-?-RECP) ‘a ele’ corresponde ao papel semântico de recipiente do evento ou ação expressa pelo verbo *t-a-n* (dar-EP-MI) ‘dar’; enquanto, em (8b), nessa mesma função gramatical, o constituinte *pí-ʔ-at* (2-?-DAT) ‘a você’ desempenha o papel semântico dativo do evento ou ação.

4.2. Sistema de marcação de caso

Portanto, embora muitas vezes haja coincidência entre papéis semânticos e papéis, funções ou relações gramaticais, isso nem sempre acontece. Mas, se o sistema de marca de caso não é orientado semanticamente, que orientação o guia? Os exemplos que seguem parecem ajudar a compreender melhor o problema:

- (9) a. **maɽinau** zuitʃ-a-n *ziʔin-aba*
 pajé bater-EP-MI folha-TCL:parte de
 ‘o pajé bate a folha’
- b. **zɨn-na-u** paɽai-p-a-n *pa-ɖap*
 mulher-DÊIT-PL varrer-CONT-EP-MI ANF-CL:habitação
 ‘as mulheres estão varrendo sua casa’
- (10) a. **zɨn** puɽaut-a-n zəkəp i:
 mulher perder-EP-MI roça LOC
 ‘a mulher se perdeu na roça’
- b. **paɽitʃaɽa-na-u** kunaip-a-n kaiman
 parixara-DÊIT-PL dançar-EP-MI bem
 ‘os parixaras dançam bem’

(9) e (10) ilustram, respectivamente, oração transitiva direta e oração intransitiva. Considerando com (ANDREWS, 1985, p. 71) que a ordem dos sintagmas nominais constitui uma estratégia de codificação das funções sintáticas e que, em Wapixana, esse é um dos mecanismos empregados para tal, pode-se observar em (9-10) que essa língua trata de igual modo tanto sujeito de oração transitiva, em (9), quanto sujeito de oração intransitiva, (em 10), isto é, localiza ambos na posição pré-verbal, como se pode ver nos constituintes em negrito. Diferentemente, o sintagma nominal com papel ou função de objeto direto é localizado na posição pós-verbal, como se pode observar nos constituintes em itálico em (9). Esse tratamento diferenciado envolvendo, de um lado, sujeito de oração transitiva e sujeito de oração intransitiva e, de outro lado, objeto direto é, além confirmado por marcadores de concordância, como demonstra o exemplo a seguir:

- (11) a. **wa-i-na-u** **wa-tum-a-n** paɽakaɽi
 1-?- DÊIT -PL 1-fazer-EP-MI caxiri
 ‘nós fazemos caxiri’
- b. aizɨ: wapitʃan-na-u kaiw-a-n-**iz** pa-uku-n
 hoje wapixana-DÊIT-PL usar-EP-MI-3O ANF-timbó-POSS
 ‘hoje os Wapixana usam o seu timbó’

Em (11a), o prefixo *wa-* ‘nós’ constitui marca de concordância com o sujeito *wa-i-na-u* (1-?- DÊIT -PL) ‘nós’; em (11b), o sufixo *-iz* indica a concordância com o objeto direto *pa-*

uku-n (ANF-timbó-POSS) ‘seu timbó. Considerando a noção de contínuo de controle, nos termos de Comrie (1989, p. 57), que diz respeito à gradação do controle exercido por iniciador consciente, esses marcadores de concordância também servem para, formalmente, demonstrar a dissociação entre papéis semânticos e papéis gramaticais constatada na seção anterior, como se pode observar nos exemplos a seguir:

- (12) a. *i-waut-a-n*
 3M-cair-EP-MI
 ‘ele caiu’
- b. *i-waut-kiḍ-ij̄n-a-n*
 3M-cair-CAUS-REFL-EP-MI
 ‘ele deixou-se cair’
- c. **waut-a-n-iḗ*
 cair-EP-MI-3MO
 ‘ele caiu’

(12b) ilustra construção formalmente mais marcada (há a presença do morfema causativo no verbo) que indica propósito ou controle do iniciador, isto é, o participante *í* ‘ele’ constitui, simultaneamente, o agente (ou causador) e paciente (ou afetado) da ação expressa pelo verbo. O fato de o único participante ser realizado pela forma prefixal *í* ‘ele’ que é típica de sujeito, demonstra que aqui também se dá a correlação entre o papel semântico de agente (embora *í* ‘ele’ seja também paciente, já que o verbo é reflexivo) e o papel gramatical de sujeito. (12a) ilustra construção não-marcada quanto ao grau de controle do iniciador, portanto, aqui, o único participante, necessariamente paciente, pode ser ou não agente da ação. Mais uma vez esse único participante exibe essa forma prefixal *í* ‘ele’ típica de sujeito, do que se pode deduzir que haja a correlação papel semântico de agente / papel gramatical de sujeito. (12c), entretanto, demonstra que construção deste mesmo tipo de (12a) não é permitida com o sufixo marcador de objeto direto *-iḗ* ‘o’, o que seria esperado, se houvesse a correlação entre papéis semânticos e papéis gramaticais, uma vez que o único participante é necessariamente paciente da ação expressa pelo verbo. Portanto, também formalmente, por meio dos morfemas marcadores de concordância, se pode

verificar que em Wapixana não há rigorosa correlação entre papéis semânticos e papéis gramaticais, confirmando o que foi constatado em relação aos exemplos de (6-8).

Em resumo, duas estratégias são claramente empregadas em Wapixana para a codificação das funções sintáticas: a ordem dos constituintes sujeito e objeto e os marcadores de concordância. Além disso, o sistema de marcação de caso dá um tratamento igual a sujeito de oração transitiva e sujeito de oração intransitiva em oposição ao objeto direto da oração transitiva. Utilizando a simbologia empregada por Dixon (1979, p. 61; 1987, p. 2; 1995, p. 9), pode-se dizer que o Wapixana opõe A (sujeito de oração transitiva) e S (sujeito de oração intransitiva) a O (objeto de oração transitiva), constituindo um sistema do tipo *nominativo-acusativo*. Isso significa que o sistema de marcação de caso do Wapixana é orientado pragmaticamente, nos termos de Givón (2001, p. 201). Com efeito, o Wapixana parece obedecer à *hierarquia de topicalidade de papéis semânticos* assumida por esse autor (ibid, p. 200) nos termos que seguem:

(13) Agt > Dat/Ben > Pat > Loc > others

A hierarquia em (13) prevê que o papel semântico de agente é mais topical que o papel semântico de dativo ou benefactivo, estes são mais topicais que o papel semântico de paciente, este mais topical que o de locativo que, finalmente, sobrepõe-se em topicalidade a outros papéis semânticos. A obediência à hierarquia por seus três primeiros constituintes pode ser ilustrada por exemplos como os que seguem:

- (14) a. **i-ɽi** kizɽit-a-n zɽamaka
 3M-M rasgar-EP-MI rede
 ‘ele rasgou a rede’
- b. **zɽamaka** kizɽit-a-n
 rede rasgar-EP-MI
 ‘a rede rasgou’
- c. **ũ-ka-idj-wa-t-ka-ʔu** tapiʔ-iz ʃi:n id
 1-AT-POSS- DÊIT -dar-PASS-ADJR boi- TCL:não discreto bobó POSS
 ‘deram-me bobó de boi’

Em (14a), o constituinte com papel semântico de agente *í-ŋí* (3M-M) ‘ele’ tem prioridade topical sobre o constituinte com papel semântico de paciente *z̄amaka* ‘rede’, razão por que *í-ŋí* (3M-M) ‘ele’ exibe a função ou relação de sujeito, que é considerada como tópico principal; em (14b), não há constituinte com papel semântico de agente, mas há um constituinte com o papel semântico de paciente *z̄amaka* ‘rede’, assim, a ele cabe a função de sujeito; finalmente, (14c) que é uma sentença passiva, logo, também não traz constituinte com papel de agente, mas dois constituintes: um com papel semântico de recipiente (ou dativo) *ĩ-* ‘eu’ e outro com papel semântico de paciente *tapi?-iz̄ fi:n id̄i* (boi-TCL:não discreto bobó POSS) ‘bobó de boi’, também atende à hierarquia, pois promove o primeiro desses constituintes (recipiente ou dativo) à função ou relação gramatical de sujeito.

4.2.1 Papéis (funções) ou relações gramaticais

Do exposto acerca do sistema de marcação de caso na seção anterior, depreende-se que sujeito (A ou S) e objeto (O) são típicas funções gramaticais no sentido de que diferem formalmente, semanticamente e sintaticamente de outras funções gramaticais (ANDREWS, 1985, p. 81). Do ponto de vista formal, constituem-se de sintagmas nominais que não são marcados por posposições, em oposição a outras funções que em regra o são. Do ponto de vista semântico, embora muitas vezes coincidam com certos papéis semânticos, não mantêm um vínculo absoluto com tais papéis, como exemplificado por (6-7) acima. Do ponto de vista sintático, tendem a funcionar em termos de específicas relações gramaticais, mais abstratamente, como demonstra o fato de que são determinantes para o sistema de marcação de caso, quer pela simples distribuição ou ordem em que ocorrem na sentença simples ou oração, quer pela relação que estabelecem com marcadores morfológicos de concordância presente no verbo ou predicado.

Por outro lado, a função gramatical de objeto indireto formalmente distancie-se das funções gramaticais de sujeito e de objeto direto, uma vez que é marcada por posposição e o emprego de posposição como marcador gramatical é visto com reservas, pois não há um

vínculo um-para-um entre marcador gramatical e papel semântico (PALMER, 1994, p. 8), como demonstrado pelos exemplos que seguem:

- (15) a. u-ɾu pa-(a)ɾa-d-a-n i-ɾi at
 3F-F falar-CL:fala-VR-EP-MI 3M-M DAT
 ‘ela falou para ele’
- b. ũ-tum-a-n-ni: sumaɾa pi-ʔ-at
 1-fazer-EP-MI-NPRES arco 2-ʔ- BEN
 ‘vou fazer um arco para ti’

Em (15), a mesma posposição *at* é empregada para registrar papéis semânticos distintos. (15a) apresenta o papel semântico dativo e (15b) exhibe o papel semântico benefactivo. Em função disso, Palmer (ibid.) trata constituintes marcados por preposições (aqui posposições) como papéis gramaticais periféricos.

Todavia, do ponto de vista semântico e do ponto de vista sintático, a função de objeto indireto parece apresentar comportamento similar às funções de sujeito e de objeto direto. Semanticamente, como demonstrado pelos exemplos em (8) acima, não mantém vínculo estrito com papéis semânticos. Do ponto de vista sintático, a função de objeto indireto também se inclina ao comportamento de relação gramatical, o que é demonstrado por ela estar envolvida na distinção entre sentenças transitivas e intransitivas (apresentadas adiante) e poder ser envolvida em processo de promoção, como ocorre com o exemplo de (14c) acima. Considerando essas duas propriedades, neste trabalho eu assumo que em Wapixana a função de objeto indireto comporta-se de forma similar às funções de sujeito e de objeto direto, considerando todas como funções *nucleares* em oposição às funções *obliquas*, nos termos de Andrews (ibid.).

Quanto à distribuição na sentença simples ou oração declarativa, o papel ou função gramatical de objeto indireto situa-se, regularmente, após o constituinte objeto direto, quando este estiver presente, ou imediatamente após o verbo (variações nessa ordem parecem de natureza pragmática). Como observado acima, a distribuição peculiar do sujeito e do objeto, em conjunto com seus respectivos marcadores de concordância opcionais, permite a identificação dessas relações gramaticais. A função gramatical objeto indireto

também pode ser identificada pela ordem básica que ocupa, mas possui como principal marca a presença obrigatória da posposição, como demonstra o exemplo:

- (16) a. u-ɾu t-a-n paɾakaɾi i-ʔ-at
 3F-F dar-EP-MI caxiri 3M-ʔ-RECP
 ‘ela deu caxiri a ele’
- b. ũ-tanaut-iɲ-a-n-ni: piɣaɾi at
 1-voltar-REFL-EP-MI-NPRES 2 DAT
 ‘vou voltar-me para você’

Em (16a), o constituinte objeto indireto *i-ʔ-at* (3M-ʔ-RECP) ‘a ele’ encontra-se logo após o constituinte objeto direto *paɾakaɾi* ‘caxiri’ que aí se faz presente; diferentemente, por outro lado, no exemplo de (16b), em que o constituinte objeto direto não ocorre, o constituinte objeto indireto localiza-se imediatamente após o verbo. Em ambos (16a) e (16b) o constituinte objeto indireto traz a posposição (em negrito) que é marca obrigatória desse constituinte.

Quanto às funções oblíquas, a característica mais marcante que as distingue das funções de sujeito, objeto direto e indireto (nucleares) diz respeito a sua estrita correspondência com papéis semânticos, pois, como afirmado acima, as funções sujeito, objeto direto e objeto indireto têm como traço característico a inclinação para relações gramaticais que são mais abstratas, distanciando-se, assim, da vinculação rigorosa com papéis semânticos. Os exemplos a seguir, em que os sintagmas oblíquos encontram-se em negrito, destacam essa característica desse tipo de função:

- (17) a. i-ɾi tikp-a-n baiɾi-j **maunap u-ɟazbaʔa**
 3M-M ver-EP-MI flecha-NPOSS perto 3F-LOC
 ‘ele viu uma flecha perto dela’
- b. u-ɾu tʃik-a-n kamitʃ **i-ʔ-at**
 3F-F lavar-EP-MI roupa 3M-ʔ-BEN
 ‘ela lavou roupa para ele’
- c. u-ɾu zuit-a-n mut **u-kiɟi-b** **iɟi**
 3F-F bater-EP-MI cabaça 3F-pé-TCL:parte de INST
 ‘ela bateu na cabaça com o pé’

(17a) ilustra sintagma oblíquo que corresponde ao papel semântico locativo; (17b) ilustra sintagma oblíquo correspondente ao papel semântico benefativo; e, finalmente, (17c) ilustra sintagma com função oblíqua vinculada ao papel semântico instrumental.

4.3. Ordem dos constituintes na sentença simples ou oração

Tomando como parâmetro a ordem relativa dos três principais constituintes da oração ou sentença simples declarativa transitiva (sujeito, verbo e objeto), sendo sujeito e objeto realizados como sintagmas plenos, Greenberg (1966, p. 76) reconhece seis diferentes potencialmente possíveis tipos de ordem dos constituintes (ou das palavras, em seus termos) na oração: SVO, SOV, VSO, VOS, OSV e OVS, dos quais, considera como mais comuns os três primeiros e, como não ocorrendo realmente ou raramente, os três últimos. Disso extrai seu primeiro universal: “*In declarative sentences with nominal subject and object, the dominant order is almost always one in which the subject precedes the object*”, que reflete a posição relativa do verbo nos três tipos mais comuns: VSO, SVO e SOV que esse autor simboliza, respectivamente, como tipo I, II e III.

Embora Greenberg (ibid.) tenha sido cauteloso em relação à ocorrência dos outros três tipos de ordem de constituintes (VOS, OSV e OVS), trabalhos mais recentes apontam, ainda que mais raramente, sua realização nas línguas naturais; veja-se, por exemplo, Comrie (1989, p. 87).

Dentre outras propostas de ordem dos principais constituintes da oração que ocorreram a partir do trabalho de Greenberg acima citado, Dryer (1997, p. 69) propõe uma tipologia baseada em dois parâmetros binários OV vs. VO e SV vs. VS. Esses dois parâmetros determinam quatro tipos tipológicos distintos: VS&VO, SV&VO, SV&OV e VS&OV. Ainda que não precisamente, conforme este autor, há correspondências entre esses tipos por ele propostos e aqueles de Greenberg: o primeiro deles (ou *verb-initial*) corresponde aos tipos VSO e VOS; o segundo, ao tipo SVO; o terceiro (ou *verb-final*), aos tipos SOV e OSV; e o último, ao tipo OVS. Dentre os argumentos que Dryer (ibid.) apresenta em prol de sua tipologia, encontram-se: a identidade de propriedades entre os seis pares de tipos de Greenberg por ele reunidos em apenas dois tipos; a ineficácia da tipologia de “seis-tipos” na classificação de algumas línguas; e o fato de a tipologia de “seis-tipos”

basear-se apenas na oração transitiva, que é menos freqüente, excluindo a oração intransitiva que, segundo ele, é muito mais comum.

As análises da ordem básica dos três principais constituintes (sujeito, verbo, objeto direto) da oração wapixana à luz dessas duas tipologias não apresentam diferenças significativas, como se pode observar nos exemplos que seguem:

- (18) a. zɨn tikp-a-n kuazaʒa (SVO)
mulher ver-EP-MI cobra
'a mulher viu a cobra'
- b. ipai zɨn-na-u kinuii-t-iɲ-a-n (SV)
todo mulher- DÊIT -PL canção-VR-REFL-EP-MI
'todas as mulheres estão cantando'
- (19) a. ũ-ɖaɽi taʔap-a-n ũgaɽi (SVO)
1-pai cuidar-EP-MI 1
'meu pai cuidou de mim'
- b. ũ-paunaɽi-z, ka:w-a-n kanap at (SV)
1-amigo-POSS chegar-EP-MI frente LOC
'meu amigo chegou diante de mim'
- (20) a. bai tum-a-n pa-zakap-a-n tibaɽi-ʔu (SVO)
pato fazer-EP-MI REFL-roça-EP-POSS grande-ADJR
'o pato fez sua roça grande'
- b. tinaɽi-na-u waut-a-n win bauku i: (SV)
velho- DÊIT -PL cair-EP-MI água meio LOC
'o velho caiu dentro d'água'
- (21) a. wa-i-na-u wa-tum-a-n paɽakaɽi (SVO)
1-?- DÊIT -PL 1-fazer-EP-MI caxiri
'nós fazemos caxiri'
- b. maɽinau kinui-t-iɲ-a-n kaiman (SV)
pajé canção-VR-REFL-EP-MI bem
'o pajé canta bem'

(18) ilustra exemplos de sentenças simples eliciadas; (19) ilustra sentenças colhidas de textos de relatos do cotidiano; (20) ilustra exemplos de sentenças colhidas de lendas; e (21) ilustra sentenças contidas em textos de procedimentos de como fazer 'caxiri' e de como o pajé processa a cura. (18a-21a) ilustram sentenças transitivas e (18b-21b) ilustram

sentenças intransitivas. Portanto, tanto em sentenças oriundas de material eliciado, como os de (18), quanto em textos de gêneros diversos como os de (19-21), a ordem básica exibida em sua esmagadora maioria corresponde, na tipologia de Greenberg (ibid.), a SVO, em orações transitivas e SV, em orações intransitivas; enquanto, na tipologia de Dryer (ibid.), correspondem ao tipo SV&VO. Note-se que essa constatação atende à sugestão de Dryer (ibid., 72) de que a ordem básica deve ser observada não apenas em sentenças transitivas mas também em sentenças intransitivas e que, quantitativamente, a ordem básica deve predominar em termos de dois por um do total das sentenças. Tal ordem pode variar com o deslocamento à esquerda do sintagma nominal objeto por questões de ordem pragmática, como ocorre na sentença seguinte, em que a falante quer enfatizar esse constituinte:

- (22) *ũ-da-ɽi, kaɽaiwa-na-u kabuʔut-a-n ɽi-ʔ-iki*
 1-gênese-M branco-DÊIT-PL botar-EP-MI DÊIT-ʔ-EL
 ‘meu pai, os brancos o puseram fora de lá’

Em (22), o constituinte objeto direto *ũ-da-ɽi* (1-gênesei-M) ‘meu pai’ encontra-se deslocado à esquerda por motivo de ênfase. A sentença foi extraída de um texto em que a falante relata fragmentos de sua vida nos quais se percebe a importância por ela nutrida à figura paterna. Portanto, em situações desse tipo, de cunho pragmático, a ordem pode ser alterada, gerando o tipo OSV, entretanto, tal construção não deve ser considerada em termos de tipo básico, uma vez que se trata de uma construção marcada. Todavia, ainda para esse tipo de construção, por vezes o falante lança mão de recursos que apontam para o apego à ordem básica, como se pode observar na sentença final de um texto, em que essa mesma falante ensina como fazer caxiri:

- (23) *ipai, wa-tum-a-n aimaakan*
 tudo 1PL-fazer-EP-MI coisa
 ‘tudo, nós fazemos’ (lit.: tudo, nós fazemos coisa’

Em (23), o constituinte objeto direto *ipai* ‘tudo’ encontra-se deslocado à esquerda, tal como em (22), por motivo de ênfase. Aqui, entretanto, a falante utiliza um indefinido, *aimaakan* ‘coisa’ para marcar a posição própria do objeto direto deslocado. Mecanismos como esse,

provavelmente, constituem o que Comrie (1989, p. 26) considera explanação funcional, uma vez que propicia recuperar um conteúdo semântico da estrutura sintática anteriormente expresso, tornando mais eficiente a comunicação.

Alguns correlatos estão em acordo com essa constatação de que a ordem dos constituintes na sentença simples declarativa do Wapixana é SVO (nos termos de Greenberg (1966), ou SV&VO ou simplesmente VO, nos termos de Dryer (1992; 1997). Isso ocorre, por exemplo, com o Universal 6 de Greenberg (ibid., p. 79), cujo teor observa que a ordem VSO tem como possível ordem alternativa SVO. Esse fato pode ser observado em relação às sentenças simples declarativas envolvendo o existencial *kaiɲa:* em Wapixana, como demonstrado pelos exemplos que seguem:

- (24) a. **kaiɲa:** kuɽaiɖjauna: ɖjsuɖi-ʔu i-kiɖi-b
 EXIST criança pequeno-ADJR 3M-pé-TCL:parte de
 ‘criança tem pé pequeno’
- b. kuɽaiɖjauna: **kaiɲa:** ɖjsuɖi-ʔu i-kiɖi-b
 criança EXIST pequeno-ADJR 3M-pé-TCL:parte de
 ‘criança tem pé pequeno’

Em (24a), o existencial ocorre na posição inicial, logo, tem-se a ordem VSO; enquanto, em (24b), ele ocorre na segunda posição, de forma que a ordem é SVO. Isso, portanto, exemplifica que, ao menos nesse tipo de construção, há a possibilidade do emprego alternante da ordem VSO em lugar da ordem SVO.

O correlato sugerido por Greenberg (ibid., p. 77) de que línguas do tipo II, isto é SVO, inclinam-se para o emprego da ordem nome-adjetivo no interior do sintagma nominal não se confirma em Wapixana, como demonstrado pelos exemplos que seguem:

- (25) a. waɽu kaiɲa: [**i-bazi iɖaɽi-ʔu**]
 papagaio EXIST 3M-unha grande-ADJR
 ‘papagaio tem unha grande’
- b. tuminaɽi kaiɲa: [**puɖiɖi-ʔu i-zuai-ɖi**]
 jovem EXIST preto-ADJR 3M-cabeça-TCL:fino/linear
 ‘moço tem cabelo preto’

(25) demonstra que a ordem no interior do sintagma nominal é relativamente livre em Wapixana, com aparente leve tendência, talvez, para a seqüência núcleo modificado-modificador. (25a) ilustra sintagma nominal cujo núcleo nominal precede o adjetivo modificador; enquanto (25b) ilustra sintagma nominal em que o adjetivo é que precede o núcleo nominal. Embora esse fato contrarie a correlação sugerida por Greenberg entre ordem dos constituintes do sintagma e ordem dos principais constituintes na oração, o fato de o sintagma exibir liberdade na ordem de seus constituintes está em acordo com o Universal 19 desse autor (ibid., p. 87) que prevê maior liberdade para sintagma cuja ordem mais comum é nome-adjetivo. Ressalve-se também que, conforme Dryer (1992, p. 95), não há evidência de que, realmente, haja correlação entre ordem dos constituintes maiores na sentença e ordem entre substantivo e adjetivo no sintagma.

Outra correlação estabelecida diz respeito à ordem entre os constituintes maiores da sentença e a ordem entre o nome modificado e a oração relativa que o modifica. Conforme esse parâmetro, línguas VO apresentam uma forte tendência para a ordem nome-relativa Dryer (ibid., p. 86). Tal correlação é plenamente satisfeita pelo Wapixana, como demonstram os exemplos que seguem:

- (26) a. kuazaza [aʔut-aʔuʔa-zɛ ũgaʔi] iɖaʔi-ʔu
 cobra morder-INDEF-REL 1 grande-ADJR
 ‘a cobra que me mordeu era grande’
- b. piɖian zuia-n aʔimaʔaka [aʔut-aʔuʔa-zɛ kuʔaiɖiauna:]
 alguém matar-MI cachorro morder-INDEF-REL criança
 ‘alguém matou o cachorro que mordeu a criança’

Em (26), tanto o sintagma envolvendo relativa que se encontra em posição de sujeito em (26a) quanto o que envolve relativa em posição de complemento em (26b) exibem a ordem núcleo-relativa, fato que é constante na língua e que confirma essa tendência das línguas VO.

Considerando que línguas SVO têm mais estreita relação com línguas VSO (ambas são verbo-inicial) do que com línguas SOV (línguas verbo-final), pode-se dizer que o Wapixana, de alguma forma, contraria o Universal 3: “*Languages with dominant VSO order are always prepositional*” (GREENBERG, 1966, p. 78) e a afirmação: “*OV*

languages tend to be postpositional while VO languages tend to be prepositional” (DRYER, 1992, p. 83). Em acordo com que, línguas como o Wapixana que são do tipo VO inclinam-se ao emprego de preposições em vez de posposições; mas, como se pode observar nos exemplos que seguem, essa língua comporta-se exatamente de forma contrária:

- (27) a. *i-ɖa-j-a-ɽu* *naʔak-a-n* *pa-ɖa-ɽu* *ʒakap ití*
 3M-gênese-NPOSS-EP-F levar-EP-MI REFL-gênese-F roça ALL
 ‘a esposa dele levou sua mãe para a roça’
- b. *ũ-kaʔi-ɖ-ij̃n-a-n* *ũ-ɖa-ɽi* ***t̃im***
 1-mão-VR-REFL-EP-MI 1-gênese-M COM
 ‘eu trabalhei com meu pai’

(27) ilustra o fato de que o Wapixana emprega posposições, não preposições. Em (27a), ocorre o emprego da posposição *ití* ‘para’; enquanto, (27b) ilustra o emprego da posposição *t̃im* ‘com’. Portanto, contrariando a tendência geral, o Wapixana, que é uma língua VO, emprega posposições e não preposições. Todavia, esse não deve ser considerado um forte desvio, pois, como afirma Dryer (ibid., p. 85) em nota de rodapé, o número de línguas VO&Prep supera o número de línguas VOposp no grupo da América do Sul em apenas um, conforme seus dados estatísticos. Portanto, línguas VO posposicionais e preposicionais estão quase em equilíbrio em tal genera⁴¹.

Quanto ao correlato relacionado à ordem relativa dos constituintes na construção possessiva (ou genitiva) cujo teor no Universal 2 de Greenberg (ibid.) prevê a inclinação para a ordem genitivo-nome entre as línguas posposicionais, também contra essa tendência os dados do Wapixana depõem, ao menos em parte, como se pode ver nos exemplos:

- (28) a. *pí-saiɽu-n*
 2-rede de pesca-POSS
 ‘tua rede de pesca’
- b. *aɽimaɽaka ũ-id-wa-i*
 cachorro 1-POSS-DÊIT-PTT
 ‘o cachorro é meu’

⁴¹ Genera, conforme Dryer (ibid., p. 84), são grupos de línguas com similaridade genética inquestionável.

- c. i-ɾi i-aiap wa-ʔ-ai baɾu
 3M-M 3M-precisar 2PL-ʔ-POSS machado
 ‘ele precisa do nosso machado’

(28a-b) ilustram os casos mais freqüentes de expressão de posse em Wapixana. (28a) que é a construção de posse mais comum obedece à ordem nome-genitivo, ordem essa que também é seguida pelo tipo de construção possessiva em (28b), envolvendo o complexo possessivo *ũ-idi-wa-i* (1-POSS-DÊIT-PTT) literalmente: ‘o que faz parte de mim’. A construção de (28c), mais rara, apresenta a ordem inversa, isto é, genitivo-nome. Note-se que em (28b-c) a posse não é expressa pelos marcadores típicos de posse, mas por meio de posposição *idi* para (28b) e *ai* para (28c). Como se observa nos dados, o Wapixana inclina-se para o emprego da ordem nome-genitivo em vez da ordem genitivo-nome sugerida por Greenberg. Também esse desvio não deve ser considerado forte, considerando a constatação de Dryer (ibid., p. 91), segundo a qual, a ordem nome-genitivo é a preferida entre as línguas VO, inclusive, com larga diferença em relação à ordem inversa no que diz respeito às línguas da América do Sul.

Em síntese, há correlatos que confirmam a ordem básica (S)VO para o Wapixana, tais como: a maior aproximação de línguas VSO e a ordem de construções envolvendo orações relativas. Também há correlatos que contrariam a caracterização do Wapixana como exibindo essa ordem básica; mas, nesse caso, há sempre um fator atenuante do desvio. Diante disso e, especialmente, considerando que a grande maioria dos dados analisados, eliciados ou não, apresentam a ordem (S)VO, torna-se legítimo considerar essa ordem como básica. Acrescente-se, finalmente, que essa foi a ordem sugerida como básica por outros trabalhos acerca da língua Wapixana (FARABEE, 1918, p. 191; TRACY, 1974, p. 121; CADETE, 1990, p. 13).

4.4. Tipos de sentença

O agrupamento de sentenças em classes aqui estabelecido segue a seguinte ordem de exposição (que é baseada nos princípios adotados para cada tipo de subclassificação): conforme o tipo de verbo ou predicado envolvido, em (4.4.1); segundo sua função

comunicativa ou ato de fala, em (4.4.2); e com base em sua complexidade estrutural, em (4.4.3).

4.4.1. Tipos de sentença conforme o predicado envolvido

As sentenças do Wapixana podem ser agrupadas em classes distintas em acordo com os tipos de verbos (predicados) analisados em (3.1.2.1). A primeira divisão feita é entre predicados verbais, analisados a seguir em (4.4.1.1), e predicados não-verbais, analisados em (4.4.1.2).

4.4.1.1. Sentenças verbais

Se o predicado é verbal, essa classificação com base no predicado resulta em sentenças transitivas (4.4.1.1.1), intransitivas (4.4.1.1.2), existenciais (4.4.1.1.3) e possessivas (4.4.1.1.4).

4.4.1.1.1. Sentença transitiva

Sentenças transitivas são aquelas que envolvem um verbo transitivo. Tais sentenças podem ser subdivididas, conforme o tipo de complemento admitido pelo verbo, em transitiva direta, transitiva indireta e bitransitiva. Sentença *transitiva direta* é aquela cujo verbo admite como complemento um sintagma nominal (objeto direto), como demonstram os exemplos que seguem:

- (29) a. ũ-tuʕi-ni: **putaʕi paʕiʒa-ʔu**
 1-comprar-NPRES forno novo-ADJR
 ‘eu comprei um forno novo’
- b. kaimena-ʔu pi-naʔak-a-n **i-ɖuʕuna:**
 bem-ADJR 2-levar-EP-MI 3M-alma
 ‘é bom levar a alma’

Cada uma das sentenças em (29a-b) tem como único complemento um sintagma nominal, que aí aparece em negrito, portanto são sentenças transitivas diretas. Observe-se que, nessas sentenças, os sintagmas nominais objetos ocorrem em suas posições básicas, isto é, imediatamente após o núcleo verbal, conforme analisado em (4.3), por ocasião do estudo da ordem dos constituintes. Esse é um fato relevante porque constitui, talvez, o principal mecanismo de marcação de caso na língua, uma vez que os marcadores de concordância, que constituem o outro tipo de marca de caso, são opcionais. Todavia, como foi ali mencionado, por questões de ênfase, o sintagma nominal objeto direto pode ser deslocado para a posição inicial, como demonstrado pelo exemplo (22), abaixo repetido por motivo de comodidade:

- (30) ũ-da-ɾi, kaɾaiwa-na-u kabuʔut-a-n ɖi-ʔ-iki
 1-gênese-M branco-DÊIT-PL botar-EP-MI DÊIT-?-EL
 ‘meu pai, os brancos o puseram fora de lá’

Sentença *transitiva indireta* é aquela cujo verbo admite como complemento um sintagma nominal posicionado (o objeto indireto), como demonstram os exemplos que seguem:

- (31) a. u-ɾu pa-(a)ɾa-d-a-n **i-ɾi at**
 3F-F falar-CL:fala-VR-EP-MI 3M-M DAT
 ‘ela falou para ele’
 b. ũ-tanaut-ijn-a-n-ni: **pigaɾi at**
 1-voltar-REFL-EP-MI-NPRES 2 DAT
 ‘vou voltar-me para você’

Cada uma das sentenças em (31a-b) tem como único complemento um sintagma nominal posicionado, que aí aparece em negrito, portanto são sentenças transitivas indiretas. Nessas sentenças, os sintagmas nominais posicionados que constituem o objeto indireto ocorrem em suas posições básicas, isto é, imediatamente após o núcleo verbal.

Sentença *bitransitiva* ou *transitiva direta e indireta* é aquela que admite dois complementos: um em forma de sintagma nominal (objeto direto) e outro constituído de um sintagma nominal posicionado (objeto indireto), como nos exemplos a seguir:

- (32) a. ũgaʔi t-a-n-ni: **si-iz-na-u** **i-na-u** **at**
 1 dar-EP-MI-NPRES banana-TCL:não discreto-DÊIT-PL 3-DÊIT-PL RECP
 ‘eu vou dar bananas para eles’
- b. ũ-aiɖi-a-n-ni: **ɖin-apu-ʔi** **pi-ʔ-at**
 1-mostrar-EP-MI-NPRES caminho-TCL:extensão-TCL:PTT 2-?-DAT
 ‘eu vou mostrar o caminho a você’

Ambas as sentenças em (32) apresentam dois argumentos requisitados pelo verbo (em negrito). Aí também a ordem obedecida é a padrão, isto é, o sintagma nominal objeto direto localiza-se imediatamente após o verbo e imediatamente antes do sintagma nominal posposicionado que constitui o objeto indireto.

4.4.1.1.2. Sentença intransitiva

Sentença *intransitiva* é aquela cujo verbo é monovalente, isto é, não requer complemento, admitindo apenas um argumento (sujeito), como demonstram os exemplos que seguem:

- (33) a. **maɕinau** kinii-t-iɲ-a-n
 pajé canção-VR-REFL-EP-MI
 ‘o pajé está cantando’
- b. **paɕitʃaɕa-na-u** kunaip-a-n kaiman
 parixara-DÊIT-PL dançar-EP-MI bem
 ‘os parixaras dançam bem’

Os verbos das sentenças em (33) não requerem qualquer complemento, de forma que cada sentença exibe apenas o argumento sujeito (em negrito). Nessas sentenças os sintagmas nominais que constituem sujeito encontram-se em sua posição básica, isto é, imediatamente precedem o verbo, como analisado em (4.3), por ocasião do estudo da ordem dos constituintes.

4.4.1.1.3. Sentença existencial

Sentença existencial é aquela que é construída com o existencial *kaiɲa*: expressando “existência”, como nos exemplos que seguem:

- (34) a. *kaiɲa: iʔib w-iz aukaz i:*
 EXIST muito estrela-TCL:não discreto céu LOC
 ‘tem muitas estrelas no céu’
- b. *waikanʔan kaiɲa:-ni: winip-a-j*
 amanhã EXIST NPRES pagamento-EP-NPOSS
 ‘amanhã vai ter pagamento’
- c. *aɾimaɾaka kaiɲa: kabain baɾai i:*
 cachorro EXIST casa atrás LOC
 ‘o cachorro está atrás da casa’

Nesse tipo de construção, a ordem básica é aquela em (34a-b), isto é, o existencial precede o único argumento. Mais raramente ocorre a ordem em (34c), com o existencial ocorrendo após seu argumento. Conforme Givón (2001a, p. 191), o único argumento que ocorre nesse tipo de construção não é prototípico, quer dizer, não reúne as características típicas da função gramatical de sujeito. Em Wapixana, não parece haver marcas evidentes que permitam observar o comportamento sintático do argumento presente nesse tipo de construção, porém, o fato de que ele não segue a ordem básica SV (sujeito-verbo), mas VS (verbo-sujeito) parece indicar seu caráter não-prototípico, uma vez que a ordem constitui uma estratégia de codificação das funções sintáticas nessa língua.

O existencial *kaiɲa*: é também bastante empregado em *sentenças de apresentação*, como se pode observar nos exemplos seguintes que foram extraídos de duas narrativas:

- (35) a. *kutiʔa:na:, kaiɲa: piɟian i-ʔ-i: quid...*
 antigamente EXIST pessoa 3M-?-nome doido
 ‘antigamente, havia uma pessoa cujo nome era doido...’
- b. *kutiʔa:na: zi: kaiɲa: ɟi-aʔi-ta-m ɟaunaiuɾ-a-na-u i-i:*
 antigamente ainda EXIST dois-mão-gênese-? homem-EP-DÊIT-PL 3PL-nome
iɟaɾi-ʔu ɟaunaiuɾ naʔik ɟisuɟi-ʔu ɟaunaiuɾ...
 grande-ADJR homem e pequeno-ADJR homem
 ‘ainda antigamente, havia dois homens cujos nomes eram: homem grande e homem pequeno’

(35) apresenta sentenças com o existencial *kajna:* empregado com função de apresentação, o que é bastante comum em início de narrativas. Em ambos os exemplos, as sentenças com o existencial apresentam as personagens principais das narrativas a serem desenvolvidas: *q̄uiq̄* ‘doido’ em (35a) e *q̄iaʔitam q̄aunaiuʔanau* ‘dois homens’ em (35b).

4.4.1.1.4. Sentença possessiva

A sentença verbal possessiva é também construída tendo como predicado o existencial *kajna:*. A razão para seu tratamento em separado diz respeito não apenas ao conteúdo semântico (*existencial* propriamente dito refere a “existência”; *possessivo*, a “posse”), mas também a seu comportamento sintático. Abaixo, seguem exemplos de sentença possessiva para análise:

- (36) a. pakizu kajna: **baʔaka-ʔu i-kawaʔu-n**
 vaqueiro EXIST branco-ADJR 3M-cavalo-POSS
 ‘o vaqueiro tem cavalo branco’
- b. kuazaʔa kajna: **i-uʔaʔi-n**
 cobra EXIST 3-veneno-POSS
 ‘a cobra tem veneno’

Os exemplos em (36) apontam duas diferenças de comportamento sintático entre essas sentenças possessivas e aquelas sentenças tipicamente existenciais ilustradas em (34-35) imediatamente acima. A primeira diz respeito ao fato de que nas sentenças possessivas em (36) o existencial *kajna:* exibe dois sintagmas nominais argumentos: o sujeito (possuidor) e o objeto direto (possuído), enquanto nas sentenças de (34-35) ele apresenta apenas um argumento. A segunda está relacionada ao fato de que nessa construção possessiva de (36) a ordem básica dos constituintes maiores da sentença simples (oração) é respeitada, portanto tem-se a ordem SVO, típica de construções transitivas diretas; enquanto, em (34-35), a ordem dos constituintes maiores não é seguida, tendo-se a ordem VS, quando a ordem básica para sentenças com apenas um argumento é SV. Isso leva a supor que o argumento de sentenças como as de (34-35) é antes um complemento verbal que um sujeito, já que a ordem dos termos constitui estratégia de codificação das funções sintáticas

em Wapixana. Em síntese, sentença verbal possessiva é aquela construída com o existencial *kajna*: que, do ponto de vista semântico expressa um estado “posse” (GIVÓN, 2001, p. 134) e, do ponto de vista sintático, leva dois argumentos representados por sintagmas nominais: um sujeito (possuidor) e um objeto direto (possuído).

4.4.1.2. Sentenças não-verbais

Sentenças não-verbais são aquelas constituídas por um sintagma nominal seguido por outro sintagma não-verbal (normalmente adjetival) que estabelecem uma relação típica sujeito-predicado, em que o primeiro comporta-se como sujeito e o segundo comporta-se como predicado, recebendo, inclusive, o afixo de modo indicativo, como nos seguintes exemplos:

- (37) a. kuṛaiḍjauna: **kunaiki-a-n**
 criança alegre-EP-MI
 ‘criança está alegre’
- b. wiṛi: aka-j **au-na uzka-n**
 PROX fruta-NPOSS NEG-DÊIT maduro-MI
 ‘esta fruta não está madura’

Em (37), os constituintes da segunda posição (em negrito) são típicos adjetivos que nesse tipo de construção assumem o papel de predicado (expressando alguma atributo ou qualidade semântica ao membro da primeira posição), mediante a afixação do morfema de modo indicativo. A razão para essas sentenças serem aqui assumidas como não-verbais repousa no fato de que, normalmente, a passagem de um membro de uma outra classe gramatical para a classe de verbo requer a afixação de algum verbalizador e, como se observa nesses exemplos, o adjetivo não porta qualquer verbalizador, mas apenas o morfema de indicativo.

Outro caso de sentença não-verbal expressa posse e não traz o morfema de modo indicativo, mas um complexo possessivo que parece ser o marcador do caráter de predicado do segundo constituinte, como demonstram os exemplos seguintes:

- (38) a. wiʔi: sumaʔa **pidʒian idʒi-wa-ʔi**
 PROX arco alguém POSS-DÊIT-PTT
 ‘este arco é de alguém’
- b. wiʔi: samp **pi-ɖa-ʔu idʒi-wa-ʔi**
 PROX enxada 2-gênese-F POSS-DÊIT-PTT
 ‘esta enxada é de tua mãe’

Em (38), o segundo constituinte, que desempenha a função de predicado (em negrito), traz como constituinte o complexo indicador de posse *idʒi-wa-ʔi* (POSS-DÊIT-PTT), que pode ser traduzido como ‘posse de X’ (em que X corresponde ao elemento que imediatamente o precede e com o qual ele se articula), indicando que o constituinte que integra é possuidor da entidade referida pelo primeiro constituinte (sujeito).

4.4.2. Principais tipos de sentença segundo seu uso (atos de fala)

Restrinjo-me, nesta seção, aos principais tipos de sentenças normalmente encontrados translingüísticamente que estão também presentes no Wapixana: sentenças declarativas, sentenças interrogativas e sentenças imperativas. Como uma forma de facilitar a exposição, dado o estágio incipiente dos estudos sobre essa língua e ainda mais acerca desse tema, limito-me a uma definição de tipo de sentença que vincula o uso ao seu reflexo na gramática, portanto, tipo de sentença aqui diz respeito à “... coincidence of grammatical structure and conventional conversational use” (SADOCK & ZWICKY, 1985, p. 153). A exposição dos assuntos obedece à seguinte ordem: em (4.4.2.1) analiso a sentença declarativa, em (4.4.2.2), a sentença interrogativa e, em (4.4.2.3), a sentença imperativa.

4.4.2.1. Sentença declarativa

Sentenças declarativas são aquelas que expressam julgamento acerca do valor de verdade do que é expresso: se real ou falso. Em Wapixana, sentenças declarativas constituem, como em muitas línguas, o tipo *não-marcado*, isto é, corresponde à forma mais básica de sentença empregada na língua. Isso pode ser observado pelo fato de que as sentenças declarativas apresentam formas idênticas àquelas que ocorrem em sentenças dependentes (ibid, p. 165), como se pode observar nos exemplos abaixo:

- (39) a. kuazaḻa aḻut-ni: aḻimaḻaka
 cobra morder-MI cachorro
 ‘a cobra mordeu o cachorro’
- b. kuazaḻa [aḻut-aḻuḻa-zḻ ũḻaḻi] iḻaḻi-ḻu
 cobra morder-INDEF-REL 1 grande-ADJR
 ‘a cobra que me mordeu era grande’
- (40) a. kupai ḻamt-a-n-na: i-kubawa-zḻ
 peixe pegar-EP-MI-IMM 3M-anzol-POSS
 ‘o peixe já pegou o anzol dele’
- b. puata aitḻap [wiḻi: ḻ-ḻamt-a-zḻ-n-izḻ paigaḻi]
 macaco perceber que 3PL-pegar-EP-DES-MI-3MO ANF
 ‘o macaco percebeu que eles queriam pegá-lo’
- (41) a. i-na-u kau-kiḻ-a-n-ni: pi-ḻipizḻ
 3PL-DÊIT-PL chegar-CAUS-EP-MI-NPRES 2-carne moqueada
 ‘eles vão trazer tua carne moqueada’
- b. [i-na-u kau-kiḻ-a-n ḻun kan-izḻ]
 3PL-DÊIT-PL chegar-CAUS-EP-MI ADVR mandioca-TCL:não discreto
 ũ-tum-a-n-ni: paḻakaḻi
 1-fazer-EP-MI-NPRES caxiri
 ‘quando vocês trouxerem mandioca, eu farei caxiri’

(39-41a) ilustram sentenças simples transitivas cuja ordem básica é SVO. (39-41b) apresentam sentenças complexas cujas orações subordinadas (entre colchetes), respectivamente, adjetiva, substantiva e adverbial exibem os mesmos respectivos verbos dos exemplos das sentenças simples de (39-41a). Importante aqui é notar que a mesma ordem SVO que ocorre nas sentenças simples de (39-41a) também ocorre nas sentenças dependentes ou subordinadas de (39-41b). Poder-se-ia supor que o exemplo de (39b) constituísse exceção, uma vez que o sintagma nominal sujeito não está presente na sentença encaixada. Todavia, isso é explicado pelo fato de que o relativo em Wapixana é constituído de sufixo, além disso, o sintagma nominal objeto aí presente *ũḻaḻi* ‘me’ ocorre imediatamente após o verbo, logo, obedecendo a ordem básica, que apresenta-se como a principal estratégia de marcação de casos em Wapixana. Seguem outros exemplos de sentença declarativa:

- (42) a. zɨn-na-u paɾai-p-a-n pa-dap
mulher-DÊIT-PL varrer-CONT-EP-MI ANF-CL:habitação
'as mulheres estão varrendo sua (delas) casa'
- b. au-na i-abat-a-n aimaakan
NEG-DÊIT 3M-escutar-EP-MI coisa
'ele não escutou nada'
- c. dʒi-aʔi-ta-m waɾu zɨti-p-a-n
dois-mão-gênese-? papagaio voar-CONT-EP-MI
'os dois papagaios estão voando'

4.4.2.2. Sentença interrogativa

Sentenças interrogativas são usadas com o intuito de obter informações do interlocutor. Tais sentenças são divididas em dois principais grupos: as perguntas polares e as perguntas de informação. A seguir, em (4.4.2.2.1), trato das *perguntas polares* e, em (4.4.2.2.2), abordo as *perguntas de informação*.

4.4.2.2.1. Perguntas polares

Por meio de perguntas polares procura-se obter um comentário sobre o grau de verdade da proposição indagada (SADOCK & ZWICKY, 1985, p. 179). Em Wapixana, a uma pergunta polar corresponde, regularmente, uma resposta afirmativa através de *u*: 'sim' ou uma resposta negativa através de *ana*: 'não'. A interrogação polar nessa língua, como em tantas outras, é marcada apenas prosodicamente, isto é, por meio do levantamento de entoação, como demonstram os exemplos que seguem:

(43) a. $\overbrace{\text{p}i\text{ga}\text{r}i \text{ t-a-n-ni:} \quad \text{bai}\text{r}i\text{-j} \quad \text{ũ-}\text{?}\text{-at} \text{ ?}}^{\text{intonation}}$
 2 dar-EP-MI-NPRES flecha-NPOSS 1-?-RECP
 ‘você vai dar a flecha a mim?’

b. $\overbrace{\text{p}i\text{ga}\text{r}i \text{ t-a-n-ni:} \quad \text{bai}\text{r}i\text{-j} \quad \text{ũ-}\text{?}\text{-at} \text{ .}}^{\text{intonation}}$
 2 dar-EP-MI-NPRES flecha-NPOSS 1-?-RECP
 ‘você vai dar a flecha a mim.’

(44) a. $\overbrace{\text{i-na-u} \quad \text{na}\text{?ak-a-n} \quad \text{kupa}i \text{ ?}}^{\text{intonation}}$
 2PL-DÊIT-PL levar-EP-MI peixe
 ‘vocês levaram peixe?’

b. a. $\overbrace{\text{i-na-u} \quad \text{na}\text{?ak-a-n} \quad \text{kupa}i \text{ .}}^{\text{intonation}}$
 2PL-DÊIT-PL levar-EP-MI peixe
 ‘vocês levaram peixe.’

(45) a. $\overbrace{\text{i-na-u} \quad \text{t}\text{ʃu-ij}\text{-a-n} \text{ ?}}^{\text{intonation}}$
 3PL-DÊIT-PL cortar-REFL-EP-MI
 ‘eles se cortaram?’

b. $\overbrace{\text{i-na-u} \quad \text{t}\text{ʃu-ij}\text{-a-n} \text{ .}}^{\text{intonation}}$
 3P-ART-PL cortar-REFL-EP-MI
 ‘eles se cortaram.’

(43-45) ilustram sentenças bitransitivas, transitivas diretas e intransitivas, respectivamente. (43a-45a) exemplificam sentenças interrogativas; enquanto (43b-45b) apresentam sentenças declarativas. A única diferença que há entre as construções de cada um desses grupos é a linha de entonação que é ascendente para as primeiras - as interrogativas, e descendente para as últimas - as declarativas. Portanto, apenas a marca prosódica, entonação ascendente, é responsável pela identificação das sentenças interrogativas do tipo pergunta polar.

4.4.2.2.2. Perguntas de informação

Perguntas de informação são usadas quando o falante pressupõe que ele e o ouvinte compartilham conhecimento, mas o falante ainda desconhece um elemento do evento ou estado (GIVÓN, 2001b, p. 300). Tal elemento desconhecido, então, se torna o foco⁴² de uma proforma interrogativa que pode ser, em princípio, qualquer um dos constituintes da sentença. A seguir, considerando o constituinte em foco, ilustro os principais tipos de perguntas de informação que ocorrem em Wapixana. Como se poderá observar nos exemplos, as proformas interrogativas ocorrem sempre no início da sentença em que estão inseridas.

4.4.2.2.2.1. Perguntando o sujeito ou o objeto

As seguintes proformas interrogativas são empregadas para perguntar o sujeito e o objeto: *kanum* (*d̥i:*), *kan d̥i:* ‘quem?, (o) quê?’, *naʔapaʔuʔam*, ou *ʃaʔpaʔuʔam* ‘qual?’, como demonstram os seguintes exemplos:

- (46) a. *kanum* (*d̥i:*) *waʔati-n* ?
 QU DÊIT vir-MI
 ‘quem vem?’
- b. *kan d̥i:* *kanuw-a-n* *p̥igaʔi kamitʃ-a-n* ?
 QU DÊIT costurar-EP-MI 2 vestido-EP-POSS
 ‘quem costurou teu vestido?’
- c. *kanum* (*d̥i:*) *i-ʔi zuia-n* ?
 QU DÊIT 3M-M matar-MI
 ‘o que ele caçou?’ (lit.: o que ele matou?)
- d. *kan d̥i:* *wiʔi:* ?
 QU DÊIT PROX
 ‘o que é isso?’
- e. *na-ʔ-ap-aʔuʔa-m* *kaʔiʔ?*
 DÊIT-CL:PTT-CL:extensão-INDEF-QU jeito?
 ‘qual é o jeito?’

⁴² Conforme Crystal (1988, p. 112), foco é o termo usado pelos lingüistas que dividem as sentenças em duas partes: uma delas é a informação assumida pelo falante e a outra constitui o centro de interesse comunicativo.

- f. *ʃa-ʔ-ap-aʔuʃa-m* *sumaʃa pi-tum-ni: ?*
 CL:esparso-CL:PTT-CL:extensão-INDEF-QU arco 2-fazer-NPRES
 ‘qual arco você fez?’

As formas *kanum* (*dʒi:*) e *kan dʒi:* ‘quem?, (o) quê?’ em (46a-d) parecem se alternar, havendo aí, provavelmente, apenas uma preferência determinada pela localidade que o falante habita, já que cada uma delas foi empregada constantemente por falantes de malocas distintas. O mesmo se pode dizer das formas *naʔapaʔuʃam* (*dʒi:*) e *ʃaʔpaʔuʃam* ‘qual?’, sendo esta segunda de uso mais geral, isto é, empregada em todas as malocas.

4.4.2.2.2. Perguntando quantidade

Apenas uma proforma interrogativa *naʔapaiʔaʔin* ‘quanto?’, conforme os dados colhidos, é empregada quando se trata de perguntar quantidade, como ilustrado pelo exemplo:

- (47) *na-ʔ-ap-aʔi-ʔa-ʔi-n* *baʃu kaiʃa:*
 DÊIT-CL:PTT-CL:extensão-mão-gênese-CL:PTT-QU machado EXIST
 ‘quantos machados tem?’

4.4.2.2.3. Perguntando tempo

Com a proforma interrogativa *naʔapainim* ‘quando’ fazem-se perguntas do tempo em que transcorre o evento ou estado da proposição, como exemplificado a seguir:

- (48) a. *na-ʔ-ap-ai-ni-m* (ni:) *u-ipai-a-n* *ʒamaka?*
 DÊIT-CL:PTT-CL:extensão-?-NPRES-QU NPRES 3F-terminar-EP-MI rede
 ‘quando ela vai terminar a rede?’
- b. *na-ʔ-ap-ai-ni-m* (ni:) *i-kunaip-a-n ?*
 DÊIT-CL:PTT-CL:extensão-?-NPRES-QU NPRES 2PL-dançar-EP-MI
 ‘quando vocês vão dançar?’

Um fato curioso com essa partícula é que ela atrai o morfema de não presente *ni:* que regularmente ocorre no verbo.

4.4.2.2.4. Perguntando lugar

As perguntas sobre o lugar relacionado ao evento ou estado podem ser de caráter estático ou de caráter dinâmico. Para o primeiro tipo, três proformas interrogativas podem ser empregadas: *na?iam* (*dj:*), *na?ia?uřam*, *na?i: dj:*, ‘onde?’, por meio das quais indaga-se o lugar onde transcorre o evento ou estado expresso pelo predicado, como demonstram os exemplos:

- (49) a. *na-?-i-a-m* (dj:) *i-ři* ?
DÊIT-CL:PTT-LOC-?-QU DÊIT 3M-M
‘onde está ele?’
- b. *na-?-i-a?uřa-m* *pi-mařa?ap-a-n* ?
DÊIT-CL:PTT-LOC-INDEF-QU 2-morar-EP-MI
‘onde você está morando?’
- c. *na-?-i:* *dj:* *pi-sa:b-a-n* *sumařa* ?
DÊIT-CL:PTT-LOC DÊIT 2-guardar-EP-MI arco
‘onde você guardou o arco?’

Como se vê, todos os exemplos em (49) envolvem localização estática de uma entidade referida na proposição. Se, entretanto, a proposição for um evento, podem ser empregadas proformas tais como *na?ikim* ‘de onde’, *na?itim* ‘para onde’, como ilustrado a seguir:

- (50) a. *na-?-iki-m* *pi-wa?ati-n* ?
DÊIT -EP-EL-QU 2-vir-MI
‘de onde vem você?’
- b. *na-?-iti-m* *pi-maku-n* ?
DÊIT -EP-ALL-QU 2-ir-MI
‘para onde vais?’

Em exemplos como os de (50), a expressão de movimento é indicada pela posposição contida na proforma interrogativa: (50a) opõe-se a (50b) em função da oposição entre o

- b. kan dji: nii au-na pi-maku-n zakap iti ?
 QU DÊIT NPRES NEG-DÊIT 2-ir-MI roça ALL
 ‘por que você não foi para a roça?’

Em (52a), a proforma interrogativa é constituída do elemento QU e da marca de não-presente, a mesma usada para a noção de finalidade. Isso parece revelar que no imaginário desse povo não há diferença entre a causa e o objetivo da realização de um evento. (52b) é constituído similarmente, havendo apenas a inserção do dêitico entre os dois constituintes presente em (52a).

4.4.2.3. Sentença imperativa

A sentença imperativa é aquela que exprime ordens ou pedidos diretos. Em Wapixana, reconhece-se que a sentença é do tipo imperativo em função de ela não apresentar na forma verbal qualquer marca além do sinalizador de pessoa, portanto, não exibindo abertamente marca de modo nem de tempo. Redução de forma verbal imperativa é comum entre as línguas em geral (SADOCK & ZWICKY, 1985, p. 172). Tal redução se aplica, em Wapixana, não apenas para segunda pessoa plural ou singular, mas também para a primeira do plural, como ilustrado a seguir:

- (53) a. pi-nik !
 2-comer
 ‘come!’
- b. u-ki:-ʔ-ni: pi-makaḍ tikaz !
 3F-dizer-ʔ-NPRES 2-apagar fogo
 ‘ela disse: apaga o fogo!’
- c. i-kuad ba-i-ḍa-ʔ-ap kutiaɪnau ũ-ʔ-at !
 2PL-contar um-mão-gênese-CL:PTT-CL:extensão história 1-ʔ-DAT
 ‘contem-me uma história!’
- d. i-tum ba-i-ḍa-ʔ-ap zamaka ũ-ʔ-at !
 2PL-contar um-mão-gênese-CL:PTT-CL:extensão rede 1-ʔ-BEN
 ‘façam uma rede para mim!’

- e. wa-sawat kaʔiz-kin !
1PL-levantar panela-TCL:continente
'levantemos a panela!'
- f. wa-kunaiap !
1PL-dançar
'dancemos!'

Em (53a-d), a presença apenas das puras raízes dos verbos *nik-a-n* (comer-EP-MI) 'comer', *makaq-a-n* (apagar-EP-MI) 'apagar', *kuaq-a-n* (contar-EP-MI) 'contar' e *tum-a-n* (fazer-EP-MI) 'fazer', respectivamente, além do marcador de segunda pessoa, denunciam que tais sentenças encontram-se no imperativo. Em (53e-f), ocorrem também as raízes puras dos verbos *sawat-a-n* (levantar-EP-MI) 'levantar' e *kunaiap-a-n* (dançar-EP-MI) 'dançar', denunciando a forma imperativa, mas com marcador de primeira pessoa do plural. Se, entretanto, a ordem ou pedido ocorre em sentença negativa, a forma empregada envolve também a marca de tempo imediato, como demonstrado em (54):

- (54) a. pi-ti:q sumaça !
2-esticar arco
'estica o arco!'
- b. au-na pi-ti:q-a-na: !
NEG-DÊIT 2-esticar-EP-IMM
'não estica o arco!'

Em (54a) é ilustrado o emprego do imperativo em sentença não-negativa, portanto, obedecendo ao que foi afirmado acerca dos exemplos de (53); em (54b), por seu turno, que envolve sentença negativa, há o acréscimo do marcador de tempo imediato.

4.4.3. Tipos de sentença com base em sua complexidade estrutural

Do ponto de vista da complexidade da estrutura, sentenças podem ser divididas em dois tipos: simples e complexas. Não me é possível ainda fazer uma análise detalhada de tão complexa matéria, mas oferecer pistas que poderão ser aprofundadas em futuros

trabalhos. Em (4.4.3.1), trato de sentença simples; em (4.4.3.2), procuro identificar e caracterizar os principais tipos de sentenças complexas do Wapixana.

4.4.3.1. Sentença simples

Até aqui, a grande maioria dos exemplos que apresentei são de sentenças simples ou oração, isto é, sentenças com *apenas um núcleo constituído de um verbo ou predicado* que, do ponto de vista semântico, requer obrigatoriamente as funções (ou papéis) semânticas específicas dos participantes (do evento ou estado), os quais, do ponto de vista sintático, também assumem funções (ou papéis) gramaticais (GIVÓN, 2001, p. 105), como ilustrado (55) a seguir:

- (55) zin kunainima-’u **t-a-n** pařakaři đaunaiuř at
mulher bonito-ADJR dar-EP-MI caxiri homem RECP
‘a mulher bonita deu caxiri ao homem’

(55) ilustra, portanto, sentença simples ou oração uma vez que porta apenas um núcleo aí representado pelo verbo em negrito *t-a-n* (dar-EP-MI) ‘dar’ que, semanticamente, solicita três papéis (ou funções) semânticos: o *agente*, aí representado por *zin kunainima-’u* ‘mulher bonita’ (participante doador); o *paciente*, aí representado por *pařakaři* ‘caxiri’, (participante que refere ao que foi dado) e o *recipiente*, aí representado por *đaunaiuř at* ‘ao homem’, (participante recebedor); e, sintaticamente, exhibe três argumentos: o *sujeito*, aí representado por *zin kunainima-’u* ‘mulher bonita’, o *objeto direto*, aí representado por *pařakaři* ‘caxiri’ e, finalmente, o *objeto indireto*, aí representado por *đaunaiuřa at* ‘ao homem’.

Do ponto de vista de sua constituição, a sentença simples é uma estrutura hierárquica, pois é dividida em sintagmas que, por sua vez, se complexos, também são divididos em palavras, como se pode observar na representação correspondente a (55) abaixo, em que os colchetes delimitam os constituintes e S = sentença simples; SN = sintagma nominal; SV = sintagma verbal; SP = sintagma posposicional; N = nome; ADJ = adjetivo; V = verbo; P = posição e 1, 2, 3 enumeram os sintagmas nominais:

- (56) s_{[SN1[N[zín]ADJ[kunainíma'u]]} [sv[V[tan SN2[N[pařakaři] SP[SN3[Nđaunaiuř] [P at]]]]]
mulher bonito dar caxiri homem RECP
‘a mulher bonita deu caxiri ao homem’

Em (56), o constituinte maior é S que é constituído de SN1 e SV; SN1 é constituído de N e ADJ; SV é constituído de V mais o SN2 e SP; finalmente, SP é constituído de SN3 e P. A definição de sentença simples (S) foi dada no início desta secção; itens lexicais ou palavras, tais como nome (N), adjetivo (ADJ) e posposições (P) foram definidos no capítulo anterior. Os sintagmas, por sua vez, são constituintes situados hierarquicamente entre aquela e estes. Um sintagma é uma unidade constituída de palavras dentre as quais uma constitui seu *núcleo sintático* e *semântico*. Semântico porque encerra o significado básico do sintagma e sintático porque por si só pode representar a unidade sintagmática, como demonstrado a seguir:

- (57) a. zin t-a-n pařakaři đaunaiuř at
mulher dar-EP-MI caxiri homem RECP
‘a mulher deu caxiri ao homem’
b. *kunainíma-'u t-a-n pařakaři đaunaiuř at
bonito-ADJR dar-EP-MI caxiri homem RECP
‘bonita deu caxiri ao homem’

(57a) ilustra o fato de que a supressão do adjetivo *kunainíma-'u* (bonito-ADJR) ‘bonita’ do sintagma nominal *zin kunainíma-'u* (mulher bonito-ADJR) ‘a mulher bonita’ da sentença de (55) é possível, enquanto (57b) indica que a supressão do nome *zín* ‘mulher’ desse mesmo sintagma é inaceitável. Disso se conclui, pois, que o nome *zín* ‘mulher’, que pode ocorrer como substituto do sintagma como um todo, constitui o núcleo, enquanto o adjetivo *kunainíma-'u* (bonito-ADJR) ‘bonita’, que não o pode, constitui apenas um modificador do núcleo desse sintagma. Como o núcleo é o elemento representativo do sintagma, sintagmas são, assim, rotuladas em acordo com categoria a que pertencem seus núcleos, de forma que um sintagma nominal tem como núcleo um nome, um sintagma adjetival tem como núcleo um adjetivo e assim por diante. Outros exemplos de sentenças simples são fornecidos a seguir:

- (58) a. paɾitʃaɾa-na-u kunaip-a-n kaiman
 parixara-DÊIT -PL dançar-EP-MI bem
 ‘os parixaras dançam bem’
- b. kupai zamt-a-n-na: i-kubaw-a-z_i
 peixe pegar-EP-MI-IMM 3M-anzol-EP-POSS
 ‘o peixe já pegou o anzol dele’
- c. i-ɾi pa-(a)ɾa-d-a-n i-ʔ-at
 3M-M falar-CL:fala-VR-EP-MI 3M-?-DAT
 ‘ele falou para ele’

(58a) ilustra oração intransitiva, (58b) ilustra sentença transitiva direta e (58c) ilustra sentença transitiva indireta. Em (58a), o constituinte *kaiman* ‘bem’ exerce função oblíqua de sintagma adverbial (SADV), isto é, constitui um modificador do verbo.

4.4.3.2. Sentença complexa

Sentenças simples tais como as analisadas na seção anterior podem combinar-se formando sentenças complexas, isto é, sentenças com mais de um predicado.⁴³ Tradicionalmente são reconhecidos dois modos pelos quais sentenças simples ou orações se combinam: subordinação e coordenação. O objetivo desta seção é, então, descrever esses dois modos de combinação de sentenças simples ou orações para formar sentenças complexas. Em (4.4.3.2.1), analiso a subordinação; em (4.4.3.2.2), a coordenação de sentenças simples ou orações.

4.4.3.2.1. Subordinação

Subordinação é o processo pelo qual uma sentença complexa é formada de duas (ou mais) sentenças simples ou orações, dentre as quais, uma delas, “a principal”, vem modificada por outra(s), “a(s) subordinada(s)” ou “dependente(s)”. As orações subordinadas podem funcionar como sintagmas nominais, como modificadores de nomes e como modificadores de sintagma verbal ou inteiras proposições (LONGACRE, 1985, p.

⁴³ Conforme Lyons (1975, p. 178), quando sentenças simples são incorporadas para a formação de sentenças complexas, devem ser chamadas de oração.

237), o que corresponde a sentenças complemento, relativas e adverbiais, respectivamente. Do ponto de vista de sua codificação, há três artifícios pelos quais se marca a subordinação: morfemas subordinadores (com ou sem conteúdo lexical), formas verbais especiais e ordem de palavras (THOMPSON & LONGACRE, 1985, p. 172). A exposição dos processos de subordinação obedece à seguinte ordem: em (4.4.3.2.1.1), abordo a oração complemento; em (4.4.3.2.1.2) trato da oração relativa; e, finalmente, em (4.4.3.2.1.3), analiso a oração adverbial.

4.4.3.2.1.1. Oração complemento

Oração complemento é aquela que funciona como argumento de um predicado. Em Wapixana, como em muitas línguas, o emprego da oração complemento com função de sujeito e de objeto é bastante comum, como nos exemplos que seguem:

- (59) a. **wa-maɽainap wa-iɽiba-n** kaiman-a-ʔu
 1PL-amar 1PL-parentes-POSS bem-EP-ADJR
 ‘amar nossos parentes é bom’
- b. u-ɽu ki-a-n **i-ɽi mauk-a-n**
 3F-F dizer-EP-MI 3M-M morrer-EP-MI
 ‘ela disse que ele morreu’

O trecho em negrito (59a) ilustra oração complemento com função de sujeito; enquanto o trecho entre colchetes em (59b) ilustra o emprego de oração complemento com a função de objeto direto. Os exemplos de (59) também mostram que a oração complemento não apresenta marca especial que codifique a subordinação, isto é, não há morfema subordinador, nem forma verbal especial; e a ordem das palavras é a não-marcada SVO em (59a) e SV em (59b). Isso se revela mais claramente ainda nos exemplos de (60), em que confronto exemplo de citação indireta com exemplo de citação direta:

- (60) a. u-ɽu dʒiʔiq-a-n **zɽin nanak-a-n win iwaʔuz iki**
 3F-F mandar-EP-MI menina buscar-EP-MI água rio EL
 ‘ela mandou a menina buscar água do rio’

- b. u-ɾu ki-a-n zɨn at : **pi-nanak** win iwaʔuz iki
 3F-F dizer-EP-MI menina DAT 2-buscar-EP-MI água rio EL
 ‘ela disse à menina: vá buscar água do rio’

A única diferença entre a oração complemento de (60a), que se encontra no discurso indireto, e a de (60b), que está no discurso direto, diz respeito à forma verbal que na primeira encontra-se no modo indicativo e na segunda no modo imperativo, mas ambas constituem as formas não-marcadas, como se observar nas sentenças simples correspondentes abaixo:

- (61) a. zɨn nanak-a-n win iwaʔuz ik
 menina buscar-EP-MI água rio EL
 ‘a menina foi buscar água do rio’
- b. pi-nanak win iwaʔuz ik
 2-buscar=IMP água rio EL
 ‘vá buscar água do rio’

Considerando, então, que a forma verbal empregada em oração complemento é a mesma usada em sentença simples e que a principal estratégia de codificação das funções sintáticas em Wapixana é a ordem dos constituintes (única aí presente), também compartilhada por ambos esses tipos de construção, tem-se um problema no que diz respeito à definição de verbos como aquele em (60a), *qɨʔiɖan* ‘mandar’, que é um verbo de manipulação⁴⁴. Isso porque, se o verbo da oração complemento é finito, requer sujeito não codificado-zero, logo, o sintagma nominal *zɨn* ‘menina’ que precede o verbo do complemento, *nanakan* ‘buscar’ deve ser o real sujeito da encaixada, não o manipulado (objeto) da oração principal, pelo critério da ordem dos constituintes. Se for assim, isso contraria o protótipo do verbo de manipulação, segundo o qual, o manipulado (objeto) da principal é o sujeito da oração complemento e o verbo da oração complemento mais comumente exibe forma não-finita ou nominalizada (GIVÓN, 2001b, p. 41). Em geral, línguas usam um mecanismo morfológico ou sintático que permite identificar a oração complemento, como no inglês, em

⁴⁴ Givón (2001), considerando as propriedades semânticas e sintáticas dos verbos em relação à complementação, divide-os em três principais grupos: verbos de modalidade (querer, iniciar, terminar, etc), verbos de manipulação (mandar, ordenar, pedir, etc) e verbos de percepção-cognição-elucução (ver, saber, dizer, etc).

que verbos de manipulação são identificados porque o verbo do complemento aparece no infinitivo, como no seguinte exemplo:

(62) Mary told John \emptyset **to leave the house**

O fato de o verbo *to leave* encontrar-se no infinitivo indica que a sentença encaixada, não flexionada, prescinde de sujeito, logo, é natural supor que o manipulado seja correferente sujeito da oração complemento.

Em Wapixana, esse mesmo problema ocorre em relação ao verbo de modalidade, como ilustrado a seguir:

(63) *i-ɽi aip-a-n pa-tum-a-n sumaɽa*
 3M-M quer-EP-MI REFL-fazer-EP-MI arco
 ‘ele quer fazer um arco’

Em (63), o verbo de modalidade *aip-a-n* (quer-EP-MI) ‘querer’ também exibe a forma não-marcada e, também, seu sujeito *i-ɽi* (3M-M) ‘ele’ é correferente do sujeito da oração complemento, a anáfora *pa-*. Neste caso, acrescenta-se mais um problema, pois complemento de verbo de modalidade prototípico regularmente exibe sujeito codificado-zero (ibid., 2001b, p. 55). Isso parece sugerir que construções envolvendo oração principal contendo verbos de manipulação e verbos de modalidade são ambas tratadas de uma mesma forma pela língua, isto é, o verbo toma como complemento a oração como um todo, o que implica o não levantamento de objeto em orações com verbos causativos. Entretanto, como esses dois tipos de verbo apresentam subdivisões (GIVÓN, 2001a, p. 151), esse estudo precisa ser aprofundado em pesquisas futuras.

Quanto ao terceiro grande grupo de verbos, os de percepção-cognição-elocução (GIVÓN, 2001), em Wapixana tais verbos apresentam-se como prototípicos, conforme demonstram os exemplos:

(64) a. *i-ɽi tikp-a-ni: atuɽi mau-ka-ʔu-ɽa-na:*
 3M-M ver-EP-NPRES jacaré morrer-PASS-ADJR-?-IMM
 ‘ele viu que o jacaré estava morto’

- b. puata aitʃap **wiʃi: i-zamt-a-zu-n-iz** paigaʃi
 macaco perceber que 3PL-pegar-EP-DES-MI-3O ANF
 ‘o macaco percebeu que eles queriam pegá-lo’
- c. piʒaʃi kuad-a-ni: u-ʒu at **ũ-ka:w-a-n** ?
 2 contar-EP-NPRES 3F-F DAT 1-chegar-EP-MI
 ‘você contou para ela que eu cheguei?’

O trecho destacado em (64a) ilustra oração complemento de verbo de percepção; o em (64b) ilustra oração complemento de verbo de cognição; e aquele em (64c) exemplifica oração complemento de verbo de elocução. Todas essas orações complemento também obedecem à ordem básica: SVO em (64b) e SV em (65a, c), semelhantemente ao que ocorre com os casos dos complementos de orações de verbo de modalidade e de verbos de manipulação acima analisados. Importante observar que os verbos dessas orações em (64) apresentam-se todos na forma finita e que, ao menos uma delas, a de (64b), é precedida de um morfema subordinador, a conjunção *wiʃi:* ‘que’, o que está em acordo com o protótipo de complementos de verbos de percepção-cognição-elocução (GIVÓN, 2001a, p. 153).

4.4.3.2.1.2. Oração relativa

Enquanto a oração complemento encontra-se encaixada no verbo, a oração relativa encaixa-se em um nome. Oração relativa pode, então, ser definida como a oração subordinada que codifica um estado ou evento em que um dos participantes é correferente de um núcleo nominal por ela modificado (GIVÓN, 2001b, p. 176). Isso é ilustrado em (65), abaixo:

- (65) piʒian zui-a-n SN [aʒimaʒaka OREL[aʒut-**aʒuʒa-z** kuʒaiɖjauna:]]
 alguém matar-MI cachorro morder-INDEF-REL criança
 ‘alguém matou o cachorro que mordeu a criança’

Em (65), a oração relativa *aʒut-auʒa-z kuʒaiɖjauna:* (morder-INDEF-REL criança) ‘que mordeu a criança’ é subordinada, porque encontra-se encaixada no sintagma nominal *aʒimaʒaka aʒutauʒaz kuʒaiɖjauna:* ‘cachorro que mordeu a criança’, cujo núcleo

aɽimaɽaka ‘cachorro’ modifica, razão pela qual a oração relativa é tradicionalmente conhecida como oração adjetiva. Nesse exemplo, a oração relativa codifica o evento (ação) *aɽut-**auɽa-z** kuɽaiɽjauna*: ‘que mordeu a criança’ em que o participante (constituinte complexo), em negrito, ***auɽa-z*** (INDEF-REL) ‘outro que’ é correferente do núcleo modificado pela oração relativa *aɽimaɽaka* ‘cachorro’.

Quanto à distribuição, como observado em (4.3) por ocasião da análise da ordem dos constituintes, a oração relativa pode ser classificada como posposicional externa, (KEENAN, 1985, p. 144), uma vez que ocorre regularmente posposta ao núcleo por ela modificado, como no exemplo de (65) acima. Quanto à posição do determinante que precede o nome modificado (ibid. p. 145), conforme os dados colhidos, o Wapixana exibe a ordem determinante-núcleo-oração relativa, como demonstra o exemplo que segue:

- (66) *ũ-piʃa-n akus tawu-ɽu **zin** at *aitʃap-aʔuɽa-z**
 1-pedir-MI agulha DIST F mulher DAT saber-INDEF-REL
pa-kanu:p-a-n
 ANF-costurar-EP-MI
 ‘eu pedi agulha àquela mulher que sabe costurar’

Em (66), portanto, na primeira posição, encontra-se o determinante (o demonstrativo em itálico) seguido pelo núcleo modificado *zin* ‘mulher’ que, então, é seguido pela oração relativa.

No que diz respeito ao tipo de marca empregada para assinalar a posição relativizada, o Wapixana parece empregar um complexo constituído de dois sufixos verbais, dos quais, o que aparece em última posição é o relativizador propriamente dito, como demonstram os exemplos que seguem:

- (67) a. *ɽaunaiuɽ [kubawap-a-n-**aʔuɽa-z**] i-ɽi ũ-ijnawiz*
 homem pescar-EP-MI-INDEF-REL 3M-M 1-irmão
 ‘o homem que foi pescar é meu irmão’
 b. *ɽamaka [i-ɽi ɽaʔawi-p-**kizɽi-z**] ɽamaka i-ɽam*
 rede 3M-M dormir-CONT-TCL:lugar-REL rede 3M-velho
 ‘a rede em que ele está dormindo é velha’

No exemplo de (67b), o complexo morfêmico *kizî-z* é adicionado à base formada pelo radical do verbo *daʔawi-n* (dormir-MI) ‘dormir’ e o morfema de aspecto contínuo *-p* para marcar a posição relativizada. Nesse exemplo, reconhece-se cada um dos constituintes desse complexo, uma vez que *kizî* ‘lugar’ é um termo de classe, restando a *z*, então, a função de relativizador. Em (67a), por seu turno, o relativo é facilmente percebido; quanto ao sufixo que o precede, eu o tenho tratado como indefinido, porque ele não se identifica, ao menos na atualidade, com qualquer termo de classe, além de sua forma coincidir com aquela recorrente em interrogativos, como em *na-ʔ-ap-aʔuʔa-m?* (DÊIT-CL:PTT-CL:extensão-INDEF-QU) ‘qual?’, e no indefinido *ba-(a)ʔuʔa-n* (um-INDEF-?) ‘outro’, mas isso ainda é um tema em aberto para trabalhos futuros.

Quanto à função sintática que o termo relativizado exerce na oração relativa, conforme os dados analisados, encontram-se sintagmas com função de sujeito, de objeto e de oblíquo, como demonstram os exemplos em que os marcadores das posições relativizadas encontram-se em negrito:

- (68) a. *kuazaʔa [aʔut-**aʔuʔa-z** ũgaʔi] i-ɖaʔi-ʔu*
 cobra morder-INDEF-REL 1 3M-pai-ADJR
 ‘a cobra que me mordeu era grande’
- b. *kawaʔaɖa [u-ʔu tum-a-n-**nia**⁴⁵-**z** minimin] kunainima-ʔu*
 cesta 3F-F fazer-EP-MI-?-REL ontem bonita-ADJR
 ‘a cesta que ela fez ontem é bonita’
- c. *iwaʔuz [wa-kubawap-a-zu-**kizî-z** waikanʔan] minapu-ʔu*
 rio 1PL-pescar-EP-DES-TCL:lugar-REL amanhã longe-ADJR
 ‘o rio onde nós vamos pescar amanhã é longe’

(68a) ilustra sintagma relativizado com função de sujeito; (68b) ilustra sintagma relativizado com a função de objeto e (68c) ilustra sintagma relativizado com a função de oblíquo.

4.4.3.2.1.3. Oração adverbial

⁴⁵ Ainda não é conhecida a origem do morfema *-nia* presente em (68b).

Orações adverbiais são orações subordinadas que modificam um verbo, um sintagma verbal ou uma oração (THOMPSON & LONGACRE, 1985, p. 176). Portanto, a oração adverbial, à semelhança dos advérbios, atua como modificador do verbo, o que demonstra sua inclinação para função oblíqua e, conseqüentemente, sua estreita relação com papéis semânticos, em oposição às funções nucleares tais como sujeitos e objetos exercidas por orações completivas que funcionam em termos de específicas relações gramaticais. Isso permite que orações adverbiais sejam classificadas conforme os papéis semânticos que desempenham na sentença complexa. Diante disso, nas subseções que seguem, passo a analisar as orações subordinadas adverbiais em acordo com os significados a que elas estão associadas.

4.4.3.2.1.3.1. Temporal

Orações subordinadas temporais localizam temporalmente o evento expresso pela oração principal. Em Wapixana, as orações temporais são normalmente marcadas pela conjunção *ɖun*, como demonstram os exemplos que seguem:

- (69) a. wapitʃan-na-u tikp-a-n **ɖun** kabifʃa, saɾiap i-taɾia-n
wapixana-DÊIT-PL ver-EP-MI-TEMP estrela cadente logo 3PL-assustar-MI
'quando os wapixana vêm uma estrela cadente, logo se espantam'
- b. piɖjan-na-u kunaip-a-n **ɖun** paɾitʃaɾa i-ɶamt-a-n
pessoa-DÊIT-PL dançar-EP-MI-TEMP parixara 3PL-segurar-EP-MI
pa-da-na-u kunun
ANF-gênese-DÊIT -PL quadril
'quando as pessoas dançam parixara, seguram os quadris de seus parceiros'

Diferentemente de línguas como o português, o Wapixana pode expressar a noção de condição por meio dessa mesma conjunção temporal, de forma que uma construção como a que segue pode ser traduzida tanto como temporal quanto como condicional:

- (70) pi-naʔak-a-n **ɖun** kaniz, ũ-tum paɾakaɾi
2-levar-EP-MI TEMP mandioca 1-fazer caxiri
'quando (se) você levar mandioca, eu faço caxiri'

O fato de temporal e condicional compartilharem a mesma marca ocorre em muitas línguas. A diferença marcante entre esses dois tipos de oração diz respeito à expectativa epistêmica concernente ao valor de verdade da proposição, que é mais baixo para condicionais e mais alto para temporais (GIVÓN, 2001b, p. 332).

4.4.3.2.1.3.2. Oração subordinada causal

Além do processo de causativização realizado por meio de afixação, isto é, mediante o emprego do morfema causativo *kiq* adicionado a uma base verbal, como descrito em (3.1.2.2.1.4.1), o Wapixana pode expressar causa, motivo ou razão por meio da oração subordinada causal que é marcada formalmente pela locução conjuncional *fa?apanum idj*, como ocorre nos exemplos abaixo:

- (71) a. i-ɽi tait-a-n **fa?apanum idj** i-tiz-a-n tibaɽi?u win
 3M-M vomitar-EP-MI CAUS 3M-beber-EP-MI muito-ADJR água
 ‘ele vomitou porque bebeu muita água’
- b. i-ɽi d̥ikuɽai-p-a-n kasaɽai **fa?apanum** i-kaɽij-a-n **idj**
 3M-M tomar-CONT-EP-MI remédio CAUS 3M-adoecer-EP-MI CAUS
 ‘ele está tomando remédio porque está doente’

Como se observa em (71), o marcador de causa ocorre regularmente no início da sentença causal, podendo ainda, às vezes, ocorrer de forma descontínua, como em (71b). Há também a possibilidade de esse marcador ocorrer registrado apenas pela segunda parte, como a seguir:

- (72) au-na au-ni: ũ-kubawap-a:n-a-n
 NEG-DÊIT NEG-NPRES 1-pescar-INTER-EP-MI
 win ka-waut-ij-a-n **idj**
 água AT-cair-VR-REFL-EP-MI CAUS
 ‘eu não vou pescar porque está chovendo’

Em (72), o marcador de causa, que então ocorre no final da sentença complexa, é representado apenas por sua segunda parte, isto é, ao invés de *saʔapanum iđi*, tem-se apenas *iđi*.

Provavelmente há outros tipos de oração subordinada, mas muitas circunstâncias, que em outras línguas são codificadas por sentenças adverbiais de um determinado tipo, em Wapixana, ou compartilham a marca com outro tipo, como ocorre com a circunstância de condição, ou assumem outro tipo de construção, como no caso da idéia de conseqüência que, como demonstro abaixo, é codificada em construções coordenadas.

4.4.3.2.2. Coordenação

Coordenação é o processo ou resultado de ligar unidades lingüísticas de *status* sintático equivalente (CRYSTAL, 1988, p. 69). Pelo processo de coordenação orações podem ser ligadas apenas por justaposição, ou mediante o emprego de conjunções, como demonstra o exemplo a seguir:

- (73) kuʔaiđjauna: ʒamt-a-n kupai, i-ka-ʒim-t-a-n naʔik
 menino pegou-EP-MI peixe 3M-AT-TCL:fogo-VR-EP-MI CNJ
 i-nik-a-n
 3M-comer-EP-MI
 ‘o menino pegou o peixe, assou e comeu’

Em (73), a primeira e a segunda oração são justapostas, isto é, não há qualquer conjunção que as ligue; enquanto, a segunda e a terceira são unidas mediante a conjunção *naʔik* ‘e’. Embora nos processos de união de oração por coordenação se possa falar que, de alguma forma, haja independência sintática; do ponto de vista semântico, não se pode falar a mesma coisa, como sugerem os exemplos abaixo:

- (74) a. ũ-đim-a-n dawin it, ũ-miza-ij-a-n ti:ki:
 1-correr-EP-MI demais 1-cansar-REFL-EP-MI muito
 ‘eu corri tanto, que fiquei muito cansado’

- b. *ɖaʔa: kaiŋa: ti:ki: ʃani:, ũ-awin ʃikuɖa-na:*
 aqui EXIST muito fumaça 1-olho arder-IMM
 ‘aqui tem tanta fumaça que meus olhos estão ardendo’

Em (74), as orações justapostas apresentam estruturas sintáticas independentes, mas parece evidente a dependência semântica da segunda em relação à primeira. Em (74a), a segunda oração parece expressar uma consequência em relação ao evento expresso pela primeira e, de igual forma, em (74b) a segunda oração parece exprimir uma consequência do estado expresso pela primeira. Exemplos como esses demonstram que a suposta idéia de independência entre orações coordenadas é muitas vezes ilusória e que, muitas vezes há, ao menos dependência semântica entre orações envolvidas no processo de coordenação.

Dois processos de coordenação envolvendo marcadores conjuncionais são bastante em pregados em Wapixana: o conjuntivo e o adversativo. É deles que trato a seguir.

4.4.3.2.2.1. Oração conjuntiva

O processo de coordenação conjuntivo, ao menos do ponto de vista do teor semântico do conector que estabelece a ligação entre orações, é o mais relativamente neutro em termos de dependência entre as orações que coordena. Em Wapixana, esse processo é codificado por meio da conjunção *naʔik*, como se pode observar nos exemplos que seguem:

- (75) a. *kuʃaiɖjauna: zamt-a-n kiba naʔik i-kabuʔut-a-n minapu*
 menino pegou-EP-MI pedra CNJ 3M-jogar-EP-MI longe
 ‘o menino pegou a pedra e jogou longe’
- b. *ũ-kaʃaud-a-n si:z, naʔik ũ-nik-a-n*
 1-apanhar-EP-MI banana-TCL:não discreto CNJ 1-comer-EP-MI
 ‘eu apanhei banana e comi’

4.4.3.2.2.2. Oração adversativa

O processo de coordenação adversativo indica que existe contraste entre as orações coordenadas. Em Wapixana, a construção adversativa é marcada pela conjunção *mazan*, como demonstram os exemplos que seguem:

- (76) a. i-t-a-n-ni: sum i-ʔ-at, mazan au-na
 3PL-dar-EP-MI-NPRES fumo 3M-?-RECP CNJ NEG-DÊIT
 i-sum-t-ij̃n-a-zu-n
 3PL-fumo-VR-REFL-EP-DES-MI
 ‘eles deram fumo a ele, mas ele não quer fumar’
- b. ũ-ɖapad-ni: i-ɽi, mazan au-na: i-abat-a-n
 1-chamar-NPRES 3M-M CNJ NEG-IMM 3M-escutar-EP-MI
 ‘eu ochamei, mas ele não escutou’

V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, abordei alguns importantes temas relacionados à fonologia, à morfologia e à sintaxe da língua Wapixana (Aruák).

No capítulo 1, com o intuito de informar o leitor acerca do contexto em que a língua é usada, acerca da própria língua e da estrutura do trabalho, apresentei uma breve explanação sobre a realidade sociocultural desse povo, envolvendo aí sua denominação, sua localização, número de falantes e aspectos históricos e culturais; tratei da relação povo-língua, da afiliação genética de sua língua, do contacto com outras comunidades de fala, da prévia literatura e da necessidade de trabalhos sobre sua língua; finalmente, expus os alicerces da pesquisa, explicitando a metodologia e os objetivos do trabalho.

No capítulo 2, concernente à fonologia, partindo do inventário de segmentos, tomei alguns processos específicos do sistema fonológico da língua para, com o auxílio de algumas vertentes da teoria Autossegmental, aprofundar alguns temas já abordados por trabalhos anteriores. A análise leva à conclusão de que se manifestam no Wapixana os processos de assimilação (labialização, palatalização, harmonia vocálica, nasalização) devozeamento de obstruintes em posição coda silábico e de vogais, em posição final de palavra, epêntese e síncope; de que, essa língua pode ser caracterizada, em termos de sílaba máxima, como exibindo o padrão CV²C, isto é, permitindo uma única consoante na posição inicial, até duas vogais no núcleo silábico e uma consoante na posição coda; de que, seu acento é sensível ao peso silábico e que a presença de alongamento iâmbico parece sugerir o padrão iambo.

No capítulo 3, que trata da morfologia, procurei caracterizar os membros constituintes de cada classe de palavras com base em suas propriedades estruturais e funcionais, dando ênfase especial ao estudo do nome e ao estudo do verbo. No que tange ao nome, o estudo sugere ter o Wapixana uma forte complexidade estrutural envolvendo morfemas marcadores de posse (alienável, inalienável), gênero, número, atributivo e partitivo, afixos derivacionais, mas, caracterizar-se, sobretudo, por ser uma língua de classificadores com largo número de termos de classe e, ao menos, três dos quatro principais tipos de classificadores apontados pela literatura, a saber, numeral, genitivo e verbal; a ausência do quarto principal tipo de classificador, o nominal, parece, conforme os

dados analisados, decorrer do fato de que tais classificadores têm uso apenas discursivo-pragmático, ou integram o corpo do nome em forma de morfemas geradores do léxico, o que leva a tratá-los como termos de classe. Quanto aos verbos, também dotados de grande complexidade estrutural, exibem morfemas que permitem expressar as categorias de modo, tempo, aspecto, causa e voz ou diátese e podem ser subdivididos em transitivo (direto, indireto, ditransitivo), intransitivo e existencial.

No capítulo 4, dedicado à sintaxe, procurei dar especial atenção à valência verbal, observando a natureza da relação entre o verbo ou predicado e seus argumentos. A investigação toma como ponto de partida a sentença simples declarativa e, após identificar alguns dos principais papéis (ou funções) semânticos, traça entre eles e os papéis (ou funções) gramaticais um paralelo, com o objetivo de verificar o grau de vinculação entre ambos e, assim, identificar a natureza do sistema de marcação de casos em Wapixana. O resultado dessa análise demonstra não haver uma vinculação necessária entre os dois tipos de papéis (ou funções) e aponta para um sistema de marcação de casos orientado pragmaticamente, em que as funções A (sujeito de oração transitiva) e S (sujeito de oração intransitiva) comportam-se similarmente, opondo-se ao comportamento da função O (objeto direto), portanto, revelando um sistema de marcação de casos do tipo nominativo-acusativo. Duas estratégias de codificação das funções sintáticas são empregadas: a ordem básica dos constituintes, que é do tipo SVO, e marcadores de concordância (prefixais e sufixais). O restante do capítulo é dedicado à subdivisão das sentenças ou orações: conforme o verbo ou predicado envolvido, em sentenças verbais (transitivas, intransitivas, existenciais e possessivas) e não-verbais; conforme o uso, em declarativas, interrogativas (polares e de informação) e imperativas; conforme a complexidade estrutural, em simples e complexas; estas envolvendo subordinação (orações complemento, relativas e adverbiais) e coordenação (conjuntivas, adversativas).

Considerando que, até onde eu tenho conhecimento, este é o primeiro estudo que procura abordar os fenômenos da língua Wapixana de uma forma mais ampla, as conclusões obtidas mediante as análises aqui apresentadas, longe de serem definitivas, são desafios postos como ponto de partida para trabalhos futuros que confirmarão, acredito, algumas das conclusões a que cheguei, mas que, possivelmente refutarão outras. O que é importante para a evolução do conhecimento acerca dessa língua e para o estudo científico.

BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, M. B. M. & SANDALO, M. F. S. 2003. Os róticos revisados. In D. da Hora & G. Collischonn (org.) *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.
- AIKHENVALD, A. Y. 1994. Classifiers in Tariana. *Anthropological Linguistics*, 36(4): 407-465.
- , 1999. The Arawak language family. In: R. M. W. Dixon and A. Y. Aikhenald (orgs.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- , 2000. *Classifiers: a typology of noun categorization devices*. Oxford/New York. Oxford University Press.
- , 2003. *A grammar of Tariana*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ALLAN, Keith. 1977. Classifiers. *Language*, 53(2): 285-311.
- ANDERSON, S. R. & KEENAN, e. 1985. Dêixis. In: Shopen, T. (ed). *Language typology and syntactic description*. Grammatical categories and the lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, Vol 3, 259-308.
- ANDERSON, Stephen R. 1985. Inflectional morphology. In: Shopen, T. (ed). *Language typology and syntactic description*. Grammatical categories and the lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, Vol 3, 150-201.
- ANDREWS, Avery. 1985. The major functions of the noun phrase. In: Shopen, T. (ed). *Language typology and syntactic description*. Clause structure. Cambridge: Cambridge University Press, Vol 1, 62-154.
- ARCHANGELI, Diana. 1984. Underspecification in Yawelmani phonology and morphology. Ph.d. Dissertation: University of Massachusetts.
- BLOOMFIELD, L. 1933. *Language*. London: Allen & Unwin.
- BYBEE, Joan L. 1985. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- CADETE, Casimiro M. 1990. *Dicionário wapixana-português português-wapixana*. São Paulo: Loyola.
- CAMARA JR., J. Mattoso. 1989. *Princípios de lingüística geral*. 7a. ed. Rio de Janeiro: Padrão.
- CARVALHO, Braulino de. 1936. Uapixana vocabulário e modo de falar dos Uapixanas. *Boletim do Museu Nacional*.
- CENTRO DE INFORMAÇÃO DIOCESANA (CIDR). 1989. *Índios de Roraima: Makuxi, Taurepang, Ingarikó, Wapixana*. Col. histórico-antropológico no. 1, Boa Vista: Coronário.

- , 1990. *Índios de Roraima: Makuxi, Taurepang, Ingarikó, Wapixana*. Col. histórico-antropológico no. 2, Boa Vista: Coronário.
- CHOMSKY, Noam & Morris Halle. 1968. *The Souns Pattern of English*. New York: Harper & Row.
- CHUNG, S. & TIMBERLAKE, A. 1985. Tense, aspect, and mood. In: Shopen, T. (ed). *Language typology and syntactic description*. Grammatical categories and the lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, Vol 3, 202-258.
- CLEMENTS, George N. 1985. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook 2*: 225-252.
- , 1989. On representation of vowel height. *Paper presented at the Conference on Features and Underspecification*, MIT. Cornell University.
- , 1991. Place of articulation in consonants and vowels. *Working papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, n. 5, p. 77-123.
- CLEMENTS, George N. and Elizabeth Hume V. 1993. The internal organization of speech sounds. Cornell University.
- , 1995. The internal organization of speech sounds. In: J. Goldsmith (ed.) *The handbook of phonological theory*. London: Blackwell: 245-306.
- CLEMENTS, George N. and Samuel Keyser. 1983. *CV Phonology. a generative theory of the syllable*. Cambridge: MIT Press.
- COMRIE, Bernard. 1981. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press.
- , 1989. *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. 2a. ed. Chicago: The University of Chicago Press.
- CORBERA MORI, A. H. 1994. *Fonologia e gramática do Aguaruna (Jívaro)*. Tese de Doutorado. Campinas, Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp.
- CRYSTAL, David. 1988. *Dicionário de lingüística e fonética*. Trad. Maria C. P. Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- DELANCEY, Scott. 1986. Toward a history of Tai classifier systems. In: Craig, C. (ed). *Noun classes and categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. Pp. 437-452.
- DERBYSHIRE, D. C., and DORIS, L. Payne. Noun Classification Systems of Amazonian Languages. In: *Amazonian Linguistics*. Doris L. Payne (ed). Studies in Lowland South American Indian Languages. Austin: University of Texas Press.
- DINIZ, E. Soares. 1968. A terminologia de parentesco dos índios Wapitxâna. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, N. S., Antropologia*, 34. Belém.
- DIXON, R. M. W. 1979. Ergativity. *Language* 55, 59-138.
- , 1987. Studies in Ergativity. *Lingua* 71, 1-16.

- , 1995. *Ergativity*. 2a. ed. Cambridge studies in linguistics 69. Cambridge: Cambridge University Press.
- DRYER, M. S. 1992. The greenbergian word order correlations. *Language*, 68, n.1, p.81-138.
- , 1997. On the six-way word order typology. *Studies in Language*, v.21, n.1, p. 69-103.
- ELSON, Benjamin e Pickett, V. 1973. *Introdução à morfologia e à sintaxe*. (Trad. de Aryon Rodrigues et alii). Petrópolis: Vozes.
- FACUNDES, S. da Silva. 2000. *The Language of the Apurinã People of Brazil (Maipure/Arawak)*. Ph.d. Dissertation. Department of Linguistics, University of New York at Buffalo, Buffalo.
- FARABEE, W. C. 1918. The Central Arawaks. *The University Museum Anthropological Publications*, vol. IX, Philadelphia, University of Pennsylvania.
- FARAGE, Nádia. 1997. *As flores da fala: práticas retóricas entre os Wapishana*. Tese de doutorado. São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas/USP.
- , 2002. Instruções para o presente – Os brancos em práticas retóricas Wapishana. In: ALBERT, Bruce & RAMOS Alcida Rita (orgs.) *Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico*. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado.
- FRANCHETTO, Bruna. 1988. *Levantamento sócio-lingüístico nas malocas Napoleão (Makuxi) e Taba Lascada (Wapichana)*. Boa Vista.
- GIVÓN, T. 1986. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: Craig, C. (ed). *Noun classes and categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. Pp. 77-102.
- , 2001a. *Syntax: an introduction*. V. 1 .Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- , 2001b. *Syntax: an introduction*. V. 2 .Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- GOLDSMITH, John A. 1990. *Autosegmental & metrical phonology*. Oxford: Basil Blackwell.
- GREENBERG, J. 1956. The general classification of Central and South American Languages. selected papers of the 5th International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences. Philadelphia.
- , 1966. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. 2a. ed. In: J. Greenberg (org.) *Universals of language*, p. 73-113. Cambridge/Mass.: MIT Press.
- GRINEVALD, Colette. 2000. A morphosyntactic typology of classifiers. In: Senft, G. (ed). *Systems of nominal classification*. Cambridge: Cambridge University Press. Pp. 50-92.
- HALLE, M. 1995. Feature Geometry and feature spreading. *Linguistic Inquiry*, 26: 1-46.

- HALLE, M., VAUX, B. & WOLFE, A. 2000. On Feature Spreading and the Representation of Place of Articulation. *Linguistic Inquiry*, 31: 387-444.
- HAYES, B. 1995. Chicago, The University of Chicago Press *Metrical stress theory: principles and case studies*
- ITÔ, Junko. 1986. Syllable theory in prosodic phonology. Ph.d. Dissertation, University of Massachusetts.
- KENSTOWICZ, M. 1994. *Phonology in generative grammar*. Oxford: Blackwell Publishers.
- LADEFOGED, Peter. 1993. *A course in Phonetics*. 3a. ed. Fort Worth: Harcourt College Publishers.
- LONGACRE, R. E. 1985. Sentences as combinations of clauses. In: Shopen, T. (ed). *Language typology and syntactic description*. Complex constructions. Cambridge: Cambridge University Press, Vol 2, 235-247.
- LYONS, John. 1975. Introduction to theoretical linguistics. Cambridge: Cambridge University Press.
- MIGLIAZZA, E. C. 1980 Languages of the Orinoco-Amazon basin: current status. *Antropologica* 53:95-162. Caracas, Fundacion La Salle.
- , 1985. Languages of the Orinoco–Amazon Region: current status. In: *South American Indian Languages retrospect and prospect*. Ed by Harriet E. Manelis Klein and Louisa R. Stark. Austin: University of Texas Press.
- MITHUN, Marianne. 1991. Active/agentive case marking and its motivations. *Language* 67(3): 510-546.
- NICHOLS, Johana. 1986. Head-marking and dependent-marking grammar. *Language*, Baltimore, v.62, n.1, p.56-119.
- , 1988. On alienable and inalienable possession. In: William Shipley (org.). In Honor of Mary Haas. *Haas Festival Conference on Native American Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, p.557-609.
- NOBLE, G. Kingsley. 1965. Proto-Arawakan and its descendents. *International Journal of American Linguistics* 31.3, Part II, Indiana University Research Center in Anthropology, Folklore and Linguistics 38 (Bloomington, Indiana).
- PALMER, F. R. 1994. *Grammatical roles and relations*. Cambridge textbooks in linguistics. Cambridge: Cambridge University Press.
- PATTE, Marie-France. 2000. –n, localisateur general dans la langue arawak des Guyanes. *Amerindia*, v.25, p.25-47.
- PAYNE, David L. 1991. A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In: D. C. Derbyshire & G. K. Pullum. *Handbook of Amazonian languages*. Berlin/New York. Mouton – De Gruyter, v. 3:355-499.
- PIGGOTT, G. L. 1988. The parameters of nasalization. *McGill Working Papers in Linguistics*, v. 5, n. 2.
- RAMIREZ, H. 2001. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional: comparação e descrição*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas.

- RIBEIRO, Darcy. 1996 *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia de Letras.
- RIVIÈRE, P. 1984. *Individual and society in Guiana*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1993. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. D.E.L.T.A. 9, 83-103.
- . 1986. Línguas brasileiras - para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola.
- SADOCK, J. M. & ZWICKY, A. M. 1985. Speech act distinctions in syntax. In: Shopen, T. (ed). *Language typology and syntactic description*. Clause structure. Cambridge: Cambridge University Press, Vol 1, 62-154.
- SAGEY, E. 1990. *The Representation of Features in Non-linear Phonology - The Articulator Node Hierarchy*. New York: Garland Publishing.
- SANTILLI, P. 1994. *As Fronteiras da República: história e política entre os Macuxi no vale do rio Branco*. São Paulo: NHII-USP/FAPESP
- SANTOS, M. G. 1995. Os sons e a sílaba da língua Wapixana – uma perspectiva não-linear. Dissertação de mestrado. Florianópolis, Departamento de Língua e Literatura Vernáculas/UFSC.
- . 2003. Onde há fumaça há fogo: resquícios de classificadores em Wapixana. Os classificadores numeral, genitivo, de concordância e demonstrativo em Wapixana. Estudos Lingüísticos XXXII, p. 1-4, 2003.
- . 2005. Considerações sobre a posse nominal em Wapixana. Estudos Lingüísticos XXXIV, p. 539-544.
- SCHACHTER, Paul. 1985. Parts-of-speech. In: Shopen, T. (ed). *Language typology and syntactic description*. Clause structure. Cambridge: Cambridge University Press, Vol 1, 3-61.
- SCHANE, S. A. 1975. *Fonologia gerativa*. Trad. Alzira S. da Rocha et all. Rio de Janeiro: Zahar.
- SEKI, Lucy. 2000. Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- SPENCER, Andrew. 1991. *Morphological Theory*. Oxford: Blackwell.
- THOMPSON, S. A. & LONGACRE, R. E. 1985. Adverbial clauses. In: Shopen, T. (ed). *Language typology and syntactic description*. Complex constructions. Cambridge: Cambridge University Press, Vol 2, 171-234.
- TRACY, Frances V. 1972. Wapishana phonology. In: Languages of the Guianas. Org. by Joseph E. Grimes. Summer Institute of Linguistics Publication.
- . 1974. An introduction to wapishana verb morphology. In International Journal of American Linguistics, vol. 40 no. 2.

ANEXO

Lista básica de palavras

Este vocabulário constitui uma amostra representativa do léxico da língua Wapixana. As palavras são, inicialmente, transcritas fonologicamente em Wapixana e traduzidas para a ortografia padrão do português; depois, inversamente, as entradas em português são traduzidas para o Wapixana.

1. Wapixana-Português

1. abatan	ouvir
2. aibaçu	pálido
3. aib	seiva
4. aimaakan	coisa
5. aipan	precisar, querer
6. aitan	ler, contar, medir
7. aitʃap(an)	saber
8. aitʃapaizu	leitor
9. aiwakaʔan	noite
10. aizji:	agora, hoje
11. ai	de (dativo, alativo)
12. aka	cuidado (interjeição)
13. akaj	fruta
14. akaʃaitʃi	puxa, poxa (interjeição)
15. akus	agulha
16. amazaða	mundo
17. anabaj	palha
18. anubaj	braço
19. an	por (meio)
20. aʃaðaʔu	seco
21. aʃaðan	secar
22. aʃimaʃaka	cachorro
23. aʃuap	comer
24. aʃu	veado
25. atamin	árvore

26. ati:	até
27. atur̃i	jacaré
28. at	para, a (dativo, benefactivo)
29. aukaz̃	céu
30. auna:	não
31. auwar̃i	vento
32. auwinijtanna:	óculos
33. awar̃ibaj	abano
34. baḍa	beiju
35. baiṛij	flecha
36. bai	pato
37. bakaiaidaʔi	cinco
38. bakiṛ	caititu
39. baṛai	costas
40. baṛakaʔu	branco
41. baṛu	machado
42. baukup	todos
43. baıdaʔap	um
44. baiḍukuṛi	onça
45. bitʃ	javali
46. biʃuaʔu	doce
47. biʃuḍan	adoçar
48. buʔutij	laço
49. buʔutitan	laçar
50. bun	cuia
51. ḍaʔa:	aqui
52. ḍaʔawin	dormir
53. ḍaḍaṛaʔu	duro
54. ḍaḍuku:	irmã (ego masculino)
55. ḍajaṛu	esposa
56. ḍajaṛi	esposo
57. ḍakuj	boca
58. ḍanij	filho, ovo
59. ḍani-zinaba	filha
60. ḍaṛuj	mãe
61. ḍaṛij	pai
62. ḍaunaiuṛ	homem, menino
63. ḍawiaʔu	comprido
64. ḍainaʔan	depois
65. ḍazuan	cesta

106. kaʔiz	panela
107. ka:wan	chegar
108. kabain	casa
109. kabuʔutan	jogar
110. kaɖakutin	conversar
111. kaɖazɖaiʔu	redondo
112. kadiman	rápido
113. kaimanaʔu	bom
114. kaiman	bem
115. kaiɲa:	existir, ter
116. kaiwan	usar
117. kakitibaukanaw	avião
118. kamitʃ	roupa
119. kamu:	dia, sol
120. kan dʒi:	o quê?
121. kanawspititiz	helicóptero
122. kanaw	canoa
123. kanaítana	gravata
124. kanaí	pescoço
125. kaniʔibaʔu	sujo
126. kan(um) dʒi:	quem?, quê?
127. kan(um) ni:	por quê?
128. kaniz	mandioca
129. kapaʃi	tatu
130. kaɾauɖan	apanhar
131. kaɾiʃi:	lago
132. katamaʔu	azedo
133. kaukiɖan	trazer
134. kaupan	banhar
135. kaupkaɾi	banho
136. kawaɾu	cavalo
137. kaʃu	capivara
138. kaiɪz	lua
139. kazaɾa	arara
140. kazimtan	assar
141. kazɪ	batata
142. kibaɾu	sapo
143. kidibaj	pé
144. kimiʃaʔu	pesado
145. kiɲaɾiɖi	algodão

146. kiwĩn	primeiro
147. kiʃap	axila
148. kizaʔu	liso
149. kuʔuʔiʔu	verde
150. kuadʒan	narrar, contar
151. kuadpaizu	comentarista
152. kuazaʒa	cobra
153. kubaw	anzol
154. kubawatan	pescar
155. kudi	anta
156. kunainimaʔu	bonito
157. kupain	peixe
158. kuʔaidjauna:	criança
159. kutiʔaijau	antigo(s)
160. kutiʔizi	pássaro
161. kuʃi	porco
162. kuzuʔutan	arrastar
163. kiba	pedra
164. kiʔiki	galinha
165. kiwaj	notícia
166. kizitan	rasgar
167. maba	abelha
168. mabuzkaʔu	forte
169. maʒaʒikaʔu	fino
170. maʒaj	couro, pele, casca
171. maiʔij	faca
172. makaʒan	apagar
173. makaʃiʔi	macaxeira
174. makun	ir
175. manawin	muito, mesmo
176. maniʔibaʔu	limpo
177. man	mesmo, talvez
178. maʔata	jacu
179. maskaiʒaʔi	pouco
180. maskunau	velha(s)
181. masuiki	coruja
182. maukan	morrer
183. maunap	perto
184. maʃaʔapan	morar
185. mazaŋ	mas

186. maziki	milho
187. mazuaʔu	estrito
188. misu	carapanã
189. miʃu	verdade
190. mutu	cabaça
191. minap	longe
192. minimin	ontem
193. naʔakan	levar
194. naʔapaʔiðaʔin	quanto?
195. naʔapainim	quando?
196. naʔapam	como?
197. naʔapauçam	qual?
198. naʔapaiðaʔin	quanto?
199. naʔiam (dji:)	onde?
200. naʔi: dji:	onde?
201. naʔi:	lá, ali
202. naʔik	e
203. naiaʔuçam (dji:)	qual?
204. naiaʔuçam	onde?
205. nai	piolho
206. napadji:	como?
207. nikan	comer
208. ninubaj	língua
209. nizü	tipiti
210. paʔiñaʔu	novo
211. paidaʔu	cheio
212. pakikaʔitamkiʔ	quatro
213. pakizü	vaqueiro
214. pani:numi	porta
215. paçadakaçi	palavra
216. paçadan	falar
217. paçakaçi	caxiri
218. paçitiʔi	cinza
219. patuçi:	cotovelo
220. paunaçi	amigo
221. pauçibai	planta
222. pauwan	plantar
223. paigaçi	se, ele(a)(s) mesm(a)(s)
224. pidjan	pessoa, gente
225. pimiða	beija-flor

226. piniđi	capim
227. pişani	gato
228. pişan	pedir
229. puata	macaco
230. pukudan	acordar
231. puçu	remo
232. piğarçi	tu, te, ti, teu
233. çinaj	doença
234. çirçan	murchar
235. çiwın	mel
236. sa?aban	consertar
237. sa?aðan	escrever
238. saiçu	rede de pesca
239. sakantan	sentar
240. saçiap	repentinamente
241. saçibaj	lápiz
242. sawatan	levantar, suspender
243. sukuçi	cutia
244. sumaça	arco
245. sum	fumo
246. supraça	facão
247. si:z	banana
248. tabai	banco
249. tabaij	perna
250. takan	neto
251. tan	dar
252. tapi?iz	gado, boi
253. taçamitşpa?u	horizontal
254. taçian	assustar-se, ter medo
255. taçumiçu	viga
256. tawuçu	aquela
257. tawiçi	aquele
258. tikaz	fogo
259. tşiziki	periquito
260. tum	fazer
261. tuçian	comprar
262. tuçumaçu:	grosso
263. tuşau	tuxaua
264. tşa?api?ik	cedo
265. tşakui	tucano

266. tʃiʔikan	andar
267. tʃibizaj	pulga
268. tʃikan	lavar
269. tʃikaʔibai	sabão
270. tibaʔiʔu	grande
271. tikpan	ver
272. tim	com
273. tinaʔinau	velho
274. ti:ki:	muito
275. tiz̃an	beber
276. ũgaʔi	eu, me, mim, meu, minha
277. ukubaj	coxa
278. uku	timbó
279. uʔani	paca
280. uʔaʔi	veneno
281. uʔuða	calcanhar
282. uʔu	ela, a, dela
283. u:	sim
284. uwiʔ	dentro
285. uz̃kaʔu	maduro
286. waʔatin	vir
287. wabu	açaí
288. waʔiʔiʔu	frio
289. waikanʔan	amanhã
290. wakij̃an	ficar
291. wapitʃan	Wapixana
292. waʔu	papagaio
293. watu	urubu
294. waudaʔaj	ombro
295. wautkiðãn	derrubar
296. wainau	nós, nos, nosso, nossa
297. waini:	maniva
298. wi:z̃aj	aldeia, maloca
299. winipai	pagamento
300. wiʔʃaʔu	sagüi
301. wiz̃	estrela
302. win	água
303. wiʔada	jabuti
304. wiʔi:	este, esta, isto, esse, essa, isso
305. wiʔi:	que (complementizador)

306. ʃaʔakadaʔu	leve
307. ʃaʔapauçam	qual?
308. ʃaʔaptan	fazer
309. ʃakaðaʔu	leve
310. ʃaʃutan	tirar o couro
311. ʃazutan	rir
312. ʃibaçijnaj	cobertor
313. ʃikitʃaʔu	áspero
314. ʃumaðaʔu	mole
315. iðaçriʔu	grande
316. inau	vocês
317. içi	ele, dele
318. iwaʔuz	rio
319. i:ðaʃ	semente
320. i:	nome
321. ʒabiʔu	molhado
322. ʒakap	roça
323. ʒamaʔu	velho
324. ʒamaka	rede
325. ʒamtan	pegar
326. ʒaçri:	carvão
327. ʒimaj	fósforo
328. ʒuakaçi	lenha
329. ʒuai	cabeça
330. ʒuaiðjj	cabelo (de homem)
331. ʒin	mulher, menina

2. Português-Wapixana

1. a	iti (ALL), at (DAT)
2. abano	awaçibaj
3. abelha	maba
4. acabar	ipaian
5. açai	wabu
6. acordar	pukudan
7. adoçar	biʃuðan
8. afiado	ðimanaʔu

9. agora	aiʒi:
10. água	win
11. agulha	akus
12. aldeia	wi:ʒaj
13. algodão	kiɲaɾiɖi
14. ali	naʔi:
15. amanhã	waikanʔan
16. amigo	paunaɾi
17. andar	tʃiʔikan
18. anta	kudui
19. antigo(s)	kutiʔajɲau
20. anzol	kubaw
21. apagar	makaɖan
22. apanhar	kaɾauɖan
23. aquela	tawuɾu
24. aquele	tawiɾi
25. aqui	ɖaʔa:
26. arara	kazaɾa
27. arco	sumaɾa
28. arrastar	kuzuʔutan
29. árvore	atamin
30. áspero	ʃikitʃaʔu
31. assar	kazimtan
32. assustar-se	taɾian
33. até	ati:
34. avião	kakitibaukanaw
35. avô	ɖukuz
36. axila	kiʃap
37. azedo	katamaʔu
38. banana	si:ʒ
39. banco	tabai
40. banhar	kaupan
41. banho	kaupkaɾi
42. barba	ɖinuj
43. barro	imiʔi
44. batata	kazɿ
45. beber	tizɲan
46. beija-flor	pimiɖa
47. beiju	baɖa
48. bem	kaiman

49. boca	ɖakuj
50. boi	tapiʔiz
51. bom	kaimanaʔu
52. bonito	kunainimaʔu
53. braço	anubaj
54. branco	baɾakaʔu (adjetivo)
55. cabaça	mutu
56. cabeça	zuai
57. cabelo (de homem)	zuaidij
58. cabelo (de mulher)	ɖizuj
59. cachorro	aɾimaɾaka
60. caititu	bakiɾ
61. calcanhar	uɾuɖa
62. caminho	ɖinap
63. canoa	kanaw
64. capim	piniɖi
65. capivara	kaʃu
66. carapanã	misu
67. carne	ɖinaj
68. carvão	zɾi:
69. casa	kabain
70. casca	maɖaj
71. cavalo	kawaɾu
72. caxiri	paɾakaɾi
73. cedo	tʃaʔapiʔik
74. cesta	ɖazuan
75. céu	aukaz
76. chegar	ka:wan
77. cheio	paidaʔu
78. cidade	ɖunui
79. cinco	bakaiaidəʔi
80. cinza	paɾitiʔi
81. cobertor	ʃibaɾinaj
82. cobra	kuazaɾa
83. coisa	aimaakan
84. com	tim
85. comentarista	kuadpaizu
86. comer	aɾuap
87. comer	nikan
88. como	naʔapam (QU)

89. como	napađi: (QU)
90. comprar	tuřian
91. comprado	đawia?u
92. consertar	sa?aban
93. contar	aitan, kuađan (narrar)
94. conversar	kađakutin
95. correr	điman
96. coruja	masuiki
97. costas	bařai
98. cotovelo	patuři:
99. couro	mađaj
100. coxa	ukubaj
101. criança	kuřaiđjauna:
102. cuia	bun
103. cuidado	aka (interjeição)
104. cutia	sukuři
105. dar	tan
106. de	ai (ALL), iđi (INST, CAUS), iki (EL)
107. dedo da mão	ka?iřiu
108. dela	uřu:
109. dele	iři
110. dele(a)s	inau
111. dentro	uwı?
112. depois	đaina?an
113. derrubar	wautkiđan
114. dia	kamu:
115. doce	biřua?u
116. doença	řinaj
117. dois	đia?itam
118. dormir	đa?awin
119. duro	đađařa?u
120. e	na?ik
121. ela	uřu
122. ele	iři
123. ele(a)(s) mesm(a)(s)	paigaři
124. ele(a)s	inau
125. em	i:
126. encontrar	ikudan
127. escrever	sa?aðan
128. esposa	đajařu

129. esposo	ɖajaɾi
130. esse(a)	ɖiwɪɾa:, wiɾi:
131. este(a)	ɖiwɪɾa:, wiɾi:
132. estreito	mazuaʔu
133. estrela	wiz
134. eu	ũgaɾi
135. existir	kaiɾa:
136. faca	maiɾij
137. facão	supaɾa
138. falar	paɾadan
139. fazer	tum, ʃaʔaptan
140. fezes	ɖik
141. ficar	wakijan
142. filha	ɖani-zɪnaba
143. filho	ɖanij
144. fino	maɖaɖikaʔu
145. flecha	baiɾij
146. fogo	tikaz
147. forte	mabuzkaʔu
148. fósforo	zɪmaj
149. foto	ɖikin
150. frio	wadɪɖiʔu
151. fruta	akaj
152. fumo	sum
153. gado	tapiʔiz
154. galinha	kiɾiki
155. gato	piʃani
156. gente	pidɪan
157. grande	tibaɾiʔu, iɖaɾiʔu
158. gravata	kanaitana
159. grosso	tuɾumaɾu:
160. helicóptero	kanawspititiz
161. hoje	aizɪ:
162. homem	ɖaunaiuɾ
163. horizontal	taɾamitʃpaʔu
164. imagem	ɖikin
165. ir	makun
166. irmã	ɖaɖuku:
167. isso	ɖiwɪɾa:, wiɾi:
168. isto	ɖiwɪɾa:, wiɾi:

169. jabuti	wiɕada
170. jacaré	atuɕi
171. jacu	maɕata
172. jararaca	iʃazaɕi
173. javali	bitʃ
174. jogar	kabuʔutan
175. lá	naʔi:
176. laçar	buʔutitan
177. laço	buʔutij
178. lago	kaɕiʃi:
179. lápis	saɕibaj
180. lavar	tʃikan
181. leite	ɕinij
182. leitor	aitʃapaizu
183. lenha	zuakaɕi
184. ler	aitan
185. levantar	sawatan
186. levar	naʔakan
187. leve	ʃaʔakadaʔu
188. limpo	maniɕibaʔu
189. língua	ninubaj
190. liso	kizaʔu
191. longe	minap
192. lua	kaizɔ
193. macaco	puata
194. macaxeira	makaʃiɕi
195. machado	baɕu
196. maduro	uzkaʔu
197. mãe	ɕaɕuj
198. maloca	wi:zaj
199. mandioca	kanizɔ
200. maniva	waini:
201. mão	kaʔij
202. mas	mazan
203. me	ũgaɕi
204. medir	aitan
205. mel	ɕiwɨn
206. menina	zɨn
207. menino	ɕaunaiuɕ
208. mesmo	man

209. mesmo	manawin
210. meu	ũgaɾi
211. milho	maziki
212. mim	ũgaɾi
213. mindinho	kaʔidani:
214. minha	ũgaɾi
215. mole	ʃumaɖaʔu
216. molhado	zabiʔu
217. morar	majaʔapan
218. morrer	maukan
219. muito	iɾib (adjetivo), ti:ki:, manawin (advérbio)
220. mulher	zɿn
221. mundo	amazaɖa
222. murchar	ɾiɾan
223. nádegas	ɖikap
224. não	auna
225. nariz	iɖibaj
226. narrar	kuaɖan
227. neto	takan
228. noite	aiwakaʔan
229. nome	i:
230. nos	wainau
231. nós	wainau
232. nosso(a)	wainau
233. notícia	kiwaj
234. novo	paʔiɾaʔu
235. óculos	auwiniitanna:
236. ombro	wauɖaj
237. onça	baidukuɾi
238. onde?	naʔiam (ɖi:) ?, naʔi: ɖi: ?, naiauram ?
239. ontem	minimin
240. ouvir	abatan
241. ovo	ɖanij
242. paca	urani
243. pagamento	winipai
244. pai	ɖaɾij
245. palavra	paɾadakaɾi
246. palha	anabaj
247. pálido	aibaɾu
248. panela	kaʔizɿ

249. papagaio	waɾu
250. para	iti (ALL), at (DAT, BEN)
251. passar	ɖubatan
252. pássaro	kutiʔizi
253. pato	bai
254. pé	kidibaj
255. pedir	piʃan
256. pedra	kiba
257. pegar	zamtan
258. peixe	kupain
259. pele	maɖaj
260. pequeno	ɖisudjiʔu
261. periquito	tʃiziki
262. perna	tabaij
263. perto	maunap
264. pesado	kimiʃaʔu
265. pescar	kubawatan
266. pescoço	kanai
267. pessoa	pidjan
268. pimenta	ɖi:ɖaɖa
269. piolho	nai
270. planta	pauɾibai
271. plantar	pauwan
272. polegar	kaʔidaɾidaʔi
273. por	an
274. por quê	kan(um) ni: (QU)
275. porco	kuʃi
276. porta	pani:numi
277. pouco	maskaiɖaʔi
278. precisar	aipan
279. primeiro	kiwĩn
280. pulga	tʃibizaj
281. puxa	akaɾaitʃi (interjeição)
282. qual	naʔapauɾam (QU), ʃaʔapauɾam (QU)
283. quando	ɖun (conjunção)
284. quando	naʔapainim (QU)
285. quanto	naʔapaʔiɖaʔin (QU)
286. quatro	pakikaʔitamkiʔ
287. que	wiɾi: (complementizador)
288. quê	kan(um) ɖi: (QU)

289. quem	kan(um) dji: (QU)
290. querer	aipan
291. rabo	dju
292. rápido	kadiman
293. rasgar	kizitan
294. rede	ẓamaka
295. rede de pesca	saiɽu
296. redondo	kaɖazɖaiʔu
297. remo	puɽu
298. repentinamente	saɽiap
299. rio	iwaʔuẓ
300. rir	ʃazutan
301. roça	zakap
302. roupa	kamitʃ
303. sabão	tʃikaɽibai
304. saber	aitʃap(an)
305. sagüi	witʃaɽu
306. sal	dju
307. sangue	izaj
308. sapo	kibaɽu
309. se	paigaɽi
310. secar	aɽaɖan
311. seco	aɽaɖaʔu
312. seio	ḍinij
313. seiva	aib
314. semente	i:ɖaj
315. sentar	sakantan
316. sim	u:
317. sogra	imaizu
318. sogro	imaɖukuẓ
319. sol	kamu:
320. sombra	ḍikin
321. sujo	kaniɽibaʔu
322. suspender	sawatan
323. talvez	man
324. tatu	kapaʃi
325. te	piɽaɽi
326. tempo	ḍun
327. ter	kaija:
328. temer	taɽian

329. terra	imiʔi
330. teu	pigaʔi
331. ti	pigaʔi
332. timbó	uku
333. tipiti	nizu
334. tipóia	ɖiɖimaj
335. tirar o couro	ʃaʃutan
336. todo	ipai
337. todos	baukup
338. trabalhar	kaʔiɖiɖinan
339. trazer	kaukiɖan
340. três	ɖikikaʔiɖaʔi
341. tu	pigaʔi
342. tua	pigaʔi
343. tucano	tʃakui
344. tudo	ipai
345. tuxaua	tʃau
346. um	baidaʔap
347. urubu	watu
348. usar	kaiwan
349. vaqueiro	pakizu
350. veado	aʃu
351. velha	maskunau
352. velho	tinaʃinau (nome)
353. velho	zamaʔu (adjetivo)
354. veneno	uʃaʔi
355. vento	auwaʔi
356. ver	tikpan
357. verdade	miʃu
358. verde	kuʔuʃiʔu
359. viga	taʃumiʃu
360. vir	waʔatin
361. vocês	inau
362. Wapixana	wapitʃan